

J. CAPISTRANO DE ABREU

ENSAIOS E ESTUDOS
(CRITICA E HISTORIA)

1.ª SÉRIE

EDIÇÃO
DA
SOCIEDADE CAPISTRANO DE ABREU

1931

le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

PUBLICAÇÕES
DA
SOCIEDADE CAPISTRANO DE ABREU



00938

CCFP BRNO

0938

101 JARE

ENSAIOS E ESTUDOS

(CRITICA E HISTORIA)

1. SÉRIE



**PUBLICAÇÕES DA
SOCIÉDADE CAPISTRANO DE ABREU**

- Capitulos de Historia Colonial (1500-1800) — Typ. Leuzinger — 1928.**
O Descobriméto do Brasil — Typ. do Anuario do Brasil — 1929.
Caminhos antigos e Povoamento do Brasil — Liv. Briguiet — 1930.
Ensaio e Estudos (Critica e Historia) — Liv. Briguiet — 1931.
(1.ª Série)

J. CAPISTRANO DE ABREU

ENSAIOS E ESTUDOS
(CRÍTICA E HISTÓRIA)

1.ª SÉRIE

EDIÇÃO
DA
SOCIEDADE CAPISTRANO DE ABREU
LIVRARIA BRIGUIET
1931

Edição de dois mil cento e cinquenta exemplares em papel commum, e de trinta em papel de luxo, autenticados pela Secretaria e destinados á Sociedade Capistrano de Abreu.

INDICE

	PAGS.
PERFIS JUVENIS	11
I Casemiro José Marques de Abreu ..	17
II Luis José Junqueira Freire	43
A Literatura Brasileira Contemporanea	61
Raimundo Antonio da Rocha Lima ..	111
Necrologio de Francisco Adolpho de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro ..	127
Camões de Perfil ..	145
Do principio e origem dos indios do Brasil e de seus costumes, adoração e ceremonias, de Fernão Cardim.	179
Sobre o Visconde de Porto Seguro ..	195
“Notas sobre a Parahiba”, por Irineu Joffily	221
Raul Pompeia ..	239
Memorias de um Frade.	245
Dialogos das Grandezas do Brasil. ..	299
Eduardo Prado	339

PERFIS JUVENIS

Ensaio escrito por J. Capistrano de Abreu aos 20 annos de idade e publicado no "Maranguapense" em 1874.

PERFIS JUVENIS

Aos leitores do *Maranguapense* offereço estes perfis juvenis.

Ha na literatura duas qualidades de typos: *os typos viris*, isto é, os artistas que chegaram ao desenvolvimento completo de suas tendencias, ao amadurecimento de seus talentos, á evolução de suas faculdades; e os *typos juvenis*, romeiros finados antes do termo da viagem, plantas mesquinhas estioladas antes de lhes desabrocharem as flores perfumosas.

Aprecio muito os primeiros, porém, não considero os segundos insignificantes. Mais: esta palavra insignificante encobre uma falsidade. Isolado, qualquer facto parece insignificante por mais importante que seja na realidade; mas, ligado a seus congeneres, oposto a seus contrarios, preso a seus antecedentes, toma grave importancia philosophica, filia-se a um todo, compõe um systema, é regido por principios e leis que se patenteiam ao estudo consciencioso de um espirito investigador

A esta razão geral, que me faz amar os *typos juvenis* de nossa literatura, junta-se uma razão especial e estrictamente literaria.

Critica synthetica, impessoal e positiva, só me parece possivel fundada em dois principios: o primeiro, é que a literatura é a expressão da sociedade; o segundo, é que o estilo é o homem.

Mas, si a literatura é a expressão da sociedade, toda obra literaria sendo um meio de tornar mais fiel esta expressão, é um foco de que póde jorrar irradiante luz, é um instrumento de que póde tornar melhor conhecido o todo, definindo melhor as partes.

Si o estilo é o homem, todo livro é um problema psychologico digno de estudo, e, si a curiosidade esthetica não se satisfaz, a theoria scientifica do espirito sempre aproveita com seu exame.

Entraria desde já no assumpto, si não tivesse de responder a uma observação que o leitor me fará talvez.

Si a literatura é a expressão da sociedade, póde elle dizer, por que não descreve a sociedade, antes de examinar-lhe a expressão ?

A resposta é facil. A literatura é, com effeito, a expressão da sociedade. Só póde compreender esta quem estudou aquella e vice-versa. Mas, de um lado, um jornal é pouco proprio para a exposição de idéas tão aridas; de outro, nossa sociedade ainda não está bem definida, os factores ainda não se desenvolveram e, si a analyse descobre a influencia do clima, da raça, dos antecedentes sociologicos sobre os phenomenos sociaes contemporaneos, taes elementos ainda não chegaram ao estado de elaboração que é necessario á synthese definitiva.

Antes de concluir devo tornar mais claro o principio em que se fundam estes artigos.

O estilo é o homem — eis o meu ponto de chegada, como meu ponto de partida.

Todo artista tem um *germen original* que é a base e o *subtractum* de seu talento.

Do mesmo modo que a pedra lançada nagua rasga em circulos concentricos a superficie crystallina, este principio lançado nalma incita suas sensações, associa suas idéas, determina suas emoções, colore sua paleta, si a alma é de pintor; combina os sons, si a alma é de musico; guia-lhe o cinzel, si é de esculptor; vibra-lhe no estilo, si é de poeta.

E' este germen primordial que procurarei nos autores de que tiver de occupar-me nos *Perfis Juvenis*.

3 de junho de 1874.



CASEMIRO JOSE' MARQUES DE ABREU



CASEMIRO JOSE' MARQUES DE ABREU

I

E' uma vida nefasta a de Casemiro de Abreu, começada a 4 de Janeiro de 1837, finada a 18 de Outubro de 1860, sem outros episodios que amores infelizes, longo desterro, cruentas decepções e descrença atroz a fazerem transbordar seu calix de amargura.

Não contarei esta vida. Penaliza-me de mais. E', aliás, desnecessario para o fim a que me proponho. Indicarei simplesmente que influencia tiveram sobre ella o exilio, o amor e o estado social em que se desenvolveu.

Quem não deixou a casa em que pela primeira vez se abriram os olhos á luz da existencia; quem da amurada do navio não viu sumirem-se pouco a pouco as praias arenosas, os coqueiros elevados, os horizontes azulados da patria, e achou-se no alto mar, isolado, esmagado pela immensidão das perspectivas, crestado pelo halito abrasador dos ventos, embalado pela orchestra gigantea das ondas e tempestades, immerso no seio da natureza, de envolta com as lutas vertiginosas do Cosmos, em fragil lenho fabricado pela lavoura e grandeza do Homem, nem sabe, nem póde comprehender o que é exilio.

O exilio é uma crise lethal, uma rupção de todas as associações, um incendio que incinera todos os affectos, um furacão que abala e arranca as raizes da alma.

Naturalmente assoladora, tal situação se agravou para Casemiro de Abreu.

Alma poetica, espirito scismador, entrára na vida pela porta das illusões. Ao contemplar os panoramas graciosos das montanhas; ao admirar a lua seductora, as estrellas a palpitem cambiantes nos páramos infindos de nossos céos deslumbrantes, sua imaginação despertára, o ideal inebriára-o e a mão tremula ao choque de tanta majestade, começára a esboçar harmoniosa do desenho a manifestação de suas emoções.

E o exilio privava-o do sol, do fogo dos tropicos! o exilio privava-o das virações balsamicas do sul, e levava-o ao centro de uma natureza vencida, longe, bem longe do paiz risonho em que habitava a virgem de seus amores !

O amor, eis a segunda fatalidade da vida de Casemiro de Abreu.

O amor é um sentimento doce, meigo, ineffavel, que dá vida, alegria e felicidade. Mas, si o amor aviventa, tambem mata; si dá felicidade, causa desgraça; si é fanal que torna claras as trevas do mundo, é muitas vezes recife a cujo embate se parte a barquinha da existencia.

Amor almo, aviventador, de coração, teve Casemiro uma só vez.

Seus outros amores foram todos de cabeça. E quantas destruições lhe causaram taes amores sobre o espirito; quantos soluços lhe irromperam do peito ansioso, quantas lagrimas lhe desfiaram dos olhos humidos, ao sentir rasgados os seios da alma pelas garras

ferreas deste ecúleo mortifero, póde ver o leitor em todas as paginas das PRIMAVERAS.

Este segredo tráe-se, principalmente, no *Amor e Medo*. Amor e medo? Quem hesitará entre o medo e o amor? Não. Casemiro não hesitou. O que tornava perplexa a alma do poeta não era o medo: era a bilis que lhe refervia indomita pelo intimo; era a descrença que o minava surda e implacavel, juncando as profundezas da consciencia de crenças que tombavam pallidas e mirradas.

Aos estragos causados pelo exilio e pelo amor juntou-se a exasperação provocada em seu espirito generoso pelo tolhimento de sua vocação e pela emoção social predominante.

Fronte sellada com a cariz do genio, em breve, como André Chenier, reconhecera que alguma coisa lhe pulsava no cerebro, e a intelligencia arrojára-se ao espaço, crente, confiante, veloz como o corcel byronico nas steppes do Oriente. E, todavia, foi obrigado a recalcar os impulsos, e, quando, como o tigre, preparava o salto, para lançar-se sobre a presa, um olhar frio, um sorrir metalico, uma voz ironica, lhe entorpeceram os jarretes de aço.

Como elle mesmo diz:

Pombo selvagem quiz voar contente...
Feriu-o a bala no bater das asas.

Taes contrariedades depuzeram na alma de Casemiro um principio de descontentamento que tomou grandes proporções, favorecido pelo meio social em que o poeta viveu.

O sentimentalismo inaugurado por Cowper e os Lakistas na Inglaterra, por J.-J. Rousseau e B. de Saint-Pierre na França, por Goethe e Schiller na Alemanha, grassava transformado no Brasil.

Antes oppunha em bloco o homem da natureza ao homem civilizado. No periodo de que trato, e que durou talvez de 1840 a 1864, pouco mais ou menos, declamava-se principalmente sobre o ouro, a industria, os bancos, os agiotas, o fumo suffocador do vapor, o talento desconhecido e *tutti quanti*.

Estas declamações, a que hoje damos o justo preço, causaram impressão em Casemiro de Abreu, e em mais de uma pagina de suas obras elle fala do homem sério que prefere uma moeda de cobre a uma pagina de Larmartine ⁽¹⁾.

Já vê o leitor que eu tinha razão em começar dizendo que era uma vida nefasta a de Casemiro de Abreu: o exilio, o amor, suas emoções particulares, a emoção collectiva, tudo se congrega para esmagar suas energias e matar-lhe as esperanças. Entretanto, Casemiro, nunca perdeu a esperança: e quando veiu a morte, lenta e cruciante, fechar sua carreira malfadada, como o almirante batavo, que, amortalhado no pavilhão de sua nação, se lançou ao oceano, unico tumulo digno delle e della, o poeta vôou envolto no manto de suas dôres, desenhando um sorriso que lancinava o coração e perturbava a alma, mas que era sempre um sorriso.

4 de junho de 1874.

(1) Cf. Obras C. de Abreu, p. LXXXII-140-221. Cito a edição de Lisboa — 1867 — que é a melhor.

II

Vou entrar agora no coração do assumpto, procurando o *germen primordial* da obra de Casemiro de Abreu.

Este trabalho consiste na investigação da concepção, isto é, do modo por que o poeta compreendia a Arte, e na investigação da emoção, ou sensação, esthetica concomitante.

Nesta ordem de analyses qualquer processo é irregular. O producto é tão uno, os factores estão em ligação tão intima, em concatenação tão estreita, em interdependencia tão indissolúvel; emoção e concepção tão mutua e profundamente se determinaram, que estudar em primeiro lugar antes uma que a outra é preferencia arbitraria que nada pode justificar.

Entretanto, estudarei em primeiro lugar o elemento intellectual.

Casemiro manifesta sua concepção da Poesia em um romance intitulado a *Virgem Loura*.

Quem não viu, ou não sonhou uma destas virgens louras de que fala o poeta? De carnação delicada, de tez alva qual jasmim, vê-se através da cutis o sangue que pulsa calmo e azulado. Os cabellos fluctuam em ondas animadas que a envolvem qual sendal de ouro. A fronte destaca-se lactea e majestosa. Scismar infindo rutila nos profundos olhos azues; os labios, por

onde perpassa gorgeio melifluo e avelludado, rorejam sorrir melancolico e virgineo. Seu talhe lançado e fragil, seu andar, seus movimentos emittem tal suavidade e languidez que o olhar sente arrefecido o fogo que o anima e a alma respira uma atmosphaera de candidez e ingenuidade beatificas.

Concretizemos o symbolo e teremos a poesia de Casemiro de Abreu, si não qual foi na realidade, qual a concebeu, pelo menos — esta poesia fagueira, pura, etherea, vaporosa, suave como as valkyrias das lendas do Norte a entornarem balsamo nas feridas dos batalhadores eternos do Walhalla brumoso.

A esta concepção corresponde emoção congenere.

Casemiro fala por diversas vezes na grandeza do mar, no sol ardente do Equador, na belleza majestosa dos sertões; porém scenas differentes são as que abalam a alma do poeta.

Acerca de seus oito annos, exprime-se elle assim, na *Virgem Loura* (pag. 211):

“Os campos viçosos e floridos são nosso recreio, as borboletas e colibris nos seduzem, o gorgeio dos passarinhos nos deleita e a tempestade que passa no céo, bramindo na voz do trovão, nos *assusta* e faz-nos esconder a fronte no seio maternal.”

.*nos assusta*, diz o poeta, e com effeito parece que em toda a sua vida o terrorizaram as lutas e apparencias titanicas da natureza.

Para Casemiro a Natureza não são estes rios — oceanos, estes mares tempestuosos, estes céos deslumbrantes dos tropicos, estas matas seculares contemporaneas do primeiro Homem.

Para Casemiro a Natureza é o vergel coroadô de flores perfumosas, é o regato que serpeia murmurando entre as pedrinhas do leito, é a borboleta que abre as asas douradas ás brisas matutinas, é o passaro que occulto nas moitas solta a medo o argentino gorgear.

Para provar este assérto poderia accumular citações, mas farei somente duas que cabalmente o justificam.

A primeira é a descripção do estado em que, irrompendo a inspiração, o poeta exclamou como o artista italiano: *Anch'io sono pittore* e fez os primeiros versos de sua vida.

“Um dia, diz elle, além dos Orgãos, na poetica Friburgo, isolado de meus companheiros de estudos, tive saudades da casa paterna, e chorei. Era de tarde; o crepusculo descia sobre a crista das montanhas e a natureza como que se recolhia para entoar o cantico da noite; as sombras extendiam-se pelo leito do valle e o silencio tornava mais solenne a voz melancolica do cair das cachoeiras. Era a hora da merenda em nossa casa e pareceu-me ouvir o eco das risadas infantis de minha mana pequena! As lagrimas correram e fiz o primeiro verso de minha vida, que intitulei — *Ás Ave-Maria*—: a saudade havia sido a minha primeira musa” (LXXXI).

Como o poeta diz, foi nesta hora ineffavel em que, na expressão de Byron, a saudade palpita, o coração se enternece, as folhas ciciam como que para unir-se aos canticos sagrados, sem que a aragem agite os vapo-

res roseos suspensos no ar; foi nesta hora de morbidez ideal que pela primeira vez ressoou a lyra sonora do cantor das PRIMAVERAS.

A segunda citação é da poesia *No lar* em que o poeta descreve seus sentimentos, ao revêr a patria após tres annos de exilio:

Quero amor! quero vida! Um rosto virgem,
Alma de archanjo que me fale amores,
Que ria e chore, que suspire e gema
E doure a vida sobre um chão de flores.

Quero amor! quero amor! uns dedos brancos
Que passem a brincar nos meus cabellos;
Rosto lindo de fada vaporosa
Que dê-me vida e que me mate em zelos!

Oh! céu de minha terra — azul sem mancha —
Oh! *sol de fogo que me queima a fronte*,
Nuvens douradas que correis no ocaso,
Nevoas da tarde que cobris o monte;

Perfumes da floresta, vozes doces,
Mansa lagoa que o luar pratêa,
Claros riachos, cachoeiras altas,
Ondas tranquillias que morreis na areia;

Aves dos bosques, brisas das montanhas,
Bentevis do campo, sabiás da praia,
— Cantae, correi, brilhae — minh'alma em ansias
Treme de gozo e de prazer desmaia!

Flores, perfumes solidões, gorgeios,
Amor, ternura, — modulae-me a lyra!
— Seja um poema este ferver de idéas
Que a mente cala e o coração suspira.

Como o leitor vê, *o sol de fogo* é uma nota discordante no meio das ondas tranquillias, dos perfumes, dos gorgeios e da vida dourada sobre um chão de flores.

Até aqui só estudei a emoção *naturalista* do poeta. A emoção *moralista* será objecto de outro artigo.

14 de junho de 1874.



III

Falta-me executar metade da tarefa: examinar a emoção moralista do poeta, isto é, que phenomenos do mundo moral sentia e exprimia Casemiro de Abreu.

Entre a emoção naturalista e a emoção moralista de Casemiro ha intima correlação. Do mesmo modo que do mundo externo elle via principalmente as feições risonhas, graciosas e fagueiras; do mundo interno elle descrevia as affeições ternas, meigas, deliciosas, a que se podem chamar *arrebóes da alma*, porque nellas, — como o sol nos arrebóes da tarde — a alma perde a impetuosidade, a furia, a pujança, irisando-se de rosi-clér, de purpura e de ouro.

Na expressão de taes sentimentos, Casemiro encontra expressões felizes, accentos sonoros, conceitos que falam á alma, e lances que se engastam no coração e na intelligencia de quem os ler.

Quem não sabe de cór aquelles versos mimosos — *Os meus oito annos*? Quem não se sente commovido ao respirar aquella atmospha de felicidade, de vida e de perfumes? Quem, ao repeti-los, não se crê transportado ao seio do passado, a essa hora de tranquillidade e de poesia em que a existencia é um sorriso, um canto, um hymno melodioso e indefinivel?

O amor é sentimento que arranca da lyra do poeta accordes maviosos e sublimes.

Como o paralytico da piscina que via vir o anjo, mover-se a agua, sararem os enfermos e não podia andar, Casemiro via o amor, pedia-o, invocava-o como retribuição das maguas do passado, como garantia das esperanças do presente, como estrellas de seus sonhos do porvir, como fanal de sua vida, como elevação de sua inspiração — e não podia amar !

Esta aspiração para o infinito, este anhelos de transfusão de duas almas, esta esperança, esta crença, esta duvida, este anseio, por tal sorte se acham exprimidos no *Canto do Amor*, que não posso deixar de transcreve-lo:

Eu vi-a e a minha alma antes de ve-la
Sonhára-a linda como agora a vi;
Nos puros olhos e na face bella
Dos meus sonhos a virgem conheci.

Era a mesma expressão, o mesmo rosto,
Os mesmos olhos só nadando em luz;
E uns doces longes, como dum desgosto,
Toldando a fronte que de amor seduz !

E seu talhe era o mesmo, esbelto, airoso
Como a palmeira que se ergue ao ar,
Como a tulipa ao pôr do sol saudoso,
Molle vergando á viração do mar.

Era a mesma visão que eu dantes via,
Quando minha alma transbordava em fé;
E nesta eu creio, como noutra eu cria,
Porque é a mesma visão; bem sei que é !

No silencio da noite a virgem vinha,
Soltas as tranças, junto a mim dormir;
Era bella, meu Deus, assim sozinha
No seu somno de infante inda a sorrir !
Vi-a e não vi-a! Foi num só segundo,
Tal como a brisa a perpassar na flor,
Mas nesse instante resumi um mundo
De sonhos de ouro e de encantado amor.
O seu olhar não me cobriu de affago,
E minha imagem nem siquer guardou,
Qual se reflecte sobre a flor de um lago
A branca nuvem que no céu passou.

Que rosto d'anjo, qual estatua antiga
No altar erguida, já caído o véo!
Que olhar de fogo que a paixão instiga!
Que niveo collo promettendo um céu!
Vi-a e amei-a, que a minha alma ardente
Em longos sonhos a sonhára assim:
O ideal sublime que eu criei na mente,
Que em vão buscava e que encontrei por fim!
P'ra ti formosa, o meu sonhar de louco
E o dom fatal que desde o berço é meu;
Mas si os cantos da lyra achares pouco,
Pede-me a vida, porque tudo é teu.
Si queres culto — como um crente adoro,
Si preito queres — eu te caio aos pés,
Si rires — rio, si chorares — chóro,
E bebo o pranto que banhar-te a tez.
Dá-me em teus labios um sorrir fagueiro
E desses olhos um volver, um só;
E verás que meu estro hoje rasteiro,
Cantando amores se erguerá do pó!

Do morto peito vem turbar a calma,
Virgem, terás o que ninguém te dá;
Em delirios de amor dou-te minha alma
Na terra, a vida, a eternidade — lá!

Si tu, oh linda, em chamma igual te abrasas,
Oh! não me tardes, não me tardes, — vem!
Da fantasia nas douradas asas
Nós viveremos noutro mundo — além!

De bellos sonhos nosso amor povôo,
Vida bebendo nos olhares teus,
E como a garça que levanta o vôo,
Minha alma em hymnos falará com Deus!

Juntas, unidas num estreito abraço,
As nossas almas uma só serão;
E a fronte enferma sobre o teu regaço
Criará poemas de immortal paixão!

Oh! vem, formosa, meu amor é santo,
E' grande e bello como é grande o mar,
E' doce e triste como d'harpa um canto
Na corda extrema que já vai quebrar!

Oh! vem depressa, minha vida fuge...
Sou como o lyrio que já murcho cai!
Ampara o lyrio que inda é tempo hoje!
Orvalha o lyrio que morrendo vai!.

Passo agora á feição de Casemiro de Abreu, á que poderá parecer inapplicavel o que fica dito sobre o poeta. Refiro-me ao seu sentimentalismo.

Em muitas poesias de Casemiro ha explosões de dôres, ebulição de sentimentos, palavras freneticas.

Como não succederia assim si com toda a verdade, diz o poeta :

Tudo me roubam meus crueis tyrannos,
Amor, familia, felicidade, tudo.
Palmas de gloria, meus laureis de estudo,
Fogo do genio, aspirações dos annos !

Entretanto, espero poder mostrar que taes excepções são simplesmente confirmação da regra geral.

Com effeito, o sentimentalismo de Casemiro de Abreu é differente do dos outros poetas.

O sentimentalismo de Casemiro de Abreu não é este sentimentalismo corriqueiro e desprezível, especie de onanismo literario que estraga e atrophia as mais bellas intelligencias, offerecendo, é verdade, a compensação de poder entrar na salada de qualquer destes poetas que por ahi pullulam.

Não. Casemiro nunca fabricou tormentos, nunca fingiu dôres, nem inventou decepções. Si seu verso tem um *que* de plangente, é que ali na verdade soluçava; si tem tristeza é que vem o pranto do seio da alma; si a fronte do poeta se toldava de melancolia, é que reflectia dias eivados de desenganos, noites passadas em insomnias, scismares ardentes inspirados pela nostalgia, visões evocadas por saudade candente e voraz.

De mais, Casemiro não se comprazia na introspecção de suas dôres. Em todas as suas poesias sentimentaes vê-se que a inspiração está coacta e percebe-se o esforço e a luta para sair de uma situação pathologica que esmaga a energia do espirito e do coração.

Esta luta, este esforço, este protesto, era muitas vezes baldo, infelizmente; mas vou mostrar pela analyse de tres poesias: *Minha alma é triste*, *Horas tristes* e *Dôres*, que sempre occorria esta revulsão nas fibras de sua intelligencia e sensibilidade.

Em *Minha alma é triste*, em que é menos patente tal revulsão, não é menos real. Que diz o poeta? Minha alma é triste, mas não é triste a rolla a chorar o esposo morto desde o albor da aurora? Não é triste o sino a carpir o morto sobre a lage fria? Não é triste a flor a pender murcha á beira do riacho ingrato?

“Miseris solatium socios habere” A confraternidade na infelicidade de alguma sorte a torna menos terrivel.

Nas *Horas tristes* é evidente a elaboração que indiquei. Sentindo fugir-lhe a vida, nublar-lhe a mente, pungi-lo o supplicio atroz, Casemiro ainda se dirige á pallida mulher de suas phantasias e em paga de um só de seus risos espera resurgir louro, alegre e remoçado.

Nas *Dôres* ha explosões de sentimentos vulcanicos e vertiginosos. Entretanto, naquelle mar de bilis emerge de vez em quando o perfil de ilha graciosa.

Naquella lava de bronze a jorrar candente e a quebrar o molde em que é vasada, entrevê-se um não sei que de fagueiro, de terno e cordial.

Transcrevo as primeiras estrophes desta poesia, — a mais bella do poeta e uma das mais bellas de nossa literatura — assignalando os versos em que apparecem os symptomas diagnosticados:

Ha dores fundas, agonias lentas,
Dramas pungentes que ninguem consola,
Ou suspeita siquer!
Maguas maiores do que a dor de um dia
Do que a morte bebida "em taça morna"
"de labios de Mulher!"

"Doces falas de amor que o vento espalha"
Juras sentidas de constancia eterna
Quebradas ao nascer:
Perfidia e olvido de passados beijos.
São dores estas que o tempo cicatriza
Dos annos no volver

Si a donzella infiel nos rasga as folhas
Do livro dalma, magoado e triste
"Suspira o coração";
"Mas depois outros olhos nos captivam"
"E loucos vamos em delirios novos"
"Arder noutra paixão".

"Amor é o rio claro das delicias"
"Que atravessa o deserto, a veiga, o prado"
"E o mundo todo o tem!"
"Que importa ao viajor que a sêde abraza"
"Que quer banhar-se nestas aguas claras"
"Ser aqui ou alem?"

"A veia corre, a fonte não se estanca"
"E as verdes margens não se crestam nunca"
"Na calma dos verões";
"Ou quer na primavera ou quer no inverno",
"No doce anseio do bulir das ondas"
"Palpitam corações".

Não! a dor sem cura, a dor que mata
 E', moço ainda, o perceber na mente
 A duvida "a sorrir!"
 E' a perda dura de um futuro inteiro
 E o "desfolhar" sentido das "gentis corôas"
 "Dos sonhos do porvir".

E' ver que nos arrancam uma a uma
 Das asas do talento as "pennas de ouro"
 "Que voam para Deus!"
 E' ver que nos apagam dalma as crenças
 E que profanam o que santo temos
 C'o riso dos atheus!

E' assistir ao desabar tremendo
 Num mesmo dia, "d'illusões douradas"
 Tão candidas de fé!
 E' ver sem dó a vocação torcida
 Por quem devera dar-lhe "alento e vida"
 E respeita-la até!

E' viver, flor nascida nas montanhas",
 P'ra aclimar-se apertada numa estufa
 A' falta de ar e luz!
 E' viver tendo nalma o desalento
 Sem um queixume, a disfarçar as dôres,
 Carregando a cruz!

Que influencias se exerceram sobre a vida e a obra de Casemiro de Abreu; que emoção e intellecções despertavam os factos externos e internos — tem-se investigado até agora.

O seguinte artigo será a synthese e a conclusão deste trabalho.

IV

Não obstante a sympathia que consagro ao poeta e os attractivos que acho no assumpto, vou terminar. Estas linhas são ao mesmo tempo uma synthese e uma conclusão.

Viram-se as differentes causas que actuaram sobre Casemiro de Abreu: o exilio, amores infelizes, a irritação produzida pelo tolhimento de sua vocação, emfim o influxo do meio climaterico em que elle viveu. Já se viu que a polpa do seu talento, o elemento organico de suas obras é a tendencia para as scenas riso-nhas, para os sentimentos suaves, para as concepções mimosas. Agora, que está esboçada a estatica, passo ao que pode chamar-se *dynamica* daquelle espirito.

Antes de ir adiante devo mostrar uma circumstancia, calada até aqui, porém importante. Como Byron, Casemiro de Abreu poderia dizer: levaram-me á poesia — a paixão, o impulso, a exuberancia de espirito, muitos motivos, porém nunca o simples gosto de cantar

Este facto que domina toda a obra de Byron, não tem menores effeitos sobre Casemiro de Abreu. Do mesmo modo que Byron só cantava a si ou a um ideal que de si formava, e é sempre o mesmo a desenhar o typo esphingico de Laura, o vulto viril de Conrado, Child Harold a meditar sobre a ponte dos suspiros, Manfred a desafiar os genios da natureza sobre os

pincaros e alcantís dos Alpes: Casemiro de Abreu é também sempre o mesmo ao descrever as grandezas de sua pátria, os encantos da virgem loura, ou os arrebatamentos de Camões.

Quer isto dizer que Casemiro é um poeta inteiramente *subjectivo*, e tal é a chave de sua obra, de seus claros e escuros, de suas qualidades e defeitos.

Ha em Physiologia uma lei — a da compensação de crescimento, em virtude da qual a hypertrophia de um membro traz sempre a atrophia de um membro correlativo.

Succede o mesmo em Psychologia.

Ha no seio da alma um principio que trava com os outros esta luta a que Darwin chama: *luta pela existencia*, que os desequilibra, os domina, os subjuga e os redistribue.

Este principio em Casemiro de Abreu é ao mesmo tempo a sensação da suavidade e subjectividade de sua inspiração.

Dahi resultam vantagens e defeitos, porque nossa situação é precaria: estamos em equilibrio, mas em equilibrio instavel, prestes a ceder a qualquer impulso, acarretando o edificio que se lhe sobrepõe.

Imaginação suave, a de Casemiro de Abreu não podia ver os phenomenos gigantescos, enormes, terrorizadores do mundo inteiro.

Poeta inteiramente subjectivo, não podia deixar seu *eu* penetrar na essencia das coisas, encarnar-se em personalidades differentes, ou transfundi-los e inocula-los em sua inspiração.

E não se julgue que o espirito de systema me faça fechar os olhos á evidencia ou encarar as coisas pelo prisma que lhes é favoravel. Quem tiver lido as *PRIMAVERAS* e as mais obras de Casemiro de Abreu, procurando nucleo por entre crystallizações posteriores, sabe que é esta a verdade sobre o infeliz fluminense.

Camões e o Jáo, eis o assumpto em que o poeta deveria mostrar toda a energia de sua inspiração. Aquelle vate sublime a definhar desconhecido; aquelle corpo a desagregar-se inanimado, aquelle desespero, aquella ansia, aquella furia, aquelle inferno a estortegar-lhe a alma; aquellas tempestades sob o craneo, para falar como Victor Hugo, deveram convulti-lo, contorce-lo, como á vidente de Cumes sobre a tripode immane, ou escandecer-lhe os labios como a brasa do anjo ao propheta da Judéa.

E, entretanto, que faz Casemiro de Abreu? O protagonista de seu esboço dramatico quasi não é *Camões*, é Antonio e o autor dos *Lusiadas* não descreve o que sente no presente; abriga-se a seu passado, descreve seus amores e esperanças, quando a fome lhe espicaça as visceras, e o esquecimento e o desprezo pairam sobre sua cabeça divina !

Sete de Setembro, esta éra sublime, que cincoenta annos de baixeza não conseguiram desvirtuar, deveria produzir choque electrico na alma de um poeta patriota. Este dia, o ponto culminante de nossa historia, elaborado por muitas gerações, iniciado pelas bandeiras dos Paulistas, insuflado pelas guerras dos Hollandezes, exigido pela logica da Historia em um povo que tinha

a consciencia de sua grandeza, ao mesmo tempo que o desdem de seu oppressor, deveria inspirar versos impetuosos como o tombar das catadupas, imagens candentes, como uma lava do Chimboraso, arrojos pujantes como o voar do condor por entre os espaços de além mundo. Entretanto, é para o poeta só *um dia de gloria em que o povo altivo trocou sorrindo as vozes de captivo pelo cantar das festas !*

E o Brasil, a patria do Amazonas, do jaguar, do pampeiro e do Cruzeiro do Sul é simplesmente :

Uma terra de amores
 Alcatifada de flores,
 Onde a brisa fala amores
 Nas bellas tardes de Abril !

Às vezes o poeta procura elevar-se, mas o vôo não lhe convem, seu dominio é o adejo, e, após o Amazonas e o Prata, vêm *bosques verdejantes que repetem incessantes o canto do sabiá*; ao lado da cachoeira que se despenha fremente vem a *rede de pennas em que, nas tardes amenas, se embala o indio indolente*.

Não censuro, nem elogio por isso o poeta.

E' o caso de dizer-se com o geral dos Jesuitas: "sint ut sunt aut non sint".

As qualidades e defeitos de Casemiro de Abreu dimanam de um mesmo principio: ver seu enraizamento, mostrar sua influencia, investigar seus antecedentes e consequentes, notar emfim a logica, a coerencia e o determinismo do systema literario a que transmite e de que recebe profundo choque, foi o que tive em mente.

Vejo triste o fim do meu trabalho, mas urge conclui-lo.

Casemiro é um poeta mimoso, delicado, gracioso e agradável. E' um bom *poeta*, nunca seria um *grande poeta*.

Falta-lhe aquelle folego que traduz épocas da Historia, como Homero para a idade homérica, Dante para a idade média, Shakespeare para o renascimento, Byron para a crise que decompõe a sociedade moderna.

Falta-lhe aquelle empolgar intimo do eu e do não eu, como têm Victor Hugo, Lamartine, Schiller, Michelet e Carlyle.

Falta-lhe aquella inspiração calma, eclectica e universal de Goethe e Quinet.

Si fosse romancista, nunca desenharia um typo como Molina ou Braz, de José de Alencar.

Poeta, nunca escreveria versos como a *Tempestade* e o *Y-juca-pirama* de Gonçalves Dias.

Entretanto, Casemiro de Abreu será sempre lido, admirado e sentido, e, após a contemplação de Alencar e Dias, nosso futuro historiador literario ha de estudar com *sympathia* aquelle perfil insinuante, tornando-o ainda mais seductor pela penumbra que o cerca, do mesmo modo que, após a poesia sublime do deserto, repousa a alma do viajor ao lobrigar a torrente *crystallina* que se espreguiça aos pés das palmeiras do oasis verdejante.



LUIS JOSE' JUNQUEIRA FREIRE



LUIS JOSE' JUNQUEIRA FREIRE

I

Frades poetas não são raros.

Sem falar nos artistas illustres que com o fulgor de sua inspiração illuminaram os mosteiros da velha Europa, aqui mesmo no Brasil uniram-se estas duas qualidades em Santa Teresa, Santa Rita Durão, S. Carlos e outros. E esta união é muito natural.

O remanso do claustro, as arcas elevadas, os corredores a repercutirem lobregos os ecos das passadas, o segregamento do mundo, a unidade de crenças e aspirações, “o continuo conversar com o silencio do dia e com a solidão da noite”, devem premar fecundamente a imaginação.

Entretanto, frade que maldiga suas crenças, que despreze e renegue seu passado, que á intelligencia e sentimento dê inteira liberdade — é facto raro, é mais interessante e completo, que em Junqueira Freire poucas vezes provavelmente terá occorrido.

Ha obras que pela multiplicidade de elementos, pela divergencia de tendencias, pela incoerencia das partes, pelo antagonismo do todo, são á primeira vista incompreensíveis.

A obra de Junqueira Freire é assim, cambiante, multiforme, flexuosa; aqui sorriso a reverberar angelico, ali blasphemia a esguichar turgescete, além materialismo a descarnar-se asqueroso, mais longe, scenas

encantadas, descrições amenas, sinos que vibram mysteriosos, cantos que repercutem sonoros, naves que se alongam imponentes, orgão que rebôa profundo, incenso que ondula odorifero, e a alma a librar-se candida nas asas da fé, a embevecer-se na contemplação das poesias azues da esperança.

Esta contradicção explica-se pela duvida que lanhava o espirito do poeta, e que, — como estes rios que tomam a côr dos terrenos que atravessam, — se incrustava em todos os seus phenomenos moraes, moldava-lhe os arroubos de entusiasmo, incitava-lhe os assomos de frenesi, bolhava nas acções e reacções que como tempestade o revolviam.

Para quem estuda Junqueira Freire o que sobretudo interessa são a origem e as phases diversas desta duvida, pois ella não é simples episodio, é toda uma vida; e ás suas evoluções, intensidade ou refluxo, factos capitaes correspondem na inspiração e no estro do poeta.

Antes, porém, de entrar nesta analyse, vou escrever algumas linhas sobre sua vida malfadada.

Luis José Junqueira Freire nasceu na Bahia em 31 de dezembro de 1832. Sua infancia poetica, ridente, perfumosa, foi cedo turbada por nuvens tempestuosas, cuja origem e causas desconhecemos, mas entre as quaes por certo avulta seu temperamento nervoso e principalmente bilioso. Mas foram taes symptomas a principio meras predisposições doentias que ao choque da realidade poderiam esvaecer-se como pezadelo. Não succedeu assim, todavia.

Junqueira Freire amou, e para homem de sentimentos delirantes como os d'elle, o amor é lance em que se precipitam todos os affectos, é chamma que, como a tunica de Nessus, abrasa e corróe a medulla do cerebro e do coração. Sua paixão infeliz embateu-se contra difficuldades que o assoberbaram. Vencido, sangrando ao latego da desventura, subjugado por fatalidade inelutavel, o poeta volveu os olhos ao futuro, e duas idéas apresentaram-se-lhe ao espirito: o suicídio ou o convento.

“Era bôa a occasião para morrer, diz elle ⁽¹⁾ Eu lembrei-me disto sem tremer, sem me arrepiar. Que tinha? O padre não me acompanharia o enterro, nem a igreja me abriria o chão... Em recompensa eu teria uma oração fervorosa de minha mãe, que sonharia commigo no meio da noite, e acordaria minha irmã innocente para rezar com ella. Talvez, ás mesmas deshoras, mais outra mulher se alevantasse do thalamo, erguendo-se devagar para não acordar alguém e rezasse tambem por mim”

“Eis ahi o que eu pensava então. Antes, porém, que me resolvesse, lembrei-me que a cella de um monge era tambem um tumulo. Foi uma exquisita associação de duas idéas bem contrarias. Passei extravagantemente de um extremo a outro. Um mosteiro pareceu-me um ermo verdadeiro. Ali eu podia retrair-me tanto que ninguem soubesse de minha existencia. Eu acreditava que uma cella occultava melhor que o interior da campa !!”

(1) *Obras de Junqueira Freire*, II, ps. 22-23. Cito a edição do sr. Garnier, em dois volumes, que é a unica completa.

Junqueira Freire decidiu-se pelo claustro, e para não esmorecer, para assoberbar-se na dôr, para impregnar-se de sua resolução, durante alguns mezes foram seu unico alimento as palavras de Job.

Emfim, a 9 de fevereiro de 1851, poz elle o seu projecto em execução.

Eis o que se lê na carta escripta a sua mãe nesta data:

“Já não sou filho de Vm. — sou filho da religião.

“Acabo de prestar o sacrosanto e inviolavel voto de obediencia aos meus prelados, o indissoluvél juramento a Deus, nosso verdadeiro pai celeste. Alistei-me nas fileiras dos soldados de Bento: já não sou senhor de mim; a Regra e os preceitos evangelicos daquelle santo patriarcha moderaram meus passos, me contiveram as rédeas na carreira da vida, dessa vida terrena que nada vale, que para nada presta, cotejada com a celeste, com a divina vida, que a dextra sua nos prepara, conforme nossas acções, o Omnipotente Senhor, depois deste breve mas tormentoso navegar de agonizações, de flagellos, de erros e de enganos” (2)

Que sermão! Bem razão tem o povo em dizer que espinho que tem de picar de pequenino traz a ponta.

Si a mãe do poeta aproveitou com a homilia tanto quanto elle, aproveitou de mais, pois entrando no convento a 9 de fevereiro de 1851, professando a 29 de março de 1852, Junqueira Freire deixou-o para sempre a 3 de novembro de 1854, reconhecendo que havia abysmos insondaveis entre o claustro e suas aspirações,

(2) *Obras de J. F.*, II, ps. 27-28.

entre o ideal que formava e a realidade, a cujo embate se esfacelavam os sonhos sedativos de suas esperanças.

Depois de tantas agitações, parecerá que elle encontrou allivio, como o naufrago que, após tempestades que o levaram pelas mil scenas do theatro do mundo, consegue enfim acabar seus dias no seio da familia, entre as doçuras do lar.

Junqueira Freire encontrou com effeito o allivio extremo, unico, o lenitivo verdadeiro, o balsamo miraculoso que fecha todas as feridas — a morte, a 24 de junho de 1855.

Morreu; porém, seu nome dura, sua fama persistirá.

Como testemunho indelevel de sua passagem sobre a terra ficam as *Inspirações do Claustro*, as *Contradições Poeticas*, e este quadro de sua vida, receptaculo de suas lagrimas, transumpto de seu soffrer, — *O Monge* — poema sublime, melodia terrivel, canto angustiante, gemido estertoroso, historia horrivel de sina implacavel, escripta ao desabar das crenças, ao esvaecimento das illusões, ao amontoar de sangrentos desenganos.



II

Para nós, Cousin é apenas um literato muito distincto, um orador muito eloquente, e um investigador laborioso da historia da philosophia. Para a geração que agora se acha no periodo de virilidade, foi o pensador profundo e o chefe do ecletismo.

E' preciso traze-lo em mente ao estudar Junqueira Freire, pois as suas tendencias ecleticas dominam em sua concepção da poesia ⁽³⁾.

“Eu, diz elle, acho que o poeta lyrico. deve encerrar o universo. Eu confesso-me, pois, eleito. Si diviso lá num ponto do céu um crepusculo de poesia, tomo o pégaso de Homero ou o anjo de Milton, e para lá me arrojô. Si sonho que numa caverna do abysmo se esconde uma figura poetica, para lá me encaminho pela mão de quem guiou Orpheu ou pela mão de quem guiou Dante” (I, 291-2).

Comparando a inspiração de Junqueira Freire com a de Casemiro de Abreu, veremos que ella não se estende sómente ás linhas harmonicas, ás curvas graciosas, ás paizagens amenas, aos sentimentos avelludados: é mais do que isto, e muitas vezes a energia intima de sua imaginação obriga-o a cantar justamente o contrario disto.

(3) Esta citação de J. Freire não prova que elle fôsse ecletico em philosophia, mas ha outras que o provam e que não adduzo por não ser este meu objecto.

Casemiro de Abreu via sempre as feições risonhas de um objecto por mais terrivel que elle fosse.

Por mais mimoso que seja um quadro, por mais delicado que seja um sentimento, toma, ás mãos de Junqueira Freire, um character agitado e torvo.

Ha uma palavra que se póde applicar á sua imaginação: é *frenetica*, pois em todas as suas poesias ferve a raiva, ruge a furia e rebrama o desespero.

Para Junqueira Freire a mãe não é este anjo que nos sorriu no berço, que nos guiou os passos da infancia, e em cujo regaço aprende a procurar amparo a fronte febricitante: é uma leôa ferida que disputa seus filhos ao caçador implacavel.

Blasphemei neste instante do Christo,
Nos assomos de meu frenezim.
— Os amores de pai não são nada,
Os extremos de mãe são assim!

Blasphemei desse Deus que arrancava
Dos meus braços meu filho querido;
Que despia-lhe os trajos de seda,
Para dar-lhe um funereo vestido.

Blasphemei desse Deus que lhe impunha
Ferreos votos, eternos, sem fim;
Que seus filhos por victimas conta;
Que quer tantos martyrios assim!

E' mentira. Essa lei violenta
Não foi feita por Nosso Senhor.
Nosso Deus não nos prende com ferros,
Mas com laços de docil amor.

Não invejo da mãe os prazeres,
 Como rosas ornando o festim;
 Não lhe dá innocentes filhinhos,
 Para em vida arrancar-lhos assim.

Blasphemei ! — e no reino das chammas
 Dos demonios ouviu-me a coorte:
 E rompeu numa horrivel orchestra,
 Digna festa dos filhos da morte !

A minha alma riscou-a em seu livro
 De meu Deus o cruel cherubim.
 Não faz mal: foi por ti que perdi-a.
 Oxalá que eu ganhasse-te assim !⁽⁴⁾

Ao prisma de sua imaginação o amor toma um
 não sei que de angustioso, de crispado e de convulso:

“Beijar-te a fronte linda; — beijar-te o aspecto
 altivo; — beijar-te a tez morena; — beijar-te o rir las-
 civo; — beijar o ar, que aspiras; — beijar o pó, que
 pisas; — beijar a voz, que soltas; — beijar a luz, que
 visas; — sentir teus modos frios; — sentir tua apa-
 thia; — sentir até repudio; — sentir essa ironia; —
 sentir que me resguardas; — sentir que me arreceias;
 — sentir que me repugnas; — sentir que até me odeias;
 — eis a descrença e a crença; — eis o abysmo e a flor;
 — eis o amor e o odio; — eis o prazer e a dôr; — eis o
 estertor da morte; — eis o martyrio eterno; — eis o
 ranger de dentes; — eis o penar do inferno !”⁽⁵⁾

Este modo de tratar o amor não é capricho pas-
 sageiro: volta continuamente todas as vezes que o
 poeta tem de tratar do mesmo assumpto.

(4) “Meu filho no claustro”, I, ps. 101-106.

(5) “Martyrio”, II, ps. 77-78.

Bem sei que te sorris com rir angelico,
Como as aves do céu e a flor dos bosques:
Porém deste sorrir, — por mais donoso,
Nem sempre gosto.

Olhas-me, — eu sinto, com olhar tão terno,
Que, como um talisman, quebranta os animos;
Porém de teu olhar, — tão doce embora,
Nem sempre gosto.

Falas com som melodioso e harmonico,
Com som tocante, — como ethereas harpas;
Porém dêsse falar, — por mais sonoro,
Nem sempre gosto.

De um rir irado, estridulo e sardonico,
Que, como a setta, me transpasse as fibras;
De um rir damnado, que me inspire furias,
A's vezes gosto.

De olhar feroso, trepido e phosphorico,
Como o luzir e o crepitar do raio;
De olhar raivoso, que me accenda o genio,
A's vezes gosto.

De um tom vibrante, rapido e precípito,
Como a voz do oceano entre as procellas;
De um tom de voz, que me afigure a raiva,
A's vezes gosto.

A molle imagem da apathia inerte
Já me basta de vê-la em teu semblante;
Da guerra das paixões, do horror da colera
A's vezes gosto ⁽⁶⁾.

Quando entre o poeta e aquella a quem dedicara
seu amor se interpõe a fatalidade, eis o que elle diz:

Não, não temo de ti. O amor que sentes
Não é da terra, não, nem segue o corpo.
O amor que sentes nem contigo expira,
E' mais que immorredouro.

Não te forcei nem te prendi com ferros,
Tua vontade é, como dantes, livre,
Mas voluntaria nem coacta podes
Amar outro amante.

Has de amar-me na terra e além dos astros,
Eu te ensinei um sentimento eterno.
Mau grado a mim, a ti, ao mundo, aos anjos,
Oh! has de amar-me sempre!

Para os espiritos constituidos desta sorte não são
prazeres esses passatempos vulgares em que os outros
se comprazem. Suas manifestações são veementes e
arrebataadas. Suas impressões são febris e fulmineas.
Seus sentimentos são candentes e profundos. Sua essen-
cia tem um não sei que de repugnante. Jorram uma
infectiva que corróe e calcina, distillam um sarcasmo
acerado, despedem uma ironia impregnada de fel.

(6) "Nem sempre", II, ps. 157-161.

Sentir dôr profunda, augmentar-lhe a intensidade, accrescentar-lhe a duração, aprofundar a chaga, revolver o espinho, matar uma a uma todas as crenças, arrancar uma a uma todas as fibras, beber até as fezes o calix dos tormentos, levar até o Calvario a Cruz, mas só, calmo, estoico, sem Cirineus, sem tropeços, sem desanimo — é em que se comprazem estas almas.

Talhadas no molde do Atlas supportam o desprezo universal, atiram o peito aos botes da calumnia, ornaram a cabeça com a grinalda dos anathemas. Viverem isoladas, perseguidas, malditas, com o estigma a sellar-lhes a fronte, como a Caim, não abate sua energia selvagem.

Junqueira Freire nunca desanimou.

Si a dôr que o torturava era grande, elle pedia uma maior: queria uma dôr immensa, indescrível, horrível, que o fogo lento lhe consumisse a alma.

Si a calumnia investia com elle em ondas tumultuosas, não era o grito que lhe rasgava o seio: era o desprezo que lhe crispava os labios.

Si a calumnia investia com elle em ondas tumultuosas, aguardava-lhe o choque, immovel e colossal, e, quando enfim a morte veio vencer, mas não subjugar o lutador — talvez como o imperador romano, lançou á face do Céu o sangue de suas entranhas e o desafio do desespero.

III

Diz com muita razão o Padre Antonio Vieira: ninguém teve a vontade febricitante que não tivesse o entendimento frenetico.

Com effeito, o que ha de frenetico no entendimento de Junqueira Freire vem do que ha de febril em seus sentimentos, ou antes a insania de sua intelligencia e a ardentia de suas emoções foram os que lhe deram a feição que caracteriza sua individualidade.

A natureza não pula, já o disse alguém, e este principio não é exacto sómente nas sciencias naturaes, a que foi applicado: rege tambem as affeições do coração, as concepções da Razão, as phases diversas percorridas pelas torrentes psychologicas.

Antes de chegar ao estado de espirito em que foram compostos o *Monge*, a *Morte*, *Meu natalicio*, Junqueira Freire deixara-se possuir de sentimentos de ascetismo e de uncção religiosa.

Antes de lançar o desafio desdenhoso, que o *Desejo* manifesta, o poeta inebriara-se dos perfumes do thuribulo em oblações ao Senhor, palpitara ao accorde sonoro dos canticos sagrados, pruiralhe os labios o resabio do ideal e sentira titillar-lhe no peito vaga aspiração para a immensidão.

Deslustrar as matas em missão entre indigenas; introduzir entre elles as crenças verdadeiras; trovejar do pulpito contra os vicios do homem; mostrar-lhe sua

miseria, indicar-lhe seu nada; apontar-lhe os abysmos que o circundam; curvar todas as cabeças ao peso da verdade; premê-las á atmosphaera de bronze do desespero, e depois, como raio de sol a dissipar trevas, — soprar fagulhas de fé, incender vislumbres de esperança, descortinar o oásis da regeneração, a miragem dos campos verdejantes, de contemplação infinda, de adoração perenne, de beatitude inextinguível, — foi o ideal que se esboçou na téla mimosa de sua imaginação ardente.

Como se elaborou a revulsão profunda que substituiu um a outro ideal; como de um a outro extremo, — do mysticismo ao materialismo, — passaram a intelligencia e aspiração do poeta, é de interesse procurar

A natureza não pula.

Neste movimento de translação íntima deve ter havido pontos de espera, estações, pousos.

Chegar ao conhecimento da evolução logica — si não da evolução real, é bastante para coroar os esforços que nesta investigação se possa empregar.

O primeiro passo para o resultado final, a que Junqueira Freire chegou, foi a distracção e a tibieza.

“Olha, (diz elle a um seu amigo). ponho-me de joelhos, mas não posso rezar: subito um pensamento poderoso me sobe á mente, que me tolhe as demais faculdades, que me aviva saudosamente as lembranças de minha mãe e de meus amigos em seguida: eu nellas paro e estúpido me conservo”⁽⁷⁾

(7) *Obras de J. F.*, II, ps. 30-31.

Junqueira Freire não se comprazia na pressão da tibieza.

Em vez de procurar illudir-se sobre seus effeitos, diminuindo-lhe o alcance, exagera seu influxo, examina receioso a consciencia, investiga, trepido, o futuro, e vê o remorso a devorar-lhe o seio, o scepticismo a solapar-lhe o espirito, e o atheismo a campear ovante sobre as ruínas das crenças que extremecera. O atheismo obseca-o como allucinação ou monomania.

E' ao atheu que elle se dirige com toda a violencia de sua indignação, com toda a profundez de seu desespero, com todo o amargor de seu desprezo, deprecando-o, maldizendo-o, lançando-lhe apostrophes ardentes, salpicando-o de sarcasmos açacalados e julgando por fim convence-lo:

“Ah! perdôa-me o excesso, irmão em Christo,
Atheu não és, — que não os ha no mundo!”⁽⁸⁾

No *Incenso do altar* reproduz-se o mesmo feito.

O poeta descreve os cantos que repercutem pela nave do templo, o incenso, — que sobe quaes globos de um bulcão, — as resas que se elevam dos santuarios, a caridade que ora pelos inimigos; e pergunta ao impio si não sente a triturar-lhe a mente a tenaz de aço do remorso, e convida-o a repudiar as doutrinas absurdas que até então tem adoptado, e a commungar no calix dos gosos do Christão:

(8) “A morte no claustro”, I, ps. 233-238.

Compunge-te — e conhece
 De Deus a justa mão !
 Vem commungar do calix
 Dos gosos do Christão:
 Que sentirás arroubos,
 Que terás alma então !

Todavia, parece que o poeta ainda teme tornar-se atheu, pois acaba pedindo a Deus que o leve do mundo:

Ai ! — praza a Deus que breve,
 Tão breve como a flôr,
 Ardendo o incenso, — ardendo
 Qual virginal rubor, —
 Transponha os ceus a alma
 Do triste trovador.⁽⁹⁾

Pouco a pouco foi o poeta perdendo o medo.

Pareceu-lhe que facto tão insignificante como a tibieza não podia leva-lo ao atheismo.

Demais, feriam-no profundamente duas coisas no convento: sentir que suas acções e até sua vontade e consciencia dependiam do arbitrio de um homem, em cujas mãos era como um baculo ou cadaver; ver-se condemnado ao ocio que embotava as aspirações nobres, socialcava os impulsos heroicos, reprimia os grandes movimentos e, destruindo a energia, produzia vicios e paixões vergonhosas.

Foi este o segundo passo.

16 de agosto de 1874.

(9) "O incenso do Altar", I, ps. 83-87.

A LITERATURA BRASILEIRA
CONTEMPORANEA

Conferencias escriptas aos vinte e um annos de idade, proferidas em Fortaleza, na Escola Popular do Ceará em 1875, e publicadas nesse anno no jornal "O Globo"

A LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORANEA

Let us trace out the fatalities of these prodigious nature powers. Nor let word affright us. Rather let consideration of the fatality of Man's primeval existence teach us to glory in the freedom which is given to him, at length, by Science. Man is not born, but becomes free.

(Stuart Glennie, *In the Morningland*,
I, 321).

SUMMARIO: Dois methodos de critica: qualitativo e quantitativo. — O methodo quantitativo implica o determinismo sociologico. — examinando a literatura, procuramos as leis da evolução brasileira. — I. As forças physicas no Brasil: o clima, o alimento, o solo. — As apparencias naturaes. — Os contos populares. — O samba. — Os indigenas: sua constituição mental e social.

Minhas senhoras e meus senhores,

Ha dois methodos de critica em literatura: o methodo qualitativo e o methodo quantitativo. O primeiro considera o *producto* e fixa-lhe o valor appellando para uma idealidade. O segundo considera o *processo*, o caracteristico, os antecedentes da realidade. Um julga; outro define. Aquelle procura a belleza e a perfeição; este procura o estado psychico e social.

Vou estudar a literatura brasileira quantitativamente. A importancia do assumpto assegura-me a vossa attenção. A minha insufficiencia, a recordação

dos distinctos oradores que me precederam, asseguram-me a vossa benevolencia.

Essas poucas palavras — *expressão da sociedade* — dizem muito quando applicadas á literatura.

Com effeito, não significam sómente que a literatura é um facto social, que ha estreita relação entre o elemento social e o elemento literario; que a evolução, ou dissolução deste traduzem a evolução, ou dissolução daquelle. Têm significação mais profunda e elevada: implicam a regularidade dos phenomenos sociologicos, a possibilidade de seu estudo scientifico.

Não me demorarei em prova-lo: a demonstração resultará, espero, do complexo dos factos que vou adduzir. Entretanto, devo desde já declara-lo: a crença no determinismo sociologico; a convicção de que a sociedade brasileira é regida por leis fataes; a esperança de descobrir estas leis, — eis o que me anima e guia.

A literatura é a expressão da sociedade, e a sociedade a resultante de acções e reacções: de acções da Natureza sobre o Homem, de reacções do Homem sobre a Natureza⁽¹⁾. Está, pois, traçado o caminho: em primeiro lugar, tratarei das influencias physicas no Brasil; em segundo lugar, da sociedade que medrou sob essas influencias e da literatura que exprime essa sociedade.

(1) BUCKLE, *History of Civilisation in England*, 1, 35.

I

Si, como quer STUART GLENNIE ⁽²⁾, reduzirmos as influencias phisicas a duas categorias: forças e aspectos da Natureza, na primeira grupam-se o clima, o alimento e o solo.

Isolados, ou combinados, exercem estes agentes influxo enorme: são antecedentes invariaveis de todos os phenomenos, são parcellas constantes de todo o producto, são o molde em que se vasam as energias sociaes. Obstaculo ou auxilio, despertam necessidades, estorvam ou alentam usos, determinam disposições, e, agindo incessantemente, sua pressão é quasi inelutavel.

Do que primeiro me devo occupar é do clima, porque não só a sua acção é grande, como em parte determina a dos outros elementos.

Embora haja zonas frias na extensão de nossa patria, póde dizer-se que é quente seu clima, tanto mais quanto estamos no norte e o ponto de vista nortista será predominante.

Do facto caracteristico dos climas quentes — a necessidade de menor somma de oxygenio — muitas consequencias resultam.

A respiração é menos viva, a combustão mais lenta, a circulação capillar mais demorada, as secreções

(2) STUART GLENNIE, *op. cit.*, I, p. 320. BUCKLE, *op. cit.*, I, 39.

biliosas mais abundantes, as funcções menos activas, e emfim a indolencia mais natural.

Além de produzir indolencia, o clima a favorece de dois modos directos: a alimentação e o solo.

São dois os principaes effeitos da comida: a conservação do calôr e a reconstrucção dos tecidos. Desde que é exigida menor quantidade de oxygenio, na mesma proporção diminue o carbono, que, combinado com o oxygenio, produz o calôr organico. Ora, a diminuição do carbono importa na diminuição das comidas respiratorias. De outro lado, havendo menos exercicio, porque a vida é mais facil que nos climas frios, ha menos gastos nos tecidos, menos necessidade de reconstrucção, menos necessidade de comida plastica, por conseguinte.

O resultado é a sobriedade que caracteriza os climas quentes, tanto como a indolencia, e que não é menos nociva, pois concorre para desenvolve-la⁽³⁾

Para desenvolver a indolencia concorre ainda outro factor: o solo.

(3) RENDU, *Études topographiques, médicales et agronomiques sur le Brésil*, ps. 16 e 17, diz: "*Les brésiliens en général sont grands mangeurs, ils font trois répas par jour; et la grande quantité de farineux qu'ils consomment pourrait bien être une des causes du développement considérable (?) que prennent chez eux les organes de la digestion*" Esta "*grande quantité de farineux*" explica a excepção apparente da lei acima estabelecida, pois, por isso mesmo que consta de farinosos, a alimentação contém uma somma mais avultada de materias não digeriveis, e os principios nutritivos acham-se como que diluidos. Apresentamos um facto semelhante o oxygenio, inspirado (em igualdade de volume) em maior quantidade nos climas frios que nos quentes, onde o calor torna o ar mais rarefeito. Demais, o que determina principalmente a quantidade de comida é o exercicio, porque não só gasta os tecidos como modifica a respiração.

O calôr e a humidade, condições indispensaveis á fertilidade do terreno, reúnem-se em nossa patria, — quente por sua posição geographica, — humida pelas suas circumstancias meteorologicas, pela extensão do litoral, pelo desenvolvimento do systema hydrographico. Dahi esta natureza exuberante, estas matas sombrias como os arcanos do coração e perfumosas como os anhelos da esperança; estes valles e serraş de que o germen brota pujante como as illusões de um cerebro de quinze annos, as magnificencias que nos circumdam, as grandezas que nos esmagam.

Esta situação, que faz do Brasil um dos mais bellos paizes do mundo, faz de seus habitantes um dos povos mais fracos. De facto, desde que a fertilidade é tão espantosa, entregamo-nos ao trabalho o menos possivel, já que não podemos prescindir delle. E não só o trabalho é quasi dispensavel, como por vezes é impossivel em nosso estado de desenvolvimento. A civilização é a victoria do Homem contra a Natureza, segundo a expressão de BUCKLE; e como podemos nós lutar contra inimigo tão poderoso, sem sciencia, sem industria ?

Em summa, as *forças physicas*⁽⁴⁾ levam-nos á in-

(4) BUCKLE, *op. cit.*, I, cap. I, *Influence exercised by physical laws over the organisation of society and over the character of individuals*, ps. 39-151. As suas idéas sobre o Brasil, de que esta parte do nosso trabalho é simples reprodução, acham-se a ps. 101-108. Cf. *Observações geraes e particulares sobre a classe dos Mammaes observados nos territorios dos tres rios: Amazonas, Negro e Madeira, etc.* — *Manuscripto da Bibliotheca Nacional*. Seu autor, A. R. FERREIRA, apresenta algumas considerações muito sensatas sôbre a relação entre o estado social dos indigenas e as condições physicas, que se applicam á sociedade brasileira contemporanea.

dolencia, e quer pelas facilidades que lhe oferecem, quer pelas difficuldades que lhe oppõem, tendem a amesquinhar directa, ou indirectamente o Homem. As *apparencias physicas* convergem para o mesmo resultado.

Forças e apparencias da natureza têm um campo diverso de acção. As primeiras reagem principalmente sobre a estrutura social; as segundas, sobre a estrutura mental. Entretanto, como entre individuo e sociedade não existe differença intrinseca, seus resultados são complementares.

Para determinar a acção das apparencias physicas, nenhum methodo é preferivel ao estudo dos contos populares. Em longas noites scintillantes, emquanto os raios da lua esmaltam as paizagens de uma pubescencia de prata, e as estrellas, como louras piabas, surgem timidias á flôr da immensidão, a alma elança-se, a imaginação arroja-se e a inspiração popular tenta exprimir as emoções que a abalam e subjugam.

Nada mais colorido e vario que estas creações do povo brasileiro, roseas como os arrebóes que irisam as fimbrias roçagantes do horizonte, sublimes como as perspectivas infindas que se rasgam no seio dos mares, lobregas e abruptas como o grito que se quebra entre as gargantas da serra.

Entretanto, por mais varias que sejam, em todas ellas ha um sentimento predominante: é a oppressão, o acabrunhamento, esta situação tão bem descripta pelo poeta, em que o espirito

Tenta um allivio, acha uma angustia
Lympha em brasido, vulcão no mar⁽⁵⁾.

E' que no meio que o cerca, o povo descobre um inimigo que o tritura e sob as flôres que viçam perfumosas divisa o áspide que se esconde traiçoeiro.

Para exprimir esta situação não bastam os conços populares. Dahi a necessidade da musica, a mais subjectiva das artes, a que por sua semelhança com o grito,

(5) Este estado emocional traduz-se principalmente nas creações do povo, em que nenhum outro factor se oppõe a seu desenvolvimento. Entretanto, começa a mostrar-se na literatura. Dou como exemplo esta descripção do Sr. José de Alencar, em que sublinho os trechos caracteristicos. "O filho do deserto, assomando no horizonte, soltou seu primeiro bramido, que sibilou no espaço e fendeu como uma setta o roneo do trovão. Immediatamente as tempestades que trotavam no firmamento fugiram *pavidas* para os confins da esphera, como um bando de capi-varas ouvindo o berro da giboia.

O pampeiro é a *maior colera* da Natureza; o raio, a tromba, o incendio, a inundação, todas essas *terriveis convulsões* dos elementos não passam de pequenas iras comparadas com a *sanha ingente* do cyclone que surge nas regiões plutonicas como o gigante para escalar o céu.

Ei-lo, o *immense atleta* que se perfila. Seu passo estremece a terra até as entranhas; a floresta secular verga-lhe sob a planta como a fina relva sob a pata do tapir; seu *braço titanico* arranca os penhascos, as nuvens, as tempestades, e arremeça todos esses projectis contra o firmamento.

Luta pavorosa que lembra as *revoltas pujantes* do archanjo das trevas, precipitado pela mão do Omnipotente nas profundezas do barathro. O maldito, prostrado no seio das chammas eternas, resurge possesso, levantando-se para ascender ao céu; nada lhe resiste; a abobada do firmamento *treme abalada por seu impeto violento*. Mas que Deus incline a frente e Satan cairá fulminado pelo olhar supremo.

O *impeto* do tufão toma todas as fórmulas de *ferocidade*; sua voz é *gamma* de todos os *furores indomaveis*. Ao ve-lo, o *terrivel phenomeno*, afigura-se uma *tremenda explosão da braveza, do rancor e da sanha que povoam a terra*.

póde unica manifestar os segredos do coração⁽⁶⁾ A musica é tão natural e tão espontanea no Brasil, que os indigenas a conheciam e cultivavam; um dos primeiros chronistas, Lery, si me não engano, descreve com emoção os seus effeitos encantadores entre os *selvagens*.

A sua combinação com a dança tendeu a desenvolver-la e a tornar o samba uma das mais fieis expressões do povo brasileiro. Com effeito, o samba pertence-nos como os jogos olympicos á Hellade e os gladiadores á Roma. Examinae-o, estudae-o com sympathy, e vereis quanta luz projectam sobre o character nacional os sons melancolicos da viola, a inspiração scismarenta do *cantador*, as dansas, ora tristonhas e indolentes, ora ressumbrando no calambachiado do baião e no sapatado do pesqueiro um não sei quê de vertiginoso e exaltado.

Indolente e exaltado, melancolico e nervoso, eis o povo brasileiro qual o fizeram as forças e apparencias

Aqui o pampeiro arremette como cem touros selvagens escarvando o chão; ali sente-se o convolvulo de mil serpentes que estringem as arvores colossaes e as estilhaçam silvando; além uiva a matilha a morder o penhasco donde arranca lascas da rocha, como lanhos de carne palpitante das victimas; agora, são os tigres que tombam de salto sobre a presa com um *rugido espantoso*. Finalmente, ouve-se o *ronco medonho* da sueuri, brandindo nos ares a cauda *enorme* e o fremito das azas do condor que rue com *horrido estridulo*.

E tudo isso sob um aspecto *descommunal e immenso*, não é sinão a voz e o gesto do *gigante* dos pampas conceitado das profundezas da terra para subverter o orbe." — (*Gaúcho*, tom. II, ps. 256-258).

Entre os novos escriptores, o que melhor traduz esta sensação é o Sr. Araripe Junior.

(6) TAINÉ, *Philosophie de l'Art*, *passim*.

da Natureza. Por mais varios que sejam seus sentimentos, a todos sobrepuja o alumbramento, o desanimo, a consciencia da escravidão ás leis mesologicas⁽⁷⁾

Prova-o o estudo dos indigenas. Podemos dizelos o producto da Natureza brasileira, tanto mais que, si a tendencia da civilização que herdámos é para a neutralização de seus effeitos, na delles predominavam as leis physicas sobre as leis mentaes.

O caracteristico da constituição mental dos Tupis era a hypertrophia da sensibilidade. A intelligencia ficava sopitada sob a exuberancia da Natureza e a facilidade da existencia; a vontade sem impulsos vegetava mesquinha; tudo o que elles tinham de vivaz concentrava-se na emoção. E' isto que em grande parte explica o seu estado: o subjectivismo era tão profundo que não podia desenvolver-se a cooperação, base de todo governo, segundo COMTE.⁽⁸⁾

A cooperação nunca ultrapassou a tribu, e mesmo ahi a união momentanea produzida pelas expedições, afrouxava com o motivo que a provocára. O governo não existia; pelo menos sua existencia não era distincta e independente, o que tornava impossivel a organização social, pela ausencia de um centro regulador.

O subjectivismo indigena mostra-se ainda no destino que davam aos prisioneiros. O sentimento da fra-

(7) Os temperamentos mais communs no Brasil são o nervoso e o bilioso.

(8) COMTE, *Philosophie Positive*, IV, leçon L: "*Considérations préliminaires sur la statistique sociale, ou theorie générale de l'ordre spontané des sociétés humaines*", ps. 383 a 441 — *passim*.

ternidade, ou interesse de outra especie não os levava a incorpora-los pela escravidão, lançando deste modo as bases da agricultura e do progresso: eis por que os devoravam ou matavam, e assim, a guerra que em outros climas foi um instrumento de civilização, em nossa patria concorreu para perpetuar a barbaria.

Como causa e como effeito de guerras continuas, primava a vida nomade que levavam. A vida nomade, fraccionando as tribus, dividia os interesses e favorecia os antagonismos. Assim era impossivel a accumulção da riqueza, sem a qual — industria, sciencia, progresso — são absolutamente impossiveis.

Assim, quer com MARTIUS⁽⁹⁾, consideremos os indigenas residuo degenerado de uma civilização outróra florescente; quer admittamos que nunca transpuzeram o estagio em que os encontraram os navegadores do seculo XVI, a explicação de sua ataraxia ou de sua decadencia é sempre a mesma: a acção das leis mesologicas.

Tão verdadeiro é o conceito de BUCKLE, que o unico progresso effectivo depende não da bondade da Natureza, mas da energia do Homem⁽¹⁰⁾

“O Globo”, 29 de novembro de 1875.

(9) MARTIUS, *Como se deve escrever a historia do Brasil*, Revista trimensal do Instituto Historico, anno de 1844, volume VI, ps. 381 e segs. Não obstante certas recommendações pueris sobre o formato da obra, o estilo preferivel e os sentimentos a manifestar, a memoria de MARTIUS é devéras notavel e o programma que traça tem muita coisa de aproveitavel.

(10) BUCKLE, cap. I, p. 50: “Owing to circumstances wich I shall presently state, the only progrcss wich is really effective, depends, not upon the bounty of Nature, but upon the energy of Man” (Cf., Ib., ps. 41 e segs.).

II

Si vous supposez qu'un Newton puisse naitre d'une famille Hottentote, qu'un Milton puisse surgir au milieu des Andamans, qu'un Howard ou un Clarkson puisse avoir des Fidjiens pour parents, alors vous réussirez facilement á expliquer le progres social comme amené par les actions du grand homme.

(Herber Spencer, *Introduction á la Science Sociale*, ps. 35-36).

SUMMARIO: A opinião de Martius sobre o parallelogrammo das forças, e sua applicação ao Brasil, não póde ser adoptada por ora. — Os portuguezes. — Os tempos coloniaes. — Sete de Setembro e sua interpretação historica. — A emoção de superioridade a Portugal e de inferioridade á Europa.

Encaremos agora outro factor: a raça.

A raça póde considerar-se como um agente physico, porém é mais que um agente physico. A intelligencia se manifesta pelo systema nervoso e, si, com SPENCER⁽¹¹⁾, admittirmos que as mudanças estruturales deste são o resultado pouco a pouco accumulado

(11) "Those however, who recognise the truth that the structural changes are the slowly accumulated results of the functional changes, will readily draw the corollary, that a part cause of the evolution of the nervous system, as of other evolution, is this multiplication of effects wick becomes ever greater as the developpement becomes higher". (*First Principles*, § 160, p. 40, I).

de suas mudanças funcçionaes; si admittirmos a realidade do atavismo, a raça implica predisposições, é um factor intellectual, superorganico.

MARTIUS⁽¹²⁾ diz que, constando de tres raças diversas a nacionalidade brasileira deve ser estudada segundo a lei do parallelogrammo das forças. Nada mais exacto; porém, actualmente, nada mais inexequivel; ainda não podemos determinar a intensidade dos agentes que cooperam, e ao historiador do futuro compete fixar a resultante.

E' por isso que estudarei apenas a raça portugueza, que aliás é a componente predominante. Bem sei que serei incompleto, porém, só a posteridade empregará o methodo exaustivo.

Os portuguezes representaram nobre papel nos annos da humanidade: conquistaram reinos, fundaram imperios, descobriram mundos, "libertaram-se das leis da morte", na expressão de seu grande poeta. Occupando área insignificante, parecia que a fatalidade lhes marcára raias que não conseguiriam transpôr. Conseguiram-no, entretanto, e a tangente de sua passagem fulgurará sempre no céu da Historia.

A quéda foi terrivel. Uma regeneração começa, felizmente, a transformar o leão peninsular; mas os longos seculos que dura a gestação bastam para provar quão profundas eram as causas da decadencia do povo ícaro.

(12) *Revista do Instituto*, op. cit.

Estas causas ainda não estão bem determinadas: THEOPHILO BRAGA encontra-as na atrophia do elemento mosárabe; OLIVEIRA MARTINS na situação de Portugal, — nação moral simplesmente, ficticia, por conseguinte; BUCKLE encontra-as no calor, na secura do tempo, no estado consequente do solo, que, interrompendo o trabalho, quebrando de alguma sorte a cadeia da industria, minavam a prosperidade nacional, inclinndo o povo a habitos indolentes⁽¹³⁾

Não obstante suas divergencias, talvez mais apparentes que reaes, os tres pensadores estão de accôrdo sobre o ponto que unico nos interessa: o character versatil, ondeante e até sentimental do povo de que descendemos.

No Brasil este character devia expandir-se e exagerar-se, porque assim o exigiam as circumstancias physicas. Embora considere estereis e infundadas as divagações e phantasias dos que lastimam a derrota dos hollandezes, não posso negar que, povoado por estes, o Brasil se nos apresentaria com um aspecto mui diverso. Uma raça forte, persistente, teria travado mais cedo a luta contra a Natureza, e, limitando seu influxo, teria apressado o dia do progresso.

Entretanto, si o character instavel dos portuguezes concorreu muito para o nosso atrazo relativo, fôra in-

(13) BRAGA, *Introdução á literatura portugueza*, etc. — OLIVEIRA MARTINS, *Os Lusíadas*. — BUCKLE, *History of civilisation in England*, vol. I, ps. 43-44.

justiça não accrescentar que os factos historicos tambem cooperaram. Com a descoberta do Brasil coincidiã as conquistas e descobertas da Asia, que tanto influiram sobre a acção administrativa e sobre a corrente da emigração. Realmente, na Asia havia riquezas accumuladas, cidades potentes, inimigos religiosos, immensa messe de gloria a colher. Lá fulgiam a honra immaculada de D. João de Castro, o heroismo de um Almeida, a espada flammejante de um Albuquerque. Para lá, impellia o triplo incentivo da crença, da ambição e da nomeada. Aqui, havia riquezas immensas, mas disseminadas.

Havia inimigos valentes, porém a morte era tão certa quanto obscura. Motivo religioso não existia; pois para crêr-se que os americanos tinham alma, foi necessario uma ordem de Roma⁽¹⁴⁾. Nestas circumstancias o governo portuguez quasi que não prestou attenção á colonia, e nos primeiros tempos a emigração compoz-se quasi que exclusivamente de judeus, especuladores, sentenciados, de homens, emfim, guiados pelo interesse, ou attrahidos pela esperanza da impunidade⁽¹⁵⁾.

Composto de elementos tão incongruentes, o Brasil nos apresentaria no primeiro periodo principalmente lutas e facções, si não fosse a imminencia dos inimigos,

(14) *Bulla de Paulo III.*

(15) Vejam-se a obra de GANDAVO — *Historia da provincia de Santa Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil, Lisboa, 1576*, e o *Roteiro Geral do Brasil*, de Gabriel Soares, escripto em 1587. Ambos estes escriptores dão como razão de ser de suas obras o esquecimento dos interesses da colonia.

a necessidade de união para debella-los, a dependencia economica, moral, mental, etc., do reino e, sobretudo, a *emoção de inferioridade a Portugal*.

Esta *emoção de inferioridade a Portugal* é um dos factos mais importantes para a historia scientifica de nossa patria: é ella que caracteriza os tempos primitivos, que estabelece as nossas tendencias, e, explicando a verdadeira significação da independencia politica, manifesta a elaboração, a continuidade progressiva, os antecedentes legitimos deste acontecimento.

Não se pôde determinar a duração desta situação psychologica naturalmente transitoria, mas é facil vêr por que ella cessou. Passaram-se os tempos! Os holandezes foram derrotados; os paulistas transportaram para o seio das florestas as epopéas que os portuguezes tinham cinzelado nos seios dos mares; em Pernambuco houve a guerra dos Mascates e alhures revoltas mais ou menos sangrentas; os interesses reinóes e coloniaes bifurcaram-se e tornaram-se antagonicos; o sentimento de fraternidade começou a germinar; contos populares surgiram, inspirados pelo desdem do oppressor⁽¹⁶⁾ A pouco e pouco a emoção antiga foi des-

(16) Considerar-me-ia feliz si conseguisse chamar a attenção dos amantes da historia patria para o estudo dos contos populares. Aqui, vejo-me forçado a tocar nelles muito de leve; porém a sua importancia saltará aos olhos de quem os quizer colher e interpretar. Os contos populares por ora não apresentam interesse immediato: são pequenos, vagos, pouco dramaticos. A epopéa brasileira ainda não se formou, mas a sua formação embryonaria apresenta em outras partes o mesmo aspecto que no Brasil actual: a principio tradições geraes, fluctuantes, impessoaes; appareça um heróe mais preeminente como Robin Hood, na Inglaterra, Renard, na França, Pedro Malazarte, em Portugal; sobre elle agrupam-se todas as reminiscencias.

apparecendo; a emoção de superioridade rebentou, cresceu e deu-nos o Sete de Setembro, o dia-seculo de nossa historia.

Considerar a nossa independencia como a traducção da *consciencia de superioridade a Portugal* é a interpretação que me parece verdadeira. Assim estabeleceu-se a unidade da nossa historia; assim mostra-se o papel do povo na evolução; assim explica-se como a tentativa de 1822 foi fecunda, porque era temporanea, ao passo que a de Bequimão e outras foram estereis, porque eram precoces.

Bem sei que a este respeito uma lenda começa a formar-se: elevam estatuas, falam em patriarcha, adulteram, ou desconhecem a historia. A esta tendencia apenas opporei uma consideração: Sete de Setembro não creou: consagrou. Quando o movimento é tão geral e tão persistente, não se improvisa, não se encommenda: surge lentamente, como o banco de coral ao architectar secular do povo.

Não desconheço o valor de D. Pedro, de José Bo-

Os contos nacionaes podem dividir-se em duas categorias: *epicophantasticos* e *satiricos*. Falei dos primeiros na parte deste trabalho que foi publicada hontem; na quarta parte occupar-me-ei dos ultimos. A importancia dos primeiros é principalmente *psychologica*; a importancia dos segundos é principalmente *historica*. Deveria dizer algumas palavras sobre a poesia popular; mas além do Sr. José de Alencar já ter-me precedido neste trabalho, nas columnas mesmo deste jornal, não encontro o mesmo interesse que elle neste assumpto. Em geral o autor destas producções é um sertanejo que tem antes em vista o *praciano* do que os companheiros. Em composições extensas, só encontrei uma producção original — *Manuel do O Bernaldo*, — que é devéras curiosa. A poesia e improvisos do samba tambem o são; mas ali a fórma é *fragmentaria*, e tambem a epopéa se encontra em incubação apenas.

nifacio e de seus collaboradores; porém, por maior que seja a influencia dos grandes homens, ella é forçosamente limitada e dirigida pela influencia do meio social.

HERBERT SPENCER diz palavras tão sensatas sobre o assumpto, que peço licença para recorda-las e applica-las ao facto que nos occupa. “Si alguém se maravillasse do poder de algum grão de fulminato que faz disparar o canhão, lança a bomba e sossobra o navio attingido; si, extendendo-se sobre a virtude miraculosa do fulminato, não considerasse a carga de polvora, a bomba, o canhão e o aggregado enorme de trabalhos pelos quaes todas estas coisas, inclusivé o fulminato, foram produzidas, achariamos sua explicação bem pouco racional. Todavia, é quasi tanto quanto uma interpretação dos phenomenos sociaes, em que, insistindo na importancia das mudanças consumadas pelo grande homem, se esquece a vasta accumulção de força latente a que elle serve de valvula e o numero immenso de factos anteriores de que proveem a força e o grande homem”⁽¹⁷⁾.

Extendi-me sobre a Independencia mais do que era preciso e talvez conveniente: ainda não disse em que consistiu sua lacuna. O movimento emancipador foi politico; deste character dimanam ao mesmo tempo sua força e sua insufficiencia. Uma revolução politica póde modificar as relações dos estados, as condições dos governados, as manifestações da autoridade; não modifica a estructura social. Sete de Setembro transformou a colonia em povo soberano; não aboliu a outra

(17) SPENCER, *Introduction à la Science Sociale*, p. 37.

dependencia mais profunda, industrial, mental, moral, social em summa, em que estamos da Europa.

Nosso estado actual reproduz um sentimento que floresceu nos tempos primitivos: então o Brasil julgava-se inferior a Portugal; hoje julga-se inferior aos outros paizes da Europa. O movimento emancipador será identico em ambos os casos? O sentimento de inferioridade a Europa desaparecerá como o sentimento de inferioridade a Portugal? O sentimento de superioridade se formará no futuro como já se formou no passado? ⁽¹⁸⁾

“O Globo”, 30 de novembro de 1875.

(18) Esta emoção de inferioridade á Europa não é peculiar ao Brasil. Mesmo nos Estados Unidos ainda ella é sensivel, como o provam estas palavras do professor Agassiz: “*Je vous rappellerai toutefois que si nous avons conquis l’indépendance politique..., si dis-je, tout cela est vrai, il ne l’est pas moins qu’il manque quelque chose à notre affranchissement intellectuel. Il y a parmi nos compatriotes une tendance “à soumettre tout ce qui est oeuvre scientifique ou litteraire au jugement de l’Europe, à n’accepter un homme que s’il a obtenu le suffrage des sociétés savantes d’outre-mer” Un auteur américain trouve souvent plus de satisfaction à publier ses travaux en Angleterre qu’à le faire en Amérique*” (Veja-se a passagem completa na *Voyage au Brésil*, ps. 43-44).

III

“Car par la Nature du sujet, dans les études sociales, comme dans toutes celles relatives aux corps vivants, les divers aspects généraux sont, de toute nécessité, mutuellement solidaires et rationnellement inseparables, au point de ne pouvoir être convenablement éclaircis que les uns par les autres...

(Auguste Comte, *Cours de Philosophie Positive*, IV, 198).

SUMMARIO: A lei sociologica do *consensus*. — A lei da civilização brasileira: o “orgão desenvolve-se á medida que a funcção se estende”; no Brasil as funcções acanharam-se e o organismo atrophiou-se. — Illustrações: a politica, o jornalismo, a sciencia, o theatro; a agricultura, o commercio, pequenas industrias. — Illustrações tiradas das bellas artes: progresso da literatura, da musica e da architectura; ataraxia da pintura e da esculptura. — A lei da evolução artistica, segundo Augusto Comte.

Antes de entrar no seio da questão, vou resumir o que fica dito.

Uma nação, nobre de instinctos, intrinsecamente fraca, foi levada por sua situação maritima, pelas suas forças historicas, a conquistas e descobertas. Cabral dá-lhe um mundo, que, a principio desdenhado, acaba por attrahir a emigração. Funda-se assim uma socie-

dade que devia ser um appendice da metropole, e que o clima, a alimentação, o solo, as apparencias da Natureza, a logica dos factos transformam radicalmente. Como se operou a transformação, como se traduz na literatura, eis o problema que temos a estudar.

Pela lei sociologica do *consensus*, factores e producto, órgãos e funcções estão intimamente ligados, substancialmente unidos. Nada existe fortuito: tudo é regular, tudo é necessario, tudo concorre; modificar uma parcella é modificar o total⁽¹⁹⁾.

A civilização portugueza, mudando de meio physico, devia mudar totalmente de estructura: as *forças* da Natureza são potencialidades sociologicas, as *apparencias* da Natureza são possibilidades psychicas⁽²⁰⁾, e si a alteração se limitasse a isto, tanto bastava para causar uma revulsão. Mas a alteração não se limitou a isto. Com o meio physico se deslocaram os centros economicos, mentaes, governativos, o meio social, em summa.

(19) A lei do *consensus* em sociologia foi descoberta e applicada por COMTE, como o reconhece SPENCER (*Science Sociale*, ps. 352 e segs.; *Classification des Sciences*, pagina 122), aliás o inimigo mais constante e terrivel do positivismo. A lei é tão verdadeira que todas as lacunas que têm apparecido na obra do grande pensador francez provêm da não applicação, ou da applicação superficial do principio, em virtude do qual é que têm sido descobertas. A lei é originariamente biologica; mas desde 1850 Stuart Glennie applicou-a ás sciencias inorganicas. (V. *In the Moringland*, I, p. 152).

(20) "For as we have seen that climate, food and soil mainly concern the accumulation and distribution of wealth, so also shall we see that the Aspects of Nature concern the accumulation and distribution of thought. In the first case, we have to do with the material interest of Man; in the other case with his intellectual interest". BUCKLE, *op. cit.*, I, 119. Cf. — STUART GLENNIE, *op. cit.*, *passim*.

Os portuguezes não compreenderam que uma sociedade independente surgiria fatalmente, ou antes, fizeram tudo para impedi-la. Segregaram-nos do mundo, estorvaram a emigração, suffocaram a industria. Colonos, estavamos destinados a permanecer eternamente sob o jugo, e os nossos interesses subordinavam-se aos do reino e até aos das outras colonias. Apparentemente a explosão emancipadora derrocou seus planos, mas vimos que, revolução simplesmente politica, sua acção foi antes funcional do que organica. Embora benefico, o impulso foi impotente.

De facto, toda ordem real se modifica espontaneamente pelo exercicio, segundo diz COMTE⁽²¹⁾, e o exercicio tres vezes secular da civilização brasileira, transformara de *fond en comble* os elementos inciaes. A lei da transformação póde formular-se assim: *o orgão se desenvolve á medida que a funcção se estende; no Brasil as funcções acanharam-se e o organismo atrophiou-se.*

Para combater a atrophia, a revolução, como disse, era improficua: *natura non facit saltus*. Por mais complexos, os phenomenos sociologicos são mais modificaveis; porém a intervenção quasi sempre se limita a influir sobre a intensidade e velocidade do movimento. Póde tornar-se mais rapida a transição; não se póde prescindir della.

Para provar que não prescindimos della, basta olhar ao redor. Como o cataleptico, que sente a consciencia da vida de envolta com a pressão da morte, nós

(21) *Système de Politique Positive*, II, 431.

sentimos a attracção do progresso e somos obrigados a estacionar. Ao mesmo tempo duas tendencias diversas elaboram a sociedade: integração e differenciação; differenciação do systema que herdámos, integração e adaptação ao systema que se fórma. Forças correlativas e complementares, não se desenvolvem com a mesma intensidade, nem na mesma proporção: como sempre, á decomposição precede o movimento organico. Assim, ao passo que temos instituições como as da Europa, as funcções estão alteradas, a plenitude vital mutilada, a significação é differente. No *struggle for life*, perderam-se ao mesmo tempo, si ganharam novas propriedades. Dahi este estado de fermentação, de empirismo, de aprendizagem.

Antes de mostra-lo na literatura, sigamo-lo em alguns factores sociaes.

Começarei pelo que se chama politica, mas não o farei sem declarar que ella me é mais do que indifferente. Si o governo tem chegado á situação que lastimo, mas não censuro, é preciso recordar que um povo tem sempre o governo que merece. Tivemos uma constituição, systema representativo, etc., antes dos costumes que os explicam e exigem. Foi um bem, si encarmos quantas revoluções foram evitadas; mas é preciso confessar que a administração degenerou e não podia deixar de degenerar. Não só a moralidade politica é inferior á moralidade domestica; não só se desconhece a verdadeira natureza do governo, de sorte que os que estão *de cima* consideram o estado como sua propriedade, e os que estão *de baixo* julgam boas

todas as armas e manejos de guerra; como que se vai desenvolvendo uma tendencia para o patriarchalismo.

Confirmam-no dois factos: o desenvolvimento enorme e gradual do funcionalismo, e as medidas e reformas tentadas. Ha duas especies de progresso: ao que COMTE⁽²²⁾ e BUCKLE chamam *politico*, chamarei *funcional*; ao que elles chamam *social*, chamarei *organico*. O primeiro vem do governo para o povo, é juxtapositivo; o segundo vai do povo para o governo, é intusceptivo. Quem não sabe que entre nós o progresso vem do governo para o povo? Muitas pessoas consideram-no um bem; sem entrar em uma discussão tão estranha ao assumpto que nos interessa, lembrarei apenas que em toda a historia vemos tender constantemente a diminuir a acção governativa. Si, por conseguinte, a exaggeração da acção governativa existe no Brasil, si

(22) COMTE (*Philosophie Positive et Politique, passim*), diz que as alterações sociaes dizem respeito á velocidade e não á massa. Não sei como um espirito tão profundo segregou duas coisas inseparaveis, coexistentes. Isto tanto mais é para admirar de sua parte, pois affirmando que a influencia de uma geração sobre outra é que distingue os phenomenos sociologicos dos phenomenos biologicos, admite necessariamente a reacção do aspecto dynamico sobre a constituição estatica.

Este defeito explica-se em parte por sua antipathia á evolução, que aliás elle só podia julgar pelos trabalhos de Lamarek; pois a obra de Darwin foi publicada em 1859, e Comte morreu em 1857. Além disto, como o repete tantas vezes, para elle a doutrina evolutiva significa que *la nécessité crée de difficultés*; ora, a chimica demonstra que nada se *crêa*, nada se destróe. Hoje é facil, substituindo a palavra *crêa* por — *provoca, determina* ou *transforma-se*, — evitar a objecção; mas é que a idéa evolutiva tem operado por si e vai se impondo lentamente a todos os espiritos. Não era assim em 1830 e em 1840.

Si me fosse permittido exprimir uma suspeita onde não posso manifestar opinião, diria que a evolução não é provavel biologicamente, ao menos por óra.

principalmente existe como um bem, então nada prova mais evidentemente quanto é anomala a sua situação.

Vejamos o jornalismo. Não definirei sua missão; mas não é exacto que como a do governo ella se acha profundamente adulterada? Consiste apenas em servir de valvula aos sentimentos pessoases, dar noticias, ou publicar annuncios? Si algum orgão procura realizar uma concepção mais elevada da importancia da imprensa, seu esforço perpassa sem abalar a inercia da massa, ou, para sahir-se bem, vê-se obrigado á pressão que tentou quebrar.

Regra geral: quanto mais florescente é uma instituição, mais se adapta ao espirito contemporaneo. Comparae, pois, o contraste curioso que nos apresenta o jornalismo: de um lado, a abundancia de jornaes illustrados, lidos, apreciados, animados do mais brilhante

No seculo passado os economistas suspeitaram a *lei da divisão do trabalho* nos phenomenos industriaes, e, entretanto, só neste seculo foi ella demonstrada scientificamente, em uma sciencia hierarchicamente inferior, pelos trabalhos biologicos de Milne-Edwards. Do mesmo modo, a evolução, entrevista nas sciencias da vida, da alma e da sociedade, só poderá ser demonstrada pelas sciencias inorganicas. Em um estudo scientifico mais adiantado, ver-se-á a materia considerada como a accumulção do movimento, e uma feição do movimento que até hoje tem passado quasi despercebida, mas que decorre de sua persistencia, concentrará sobre si toda a attenção que merece: refiro-me ao que chamarei *fatalidade de progressão*, como no-la apresentam a lei da gravitação em astronomia, o crescimento e o instincto sexual em biologia, a consciencia em logica, etc. O movimento será então a lei suprema que, mostrando quão falazes e transviadoras são quantas classificções, dissecações, retalham o Grande Todo, imprimirá em todas as intelligencias o cunho da unidade da Natureza. — E então — *ipso facto* — a evolução estará acima da critica.

talento, ao menos os desenhos; de outro, a escassez de revistas, que não fallecem absolutamente, mas só podem durar com subvenções e são quasi sempre especialistas, ou technicas.

Esta ultima consideração nos leva á sciencia, a respeito da qual apenas repetirei as palavras de AGASSIZ: aqui se aprende por livros e não por factos: conhecem-se os factos referidos por outrem, não se fazem investigações originaes. Vivendo no meio de uma Natureza rica além de toda expressão, temos theoria e não pratica; sabemos mais da bibliographia scientifica estrangeira do que da fauna e da flora que nos cercam⁽²³⁾

E o theatro? A mesma transformação de papel que nos apresentam o governo e o jornalismo, apparece no theatro. Aquella missão social sobre que Schiller escreve tão bellas paginas; a ligação que, segundo elle, o theatro estabelece entre os combates de vida e especulações de intelligencia; o contingente com que concorre para a formação da nacionalidade, — aqui são puros mythos. Sem tocar no drama, de que me occuparei depois, julgo estar muito proximo á realidade, assegurando que o theatro só existe porque em summa é

(23) "*Entourés comme ils le sont d'une nature riche au delà de toute expression, leurs naturalistes font de la théorie et point de pratique; ils savent beaucoup plus de la bibliographie scientifique étrangère que de la flore et de la faune merveilleuse qui les environnent*" (*Voyage au Brésil*, p. 489). Agassiz esteve no Brasil em 1865, e sua obra é de 1869. De então para cá têm sobrevivido mudanças, mas no todo suas palavras têm perfeita applicação ao que se passa actualmente.

um divertimento consagrado, e, si os ouvidos têm alguma coisa a escutar, os olhos têm tanta coisa provocante a vêr!

Estas *illustrações* mostram como a atrophia do aggregado se traduz nas unidades. Mesmo na sciencia, em que uma verdade desde que é adquirida não se perde nem se corrompe, a atrophia influe sobre a accumulção, a vulgarização, emfim, o aspecto social.

Estudemos agora elementos em que o exercicio de alguma sorte transformou as condições estaticas. Ainda aqui apparecerá a lei sempre verdadeira e activa, a lei do *consensus*, porque mesmo onde o desenvolvimento é mais importante e mais definitivo, mostram-se o empirismo e a aprendizagem de que falei.

Destes elementos consideremos em primeiro logar a agricultura. Ella tem ainda muitos progressos a operar para completar sua expansão. Para completar sua expansão, é preciso que a sciencia floresça, e o florescimento da sciencia actualmente é uma utopia. Entretanto, a agricultura é, sem contestação, a mais adiantada de nossas industrias, porque foi a primeira a estabelecer-se, e a sua cadeia nunca se quebrou.

Nas mesmas condições está o commercio; não só seu estado é animador, como o espirito commercial tende a desenvolver-se e a moralidade commercial a acry-solar-se.

Este mesmo estado de progresso manifesta-se na engenharia, na cirurgia, e até na fabricação de flôres de pennas, charutos, velas etc., emfim, nas pequenas industrias que desde que surgiram não cessaram mais.

Espero ter dito bastante para mostrar como é.

verdadeira a lei do *consensus*. Nos elementos mais progressivos, como nos elementos mais estacionarios que examinámos, enxergámos sempre os mesmos caracteres, que individualizam a sociedade brasileira.

Para provar que é a funcção que determina o estado do orgão, escolherei ainda um exemplo, e será o ultimo. Seja o exemplo o grupo de bellas artes. Nada mais curioso que o estado da literatura, da musica e da architectura, comparado com o estado da esculptura e da pintura. A razão de florescerem umas ao passo que outras estacionam, não será que, emquanto as tres primeiras não deixaram nunca de ter representantes, as duas ultimas têm muitas vezes visto quebrado o élo e a tradição? Além deste motivo, ainda ha outro que devo apenas enunciar agora, e que depois desenvolverei mais longamente.

Refiro-me á lei de AUGUSTO COMTE⁽²⁴⁾, segundo á qual o desenvolvimento das bellas artes se conforma á

(24) "...*Chaque art a du se développer d'autant plus tôt, qu'il était par sa nature plus général, c'est à dire susceptible de l'expression la plus variée et la plus complète, qui n'est point à beaucoup près la plus nette ni la plus énergique, d'où résulte comme série estatique fondamentale, la poésie, la musique, la peinture: la sculpture et enfin l'architecture en tant que moralement expressive*" (*Philosophie Positive*, V. pagina 111).

Embora admitta a lei que, como veremos, depois mais de uma vez applicarei á literatura, não posso admittir a série de Comte.

Não vejo em que pintura e esculptura, sejam mais geraes que architectura. Demais a historia nos mostra que antes de existir como arte independente, a pintura foi mural, por conseguinte seu desenvolvimento foi posterior ao da architectura. Quanto á estatuaria é facil vêr que ella foi uma evolução da pintura mural, consequencia dos entalhes, relevos, etc. Consulte-se a respeito SPENCER, *First Principles*, 124, p. 350-4.

sua generalidade. Das cinco artes, litteratura, musica e architectura são as mais geraes: deviam desenvolver-se primeiro. E como das tres artes geraes a litteratura é a que o é em mais alto grau, deveria ser ella a primeira a desenvolver-se⁽²⁵⁾.

“O Globo”, 1 de dezembro de 1875.

(25) O hotel Rambouillet prende-se a estas mesmas causas.

IV

...Derniere preuve de la dépendance qui attache l'originalité individuelle à la vie sociale et proportionne les facultés inventives des arts aux énergies actives de la nation.

(Taine, *Philosophie de l'Art au Pays Bas*).

SUMMARIO: A literatura colonial, concepção, tendências exotericas e demoticas, côr local. — Tres centros literarios: Bahia, Minas e Rio de Janeiro. — O indianismo e os contos populares; a eloquencia sagrada. — A literatura contemporanea; condições do publico e do autor. — Poesia, romance e drama. — O indianismo e o cosmopolitismo, sua significação e importancia.

A digressão sobre governo, jornalismo, etc., era necessaria para mais claramente desenharem-se as condições do problema. Agora podemos apanhar a concatenção dos agentes que produziram a actualidade; agora podemos perceber como collaboraram e confluiram os antecedentes physicos e moraes. Ao passo que aquelles, pela inoculação de novos principios, deviam transformar o organismo, estes tendiam a renovar-se espontaneamente, porque suas funcções não podiam desenvolver-se em circumstancias normaes. Dahi a dupla elaborção differenciativa e integrativa que penetrou todos os membros sociaes e mudou-lhes as relações e a natureza intima.

Expressão da sociedade, a literatura deveria traduzir esta situação que com effeito se manifesta ao mais ligeiro estudo das fórmulas que ella revestiu e do espirito em que se inspirou. Nosso objecto é a literatura contemporanea, mas como ella é inexplicavel sem a consideração das origens, vejo-me obrigado a traçar da literatura colonial um esboço, forçosamente incompleto pela falta de tempo e raridade dos livros e documentos antigos.

Para quem não admitte relações entre a originalidade individual e a sociedade correspondente, os nossos primeiros ensaios literarios apresentam um problema insolúvel. Então as scenas naturaes tinham o cunho de magnificencia e de virgindade; os seus aspectos despertavam emoções que mal phantasiámos; o seu contacto incitava, expandia a imaginação. Entretanto, por mais cégo que seja o patriotismo, ninguem dará aos primeiros escriptores um logar entre rabiscadores de quarta ordem. Por que? Porque embora a emoção predomine na arte, outro elemento concorre, não menos importante, a *concepção*, e a concepção em vez de alentar os vãos estheticos, viciava-os, recalrava-os pela má direcção.

Definir a concepção dominante é facil, mostrando como ella surgiu. Logo que se estabeleceram, os Jesuitas fundaram escolas em que hauriu instrucção toda a mocidade brasileira. Com a população pouco densa era limitado o numero de alumnos. Com a difficuldade de communicações era impossivel acompanhar o movimento intellectual transatlantico. O primeiro facto tornava mais intima as relações entre os collegas; todos

se conheciam, todos tinham as mesmas idéas, um podia rematar o pensamento que outro esboçára. Dahi a facilidade de allusões, de subentendidos, de meias palavras; dahi a naturalidade de conceitos subtis e alambicados. Os conceitos subtis e alambicados eram favorecidos pelo outro facto, que tornando impossivel a extensão e variedade de conhecimentos, obrigava a macera-los, a espreme-los, a tortura-los. Situação semelhante produziu a literatura escolastica nos tempos medievaes; aqui produziu a literatura esoterica dos dois primeiros seculos.

Para um publico e para um autor nestas condições a literatura não tinha a mesma significação que para nós. Era um torneio! no gongorismo, no improviso, nas rimas forçadas, nas glosas interminaveis consistia o idéal. O criterio do merito eram as difficuldades vencidas, os movimentos complicados e imprevistos. Por isso BENTO TEIXEIRA não acha melhor meio de côroar a *Prosopopéa* do que um *soneto per echos*; Eusebio de Mattos faz *calembours* no leito de enfermo, *com o que ganha novos creditos*⁽²⁶⁾; Ravasco deixa-nos apenas glosas e improvisos; Brito e Lima escreve não sei quantas oitavas sobre o *numero cinco*.. Até o grande Antonio Vieira transvia-se nesta atmospherá carregada: seus mais bellos momentos traem o *alambiqueur de quintessence*, formado na Bahia.

(26) VARNHAGEN, *Florilegio*, I, p. 4. Esta obra com as dos Srs. Januario C. Barbosa, Pereira da Silva, Wolf, e os dois cursos do Sr. F. Pinheiro, é o manual da literatura colonial. Tambem ha do Sr. Antonio J. de Mello umas biographias dos poetas pernambucanos.

A esta concepção junte-se a falta de imprensa no Brasil. As obras eram impressas em Portugal, e como o sertanejo procura o conceito mais agudo para se elevar aos olhos do homem da cidade, o colono requintava as produções para celebrar-se entre os reinóis.

Provam-no dois factos: a lingua latina era muitas vezes a preferida, e Botelho de Oliveira publica a sua *Musica do Parnasso*, dividida em quatro côros de rimas portuguezas, castelhanas, italianas e latinas.

Todavia, sob o *fatras* de conceitos impossiveis, percebe-se uma evolução que começa: é a côr local que se ensaia. Bento Teixeira descreve Pernambuco; o anonymo Itaparicano descreve Itaparica; e Botelho de Oliveira compara a suavidade das musas á doçura do assucar, em um prologo caracteristico do espirito e tendencias da época.

Por sua natureza esoterica, esta literatura não podia estender-se ao povo, nem podia satisfaze-lo; por isso, correlativa áquella evolução, vemos uma outra evolução subterranea. Brotam manifestações amorphas, broncas, brutaes, expressão dos impulsos que produziram entre nós *Palmares* e *Pedra Bonita*, e que nos Estados Unidos produziram os *Mormons*. Por ora é impossivel determinar a extensão desta camada literaria; mas o que ella foi, auxiliam-nos a comprehende-la as obras de GREGORIO DE MATTOS e do sapateiro fluminense SILVA.

Indicar as causas da literatura dos dois primeiros seculos é dizer como o augmento da população, a criação de novos centros e systemas de educação, a facilita-

de e frequencia relativa de communicações, fizeram-na desaparecer. Entretanto, o desaparecimento foi lento. No seculo passado, a Bahia foi um dos tres centros do movimento literario, e embora a antiga concepção já tenha perdido a influencia primitiva, em ROCHA PITTA e nas poucas transacções restantes das academias que então existiram, ainda se percebem reflexos e resabios que mostram quanto ella fôra natural e profunda.

Esta concepção já não inspira as obras dos poetas que se gruparam ao redor do segundo centro — Minas, — porque as circumstancias eram inteiramente diversas. Com effeito, em Minas não houve congregações como na Bahia; não houve organização literaria que perpetuasse e fixasse a tradição; tres seculos tinham a pouco e pouco augmentado as tendencias nacionaes. Além disso a riqueza se accumulava, a dignidade pessoal crescera, os sentimentos a manifestar eram mais elevados e positivos; o jugo era supportado com impaciencia. Em vez de abater os audazes mineiros, o despotismo mostrára por sua mesma pressão quanto elles eram indispensaveis á economia portugueza. Nestas condições a literatura não podia ser aferida pelo mesmo padrão que na Bahia.

A literatura mineira apresenta-nos uma feição de grande importancia historica: refiro-me ao *indianismo*. O indianismo é um dos primeiros prodromos visiveis do movimento que emfim culminou na independencia: o sentimento de superioridade a Portugal. Effectivamente era necessaria grave mudança nas condições da sociedade, para que a inspiração se voltasse para as florestas e incolas primitivos, que até então evitára, mu-

dança tanto mais grave quanto o indianismo foi muito geral para surgir de causas puramente individuaes.

A verdadeira significação do indianismo é dada pelos contos populares. Neste ponto serei forçosamente incompleto, pois as observações referem-se apenas á nossa provincia; mas a lacuna será uma confirmação indirecta, porque si no Ceará, onde o movimento emancipador foi lento, a florescencia foi tão exuberante, podemos calcular qual e quão importante seria em outras provincias que lhe serviram de centro.

Esses contos, tendo por heróe eterno o cabôclo e o marinheiro, são os documentos mais importantes para a nossa historia, e escreve-la sem estudar os contos satiricos é tão illusorio como apanhar o caracter nacional sem interpretar os contos *épico-phantasticos*.

Nos contos satiricos facilmente se reconhecem tres camadas. Na primeira o *marinheiro* apparece em luta contra a Natureza brasileira, abarcando *enchuhi* por ema, comendo *os ovos do passaro biabo*, pasmo de vê-lo saber lêr; na segunda apparece o cabôclo em luta contra a civilização, reproduzindo scenas semelhantes ás que MOLIÈRE pintou em *Mr. de Pourceaupines*. Nestas duas correntes antagonicas póde-se, *á priori*, vêr symptomas e residuos das lutas e rivalidades. Um facto que agora mesmo se está passando confirma *á posteriori* esta sugestão. Refiro-me ao que succede em S. Paulo e em Minas: paulistas e mineiros antipathizam-se mutua e hereditariamente. Pois bem; vasam os seus sentimentos em contos exactamente iguaes aos que resultaram do antagonismo dos colonos portuguezes.

Na terceira camada o heróe é ainda o cabôclo; mas

o ridiculo como que está esfumado, e através, sente-se, não só a fraternidade, como o desvanecimento. E' a estes ultimos contos que se prende o indianismo, cujo espirito se assemelha ao que levou GNEVA e SANS CULOTE a adoptarem, vangloriando-se, o nome com que os tentaram estigmatizar.

O terceiro centro das letras no Brasil foi o Rio de Janeiro, onde o movimento foi mais original do que em Minas, porque ao maior progresso das causas, que nesta se tinha operado, se juntava a posição de capital do vice-reinado, a formação de um nucleo de pessoas inteligentes, que por mais de uma vez tinham tentado reunir-se em academias, e enfim o augmento da população⁽²⁷⁾.

Si nos reportarmos á lei de COMTE, segundo a qual as artes apparecem conforme á sua generalidade, compreenderemos por que a elaboração se manifesta pela eloquencia. A eloquencia é o mais geral dos ramos literarios, pois é coextensa com o estilo. Além disto encontrou circumstancias favoraveis, entre as quaes apenas indicarei os conventos. Atravéz da historia, vêmos que quanto mais uma instituição se adapta ao estado social, tanto mais floresce e possui homens eminentes. Como *illustração* podemos escolher o que Buckle⁽²⁸⁾ escreveu sobre a guerra.

(27) Para provar a influencia da densidade da população sobre a moralidade, basta recordar que as provincias que maior parte tomaram na Independencia foram as mais povoadas: Minas, Rio, Bahia, Pernambuco, S. Paulo, etc.

(28) H. of C. in E., I, ps. 199 e segs. Este facto prende-se ao que Darwin chama *natural selection*, que está destinada a explicar uma

Na Grecia antiga a guerra se adaptava ao espirito social; por isso vêmos que os guerreiros não só são illustres como taes, mas tambem são administradores, philosophos, poetas, quaes SOLON, THEMISTOCLES, EPAMINONDAS, DEMOSTHENES, ESCHYLO, SOPHOCLES, XENOPHONTE, THUCYDIDES, POLYBIO, etc. Nos tempos modernos as tendencias são scientificas e industriaes, a classe militar degenerou; não ha guerreiros ao mesmo tempo philosophos, ou artistas, e NAPOLEÃO, WASHINGTON e CROMWELL são talvez os unicos tão capazes de commandar um exercito quanto de governar um reino.

Até a aptidão guerreira parece que vai desaparecer com o progresso social; basta comparar a França de HOCHÉ e KLÉBER com a França de TROCHU e BAZAINE.

Os conventos adaptaram-se ao espirito colonial e, como as causas que tinham alterado a sua influencia na Bahia, pouco a pouco desapareceram, a sua acção foi normal e benefica. Em seu seio encontram-se os

lei tão importante quanto confusa da sociologia: refiro-me á *lei do apparecimento dos heróes*. Na segunda parte, já disse que os homeus só exercem influencia quando se adaptam ás tendencias contemporaneas. E' justamente o que faz a sua força, e quanto mais eminente é um homem, tanto mais nacional e de seu tempo é. A biologia nos offerece um dado frisante e correlativo. Claude Bernard, em um artigo sobre o problema da physiologia geral (*Revue de deux mondes*, LXXII, p. 882), diz: "*L'œuf où le germe est un centre puissant d'action nutritive, et c'est à ce titre qu'il fournit les conditions pour la réalisation d'une idée créatrice qui se transmet par hérédité ou par tradition organique*" Não succederá o mesmo com o heroe? não é por ser um centro de acção nutritiva e grupadora que elle apressa, ou demora os acontecimentos, modifica-os em summa? e esta qualidade não provém justamente do que se póde chamar *impersonalidade*?

personagens mais eminentes; em seu seio havia agitação, gosto, enthusiasmo e, á frente do liberalismo, encontramos homens como SÃO CARLOS, FREI CANECA, etc. No Rio, onde os conventos eram numerosos, a mudança da cõrte para o Brasil veiu augmentar-lhes o brilho pela fundação da Capella Real, pelo desejo de sobrepujar os oradores portuguezes, pela emulação de agradar a D. João VI; pois embora desdenhassem os portuguezes, os brasileiros respeitavam e temiam o rei⁽²⁹⁾

Nós hoje não podemos imaginar o estado condicional daquelles tempos; porém, para ver quão intenso foi, basta ler o *Discurso Preliminar* ás obras de MONTE ALVERNE. Ha ali uma cópia dos combates antigos; os periodos têm sons como de clarim; a excitação da luta ainda persiste, e ao vêr como se fala em gloria, louros, palmas, como se manifestam sentimentos tão estranhos, tão differentes dos nossos, perguntamos instinctivamente si o autor tem bom senso.

MONTE ALVERNE offerece-nos uma transição á literatura contemporanea; mas antes de occupar-me com esta, vou mostrar quanto se applica ao Brasil a lei da evolução artistica de COMTE.

Já vimos que em grande parte ella explica o estado progressivo de nossa literatura, musica e architectura, relativamente á pintura e á esculptura. Na literatura contemporanea tambem ella é exacta, porque das tres

(29) E' principalmente por causa do prestigio hierarchico que D. Pedro foi util á Independencia brasileira. A respeito da differença de sentimentos votados á nação e ao rei póde se colher indicações na Ode de ALVARENGA PEIXOTO a D. Maria I.

principaes fórmias literarias, poesia, romance e drama, a primeira desenvolveu-se antes das outras, porque é a mais geral, e depois dos Srs. GONÇALVES DIAS e MAGALHÃES é que vieram os Srs. ALENCAR e MACEDO — os representantes do romance. Quanto ao drama, quer se admitta ou não, que já começou a sua evolução, é incontestável que é posterior aos romances, porque as tragedias do Sr. MAGALHÃES não tiveram successores nem exerceram influencia, e os Srs. ALENCAR e MACEDO tornaram-se dramaturgos depois de serem romancistas.

A lei de COMTE applica-se tambem ao desenvolvimento intimo dos romances; pois de seus tres elementos constitutivos, estilo, scenas e personagens, o ultimo, menos geral, ainda não chegou ao grande aperfeiçoamento dos outros dois. Emfim, mesmo na formação do estilo brasileiro a lei é inteiramente justa. O que ha de mais geral no estilo é o vocabulario, e o vocabulario é o que ha de mais notavel em S. CARLOS e SANTA TEREZA. Ao vocabulario seguem-se a côr e o som, o que MONTE ALVERNE confessa ter sido sua principal preocupação. Emfim, a convergencia de efeitos, a harmonia entre a fórmula e a idéa, só agora começa a operar-se, porque é o que ha de mais particular na estilo⁽³⁰⁾

(30) A lei do desenvolvimento colectivo do estilo é a mesma que a lei do desenvolvimento pessoal, pois sociedade e individuo não divergem intrinsecamente. Claude Bernard (l. c.), diz que entre sciencias organicas e inorganicas, a differença rôla sobre o *processo*, o *producto* é o mesmo; mas ao passo que nas sciencias organicas os principios chemicos, por exemplo, são *produzidos* pelos tecidos, nas sciencias inorga-

Antes de entrar na literatura contemporanea, devo considerar perfunctoriamente a acção da Independencia. Sete de Setembro foi, como disse, uma revolução functional; por conseguinte não influiu sobre as circumstancias organicas directa e immediatamente. Sem duvida que ha de influir; porém ha de ser necessario um grande lapso de tempo antes que produzam todos os effeitos os principios inoculados.

Na literatura sim, a influencia foi benefica, mas insufficiente; modificaram-se as condições, mas se não modificaram bastante para que o espirito se renovasse, introduziram-se novos coefficients, mas não foram bastante poderosos em si, nem encontraram meio favoravel nas circumstancias concomitantes.

Dos effeitos literarios da Independencia, apenas indicarei tres. O primeiro foi o estabelecimento de um dia de consciencia nacional, em que, através do espaço e da distancia, os diversos membros se reconheciam unos pelo passado. O segundo foi impedir que, como nos tempos coloniaes, os nossos mais eminentes patricios fossem além-mar procurar um centro mais vasto de acção, em que podessem realizar suas aspirações. O terceiro foi o derramamento da instrucção e a liberdade da imprensa. O jornalismo, não obstante o seu estado embrionario, sinão viciado, está destinado a ser um dos agentes de renovação nacional. E' elle que desenvolve o gosto pela leitura, que manifesta a

nicas são *reproduzidos* pelo laboratorio. Póde dizer-se o mesmo de psychologia e sociologia. Os phenomenos desta apenas reproduzem por meios em circumstancias diversas o que os phenomenos daquella tinham produzido.

importancia da educação; e nem uma feição distingue mais profundamente os tempos modernos dos tempos antigos.

Bem sei que alguns espiritos timoratos e pessimistas dizem que o jornal matará o livro; mas quando mesmo isso succedesse, — o que parece pouco provavel — é certo que o jornalismo teria de soffrer uma tal reforma, que a transformação quasi não seria sensivel. Sobre os effeitos da vulgarização da instrucção não me extenderei. Já vimos quaes são os caracteristicos de nossa literatura colonial: esoterica ao principio e, por conseguinte, alambicada; demotica e, por conseguinte, grosseira e animal depois; por fim mais colorida e geral, por conseguinte mais verdadeira no espirito e mais bella na expressão. Qualquer destas feições depende do estado social, da concepção que elle occasionou, e por conseguinte do grau de instrucção corrente.

Estes tres effeitos foram poderosos e fertes, tanto que se lhes póde attribuir em grande parte a superioridade da literatura contemporanea sobre a literatura colonial; porém, outras circumstancias existiam, muito mais poderosas, sobretudo muito mais activas e efficazes. Estas circumstancias a Independencia não podia modificar; e sem modifica-las, seu influxo não poderia ser completo e definitivo.

Das circumstancias que a Independencia não podia modificar, adduzirei algumas, que mais especialmente se referem á literatura, e em primeiro logar á *formação do povo brasileiro*. Os brasileiros não são um povo autochtono, que se irradiou pela multiplicação: provêm principalmente da emigração e constituem

camadas superpostas quasi sem relação e affinidade mutua. As distancias não são muito grandes para apressar a fusão; as origens são muito proximas para permiti-la; as recordações historicas e communs são muito limitadas e fracas para patentea-la.

Além disto as condições mesologicas, tão diversas na extensão de nosso territorio, introduzem divergencias que com o tempo tendem a accusar-se. Como este estado reage sobre a literatura, reconheceremos, considerando que um dos caracteristicos psychologicos das emoções estheticas, é a impessoalidade, e a impessoalidade resulta da intensidade e unisonidade collectivas⁽³¹⁾ Ora, como podem ser unisonos e intensos os sentimentos collectivos, si obedecem a correntes tão diversas? como se pôde estabelecer uma selecção natural entre as emoções elementares e fluctuantes, si todas são igualmente fortes, ou antes igualmente fracas? Assim o autor não sabe que fibra deve vibrar; e embora obedeça á corrente fa-lo inconscio e até involuntariamente.

Outra circumstancia sobre que a Independencia não influiu foi a *educação*, embora tenha influido profundamente sobre a *instrucção*. Não examinarei si temos educação nacional, si os systemas adoptados são bastante comprehensivos, si manifestam a atrophia da

(31) "*The productions of Art appear to be distinguished by these characteristics: 1. They have pleasure for their immediate end; 2. They have no disagreeable accompaniments; 3. Their enjoyment is not restricted to one or a few persons*" BAIN'S, *Mental and Moral Science*, bk. III, chap. XIII, § 2, Cf. — TAINÉ, *Philosophie de l'Art en Italie*, página 160.

sociedade, si dão má direcção ao espirito, cultivando certas faculdades á custa de outras. Tudo isto é muito delicado para que, siquer de leve, o esfloresça; mas está acima de duvida que a educação brasileira tem duas graves lacunas. A primeira, é que geralmente a mulher é ignorante; não pode tomar na elaboração da sociedade o papel que lhe compete, de sorte que o progresso é unilateral e, por conseguinte, lento e de alguma sorte ficticio⁽³²⁾. A segunda, é que a educação do homem é, e nem pode deixar de ser, profissional.

O estado mental de um povo depende de seu estado economico, não só nos primeiros tempos em que a accumulção da riqueza é que torna possivel a accumulção do pensamento, como nos tempos posteriores. Em consequencia das leis economicas, entre as quaes prima a da divisão do trabalho, é que scientistas e literatos assumem uma posição definida e independente. Ora, leis economicas impedem que entre nós, scientistas e literatos assumam uma posição definida e independente, impedem que se formem em classes, que amoldem desde o principio a intelligencia ás affinidades naturaes. E por isso vemos unirem-se tantas vezes vocações inconsistentes em uma mesma pessoa, o que dá

(32) As causas do progresso dos Estados-Unidos são muitas e variadas, mas entre todas avulta o cooperar a mulher, tanto como o homem, na obra collectiva. Com uma população igual á da França, pôde dizer-se que o numero dos operarios do porvir é dobrado. Os *yankees* reconhecem-na, e todos sabem o culto que votam á mulher. No Brasil, como diz profundamente o professor AGASSIZ, a unica *sympathia* que pôde existir entre o homem e a mulher é a *sympathia domestica*; a *sympathia intellectual e moral*, a que resulta de sentirem-se collaboradores da mesma elaboração, é impossivel. Cf. *Voyage au Brésil*, p. 492.

em resultado enfraquecerem-se as tendencias umas pelas outras.

Outra circumstancia que a Independencia não modificou foi a *emoção de inferioridade á Europa*. Esta emoção não é peculiar ao Brasil, nem á America, nem mesmo aos tempos modernos; é um facto constante da historia e para se reconhecer sua força basta lembrar quão vivaz era a emoção de superioridade nos principaes povos antigos. Os judeus chamavam-se o *povo de Deus*; gregos e romanos chamavam *barbaros* aos outros povos; Roma era *urbs*, a cidade por excellencia, e o nome de *Arya* significa *illustre*, si me não engano. Não direi como esta emoção entre nós é socialmente nociva, como concorre para fortificar nossa indolencia primordial, como nos leva a adoptar medidas muitas vezes inexplicaveis e até fataes⁽³³⁾; circumscrever-me-ei simplesmente á apreciação litteraria. Sou obrigado a reconhecer que a influencia da Europa tem alguma coisa de bom: sem ella, o nosso estilo e concepção não seriam tão elevados, sem ella a litteratura não seria a expressão mais ideal e amavel de nossa sociedade, e nossa sociedade estagnaria em um bairrismo exclusivo e esterilizador. Entretanto, no todo seus effeitos lite-

(33) Ha poucos dias ouvi de illustrado estrangeiro estas palavras: “a tarifa das Alfandegas no Brasil é copiada da de França. Lá se taxam os objectos que servem para a tinturaria para assim favorecer a industria nacional e prevenir a concorrência estrangeira. No Brasil fizeram o mesmo, de sorte que é preferivel exportar os estofos preparados, a prepara-los aqui, porque saem muito mais baratos. Imitaram a instituição sem atinar com a sua razão de ser, e assim não só impediram uma industria que podia ser florescente, como se entregaram de mãos atadas, não digo á concorrência, mas ao despotismo e monopolio estrangeiro”

rarios não são benéficos, pois entre outros resultados concorre para segregar o publico do autor.

O publico brasileiro consta de duas camadas principaes: a primeira de homens illustrados, que reservam toda a sua veneração para as obras européas, e lêem as obras nacionaes por favor e até com malevolencia⁽³⁴⁾, julgando pelo ponto de vista abstracto, ou antes transatlantico. E' naturalmente nestes que o autor deveria ter seus mais activos e fecundos collaboradores, porque a obra artistica é o resultado de collaborações inconscientes.

Que não succede assim demonstram-no dois factos: a impossibilidade de uma revista duradoura, que em parte se deve a isto, a falta absoluta de associações literarias. Mesmo nos tempos academicos não se póde dizer que ellas existam, pois, regra geral, significam antes uma coalisção, um momento critico, por conseguinte, do que um movimento organico. Da segunda camada o autor recebe antes uma influencia negativa, porque de homens que lêem *Til*, ou *Moreninha*, como leriam *Carlos Magno*, ou a *Historia da Princeza Magalona*, como póde elle inspirar-se? como póde perscrutar os gostos e tendencias? Si os primeiros são fataes á literatura, concorrendo para um antagonismo que é talvez effeito do clima, porque se manifesta entre os Tupis como entre nós; si limitam as faculdades do autor deixando-o ás suas proprias forças; os segundos são ainda mais prejudiciaes: para elles o autor não

(34) E' por isso que os livros nacionaes têm tão pouco consumo.

póde realizar as suas mais bellas concepções, e não as realizando chega até a perder a capacidade de fazê-lo⁽³⁵⁾.

A estas circumstancias, sobre que a Independencia não influiu, poderia juntar muitas outras, porém não é necessario. Todas apenas confirmarão o que disse: *como as outras funcções, a literatura não se pôde desenvolver plenamente e por isso se atrophiaram suas condições organicas.*

Si procurarmos em que consiste a atrophia, veremos que é equivalente á atrophia dos phenomenos que já notámos, e refere-se ao mesmo tempo ao principio e ás suas relações sociaes.

Socialmente a literatura não occupa um lugar importante em nossa patria⁽³⁶⁾: não a consideram parte integrante da sociedade, resultado do progresso e ao mesmo tempo um de seus agentes poderosos. Um romancista não é um representante da nação, tanto sinão mais legitimo do que um senador, ou deputado. Um poeta é apenas *for their sweet voices*, segundo a expressão de Byron. Em summa, na vida collectiva como na vida, a arte é apenas um incidente.

(35) Uma das provas mais characteristics deste subjectivismo é o sussurro com que nas duas Camaras são sempre acompanhados os discursos.

(36) "*Bien ne frappe l'étranger comme cette absence de livres dans les maisons brésiliennes. Si le père exerce une profession liberale, il a une petite bibliotheque de livres de médecine ou de droit; mais on ne voit point les livres disseminés dans les maisons comme des objects d'un usage incessant; ils ne font pas partie des choses de nécessité courante*" AGASSIZ, *Voyage au Brésil*, ps. 466-467

A atrophía do principio se manifesta na concepção reinante do bello. Platão diz que, antes de encarnarem-se os espiritos viviam na contemplação das idéas. Como nuvem que empana o esplendor do sol, o corpo velou a visão intima; mas por vezes o véo rasga-se, as petalas das reminiscencias abrolham e perfumam-se os seios da alma, e a consciencia de uma vida anterior resurge. Esta phantasia do divino helleno é perfeitamente exacta na esthetica; no bello o que nos encanta é acharmos proclamado o que balbuciavamos: é a repercussão definida do que titilava indeciso na mente. Eis o encanto dos prazeres estheticos. Como todos os prazeres, produzem um augmento de vitalidade, mas o augmento é duplo, pois não só manifesta no leitor como reflecte sobre o autor.

No Brasil, onde as emoções ainda são contradictorias e pessoas, a concepção e execução do bello de alguma forma estão viciadas. Em outros tempos, bello — era o *difficil*; agora é o *agradavel*. Por isso vemos que a poesia é quasi sempre pessoal e descriptiva. Em um livro de poesias encontramos confidencias, sonhos, decepções, ás vezes philosophia; bello, desinteressado e puro, não se encontra. A unica poesia que temos é lyrica, e nos poemas épicos os monologos, descripções e lyrismo são o que ha de mais apreciavel. Por isso vemos que no romance o que predomina é a acção. Nossos romancistas não têm visto que o romance é apenas um ramo da psychologia; que os personagens, as scenas são apenas partes de um problema. Por isso no drama a unidade, a fatalidade dos personagens não se destaca. Um autor escolhe duas, ou tres situações, e as outras

scenas servem apenas para destacar estas. Em todos os ramos literarios vemos que um caracter logica e primitivamente pouco significativo, sinão insignificante, toma proporções muitas vezes irrationaes.

Não o censuro, — tudo isto é necessario e fatal. Só com a palingenesis da sociedade é que a literatura nacional poderá renovar-se. Entretanto, vejo symptomas de renascimento literario nas duas escolas que se formam: o *cosmopolitismo* e o *indianismo*. Não obstante parecerem e até crerem-se antagonicas, ellas são complementares, solidarias, encaram ambas o mesmo problema, ainda que sob ponto de vista diverso. No indianismo actual tão differente do indianismo antigo, o que predomina é a concepção da arte, é a renovação do principio artistico que se aspira.

No cosmopolitismo o que predomina é a sociabilidade da arte; aspira-se a inocula-la na vida collectiva. Já vimos que principio intimo e caracter social da arte são inseparaveis, e estão ambos viciados no Brasil; por conseguinte, como os que trabalham para melhorar, um concorre para elevar o outro; a empresa é a mesma: os operarios não podem ser inimigos. Só estas duas escolas seriam importantes, mas prendem-se a um movimento de renovação de que me occuparei depois. Podemos affirmar que se realizarão as suas aspirações; podemos prever que da união, do commercio das duas forças agora divergentes, nascerá a literatura esplendorosa do porvir.



RAIMUNDO ANTONIO DA ROCHA LIMA

Prefacio á *Crítica e Literatura* de Rocha Lima, escripto e publicado em setembro de 1878.

RAIMUNDO ANTONIO DA ROCHA LIMA

Quando da terra firme lançamos os olhos sobre o Oceano, apenas occupam o nosso espirito as ondas alterosas que ameaçam inundar a extensão. Desdenhamos as pobresinhas que feneceram na distancia que vai do fundo á superficie, esquecidos de que sem ellas não existiriam as que nos enlevam em tão grandiosos sentimentos. Assim na historia: ahi só destacamos os dominadores, aquelles que destruíram ou edificaram, deixando após si uma esteira de sangue, ou uma trilha de luz. Não nos lembramos dos hombros em que firmaram os passos, dos peitos que retemperaram seus peitos, dos cerebros que sublimaram seus cerebros, da mão desconhecida que lhes apontou o ideal que mais felizes attingiram. E muitas vezes o desconhecido é quem mais cooperou para o grande acontecimento. Na corrida da existencia tomára a dianteira a todos os seus rivaes; seu andar era tão apressado que raros conseguiam não o perder de vista. Mais alguns passos, e reberitaria á flor da posteridade, titanico e pujante. Porém cai. e a turba passa-lhe pelo cadaver, ingrata, descuidosa, ignorando que sem elle, para quem não ha historia e não existe amanhã, jamais chegaria tão longe, tão depressa.

Um desses espiritos eminentes, para quem não ha historia, cuja acção, pelo menos, só de modo incompleto ella poderá indicar, o mais distincto da moderna geração cearense, acaba de desaparecer. Aos 23 an-

nos de idade Raimundo Antonio da Rocha Lima era para todos nós o penhor de futuro auspicioso, o emblema de esperanças palpitantes, o sol que imaginavamos a irradiar em breve de sua provincia por todo este continente. Nada disto é mais possível: vedam-no as leis da Natureza, a mãe inexoravel para quem tanto vale o mais vil dos vibrões quanto a alma de Newton ou de Aristoteles.

Por occasião deste acontecimento, que cobre de lucto uma provincia que parecia á prova do soffrimento, pois que nem um mais lhe resta experimentar, será talvez permittido a quem do finado guarda uma saudade infinda, um ensinamento profundo, um incitamento salutar, dizer algumas palavras sobre o modo por que se constituiu a individualidade que animava aquella argila, hoje deposta no cemiterio de Maranguape.

Rocha Lima era filho póstumo. Antes de ver a luz, soffrera com sua mãe todas as angustias e unira-se pela communhão da dôr, dôr tanto mais intensa quanto a morte do pai fora repentina, dôr tão violenta que se chegou a receiar pela vida da infeliz senhora. A mocidade desta, sua constituição forte, o dever de existir para aquelle que presentia nas entranhas, salvaram-na, felizmente; porém elle, que junto a seu coração dias e dias lhe sentira o palpar angustioso, ficou lesado para sempre. Trouxe ao nascer o corpo fran-

zino e a predisposição doentia, que tantas vezes o obrigaram a interromper os estudos que tão cedo o levaram deste mundo.

A predisposição doentia, tornando mais necessários os cuidados maternos, provocou entre mãe e filho estreitíssima união, ainda mais robustecida pela perda de uma filha da inconsolável viuva, que a este filho, o ultimo, o unico, votou todas as opulencias de sua nobre alma. A morte da irmã, que elle aliás não conheceu, da qual, pelo menos, guardava reminiscencias, que de tão fugitivas quasi impalpaveis, nunca a esqueceu Rocha Lima: muitas vezes ouvi-lhe dizer que ter uma irmã era o que mais ambicionava sobre a terra.

Para começar os estudos Rocha Lima não teve que abandonar a casa materna. Sob o mesmo tecto morava sua tia, uma das professoras da Fortaleza, e na escola della, entre meninas, foi que tomou as primeiras lições. Seria ahi que adquiriu os tons virginaes que lhe coloriam a alma? que hauriu o respeito profundo que dedicava á mulher? que, impellido pela rivalidade de sexo, imprimiu em seu espirito a seriedade e em suas acções a sisudez que sempre conservou? O que é certo é que já então a sua personalidade se desenhava, e seu character se impunha á estima de quantos o conheciam.

Os seus estudos secundarios foram feitos no Lyceu e no Atheneu com um ardor e aproveitamento que os collegas são unanimes em attestar. As distracções, tão communs naquella idade, nem um encanto tinham a seus olhos. Talvez para o resultado concorresse a fraqueza do organismo que o inhibia de tomar parte

nos brinquedos ruidosos da puerícia; mais do que tudo, porém, concorreram a vocação férvida que o arrastava para os livros e o culto da família, culto ardente e sereno que sempre imperou em seu coração.

Em 1871, á custa de muitos esforços e auxiliada pela provincia, sua mãe pode manda-lo para Pernambuco. Separado dos seus, continuou ali o mesmo systema de vida, e, conseguindo morar no convento do Carmo, passava quantos momentos lhe sobravam das aulas, na Bibliotheca estabelecida nesse mesmo edificio. O enthusiasmo com que estudava estragou-lhe a saude, e em breve, por ordem dos medicos, teve de voltar para o Ceará.

Foi então que occorreu um facto, o mais importante de sua vida, no retiro de Jacarecanga, onde ao chegar fôra convalescer. Sob os cajueiraes hoje mirrados como uma caravana de mumias, naquelles areiaes brancos como as dobras fluctuantes de um mortalha, diante daquelles mares, — “verdes mares bravios da minha terra natal” — antolhou-se o problema da vida em toda a sua eloquencia. A visão aterrorizou-o, mas elle não procurou fechar os olhos á esphinge, nem a afugentar com esconjuros e exorcismos: ao contrario, olhou-a em face e jurou vence-la. Data daqui o seu plano de vida, este plano a que sempre foi fiel, mais fiel á medida que mais fortes se tornavam as tentações. Uma vez disse-me: Quando fui para Jacarecanga tinha 16 annos: quando voltei tinha cincoenta.

Antes de expôr em que consistia o plano, convirá dizer algumas palavras sobre os seus estudos. O que então estudava com mais gosto era historia, principal-

mente a historia religiosa, — a cujo respeito consultára os trabalhos de Burnouf, Maury, Quinet e Reuss, e philosophia. A escola a que a principio se filiou em philosophia não é facil de determinar. De um lado via o espiritualismo com todas as suas associações graciosas, com o seu appello constante para as mais nobres aspirações, com a defesa apaixonada dos conceitos que affirmam ser a base da moral do individuo e da collectividade. Do outro, via o materialismo, despotico, prosaico, terra a terra, sustando os vôos da avezinha que almeja espanejar-se no azul, desprendendo effluvios dos abysmos e subterraneos donde surgiu. O coração impellia-o para o espiritualismo, porém a razão perguntava-lhe si a verdade não estaria com os materialistas. Entretanto nunca foi materialista: pensava que todas as affirmações da escola vinham quebrar-se contra a consciencia da identidade do eu. “Emquanto não derrocarem este baluarte”, escrevia-me então, “os materialistas não podem cantar victoria.”

Em taes condições o autor que mais o satisfazia era Vacherot, e o protesto eloquente que sob o titulo de *Science et conscience* este philosopho publicou contra a applicação do methodo scientifico aos estudos psychicos e sociologicos, muito tempo balisou os horizontes de seu espirito. Mesmo depois que se desprendeu de seu prestigio, Rocha Lima continuou a acatar o primeiro mestre e a adoptar muitas de suas idéas.

A leitura de Vacherot deveria te-lo curado para sempre da tendencia a admittir o determinismo nos phenomenos psychologicos e historicos, porém, em breve o edificio de suas crenças foi abalado por Taine.

A principio leu-o com incredulidade, levado pela torrente do estilo, pela originalidade das idéas e pelo vigor de phantasia, que brilham em todas as paginas do fecundo escriptor. Resolveu depois verificar praticamente o valor de suas theorias no terreno da critica literaria. Procurou a *sensação primordial* que existe nos artistas e serve de principio coordenador e caracteristico de suas obras. Procurou a influencia que o *momento* exerce sobre o individuo e que o *meio* e a *raça* exercem sobre o *momento*. E achou, e reconheceu que uma transformação completa em suas idéas era indispensavel e urgente.

Nesta convicção veiu confirma-lo o estudo dos escriptos de Buckle. Muitas idéas do pensador inglez repugnavam-lhe profundamente, como as que se referem á theoria das leis moraes; porém a exposição da influencia mesologica; a discussão do methodo introspectivo; a concepção da historia scientifica, muito mais definida aqui do que em Taine; mil sugestões fecundas que pullulam em toda a obra, encontrando um terreno preparado, actuaram de maneira duradoura e fertil sobre sua mentalidade.

Quando depois teve conhecimento do positivismo, a sua adhesão foi completa. Via no systema de Comte reduzidas a um conjuncto grandioso e consistente todas as aspirações que lhe fluctuavam pelo espirito. Via solvidas todas as duvidas, desfeitas todas as difficuldades. A sociologia, a conquista mais esplendida do seculo XIX, revelando-se em sua belleza severa e es-

culptural, transportava-lhe o espirito em um enlevo ineffavel, e ser positivista enchia-o de nobre orgulho e de férvida emulação.

Foi por este tempo que rebentou a questão religiosa. Os maçons do Ceará, seguindo o exemplo de seus irmãos de outras provincias, prepararam-se para a luta e fundaram um jornal, *A Fraternidade*. Não pertencendo á associação; votando-lhe mediocre sympathy; convicto de que entre as aspirações maçonicas e as affirmações catholicas ha a mesma differença que entre sugestões incoerentes e um systema definido, Rocha Lima a principio recusou-se a fazer parte da redacção. Sendo-lhe, porém, garantida a mais ampla liberdade de idéas e movimentos, veiu ao lado de João Lopes e Pompeo Filho alistar-se nessa cruzada em que os tres se cobriram de glorias. Foi uma escola proveitosa e fecunda para Rocha Lima a redacção d'*A Fraternidade*.

Seu estilo, tão colorido e abundante, ahí começou a formar-se. As suas idéas, a principio vagas e pouco consistentes, desenharam-se nitidas e harmonicas. Tomando as theorias positivas como methodo e como criterio, coñseguiu perceber melhor o seu alcance e diminuir quanto possivel os defeitos resultantes da falta de conhecimentos encyclopedicos pelo mestre exigidos de seus adeptos.

O proveito foi ainda maior sob o ponto de vista moral. Ahí começou a executar o plano de vida que, como disse, ideára. Atravessar a vida com os olhos fixos na honra e no dever; evitar não só as fraquezas como as apparencias de fraqueza; impôr-se pelo cara-

cter puro e pelos sentimentos elevados á estima dos adversarios e dos amigos; obriga-los a reconhecerem que a sua alma não era da mesma tempera que a delles, — eis o que planejára em sua solidão. Agora que interpretava doutrinas puras e regeneradoras, considerava um sacerdocio a sua missão; não queria que de seus actos tirassem conclusões desfavoraveis a ellas, e nada o contristava como o ver que nem sempre pensavam ou obravam assim outros que se achavam em igualdade de circumstancias.

As discussões e estudos não bastavam todavia á sua actividade: com João Lopes e outros companheiros fundou a *Escola Popular*, escola nocturna destinada aos pobres e operarios. Os que tiveram occasião de visita-la recordam-se da animação, da cordialidade, do estímulo que ali reinavam e corriam parelhas com o desinteresse dos jovens professores. E entretanto, quantos obstaculos não tiveram a vencer, quanta calumnia a esmagar, quanta prevenção a destruir! Um jornal houve.

E' melhor não falar desse jornal.

Grande foi a influencia da *Escola Popular* não só sobre as classes a que se destinava, como sobre a sociedade cearense em geral, por intermedio de conferencias ali feitas, em que o ideal moderno era apregoado por pessoas altamente convencidas de sua excellencia. Maior ainda foi a influencia da *Escola* sobre os espiritos audazes e juvenis, que congregou, reuniu e fecundou uns pelos outros. Era em casa de Rocha Lima que se reuniam os membros do que chamavamos “Academia Franceza”. Quanta illusão! quanta força! quan-

ta mocidade! França Leite advogava os direitos do comtismo puro e sustentava que o *Système de la Politique* era o complemento do *Cours de Philosophie*. Mello descrevia a anatomia do cerebro, com a exactidão do sabio e o estro do poeta. Pompeu Filho dissertava sobre a philosophia alemã e sobre a India, citava Laurent e combatia Taine. Varella — o garboso abnegado paladino, — enristava lanças a favor do racionalismo. Araripe Junior encobria com a mascara de Falstaff a alma dolorida de René. Felino falava da revolução franceza com o arrebatamento de Camillo Desmoullins. Lopes, ora candente como um raio de sol, ora lobrego como uma noite de Walpurgis, dava asas a seu humor colossal. Por vezes das margens do Amazonas chegava o éco de uma voz, doce como a poesia de suas aguas sem fim, — a de Xilderico de Faria, hoje para sempre mudo no regaço do Oceano.

O mais moço de todos, Rocha Lima, era um dos que mais se distinguiam. A sua intelligencia plastica e comprehensiva assimillava as differentes theorias de maneira admiravel. A sua palavra espirituosa destacava aspectos novos nas questões mais abstrusas. As objecções que apresentava, as sugestões que offerecia, limitando o campo do debate, encaminhavam muitas vezes a conclusões por todos admittidas. Além disso, o seu character tão lhano, como firme, sabia affagar as susceptibilidades, e evitar choques e divergencias fataes em sociedade de tal ordem.

Essa existencia em commum durou até principios de 1875. Então uns retiraram-se da provincia; outros entraram em carreiras e occupações contradicto-

rias com a essência da Academia; outros acharam que a comédia se prolongara por demais, e lançaram para longe a máscara a que deviam a introdução no santuário. O isolamento a que Rocha Lima desde esta época se condemnou foi um sofrimento bem doloroso para sua alma sonhadora e meiga.

O círculo da família em que era tão amado não lhe bastava. Os estudos a que se entregava com avidez, cada dia maior, não podiam satisfazê-lo, e preocupações positivas chamavam-no a uma realidade torpe que feria todos os seus instintos. Possuía-o, pois, um desengano gelido, uma ataraxia devorante que escondia estoicamente, mas que por mais de uma vez irrompe em suas cartas e confidências. Julgou que o estado cessaria com a mudança para o Rio de Janeiro. Eis como se exprime em uma carta: “creio que toda a minha fé religiosa despertou para o Rio: creio em sua fé e redenção, nos seus milagres e prophcias. Pretendia fazer para ti o jornal de minhas crenças psychicas, porém, vejo ser uma inutilidade: desde tua partida só analyso uma idéa, só palpito por um sentimento, só me alimento de uma esperança, só sonho com um ideal !”

Emfim o anno passado conseguiu realizar o seu ardente desejo e aqui chegou a 2 de fevereiro. Os que já o conheciam de longa data notaram-lhe grandes melhoras. O espirito se tornara mais severo, o ideal se tornara coerente, as exuberancias primitivas desapareceram, e o seu plano de vida imperava sempre e mais forte. As sympathias mentaes se tinham alargado, quebrando ou pelo menos modificando o velho molde

positivista. Continuava a admirar o genio de Comte, porém indagava si Spencer não representaria melhor as tendencias decimo-nonistas. Achava admiravel a classificação hierarchica das sciencias, porém a de Spencer, sem lhe parecer menos perfeita, figurava-se-lhe talvez menos automorphica. Repugnava-lhe admitir a lei dos tres estados, porque além de ser uma generalização empirica, nem se applica a todas as sociedades, nem a todos os phenomenos de uma sociedade. Suspeitava que o pensador britannico, vindo depois da revolução operada na biologia pelo darwinismo, na psychologia pela theoria da associação, poderia elevar um monumento mais consideravel que a philosophia positiva. Emfim, o que sobre tudo o fascinava era essa concepção synthetica do Universo, que reduz todas as realidades a órgãos de uma função immensa — a Evolução, — órgãos que apenas se distinguem pelo maior ou menor grau de heterogeneidade, pela maior ou menor proporção em que são definitos ou indefinitos.

Já escolhera os estudos a que pretendia consagrar a vida, — a historia de Jesus e a revolução franceza. Com que eloquencia e enthusiasmo me falava do tribuno lyrico de Nazareth e dos idealistas tragicos do seculo XVIII !

Emquanto aqui demorou, Rocha Lima estudou a sociedade fluminense com ardor e sympathia, que nem perturbaram o seu juizo, nem exageraram a sua admiração. Ao contrario: do que observou tirou uma conclusão: a emancipação das provincias; seu sonho era fundar o *partido provincial*, tendo por programma ci-

mentar a união entre os patricios, imprimir antes de tudo a boa fé e o respeito mutuo, conseguir que as batalhas fossem leaes, e nem os vencedores abusassem da victoria, nem os vencidos procurassem nos corredores, atraz de reposteiros, o que só a soberania da nação pode outorgar.

Para a realização deste prospecto nem um passo foi talvez dado. A *secca* é um vortice onde é impossivel fazer sobrenadar o que quer que seja.

Diversas circumstancias, entre as quaes um presentimento que perennemente o constringia, obrigaram Rocha Lima a voltar para o Ceará, dois mezes depois de aqui ter chegado. Infelizmente encontrou realizado o que tanto temia: a morte de sua tia, daquella que o considerava como o mais caro dos filhos e a quem elle amava tanto como á sua mãe. Dizer as sensações provocadas pelo acontecimento nem elle mesmo o poderia, elle que confessava “ter perdido o sentimento de successão” Os seus effeitos foram aliena-lo cada vez mais da sociedade em que vivia, ou antes a que assistia; prende-lo ainda mais á familia que hoje lamenta a perda da mais preciosa de suas esperanças e o mais puro de seus desvanecimentos; concentra-lo na Bibliotheca de que era o encarregado, onde passara os primeiros annos da adolescencia e onde padeceu os ultimos dias de sua vida.

Em março deste anno, soffrendo de beri-beri, procurou allivio nas serranias da Aratanha. Voltando em julho parecia-lhe conjurada a tormenta, porém em

poucos dias o mal voltou mais intenso, e a 28, quando ia para Maranguape, apagou-se a mais fulgurante estrella do Ceará.

As obras de Rocha Lima, a que estas paginas servem de introdução, só de modo incompleto dizem o que era o seu autor. A sua illustração excepcional, a sua phantasia encantadora, seu estilo scintillante, seu espirito luminoso não poderam assumir forma definitiva. A sua obra genuina, aquella pela qual merece um logar de honra nos fastos nacionaes, é a moderna geração do Ceará, forte, corajosa, viril, que com sua morte soffre uma perda irreparavel. A esta só pode comparar-se a daquelles que, acostumados a com elle amar e combater, viam em sua amisade o mais vivido dos consolos, em sua approvação o mais efficaz dos estimulos, em suas palavras o reflexo do mais puro dos corações.

A estes, —agora que as trevas espessas que se chamam tumulo, para sempre empanaram a estrella mais rutila do céu de seus scismares—, só resta evocar a sua memoria, seguir os seus exemplos, recordar os seus conselhos, repartir o seu nome sagrado, e nunca, nunca esquece-lo.



NECROLOGIO DE FRANCISCO ADOLPHO DE
VARNHAGEN, VISCONDE DE
PORTO-SEGURO



Publicado no *Jornal do Commercio*, de 16 e 20 de Dezembro de 1878,
e reproduzido em *Appendo á Historia Geral do Brasil*, de Varnhagen,
tomo 1.º, ps. 502/508, 4.ª ed.

NECROLOGIO DE FRANCISCO ADOLPHO DE
VARNHAGEN, VISCONDE DE
PORTO-SEGURO

I

A Patria traja de luto pela morte de seu historiadór, — morte irreparavel, pois que a constancia, o fervor e o desinteresse que o caracterizavam, difficilmente se hão de vêr reunidos no mesmo individuo; morte imprevista, porque a energia com que acabára a reimpressão de sua *Historia*, o vigor com que continuava novas empresas, a confiança com que architectava novos planos, embebeciam numa doce esperanza de que só mais tarde nos seria roubado, depois de por algum tempo gosar do descanso a que lhe dava direito meio seculo de estudos e trabalhos nunca interrompidos.

Filho da nobre Provincia de São Paulo, illuminava-lhe a frente a flamma sombria de Anhanguera. O desconhecido attraía-o. Os problemas não solvidos o apaixonavam. Códices corroídos pelo tempo; livros que jaziam esquecidos ou extraviados; archivos marcados com o sello da confusão, tudo viu, tudo examinou. Pelo terreno fugidio das duvidas e das incertezas caminhava bravo e sereno, destemido bandeirante á busca de mina de ouro da verdade.

Muito moço, tivera de acompanhar o pai a Portugal e no exilio, ao halito perfumoso da saudade, infiltrára-se-lhe um patriotismo profundo e casto. A Patria apparecia-lhe suave e virginal, envolta em um nimbo vago e puro, como a memoria de um ente ama-

do, que não tornámos a vêr, e pelos campos em que brincára, pelas matas, a cuja sombra se acolhera, pelos céos, sob cuja cupola abrira os olhos á luz da existencia, eram as suas mais ternas e mais cordiaes aspirações.

A essas aspirações veiu dar nova força a campanha que fez sob as ordens do Duque de Bragança, o heróe legendario que a seus olhos de fervido realista symbolizava a alma da Patria. O estudo das sciencias phisicas, que então cursava, não conseguiu concentrar em si o pensamento que, inquieto, almejava por outros objectos. Persistente, como já então nos apparece, dominado pelo respeito do que considerava dever, poude levar a termo o tirocinio academico; porem, no cultivo das sciencias, não era o esmero das observações, a belleza do methodo e das experiencias, a força e o alcance das theorias e generalizações, que lhe despertavam o interesse ou incitavam a actividade; era a applicação que de seus conhecimentos podia fazer á Patria, o dia que projectava sobre as coisas nacionaes.

Um livro existia, vasto como uma encyclopedia, interessante como um romance, fertil como um punhado de verdades, roteiro, chorographia, historia natural, chronica. Longo tempo inédito, fôra afinal publicado pela Academia das Sciencias, porém mutilado, anonymo, inçado de erros, eivado de incorrecções.

Varnhagen determinou as posições geographicas, identificou as especies biologicas, corrigiu os erros dos copistas e do escriptor, provou a autenticidade do escripto de modo irrefragavel, ao mesmo tempo que descobriu o nome do autor — Gabriel Soares de Sousa.

Grande parte das *Reflexões criticas* sobre o livro deste — o primeiro trabalho que imprimiu — perderam a actualidade em consequencia de novos estudos posteriores, em que ninguem entrou com capital maior que o delle. Quando foram publicadas produziram o effeito de uma revelação, abriram um mundo novo ás investigações de todos aquelles que se occupavam de nossos annaes.

Essa obra e a que de collaboração escreveu sobre a *Chorographia Caboverdiana* mostram-no indeciso, fluctuando entre as sciencias positivas e a historia. A' historia pertencem todas as outras publicações suas; a contar do *Diario da Navegação* de Martim Affonso, preito rendido a São Paulo, na pessoa do povoador e primeiro donatario da capitania.

Depois, embarca para o Brasil, e durante o tempo que aqui demora, communica ao Instituto o fogo que o abrazava. Percorre a Provincia do seu nascimento, mas não é só o sentimentalismo que lhe guia os passos na peregrinação: é a sina do futuro historiador que investiga os cartorios, compulsa as bibliothecas dos mosteiros, examina os padrões das outras éras, colhe glossarios e tradições, e nas localidades commenta e verifica os dizeres de Taques e Frei Gaspar da Madre de Deus.

Voltando a Portugal, nomeado addido á nossa legação, não arrefece um só instante. Na *Revista do Instituto* pullulam as memorias que envia, como os documentos que offerece, e quasi não ha sessão em que seu nome não appareça. De frente com essas occupações, que satisfariam outros menos ambiciosos, ou fa-

tigariam outros menos diligentes, leva os encargos de editor: reimprime o *Caramuru* e o *Uruguai*, e publica a até então desconhecida *Narrativa* de Fernão Cardim, o provincial jovial, bonachão e *viveur*, tão familiar aos leitores das *Minas de Prata* de José de Alencar.

Aos tempos que passou em Lisboa ou aos que de perto se seguem, prendem-se duas obras importantes: o *Florilegio da Poesia Brasileira*, com um esboço de Historia literaria, onde têm ido beber — muitas vezes sem confessa-lo — todos os que se têm occupado com o assumpto, e a edição do *Roteiro do Brasil*, de Gabriel Soares, um dos seus maiores e melhores titulos á gratidão do porvir

Em Madrid, para onde mais tarde foi removido, possue-o o mesmo espirito febril, e a idéa, que se tornára fixa, da historia patria. Em Simancas, como em Sevilha, na Bibliotheca Columbiana, como na do Escorial, collige a messe opulenta que ninguem ainda teve tão completa, e, quando enfim saiu á luz a sua *Historia*, podia gabar-se de que um só factó não existia que não tivesse pessoalmente examinado, ao passo que os factos materiaes por elle descobertos, ou rectificados, igualavam, si não excediam, aos que todos os seus predecessores tinham adduzido.

Exgotada a primeira edição da *Historia*, com uma rapidez de que entre nós ha poucos exemplos, não se dá pressa em reimprimi-la; enfeixa novos dados, visita as provincias; explora todos os logares historicos, sobe o rio da Prata, tendo á mão o roteiro de Pero Lo-

pes; imprime ou reimprime manuscriptos raros ou curiosos.

Do Paraguai traz as obras de Montoya, hoje tão accessiveis e uteis graças a elle e a Platzmann. No Chile discute os diarios de Colombo e procura fixar a posição da verdadeira Guanahani. No Perú, em Venezuela, em Cuba, como em São Petersburgo, Stockholm e Rio de Janeiro, em todos os logares que habita, ou atravessa, levado pelos deveres de diplomata ou capricho de *touriste*, principalmente em Vienna, onde ultimamente residia, deixa traços fulgurantes de sua passagem em paginas inspiradas pelo amor do futuro da Patria e dominados pela preocupação constante de seu passado.

Si a historia do Brasil occupa as suas faculdades, não as occupa exclusivamente: aqui publica o *Livro das Trovas e Cantares*, o *Cancioneiro do Conde de Barcellos*, o *Cancioneiro da Vaticana*, que tanto concorreram para o conhecimento da poesia portugueza antiga. Ali edita as obras de Vespucci, escreve-lhe a biographia, commenta-o, defende-o, sustenta os seus direitos á descoberta do Continente que guarda seu nome. Além vulgariza a obra de Garcia da Orta, rara tanto como preciosa, ou a carta de Colombo, escripta ao voltar da primeira viagem. Hoje bate-se com D'Avezac, Major e Netscher; mais tarde disserta sobre as novelas e livros de cavallaria portugueza, e affirma a origem turania dos povos americanos. Por fim entrega-se aos trabalhos de pura fantasia: na *Lenda de Sumé* celebra a tradição encontrada pelos primeiros exploradores de um

homem que ensinara aos indigenas a agricultura e os rudimentos de civilização que possuíam; no drama de *Amador Bueno* mostra-nos a literatura nacional como a compreende, e introduz-nos na sociedade dos tempos coloniaes.

Sempre e sempre perseguia-o a idéa da historia patria. Emquanto não publicava a nova edição, ou antes a refusão e remodelo da obra, escreveu um dos mais nobres capitulos, a *Historia das Lutas Hollandezas*, em cuja confecção empregou documentos abundantissimos, descobertos nos exames a que procedeu nos archivos de Amsterdam e Haya.

Depois de constantes revisões que lhe levaram mais de vinte annos, publicou de novo a *Historia Geral do Brasil*, e, para tornar o preço menos elevado, cede ao editor a propriedade da edição sem retribuição alguma. Como corôa de seus cabellos brancos, sonha uma terceira edição para que desde então começou a preparar-se, e prometteu-nos a *Historia da Independencia*, infelizmente destinada talvez a não vêr a luz.⁽¹⁾ Em seguida abandona a posição commoda e brilhante de nosso ministro em Vienna, para, nos confins de nossos sertões, procurar um logar pela posição defensavel, pela situação central, pelas condições hygienicas, proprio a servir de capital a esta Patria, que tanto amava e que não mais devia vêr. Emquanto demorou nesta cidade examinou os pamphletos, jornaes e memorias contemporaneos do primeiro reinado que ia agora historiar; publica na *Revista do Instituto* o texto mais completo

(1) Publicada na *Revista do Inst. Historico*, 79, parte 1.^a (1916).

e fiel que possuímos da carta encantadora de Vaz de Caminha. De passagem por Porto-Seguro, reconhece as localidades que viu Cabral na sua viagem afortunada. Apenas chega a Vienna, envia-nos o folheto rectificando um erro que deixára escapar quando confundiu em um dois botânicos brasileiros.

Pouco antes de morrer, quando a enfermidade mortal o obrigava a guardar o leito, escrevendo a um amigo, o Dr. Ramiz Galvão, muito digno director da Bibliotheca Nacional, quasi nem allude ás dores que o conservam prostrado e impotente: sobre questões de historia patria, sobre pontos obscuros que deseja esclarecidos, sobre manuscriptos, cuja existencia deseja conhecer, é que rola toda a carta.

Nobre e tocante vida votada ao trabalho e ao dever! Grande exemplo a seguir e a venerar!



II

Descoberto este Continente, aquelles mesmos que tinham chamado a Colombo visionario foram os primeiros a achar facillima a empresa e a gabar-se de poder executa-la. Depois que Varnhagen publicou sua *Historia*, e apresentou a massa cyclopica de materiaes que accumulára, muitos se julgaram aptos a erguer um monumento mais consideravel, e atiraram-lhe censuras e diatribes que profundamente nos pungiram. Tambem elle tinha muitos pontos vulneraveis. Era dos homens inteiriços, que não apoiam sem quebrar, não tocam sem ferir, e matam moscas a pedradas, como o urso do fabulista. Em muitos pontos em que sua opinião não era necessaria, elle a expunha complacientemente, com tanto maior complacencia quanto mais se afastava da opinião commum. Suas reflexões ás vezes provocam um movimento de impaciencia que obriga a voltar a pagina ou a fechar o volume. Muitos assumptos sem importancia, ou de importancia secundaria, só o occupam por serem descobertas suas. A polemica com João Lisbôa, em que tinha talvez razão, porém em que teve a habilidade de pôr todo o odioso de seu lado, converteu em inimigos seus os numerosos admiradores do grande maranhense. Homem de estudo e meditação, desconhecia ou desdenhava muitas das tyrannias que se impõem com o nome

de conveniencias. Sensível ao vituperio como ao louvor, se respirava com delicias a atmospherã em que este lhe era queimado, retribuia aquelle com expressões nada menos que moderadas.

Essas feições são as que geralmente se associam no espirito do leitor brasileiro ao nome do Visconde de Porto-Seguro. Ninguem procura sob as apparencias rudes o homem verdadeiro — o trabalhador possante, o explorador infatigavel, o mergulhador que muitas vezes surgia exaustão e ensanguentado, trazendo nas mãos perolas e coraes. Parece que nos domina a fatalidade de perceber os objectos sob os aspectos mais desfavoraveis; uma idyosincrasia tinge tudo de negro ou amarello: cedemos a uma predisposição pessimista, nihilista, anarchica, talvez bebida com as aguas, ou inspirada com as nossas brisas, talvez herdada dos Tupis que, segregados por lutas intestinas e rivalidades perpetuamente renascentes, não conseguiram fundar um estabelecimento analogo ao que se encontrou no Mexico e no Perú.

Entrtanto, é difficil exagerar os serviços prestados pelo Visconde de Porto-Seguro á historia nacional, assim como os esforços que fez para elevar-lhe o typo. Não se limitou a dar o rol dos reis, governadores, capitães-móres e generaes; a lista das batalhas, a chronica das questiunculas e intrigas que referviam no periodo colonial. Attendeu sem duvida a estes aspectos, a uns porque dão meio util e empirico de grupar os acontecimentos, a outros, porque rememoram datas que são doces ao orgulho nacional, ou melhor esclarecem as molas que actuam sob differentes acções. Fez mais.

As explorações do territorio, a cruzada cruenta contra os Tupis, o augmento da população, os começos da industria, as descobertas das minas, as obras e associações literarias, as communições com outras nações, assumem logar importante em sua obra.

A sua opinião sobre os Tupis tem encontrado geral desfavor: julga que a compressão exercida sobre elles era mais que necessaria, era indispensavel, e aos seus olhos as *bandeiras* que os Paulistas levaram até ás missões jesuiticas eram a solução mais natural que se podia imaginar. Sem querer defende-lo, póde-se em todo caso chamar a attenção para circumstancias attenuantes. Elle não collocou o debate no terreno abstracto e absoluto da justiça, porém no da conveniencia e da utilidade. Na tragedia que se desenrolava nas veigas platinas, ou nos campos amazonicos, não via a braços a liberdade e a escravidão, porém, jesuitas que queriam isolar os caboclos para converte-los em instrumento de manejos politicos, e patriotas que queriam incorpora-los á civilização transformada em forças vivas do progresso. Quem comparar o estado de São Paulo com a calma podre daquelle cemiterio de um povo que se chama Paraguai; quem não esquecer que nesses dois logares funcionaram o systema que elle defende e o que combate, hesitará certamente antes de condemnar o historiador. Além disso, o exagero a que depois levou uma idéa justificavel, si não justa, a principio não existia: brotou de contradicções veementes e polemicas irritantes. Accresce emfim que espirito introspectante, natureza subjectiva, determinada antes por impulsos intimos que influencias extrinsecas,

Varnhagen não primava pelo espirito comprehensivo e sympathico, que, imbuindo o historiador dos sentimentos e situações que atravessa — o torna contemporaneo e confidente dos homens e acontecimentos.

A falta de espirito plastico e sympathico — eis o maior defeito do Visconde de Porto-Seguro. A Historia do Brasil não se lhe afigurava um todo solidario e coerente. Os prodromos da nossa emancipação politica, os ensaios de affirmação nacional que por vezes percorriam as fibras populares, encontram-no severo e até prevenido. Para elle, — a Conjuração mineira é uma cabeçada e um conluio; a Conjuração bahiana de João de Deus, um cataclysmo de que rende graças á Providencia por nos ter livrado; a Revolução pernambucana de 1817, uma grande calamidade, um crime em que só tomaram parte homens de intelligencia estreita, ou de character pouco elevado. Sem D. Pedro a independencia seria illegal, illegitima, subversiva, digna da forca ou do fusil. Juiz de Tiradentes e Gonzaga, elle não teria hesitado em assignar a mesma sentença que o desembargador Diniz e seus collegas.

Mesmo assim a obra de Varnhagen se impõe ao nosso respeito e exige a nossa gratidão, e mostra um grande progresso na maneira de conceber a historia patria. Já não é a concepção de Gandavo e Gabriel Soares, em que o Brasil é considerado simples appendice de Portugal, e a historia um meio de chamar a emigração, e pedir a attenção do governo para o estado pouco defensavel do paiz, sujeito a insultos de inimigos, contra os quaes se reclama protecção. Não é a concepção dos chronistas ecclesiasticos, que vêem sim-

plesmente uma provincia, onde a respectiva Congregação prestou serviços, que procuram realçar. Não é a de Rocha Pitta, atormentado pelo prurido de fazer estilo, imitar Tito Livio e achar no solo americano scenas que relembrem as que passaram na Europa. Não é a de Southey, atormentado ao contrario pela impaciencia de fugir ás sociedades do Velho Mundo, visitar paizes pouco conhecidos, saciar a sêde de aspectos originaes e perspectivas pittorescas, a que cedem todos os poetas transatlanticos, desde os autores de *Atala* e do *Corsario* até os das *Orientaes* e *Clara Gazul*. Não. Varnhagen attende sómente ao Brasil, e no correr de sua obra procurou sempre e muitas vezes conseguiu collocar-se sob o verdadeiro ponto de vista nacional.

E' pena que ignorasse ou desdenhasse o corpo de doutrinas creadoras que nos ultimos annos se constituiram em sciencia sob o nome de sociologia. Sem esse facho luminoso, elle não podia vêr o modo por que se elabora a vida social. Sem elle as relações que ligam os momentos successivos da vida de um povo não podiam desenhar-se em seu espirito de modo a esclarecer as differentes feições e factores reciprocamente. Elle poderia excavar documentos, demonstrar-lhes a autenticidade, solver enigmas, desvendar misterios, nada deixar que fazer a seus successores no terreno dos factos: comprehender, porém, taes factos em suas origens, em sua ligação com factos mais amplos e radicaes de que dimanam; generalizar as acções e formular-lhes

theoria; representa-las como consequencias e demonstração de duas ou tres leis basilares, não consegui, nem consegui-lo-ia.

Fa-lo-á alguém? Esperemos que sim. Esperemos que alguém, iniciado no movimento do pensar contemporaneo, conhecedor dos methodos novos e dos instrumentos poderosos que a sciencia põe á disposição de seus adeptos, eleve o edificio, cujos elementos reuniu o Visconde de Porto-Seguro.

Signaes de renascimento nos estudos historicos já se podem perceber. Publicações periodicas vulgarizam velhos escriptos curiosos, ou memorias interessantes esclarecem pontos obscuros. Muitas Provincias compõem as respectivas historias. Periodos particulares, como a Revolução de 1817, a Conjuração Mineira, a Independencia, o Primeiro Reinado, a Regencia, são tratados em interessantes monographias. Por toda parte pullulam materiaes e operarios; não tardará talvez o architecto.

Que venha, e escreva uma historia da nossa Patria digna do seculo de Comte e Herbert Spencer. Inspirado pela theoria da evolução, mostre a unidade que ata os tres seculos que vivemos. Guiado pela lei do *consensus*, mostre-nos o *rationale* de nossa civilização, aponte-nos a interdependencia organica dos phenomenos, e esclareça uns pelos outros. Arranque das entranhas do passado o segredo angustioso do presente, e liberte-nos do empirismo crasso em que tripudiamos. Mas, ah! bem pouco digno serás de tua missão, oh! no-

bre pensador, si não sentires a gratidão inundar-te o peito, si não sentires o respeito e a veneração dominarem-te a alma, si não ajoelhares fervoroso e recolhido ante o tumulto de um grande combatente, que jamais abandonou o campo — Francisco Adolpho de Varnhagen, Visconde de Porto-Seguro.



CAMÕES DE PERFIL



CAMÕES DE PERFIL

I

De quantas theorias se têm apresentado para explicar a historia portugueza, nem uma parece mais satisfatoria do que a do sr. Oliveira Martins.

Segundo elle, o caracteristico de Portugal é ser uma nação moral, trazida, não pelas fatalidades mesologicas e affinidades ethnicas, mas por circumstancias extrinsecas.

Um acto fortuito desligou-o do organismo espanhol; o fraccionamento da Peninsula; as riquezas adquiridas nas conquistas e descobertas; a lingua; a cooperação secular; considerações e conveniencias politicas de outras nações foram que lhe asseguraram a existencia.

Este modo de ver é apenas a generalização de uma idéa familiar aos leitores de Comte e Buckle — a distincção entre o character politico e o character social, entre o que surge artificialmente e o que medra espontaneamente, entre o que é apenas funccional, e o que, além de funccional, é organico.

Em vez de examinar as objecções oppostas á theoria, acceitemo-la, e vejamos si ella nos offerece uma explicação dos phenomenos que no correr do tempo apresenta a sociedade portugueza.

Desde que a nação é artificial, segue-se que o centro de governo precisa de grande força para conservar unidos elementos que não possuem muita affinidade. Os foraes hão de ser abolidos; os privilegios locais hão de desaparecer; as côrtes irão pouco a pouco perdendo o prestigio até se annullarem totalmente; a centralização tenderá sempre a progredir, e o absolutismo, o mais completo, ha de fatalmente impôr-se.

E' facto que com os governos absolutos, a um tempo como causa e como effeito, coexiste o espirito militar. Por isso em quasi todas as páginas da historia portugueza encontramos listas de batalhas.

A principio o espirito militar teve applicação no territorio que hoje constitúe o reino; mas, depois que a conquista do Algarve satisfez o *desideratum* por um lado, e o mallogro dos esforços tentados contra a Galiza o supprimiu por outro, era desnecessidade seguir outro rumo.

As nações vizinhas eram senão mais poderosas, ao menos tanto como o reino: luta com ellas fôra arriscada, senão improficua. O instincto aconselhava evita-la.

Ao mesmo tempo, a situação maritima, a proximidade de inimigos mais fracos na Africa, o odio votado secularmente aos adeptos da lei de Mafoma o impelliam nessa direcção.

Sucedeu então o que vemos sempre na historia: um facto que começa obscuramente, envolto em outro, assume depois influxo preponderante. Assim a ma-

rinha, primeiro simples dependencia da milicia, toma depois surto espantoso e dá aquelles resultados esplendidos que vêm de D. Henrique a D. Manuel.

A vida maritima dos portuguezes, as navegações, descobertas, conquistas e colonias, actuaram de modo consideravel sobre a sua industria. Os generos que traziam eram já manufacturados ou materia prima. Os primeiros provindos principalmente da Asia, dispensando novas manipulações, em nada impulsionavam a producção patria. Os segundos tambem não concorriam para este resultado, porque, com o systema economico reinante, em que a balança do commercio, além de axioma, era um *criterium*, mais facilmente se venderiam por manufacturar, que manufacturados.

Accresce que, sob o regime militar, trabalho e trabalhadores não são prezados e assim, a indolencia popular não encontrava estimulos. Emfim, tendo população pouco densa, que nem dava bastantes consumidores, nem mesmo bastantes productores, não possuindo grandes capitaes para emprega-los em empresas que exigem prévia e extensa accumulção, o paiz estava privado dos requisitos indispensaveis ao industrialismo.

A mesma depressão assignalada no governo e na industria se encontra na sciencia.

As sciencias naturaes gozaram do desdem que confundia os seus votarios com alchimistas e hervanarios, e nem as exigencias industriaes nem as necessidades praticas serviam de paradeiro ao sentimento colectivo.

Nas sciencias moraes e sociaes, a idolatria votada ao rei, o predominio do espirito catholico, tolhiam os

passos desde o principio, ou só os permittiam na senda orthodoxa. Por isso, tudo quanto Portugal produz em tal ramo são obras de politica, em que se faz a apothese do absolutismo, e livros de theologia, simples variações sobre conclusões e premissas vindas de fóra.

Peado pelo fetichismo da realeza, comprimido pela acção das crenças e instituições religiosas, destituido quasi totalmente da industria e da solidez, e da segurança que ella dá, póde deduzir-se qual será o character do povo.

O subjectivismo se ha de desenvolver, desejos hão de tomar o logar da resolução, a indolencia radicar-se-á mais e mais; a fraqueza medrará aos saltos em terreno tão accommodado ao seu vegetar rasteiro, a energia virá por lampejos, antes teima que persistencia; em vez de tender á originalidade, é á maleabilidade que levarão todas as causas reunidas.

Essas feições mais se manifestaram depois da usurpação espanhola, quando os portuguezes começaram a sentir que sua existencia, como nação independente, era uma conveniencia e concessão das grandes potencias.

Em religião, o espectáculo não é differente. O espirito genuinamente religioso, fundado nas lendas, articulado nas localidades, revestido nos ritos particulares, rapidamente se atrophiou. Em seu logar abrolharam o formalismo, o predomínio do culto externo, a paixão por procissões e sumptuosidades, o odio aos judeus e mouros, a inquisição, o jesuitismo e a casuistica.

Um movimento modificador claramente se não podia dar em Portugal. Ahi nunca se poderia implantar

a reforma. Si fosse implantada, seria viciada radicalmente, e consequencias fecundas não poderiam surgir della. Só a casuistica encontrava meio favoravel, por acarretar abdicação da consciencia, depôr a vida em mãos alheias, prescrever a seriedade meditativa, e converter o fôro intimo em suffraganeo de uma autoridade externa.

Si a lei do *consensus* é verdadeira, o determinismo que produziu no governo o cesarismo; na industria, a falta de producção consideravel; na moral, a indolencia scismadora e a maleabilidade consequente; na religião, o predominio do culto externo; o mesmo determinismo, ha de produzir effeitos congeneres na litteratura.

E' facto incontestavel. Em taes condições só uma fórmula de arte é constitucional: o lirismo, o canto do eu, a divinização esteril da personalidade. Qualquer outra fórmula só póde nascer de enxerto, porque exige tradições e sentimentos collectivos que não existiam, ou que levavam vida obscura e inferior. Portanto, desde que os portuguezes quizerem empregar outras manifestações litterarias, hão de recorrer a povos e litteraturas estrangeiras, — á Grecia, á Roma, á Italia, á Espanha, etc.

Ora, este facto limita a litteratura em seu principio e em sua acção.

Limita-a em sua acção porque, não sendo feita de elementos indigenas, o povo não a compreenderá, não contribuirá para ella, não receberá della influencia.

Limita-a no principio, porque o autor ha de procurar adaptar-se a um meio estranho, e, quanto mais

consegui-lo, tanto mais se distanciará do meio natural. Assim, tornar-se-á cada vez mais fundo o vallo que o separa de seu publico. A imitação mais ou menos servil ha de se impôr; mas a imitação será uma causa de applauso. Depois virão as allusões, as alegorias, os conceitos requintados, os *tours de force*, e a literatura se tornará esoterica.

II

Camões não escapou a esta contingencia, mas é preciso reconhecer que lhe obedecem mais no principio que no fim da sua carreira.

E' assim que nos primeiros annos o encontramos traduzindo os *Triumphos de Petrarca* e juntando-lhes commentarios. Si deixarmos de lado a traducção, cujo principal valor é mostrar como o poeta se amestrou no endecasyllabo solenne, que depois cultivou sempre de preferencia á redondilha popular, si a deixarmos de parte para estudar o trabalho de commentador, veremos que ahi seu principal objecto é explicar alegorias, esclarecer allusões, mostrar conhecimentos de historia, fazer um como glossario de mythologia.

Nas Eglogas escriptas em differentes periodos, porém moldadas todas por um typo que desde os primeiros annos se fixou no espirito do poeta, os costumes pastoris ou piscatorios não passam de méras decorações. Os personagens suspiram, analysam-se, deixam-se enlevar aqui de platonismo requintado, além de sensualismo pagão como o próprio autor, ou Sannazarro, Garcilasso de la Vega, Petrarca e Virgilio, que tem sempre á vista, que muitas vezes imita, e outras apenas paraphraseia.

O seu primeiro *Auto dos Amphitryões*, muito pro-

vavelmente escripto quando o autor ainda cursava a universidade, é ainda inspirado pela mythologia, e pela literatura grega e latina.

Dahi é tambem tirado o *Auto do Rei Seleuco*, a respeito de cuja historia vem uma extensa nota nos commentarios aos *Triumphos*. A mythologia não figura nelle, é certo; mas a influencia da antiguidade resumbra de todas as partes.

Si esta influencia se acha reduzida no *Auto de Filodemo*, é porque foi escripto annos mais tarde, na India, para festejar Francisco Barreto. Em troca o petrarchismo é evidente; o espirito que aqui domina é identico ao das *Eglogas*. Póde-se até considerar a peça como uma egloga mais desenvolvida e complicada.

Mesmo nos *Lusiadas* destacam-se os effeitos da concepção de literatura então dominante na sociedade portugueza, concepção cujos caracteristicos eram, já dissemos, a preocupação da antiguidade, o desejo de ostentar erudição, a tendencia a separar-se do commum dos leitores para falar a poucos, em linguagem mais ou menos obscura, allusiva e allegorica.

Isto explica por que o poeta começa estabelecendo a superioridade das navegações portuguezas sobre as de Ulysses, de Alexandre e de Trajano.

Isto explica por que, sempre que se refere a um feito heroico, o coteja com os antigos, pesa Egas Moniz na mesma balança que Zopyro; põe a par de Milciades, Leonidas e Horacio Cocles, um Pacheco fortissimo.

Isto explica por que, não querendo calar actos

pouco honrosos para a sua nação, vae procurar alhures attenuantes; assegura que Sancho não era tão des-honesto como Nero; desculpa Fernando com o exemplo de Pharaó, David e Hercules; oppõe Catilina, Sertorio e Coriolano aos poucos de seus compatriotas que trahiram a causa nacional.

Isto explica por que introduz a mythologia, não obstante o tom ironico ou irreverente que emprega muitas vezes, como quando diz:

e assi por derradeiro
O falso deus adora o verdadeiro;

ou

De modo que dahi si só se achára,
Outro novo Cupido se gerára;

ou

As nymphas que se estão maravilhando
De ver que, commettendo tal caminho,
Entra no reino dagua o rei do vinho;

ou ainda:

as lagrimas já correndo a pares
Lhe saltaram dos olhos, com que logo,
Se accendem as deidades dagua em fogo;

por fim, chegando a declarar que a *Ilha dos Amores* não passa de alegoria, e que os deuses só para fazer versos deleitosos servem.

A introdução da mythologia, que não consideramos uma recommendação á imitação dos contemporaneos, nem uma pecha insanavel a exemplo de criticos posteriores, foi de alguma sorte imposta a Camões pela pressão do meio. Elle que diz que as proezas dos portuguezes são tamanhas que excedem as sonhadas fabulosas; elle que no final do canto V fala com desdem na ficção de ventos soltos de odres, e poucas estancias adiante recorre ao mesmo expediente, — por seu proprio pendor nunca manejaria armas, cuja insufficiencia era o primeiro a denunciar.

Ainda ha outras feições dos *Lusiadas* que explicam a mesma concepção: a introdução de neologismos, o que tanto incommodava os puristas; a preferencia das fórmulas em *ibil*; o uso de periphrases que fazem de muitos topicos verdadeiras charadas; o emprego dos nomes gregos e latinos na geographia; a ligação da historia patria por Luso aos hellenos, por Sertorio e Viriato aos romanos; a composição do seu poema que, diz ás Tagides, apenas escreveu:

Porque de vossas aguas Phebo ordene
Que não tenham inveja ás de Hippocrene.

Mas fica dito, Camões quebrou em grande parte o jugo a que sua cerviz altiva nunca se adaptou completamente.

Concorreram muitas causas para este resultado, que fez d'elle o maior poeta de Portugal, e um dos maiores da Europa.

A sua educação foi muito vasta e abraçou campos variados. Não se entregou sómente á leitura dos poetas; não pensou que a ultima palavra estava nos commentadores; não se deleitou apenas nos escriptos dos humanistas. Estudou tambem as sciencias, principalmente a geographia e a astronomia; pôz-se em relação directa com os objectos e viu, como Hamlet, as coisas que rompiam do quadro de uma philosophia mutiladora.

Demais, muitos dos phenomenos que viu eram novos; nem uma fórmula se fixára ainda para os exprimir, e o poeta foi obrigado a arranca-la do manancial do seu espirito.

Assistiu a tempestades, tomou parte em combates, soffreu perseguições e saturou-se de desgostos. Nas prisões, nos naufragios, nos desterros teve de comparar a crueza da realidade com o que lera e aprendera nos poetas, e viu que não passava tudo de copias desbotadas, e de adumbramentos imperfeitos.

Esteve em contacto com o povo; sentiu palpitar o seu coração possante; aprendeu suas tradições nessas noites de acampamento; nas longas veladas das travessias que descreve com tanto vigor no VI canto:

Vencidos vêm do somno e mal despertos,
Bocejando a miudo se encostavam
Pelas antenas, todos mal cobertos
Contra os agudos ares, que assopravam;
Os olhos contra o seu querer abertos,
Mas esfregando, os membros estiravam:
Remedios contra o somno buscar querem,
Historias contam, casos mil referem.

Emfim, si não primava pela invenção, como havemos de ver, Camões por ninguém se deixava inspirar na execução. Podia tomar um motivo qualquer a outro poeta; mas as variações, os rendilhados, os arabescos, sua imaginação era muito vivaz, muito colorida e intensa para aceita-los de quem quer que fosse.

III

Vê-se isto nas suas *Rimas*.

O poeta começa inteiramente dominado pelo petrarchismo. Faz profissões de um platonismo que sem tão bellos versos acabaria por impacientar. Compraz-se em cavar hiato insuperavel entre si e o objecto de sua paixão. Proclama-se escravo. Vai falando em seus olhos e diz: meus, não: vossos, porque o que existe em mim que vos não pertença? Declara que a contemplação perenne, o muito imaginar, transformam o amador na coisa amada. Condemna o appetite. Protesta que seus desejos estão satisfeitos, porque dentro de si tem a parte desejada. Embrenha-se pela metaphysica da sensibilidade. Compara o desejo, que é infinito como o espirito, á satisfação que é contingente como o corpo. Jura que, trazendo a satisfação a morte do desejo, prefere viver descontente e lancinado, com aquella estrella scintillante illuminando-lhe as profundezas da alma, a vê-la apagar-se ao contacto viscoso da saciedade.

A concepção petrarchista nunca o abandonou de todo. Não obstante os sarcasmos de Duriano no *Auto de Filodemo*, o poeta em parte obedeceu-lhe toda a sua vida, ou quasi. Em uma das cartas escriptas da India, fala com desdem das mulheres, que não entendem o amor a Petrarca e Boscão. A sublime canção X (ou

XI, conforme as edições), escripta annos depois de ter deixado a patria, deve ao espirito do amante de Laura sons pungentes e vibração indefinivel.

Entretanto, póde vêr-se na Lirica as transformações por que passou. Foi petrarchista puro quando desejava amor e não o sentia, quando os namoros e galantarias eram a sua principal occupação e lançava-se para a primeira mulher que antevia, não só porque esta era consequencia da theoria que abraçava, como, applicuemos-lhe o que disse de Ephyre:

Como por ir ouvindo o doce canto
As namoradas maguas que dizia.

O poeta descreve esta situação em differentes logares das suas obras.

Sem conhecer amor viver soía
Seu arco e seus enganos desprezando,
Quando vivendo delles me mantinha.
Um amor enganoso que fingia,
Mil vontades alheias enganando
Me fazia zombar de quem o tinha.

Em um dos sonetos, elle repete a confissão:

No tempo que de amor viver soía
Nem sempre andava ao remo ferrolhado;
Antes agora livre, agora atado,
Em varias flammias variamente ardia.
Que ardesse num só fogo não queria
O céu, porque tivesse exp'rimtado
Que nem mudar as cousas ao cuidado

Mudança na ventura me faria.
E se algum pouco tempo andava isento
Foi como quem co'o peso descansou
P'ra tornar a cansar com mais alento.

A estas condições compreende-se que o convencionalismo petrarchista se adaptava perfeitamente. As damas da côrte estavam affeitas a elle. O poeta encontrava ahi um molde em que o seu estro se accommodava. Quando a emoção verdadeira veio, elle descreve assim:

Está o lascivo e doce passarinho
Com o biquinho as pennas ordenando,
O verso sem medida, alegre e brando,
Despedindo no rustico caminho.

O cruel caçador que do caminho
Se vem calado e manso desviando,
Com prompta vista a setta endireitando,
Lhe dá no estigio lago eterno ninho.

Dest'arte o coração que livre andava
(Posto que já de longe destinado)
Onde menos temia foi ferido.

Porque o frecheiro cego me esperava,
Para que me tomasse descuidado
Em vossos claros olhos escondido.

E o poeta sentiu dentro em si:

Um não sei que, que nasce não sei donde,
Vem não sei como, e dóe não sei por que,

vendo

Um mover de olhos, brando e piedoso
Sem vêr de que; um riso brando e honesto
Quasi forçado; um doce e humilde gesto
De qualquer alegria duvidoso;

Um despejo quieto e vergonhoso;
Um repouso gravissimo e modesto;
Uma pura bondade, manifesto
Indicio d'alma, limpo e gracioso;

Um encolhido ousar, uma brandura;
Um medo sem ter culpa; um ar sereno;
Um longo e obediente soffrimento.

Esta foi a celeste formosura
Da minha Circe, e o magico veneno
Que poude transformar meu pensamento.

Quando recebeu as emoções cambiantes que rapidamente se succediam no seu eu:

Coitado! que a um tempo choro e rio;
Espero e temo; quero e aborreço;
Juntamente me alegre e me entristeço;
Confio de uma cousa e desconfio;

Vôo sem asas; estou cego e guio,
Alcanço menos no que mais mereço;
Então falo melhor quando emmudeço
Sem ter contradição sempre porfio;

Possibil se me faz todo o impossibil;
Intento com mudar-me estar-me quêdo;
Usar de liberdade e ser captivo;

Querer visto ser, ser invisibil;
 Ver-me desenredado, amando o enredo;
 Taes os extremos são com que hoje vivo;

a concepção petrarchista modificou-se ao influxo do sentimento forte e do sopro masculino que a embatiam:

a não poder uma vontade
 Tão pura e tão a medo offercida
 Mover-vos do meu mal á piedade;

Não quero mais viver, não quero vida:
 Melhor me será morte que treme e arde;
 Chorar e suspirar seja o meu gosto.

Não queiram os meus fados que me guarde
 De sentir nova dôr, novo tormento
 Que sinto muito mais senti-lo tarde.

Quizera dés que tive entendimento
 Por vêr se com firmeza vos movia,
 Não ter em outra cousa o pensamento,

Em vós cuidar á noite, em vós, o dia;
 Por vós, sentir prazer, por vós, tristeza,
 Sem vós, ter para mim que não vivia.

A canção XVII mostra o poeta no extremo de desprendimento da influencia.

Não ha quem, lendo esta canção, não se recorde dos sonetos de Shakespeare. A identidade de sentimentos é completa. Mesmo na fórma e nas imagens a semelhança é extraordinaria, como facilmente se poderia mostrar.

Sabe-se qual foi o desenlace desta paixão, em que os elementos reaes se acham ligados aos elementos phantasticos de modo indissoluel. A morte fechou os olhos da amada, quando o poeta se achava ausente. Quem não conhece de cór o soneto provocado pela catastrophe?

Alma minha gentil, que te partiste,
Tão cedo desta vida descontente,
Repousa lá no céu eternamente
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento ethereo, onde subiste,
Memoria desta vida se consente,
Não te esqueças daquelle amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que póde merecer-te
Alguma cousa a dôr que me ficou
Da magua, sem remedio, de perder-te;

Roga a Deus, que teus annos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te
Quão cedo de meus olhos te levou.

O poeta chorou-a por muito tempo, porém,

nessa Babylonia onde mana
Materia a quanto mal o mundo cria;
donde puro amor não tem valia
Que a mãe que manda mais tudo porfia.

Elle tambem sacrificou á Venus, e procurou o que Alvares de Azevedo resumiria em uma palavra hor-

rivel de blasphemias suffocadas, de tormentos obscuros e martyrios intimos — esquecimento.

Nas estancias omitidas na edição de 1572, e depois publicadas por Faria e Sousa, o poeta, que se idealizára em Leonardo, di-lo claramente :

Fortuna que no mundo póde tanto
Me deitou longe já da patria minha;
O tão longo tempo vivi, quanto
Bastou para perder um bem que tinha.
Livre vivia então, mas não me espanto
Senão que sendo livre não sustinha
Deixar de ser captivo, que o cuidado,
Sem porque, tive sempre namorado.

No mesmo trecho o poeta exclama, pelos labios de Leonardo :

Outros farão grandissimas memorias
De feitos, de batalhas conquistadas;
Eu as farei se fôr no mundo ouvido,
De só como de uns olhos fui vencido.

As suas poesias liricas — sonetos, canções, rondilhas, eglogas, — são esta historia.

Uma historia pungente e contristante.



IV

Aproveitemos o esboço que o poeta de si traça em Leonardo para delinear seu character.

Nos primeiros annos, fôra galanteador e namorado; o amor lhe dera não um desgosto, porém muitos. Mais tarde, de todas as suas virtualidades se apossára uma paixão sincera e genuina, cujo desenlace tragico o esfumou de sentimentalismo fugidio, que nunca desapareceu inteiramente. Mas o poeta não ancorou no passado; afogou no goso dos sentidos, nas ligações passageiras e faceis, a recordação do perfil virgineo que entrevira.

Era uma natureza descuidosa, ardente, explosiva, ávida de prazeres, percutida por emoções fortes, hoje, tomando parte nos combates e soffrendo todas as privações dos acampamentos, amanhã, procurando recobrar em um dia a abstinencia de mezes.

A sua philosophia era a do *carpe diem*, e estava, neste ponto, perfeitamente de accordo com a do Renascimento.

Prende-se a esta época, primeiro, pelo seu naturalismo.

Amava a natureza; deixou de differentes aspectos descripções fieis; mostrou em muitas partes observação acurada; traçou quadros em que a emoção é real. Mas ao mesmo tempo a emoção é ondeante e vaga, an-

tes indicada no contorno, que seguida nas linhas rectas e curvas que a definem.

Isto succede, porque a natureza é para elle um prolongamento, uma projecção de seu espirito, que se amolda a todos os seus cambiantes, scintillando ao sol as moitas viridentes, as fontes murmurosas, os rebanhos que retouçam, e os passaros que saltitam, quando a disposição vigente é de alegria, de crença ou de esperança; inçada de rochedos, árida, muda, madrasta, má, quando o desanimo, o desespero afogam e estortegam.

A' época do Renascimento o poeta se prende tambem pela cultura, pela adoração da antiguidade, pela admiração que vota á literatura grega e romana. Mas separa-se della em reconhecer que o mundo antigo é inferior ao mundo moderno.

Uma feição mais importante o separa ainda da Renascença. Na Italia em que, scenario, monumentos, localidades, tudo fala do polytheismo, o movimento devia ser essencialmente pagão. Na Espanha, onde são outras as reminiscencias e divergem as correntes historicas, não podia se-lo tão facilmente, Camões foi christão.

E' preciso definir o seu christianismo. Não resultava de convicção intrinseca, haurida na certeza de que a religião de Jesus respondia a todos os problemas. Embora escrevesse bastantes versos religiosos, é provavel que nelle não pesasse muito tal circumstancia. Um soneto, assás conhecido e citado, mostra que o poeta admittia o christianismo antes como suppressão de enigmas, que como sua solução. Demais, sabe-se que se sentia attrahido pelo fatalismo.

O seu christianismo não era, pois, dogmatico; era ethnologico e militante. A religião afigurava-se-lhe um elemento de nacionalidade, uma separação dos mahometanos, que elle, na historia da sua patria, em Ceuta, na India, em todos os passos de seu viver cheio de accidentes, encontrava como inimigos hereditarios e inconciliaveis da sua nação.

Dahi vem um carácter elevado dos *Lusíadas*, que lhe dá physionomia geral e européa. O poema é a consagração da superioridade da Europa sobre todas as outras partes do mundo, como é o testemunho da superioridade da Espanha sobre todas as outras nações da Europa, como é o pregão da superioridade de Portugal sobre todas as partes da Espanha.

A Espanha, diz, é a cabeça, mas é
quasi cume da cabeça
Da Europa todo o reino lusitano.

Por isso, ao mesmo tempo que aproveita as occasiões para exalçar a Peninsula, o poeta não cala a intervenção e auxilio dado pelas outras potencias. Faz mais: do concurso dado no cerco de Lisboa, na tomada de Silves; da invasão dos mouros, que levou a formosissima Maria aos paços do pai; desse concurso dado no passado, o poeta arranca motivos para exhortar á união os christãos desparzidos como os dentes de Cadmo, para incitá-los á nova cruzada que imponha o dominio catholico, isto é, europeu e civilizado, pois taes palavras são para elle synonymas.

O seu catholicismo era militante e a fibra militar era bem profunda e vigorosa no espirito do poeta. Elle

mesmo põe de nivel — “*o braço ás armas feito e a mente ás musas dada.*” Os que primeiro lhe pintaram o retrato, por uma intuição atilada da nobre personalidade, de envolta com o louro que colhera nas lides immortaes do pensamento, collocaram a armadura, que tantas vezes cingira nas peripecias sangrentas das pelejas.

Este ardor militar explica differentes faces do character de Luis de Camões.

Póde referir-se a elle certa nota sanguinaria, bem perceptivel através dos *Lusiadas*. A's vezes, das paginas do livro desprega-se um rítus que sôa funebremente. Um inimigo que morre não lhe faz dó. As scenas da carnificina lhe aprazem. Espectaculos violentos, corridas de touros, torneios, causam-lhe um estremecimento de prazer.

As *Redondilhas* archivam um facto, que vem a proposito citar aqui. Um homem chamado João Coresma açoita uma mulher, e Camões. ria-se.

— Que mulher que é tão damnada
E' bom que pela Quaresma
Seja bem disciplinada.

A estes versos oppõem-se, é certo, aquellas estancias, em que refere a indignação accendida pela morte de D. Ignez de Castro; mas adiante se explicará a incoerencia, chamando a attenção para a antinomia entre o *verso humilde* e a *tuba sonora e bellicosa*, segundo suas palavras.

Ainda pelo espirito militar do poeta se explica a tendencia para a vida exterior e aventureira. “Era grande gastador, muito liberal e magnifico; não lhe

duravam os bens temporaes mais que emquanto elle não via occasião de os despender a seu bel-prazer” — assegura-nos seu contemporaneo e admirador Pedro de Mariz.

Este testemunho valioso como é, quasi poderia escusar-se. Quem vê a frequencia com que o poeta descreve reuniões, desfiladas de tropas, efeitos da luz sobre as couraças que lampejam, e sobre as armaduras, que rutilam; quem vê quantas vezes descreve jantares, quartos, vigias; quem vê como, sempre que pôde, mostra acções collectivas; agora a celeuma, adiante a tomada de traquetes, em seguida a ancoragem, o amainar, o alijamento, o trabalho das bombas; quem vê isto, comprehende immediatamente que tinha invencivel a necessidade de companhia, e que a solidão, a reflexão, eram contra a sua natureza.

E si procurarmos qual o motivo por que lhe pezava a solidão, talvez expliquem-no as imagens, tiradas aqui, das pródidas formigas, que voltam sobrecarregadas ao ninho; ali, das rãs a saltarem, de modo que atrôa o charco; além, da leôa, que, vendo roubados os filhos, corre, brama, abala os montes; adiante, do incendio, que estronda, devóra os campos, destróe as propriedades, traz a ruina e a mudança de populações inteiras. Em outros termos, a solidão pesa a seu espirito, porque o poeta gosta da agitação e do movimento.

A agitação, o movimento, era a fórmula de suas percepções. Não se encontra em todo *Os Lusíadas* um personagem calmo; quasi que se não encontra um sentado; de pé e immovel ainda menos apparece. O poeta

leva movimento e agitação a logares em que menos se esperaria. No Olympo, onde se nos afigura que deve viver a placidez, que a estatuaria estampou com o seu sello sereno, apenas Cytherea se declara pelos portuguezes, desencadeia-se tal tumulto que, para exprimi-lo, Camões recorre a Austro fero ou Boreas na espessura. No fundo do oceano, apenas Protheu manifesta intenção de falar,

.tanto o tumulto se moveu
Subito na divina companhia,
Que Thetis indignada lhe bradou:
Neptuno sabe bem o que mandou.

Si agora indagarmos donde provinha esta disposição de espirito, que não permittia ao poeta senão a percepção da vida agitada, bulhenta, fervilhante, chegamos a um facto elementar, irreductivel: em Camões dominavam as sensações opticas. Por que? O facto é elementar, e não se póde ir adiante: mas uma circumstancia existiu que, provavelmente, não foi indifferente ao resultado: a perda de um olho. Assim ferida em um de seus orgãos essenciaes, a função tendeu a se tornar mais intensa e absorvente.

Em resumo:

Por uma disposição particular, que a analyse aponta, mas que não penetra, as sensações opticas dominavam em Luis de Camões. Dahi, grande impressionabilidade á luz, á côr, á massa, ao movimento, no mundo physico; ao convivio, á agitação, ao collectivismo, á militança, no mundo moral.

Foi empregada a palavra convivio de modo que se póde confundir com a tendencia objectiva ou altruista. E' preciso, pois, dizer que Camões era muito subjectivo, um dos poetas mais subjectivos que têm apparecido.

Pode começar calmo uma narrativa; mas em breve as idéas fermentam, as palavras pullulam, apostrophes despenham-se transbordantes, e elle perde de vista o objecto, para só lembrar-se de sua emoção. O seu talento é lirico e oratorio essencialmente.

Um artista, assim constituido, possuirá o senso psychologico? Evidentemente não.

Os motivos delicados, as resoluções complexas, as hesitações dolorosas hão de lhe escapar necessariamente. Vê o fim, o total, e salta pelas parcellas, cégo, impetuoso como o touro ferido sobre a bandeira vermelha do campeador

E' por isso que em Camões os actos ou têm motivos inteiriços, ou são determinados por causas extrinsecas. Baccho oppõe-se ás navegações portuguezas pela infamia que arreceia; Venus favorece-as pelas honras que pretende; os reis de Moçambique e Calecut mostram-se infensos aos navegantes por causa de conselhos, não por um movimento espontaneo.

E' por isso ainda que se encontra certa pobreza de invenção, que leva o poeta a usar do mesmo expediente, mais de uma vez. Para desviar o Gama de Mombaça, elle recorre a sonhos; para explicar o plano de D. Manuel recorre a sonhos; para innocular odio aos portuguezes na gente de Calecut recorre a sonhos. Mercurio, para dispor os Melindanos a favor dos Lusi-

tanos, leva a Fama; para tornar as nymphas da *ilha dos Amores* (que, entre parenthesis, para mostrar quanta necessidade o poeta sente de movimento, é uma ilha fluctuante) favoraveis aos portuguezes, Venus leva — a Fama,

A deusa gigantea, temeraria,
Jactante, mentirosa e verdadeira,
Que com cem olhos vê, e por onde vôa
O que vê, com mil bocas apregôa.

E' emfim, por isso que o poeta é, si não totalmente, ao menos meio fatalista.

Como é que, sendo subjectivo, Luis de Camões escreveu uma obra que é a divinização de sua patria?

E' sempre sua natureza ardente, exuberante que o explica. Elle sentia enthusiasmo pelos feitos de sua Nação. Contemplando desvanecido o pequeno povo que, depois de irradiar pela Europa, subjuga a Asia, na Africa tem maritimos assentos,

Na quarta parte novos campos ara,
E se mais mundo houvera, lá chegára;

e, comparando-os com os romanos, viu que uma circumstancia apenas fallecia para tornar os descendentes de Viriato mais afamados que os antigos dominadores; — não terem Homeros nem Virgílios. Jurou ser o Homero e o Virgilio de sua patria.

Estudou então a historia; fez as viagens que seus heroes executaram; combateu os inimigos com quem

elles tinham arcado; passou pelos perigos e transe que soffreram; em uma palavra, reproduziu na sua vida a historia de sua nação.

Ao mesmo tempo, levava a convicção da grandeza de seu esforço: sabia que os Virgílios e Homeros produzem pios Enéas e Achilles feros, e jurou que a lisonja jamais lhe mancharia os labios.

Nunca um juramento foi tão bem cumprido. Si algum quizer esquecer as admoestações severas que faz a D. Sebastião para só lembrar-se dos encomios que lhe prodigaliza, é porque não conhece a historia portugueza. Não sabe que o poeta chama a D. Sebastião *maravilha fatal* de nossa idade, “assim, diz o contemporaneo e comentador do poeta, Manoel Corrêa, pelas grandes cousas que d'elle se esperavam, como por que foi dado a este reino por lagrimas, romarias e procissões, e quasi alcançado por importunações” Não sabe que o sebastianismo durou seculos, e ainda tem sectarios.

No seu poema, Luis de Camões representa o que tem de mais elevado a consciencia humana — a justiça. Ha feitos que elle não condemna, e que hoje não perdoariamos mais; ha sentimentos que não podemos applaudir; mas dos que elle estigmatiza, nem um ha que se possa justificar

Para dar o *veredictum*, muitas vezes teve de lutar contra seus sentimentos. Sua admiração por Affonso Henriques era vizinha do fanatismo; mas o poeta não só denuncia os maus tratos que deu á mãe, como depois chama a attenção para o castigo. O grande Affonso de Albuquerque era um dos vultos que elle mais venerava; mas o caso de Ruy Dias enche-o de uma in-

dignação que não occulta. Uma vez o poeta ia fraqueando; tratava-se de um crime de amor, para que toda a sua vida era um clamor de indulto. Ainda assim, a consciencia não cede: o amor desaparece ao aspecto da justiça inexoravel.

Quem viu um olhar seguro, um gesto brando,
Uma suave e angelica excellencia,
Que em si está sempre as almas transformando,
Que tivesse contra ella resistencia?
Desculpado por certo está Fernando
Para quem tem de amôr experiencia;
Mas antes tendo livre a phantasia
Por muitos mais culpado o julgaria.

Agora podemos voltar á discordancia moral que existe entre os *Lusiadas* e as outras obras do poeta. Nas suas *Rimas* elle cedia á impressão do momento, e questões de moralidade, de pureza e virtude não vêm a campo. Nos *Lusiadas* a tuba canora e bellicosa só retumba sentenças; só se insufla pelos mais altos e nobres motivos.

Por isso os *Lusiadas* foram um elemento de regeneração para seu autor. Sem esta idéa grandiosa, sem esta missão que se traçara, o poeta não teria mira, nem ideal. Sua vida seria igual á daquelle infeliz e miserando Bocage.

O poeta começou a obra cheio das maiores esperanças. Sobre a tela branca da ambição, a phantasia rendilhava os castellos mais atrevidos. Tinha consciencia de que seu saber havia de ser applaudido como sua experiencia havia de ser aproveitada. A imagem

de Cincinato, arrancado á charrua para ir commandar exercitos, esvoaçava-lhe talvez pelo espirito quando, falando do entendimento repousado pelas experiencias, clamava :

Este, onde tiver força o regimento,
Direito e não de affectos occupado,
Subirá (como deve) a illustre mando
Contra vontade sua e não rogando!

Depois, as esperanças esfolharam-se: sobre as efflorescencias rescendentes de odor e viço passou o vento frio da adversidade, e crestou-as. Tudo quanto imaginára viu que eram doudejos simplesmente da intelligencia. Elle que voltára tão animado á patria; elle que descrevia os seus sentimentos nestes versos tão ansiosos :

O prazer de chegar á patria cara,
A seus Penates caros e parentes,
Para contar a peregrina e rara
Navegação, os varios céus e gente;
Vir a lograr o premio que ganhára
Por tão longos trabalhos e accidentes,
Cada um tem por gôsto tão perfeito
Que o coração para elle é vaso estreito;

viu que entre Babylonia e Sião a differença era menor da que lhe antolharam a saudade devoradora e o patriotismo acrisolado.

O sentimento que então o occupa é o desdem; — desdem pelas honras que pertenciam a lisongeiros; desdem pelos ministros que falavam dos negocios, como

Formião falava de guerra; desdem pelos Ulysses que avocavam os premios de Ajax; desdem por tudo e por todos.

Então se desprende da sociedade coéva, e procura pelo espectaculo da sociedade preterita fazer que germens novos possam frutificar.

Os *Lusiadas* não são sómente a glorificação da historia portugueza, a condemnação dos contemporaneos que deixaram morrer o poeta em um pobre leito, como deixaram morrer a nação no campo de Alcacer-Kibir.

No espirito do poeta eram um roteiro — o roteiro para a regeneração dos costumes, para a transformação do governo, para a luz, para a vida, para o movimento, para novos *Lusiadas*.

DO PRINCIPIO E ORIGEM DOS INDIOS DO
BRASIL E DE SEUS COSTUMES, ADORAÇÃO
E CEREMONIAS, DE FERNÃO CARDIM



Publicado na 1.^a edição de 1881, como introdução.

INTRODUCCÃO

O pequeno tratado sobre os Indios que agora publicamos, ainda não foi impresso em portuguez. Poucas pessoas examinaram-no em Evora, onde está o manuscrito original, e estas o não julgaram, ao que parece, digno de ser posto em circulação.

Os Inglezes não pensaram do mesmo modo: desde 1625 está elle traduzido em sua lingua e faz parte da curiosa e rarissima collecção de Purchas. Foi ahi que o lemos pela primeira vez e reconhecemos seu interesse e seu valor

Desde então fizemos o projecto de passa-lo novamente para a nossa lingua, e de dá-lo á luz quando nos fosse possivel. Duas circumstancias felizes facilitaram a realização desse plano. A primeira foi encontrar copia tirada do original, que assim dava não só a essencia como a fórmula do escripto e nos livrava da traducção, isto é, da *traição*. A segunda foi a commissão que nos confiou o Dr. Ferreira de Araujo de publicar á sua custa um trabalho qualquer, que mostrasse a sua sympathia pela Exposição de Historia e Geographia do Brasil, organizada pela Bibliotheca Nacional.

Este tratado dos Indios do Brasil suscita algumas questões que fôra conveniente discutir. Passaremos, porém, por todas ellas para nos occuparmos unicamente de uma: quem é o seu autor?

O manuscrito da Bibliotheca de Evora em nada nos esclarece a este respeito, porque é anonymo. As poucas palavras com que Purchas acompanha a tra-

ducção pouco nos adiantam. Elle attribue o opusculo ao *irmão* Manuel Tristão, enfermeiro do collegio dos Jesuitas da Bahia, fundando-se na circumstancia do livro trazer no fim algumas receitas medicinaes, e ter em uma parte escrito o seu nome. Ora, esta opinião é insustentavel. O facto de um Mss. trazer um nome qualquer, sem outra declaração, provará, quando muito, que assim se chama ao dono do codice. Accresce que um *irmão* na Companhia de Jesus era sempre um rapaz que começava, e não tinha nem podia ter a madurez de espirito e os conhecimentos que aqui se revelam a cada passo, — ou homem feito que, apesar de inapto para a carreira das letras, possuia outras qualidades que poderiam ser uteis á poderosa Companhia de Jesus. Provavelmente era este o caso do enfermeiro. Quanto ás receitas por si nada provam: quando muito mostrarão que foram ensinadas pelo enfermeiro.

Estas duvidas quanto á affirmacção de Purchas sobre quem era o autor do livro — affirmacção aliás feita em termos pouco positivos, — cresceram á medida que conhecemos melhor o opusculo traduzido por elle. A cada instante encontravamos phrases e locucões familiares; a cada passo nos parecia que já tinhamos lido coisa que se assemelhava ao que estavamos lendo.

O autor de quem nos lembravamos, lendo Purchas, era Fernão Cardim. E então veio-nos ao espirito uma interrogacção: quem sabe si em vez de Manuel Tristão não será Fernão Cardim o autor deste opusculo?

Para chegar a uma soluçãõ as provas intrinsecas eram sem duvida valiosas, porém não bastavam: era preciso recorrer antes ás provas extrinsecas.

Felizmente estas não faltavam.

I. Diz Purchas que o Mss. que reproduz foi tomado em 1601 por Francis Cook a um jesuita que ia para o Brasil. Ora, exactamente neste anno, como se póde vêr na *Synopsis* de Franco, o padre Fernão Cardim, que voltava para o Brasil da viagem a Roma, foi aprisionado por corsarios inglezes e conduzido para Inglaterra.

II. Pela pagina 195 deste opusculo se vê que elle foi escripto em 1584. Ora, neste tempo estava Fernão Cardim no Brasil, onde, como se vê na *Narrativa epistolar* (ps. 285), elle chegou a 9 de Maio de 1583, em companhia do padre Christovão de Gouvêa e de Manuel Telles Barreto, que vinha por governador geral.

Estas duas coincidencias davam um fundamento solido á hypothese; mas para torna-la certa devia se recorrer ás provas intrinsecas, — á comparação dos estilos, ao cotejo das opiniões, etc. No caso presente estas provas têm valor — porque, si o opusculo aqui publicado é de 1584, a primeira parte da *Narrativa epistolar* é de 16 de Outubro de 1585. Escrevendo em dois periodos tão proximos um do outro, é natural que, si o opusculo sobre os Indios é da mesma penna que a *Narrativa epistolar*, não só haja conformidade de idéas, como tambem de fórma.

Vamos tratar destas provas, mas antes de faze-lo, é necessaria uma observação. Purchas reune sob o titulo generico de *Treatise of Brazil*, dois trabalhos que se completam e são do mesmo autor. Um é o dos Indios que agora publicamos; outro é o das arvores, pei-

xes, etc., que, embora interessantes, não quizemos incorporar a este por dois motivos: o primeiro é que na mente do autor elles eram independentes, como se prova pelo facto de no Mss. de Evora elles estarem separados; o segundo é que da segunda parte já começou a publicação o dr. Fernando Mendes na *Revista mensal* da Sociedade de Geographia.

Todavia, aqui faremos os cotejos tanto da primeira parte como da segunda, de que o dr. Fernando Mendes obsequiosamente nos communicou a copia que possue.

Em cada *oca* destas ha sempre um principal, a que tem alguma maneira de obrar... Este os exhorta a fazerem suas *ocas* e mais serviços, etc., excita-os á guerra; e lhe tem em tudo respeito; faz-lhe estas exhortações por modo de pregação, começa de madrugada deitado na rêde por espaço de meia hora, em amanhecendo se levanta, e corre toda a aldêa, continuando sua pregação, a qual faz em voz alta, mui pausada, repetindo muitas vezes as palavras.

(*Narrativa epistolar*, ps. 307.)

...pelas madrugadas ha um principal em suas *ocas*, que deitado na rêde por espaço de meia hora, lhes prega e admoesta que vão trabalhar, como fazião seus antepassados, e distribue-lhes o tempo, e depois de alevantado continua a pregação, correndo a povoação toda.

(*Indios*, ps. 166-167).

A similhaça no seguinte trecho não é menos incontestavel:

...Dentro nellas vivem logo cento ou duzentas pessoas, cada casal em seu rancho, sem repartimento nenhum, e morão d'uma parte e outra, ficando grande largura pelo meio e todos ficão como em commuidade, e entrando-se na casa se vê quanto nella está, porque estão todos á vista uns dos outros, sem repartimento nem divisão; e como a gente é muita, costumão ter fogo dia e noite, verão e inverno, porque o fogo é sua roupa e elles são mui coitados sem fogo; parece a casa um inferno ou labyrintho; uns cantão, outros chorão, outros comem, outros fazem farinha e vinhos, etc., e toda a casa arde em fogos.

(*Narrativa*, ps. 307).

Compare-se mais o seguinte:

Os pais não tem cousa que mais amem que os filhos, e quem a seus filhos faz algum bem, tem dos pais quanto quer; as mães os trazem em uns pedaços

Nesta casa mora um principal, ou mais, a que todos obedecem e são, de ordinario, parentes: e em cada lanço destes pouosa um casal com seus filhos e familia, sem haver repartimento entre uns e outros, e entrar em uma destas é ver um labyrintho, porque cada lanço tem seu fogo e suas rêdes armadas e alfaias de modo que entrando nella se vê tudo quanto tem; e casa ha que tem duzentas e mais pessoas.

(*Indios*, ps.. 169).

Amão os filhos extraordinariamente, e trazennos mettidos nuns pedaços de rêde que chamão typoia e os levão ás roças e a todo genero de servi-

de rêdes, a que chamão typoia, de ordinario os trazem ás costas ou na ilharga escarranchados, e com elles andão por onde quer que vão, com elles ás costas trabalhão por calmas, chuvas e frio; nenhum genero de castigo têm para os filhos.

(*Narrativa*, ps. 310).

Compare-se mais:

E' cousa não somente nova, mas de grande espanto, vêr o modo que têm em agasalhar os hospedes, os quaes agasalhão chorando por um modo estranho, e a cousa passa desta maneira: Entrando-lhe algum amigo, parente ou parenta pela porta, se é homem logo se vai deitar em sua rêde sem fallar palavra, as parentas tambem sem fallar o cercão, deitando-lhes os cabellos soltos, e os braços ao pescoço, lhe tocão com a mão em alguma parte do seu corpo, como joe-lho, hombro, pescoço, etc., estando deste modo, ten-

ço, ás costas, por frios e calmas, e trazem-nos como ciganos, escarranchados no quadril, e não lhes dão nenhum genero de castigo (*Indios*, ps. 170).

Entrando -lhe algum hospede pela casa, a honra e agasalho que lhe fazem é chorarem-no: entrando, pois, logo o hospede na casa, o assentão na rede, e depois de assentado, sem lhe fallarem, a mulher e filhas e mais amigas se assentão ao redor, com os cabellos baixos, tocando com a mão na mesma pessoa, e começã a chorar todas em altas vozes, com grande abundancia de lagrimas, e ali contão em prosas trovadas quantas cousas têm acontecido desde que se não virão até aquella hora, e outras

do-no meio cercado, começo de lhe fazer a festa que é a maior e de maior honra que lhe podem fazer; chorão todos com lagrimas a seus pés, correndo-lhe em fio, como se lhe morrera o marido, pai ou mãe; e juntamente dizem em trova de repente todos os trabalhos que no caminho poderia padecer tal hospede, e o que elles padecerão em sua ausencia. Acabada a festa e recebimento, limpão as lagrimas com as mãos e cabellos, ficando tão alegres e serenas como que se nunca chorarão, e depois se saudão com o seu *Ereiúpe* e comem, etc.

(*Narrativa*, ps. 308-309).

Coteje-se ainda :

Tem muitos jogos a seu modo, que fazem com muito mais alegria que os meninos portuguezes; nesses jogos arremedam varios passaros, cobras e outros animaes, etc., os jogos são mui graciosos e

muitas que imaginão e trabalhos que o hospede padeceu pelo caminho, e tudo o mais que póde provocar a lastima e choro. O hospede neste tempo não fala palavra, mas depois de chorarem por um bom espaço de tempo limpão as lagrimas e ficão tão quietas, modestas, serenas e alegres que parece nunca chorarão, e logo se saudão e dão o seu *Ereiúpe*, e lhe trazem de comer, etc.; e depois destas ceremonias contão os hospedes ao que vêm.

(*Indios*, ps. 171).

Tem seus jogos, principalmente os meninos, muito varios e graciosos, em os quaes arremedam muitos generos de passaros, e com tanta festa e ordem que não ha mais que pedir, os meninos são ale-

desenfadiços, nem ha entre elles desavença, nem queixumes, pellejas, nem se ouvem pulhas, ou nomes ruins e deshonestos.

(*Narrativa*, ps. 310).

gres e dados a folgar e folgão com muita quietação e amizade que entre elles não se ouvem nomes ruins, nem pulhas, nem chamarem nomes aos pais e mães, e raramente quando jogão se desconcertão, nem desavêm por cousa alguma, e raramente dão uns nos outros e nem pelejão.

(*Indios*, ps. 175).

Parece-nos incontestavel a identidade fundamental entre os extractos que demos da *Narrativa epistolar* de Fernão Cardim, publicada em 1847, e o tratado dos Indios que agora publicamos. Ha simplesmente duas differenças: a *Narrativa* foi dirigida a um amigo e nella o autor deixou seu estilo correr mais livremente, desenvolvendo certos pontos de preferencia, referindo-se a objectos conhecidos pelo seu leitor; no opusculo sobre os Indios elle é mais conciso. Além disso a *Narrativa* tratava dos Indios apenas como accidente da viagem, como adorno da paizagem; no *Tratado*, os Indios são o objecto principal, e assim os esclarecimentos são mais condensados e encadeados uns aos outros.

Vamos dar mais dois excerptos da segunda parte que o dr. F. Mendes começou a publicar na *Revista da Sociedade de Geographia*. Servir-nos-emos do seu Mss., porém, como ainda não está todo publicado, da-

remos as paginas pelo IV volume de Purchas, onde a primeira e a segunda parte estão impressas, como já fica dito.

O primeiro é sobre o cajú:

Comemos debaixo de um cajueiro muito fresco, carregado de acajus, que são como peros repinaldos ou camoezes, são uns amarellos, outros vermelhos, têm sua castanha no olho, que nasce primeiro que o pero, na qual procede o pero; é fructa gostosa, bom para o tempo de calma e toda se desfaz em summo, o qual põe nodoas em roupa de linho ou algodão que nunca se tira.

Das castanhas se faz maçapães e outras cousas doces, como de amendoas: as castanhas são melhores que as de Portugal, a arvore é fresca, parece-se com os castanheiros, perde a folha de todo.

(*Narrativa epistolar*, ps. 311).

Estas arvores são muito grandes, formosas, perdem a folha em seu tempo, e a flor se dá em os cachos que fazem umas pontas como dedos, e nas ditas pontas nasce uma flor vermelha de bom cheiro, e após ella nasce uma castanha, e da castanha nasce um pomo do tamanho de um repinaldo ou maçã camoneza; é fructa muito formosa, e são alguns amarellos, outros vermelhos e tudo é summo: são bons para a calma, refrescam muito e o summo põe nodoa em panno branco que se não tira senão quando se acaba. A castanha é tão boa ou melhor que a de Portugal, comem-se assadas e cruas, deitadas em agua como amendoas piladas, dellas fazem maçapães e bocados doces.

(Purchas, IV, paginas 1306).

O segundo é sobre a mangaba:

Caminhamos toda tarde por uns mangabaes que se parecem alguma cousa com maceiras de anafega, dão umas mangabas amarellas, do tamanho e feição de alborque, com muitas pintas pardas que lhe dão muita graça; não têm caroço, mas umas pevides mui brandas que também se comem, a fructa é de maravilhoso gosto, tão leve e sadia que, por mais que uma pessoa coma, não ha faltar-se, sorvem-se como sorvas, não amadurecem na arvore, mas cahindo amadurecem no chão ou pondo-as em madureiros; dão no anno duas camadas, a primeira se diz do botão e da flor, mas o mesmo botão é a fructa. Estas são as melhores, e maiores e vêm pelo Natal, a segunda camada é de flôr alva como neve, da propria maneira que a de jasmim, assim na

Destas arvores ha grande cópia, maximé na Bahia, porque nas outras partes são raras; na feição se parece com maceira de anafega e na folha com a de freixo; são arvores graciosas, e sempre têm folhas verdes. Dão duas vezes por anno, a primeira de botão, porque não deitão então flor, mas o mesmo botão é a fructa; acabada esta camada que dura dous ou tres mezes, dá outra, tornando primeiro flor a qual é toda como de jasmim, e de tão bom cheiro, mas mais esperto, a fructa é do tamanho de abricós, amarella e salpicada de algumas pintas pretas, dentro tem algumas pevides, mas tudo se come ou sorve como sorvas de Portugal; são de muito bom gosto, sadias e tão leves que por mais que comão, parece que não comem

feição, tamanho e cheiro. fructa; não amadurecem
 (*Narrativa*, ps. 312). na arvore, mas cahem no
 chão e d'ahi as apanhão
 já maduras, ou colhendo-
 as verdes as põem em
 madureiros.
 (Purchas, IV, pagi-
 nas 1307).

A esses trechos poderíamos juntar muitos outros. Poderíamos mostrar que na segunda parte do *Tratado*, o autor diz que *viajava* durante leguas e leguas de mangues, o que está de accordo com a *Narrativa epistolar*; que ainda na segunda parte do *Tratado* elle se refere a bichinhos que atacam de preferencia aos Europeus chegados de fresco, o que está de accordo com a *Narrativa*, (p. 337), onde se lê que o padre Christovão de Gouvêa ficou cheio de postemas em consequencia das mordidas de carrapatos que soffreu em Pernambuco. Não o fazemos, porque uma demonstração mais longa é dispensavel. A melhor demonstração só o leitor a pôde fazer, comparando a encantadora *Narrativa* com este opusculo, que por nossa parte não achamos menos encantador e aprazivel. Passaremos, pois, a dar conta do nosso trabalho de editor.

Desde que tomamos a responsabilidade desta publicação, entendemos de nosso dever precede-la da biographia do autor. Para este fim tomámos copiosas notas de Jarric, Vieira, Simão de Vasconcellos, Sebastião de Abreu e Franco. Infelizmente estas notas são

insufficientes, e deixam sem o minimo esclarecimento annos e annos da vida de Fernão Cardim. A' vista disto resolvemos adiar esta empresa que a antiga sympathia que lhe votamos e o muito que temos aprendido em seus livros converteram em obrigação, ao mesmo tempo indeclinavel e deliciosa.

Antes de terminar: adoptámos no volume a orthographia moderna, em parte levado pelo exemplo de Varnhagen; em parte pelas muitas irregularidades da copia, feita por pessoa de muito poucas habilitações. Juntámos algumas variantes de Purchas, algumas das quaes não deixam de ter importancia e que são preciosas, principalmente nas palavras abañeêngas, que muitas vezes reproduzem menos deturpadas.

Circumstancias que não vêm ao caso mencionar, impediram que este opusculo visse a luz no tempo da Exposição de Historia e Geographia do Brasil. Dahi não resultou inconvenientes, pois a Exposição de Historia não foi menos brilhante, nem menos assignalados foram os serviços prestados pelo *Catalogo* destinado a perpetuar a sua lembrança.

E si inconveniente houve, resarcio-o completamente o facto desta demora permittir que o presente livro fosse annotado pelo dr. Baptista Caetano de Almeida Nogueira.

Durante uma vida laboriosa, o dr. Baptista Caetano tem feito das linguas brasilicas o seu estudo predilecto. Foi elle quem primeiro nos deu uma grammatica e um dictionario da lingua abañeênga, feitos pelos processos modernos. A linguistica comparativa dará

um passo agigantado em nosso continente, si elle puder, como pretende, publicar o seu *Panlexicon*, em que trabalha vai para trinta annos.

As notas do dr. Baptista Caetano são especialmente etymologicas, porém não o são exclusivamente. Muitas vezes, levado pelo assumpto, expoz de passagem as suas idéas sobre as migrações sul-americanas e sobre as relações que ligam umas ás outras tribus.

A sua importancia é, portanto, patente.

E agora só resta dizer ao leitor o *tolle et lege* do costume; e pedir ao amigo ausente desculpa por não ter realizado a empresa que nos incumbiu de modo con-digno com o elevado sentimento que a inspirou.



SOBRE O VISCONDE DE PORTO SEGURO



Publicado na *Gazeta de Notícias*, do Rio, de 21, 22 e 23 de Novembro de 1882, e reproduzido em *Appenso á Historia Geral de Varnhagen*, tomo 3.º, pg. 435/444, 3.ª ed.

SOBRE O VISCONDE DE PORTO SEGURO

I

A proposito de, não sabemos mais qual governador do Brasil, o visconde de Porto Seguro, depois de lhe tecer muitos elogios, lança-lhe em rosto uma censura que considera grave: a de não ter feito testamento.⁽¹⁾

Desde então puzemo-nos de alcatéa para vêr que testamento faria o nosso historiador. E tivemos razão, pois o seu é um documento curioso: ordena, entre outras coisas, que a sua viuva não convole para novas nupcias, e manda que seja erigido um monumento á sua memoria.

O monumento já foi erigido, e, como esta era a unica parte de suas ultimas vontades que não estava cumprida, o eminente brasileiro póde agora descansar satisfeito no tumulo que o encerra em territorio estrangeiro.

E' uma satisfação legitima e que elle conquistou dignamente. Na sua infancia elle erguera o pensamento a uma historia de sua Patria, e realizou-o. Não ha maior felicidade do que esta, tão bem expressa pelo poeta de *Eloá*: — vêr, homem, realizada uma idéa que se concebeu adolescente.

Agora que o monumento de São João do Ipanema dá um pouco de actualidade ao visconde de Porto Se-

(1) Refere-se a Men de Sá, cujo testamento appareceu posteriormente e foi publicado na 4.^a edição da *Historia Geral*, vol. I, pgs. 445/451.

guro, aproveitemos o ensejo para sobre sua *Historia Geral* escrever algumas linhas.

D'Avezac já observou que, na realização da historia do Brasil, o visconde de Porto Seguro se cingiu ao programma traçado magistralmente pelo grande naturalista Martius.

E' uma observação esta muito justa, e que salta aos olhos de quem conhece o trabalho de Martius e o de Varnhagen. O que, porém, ainda não foi notado, é que na segunda edição o autor da *Historia Geral* enxertou nas idéas de Martius as vistas luminosas de d'Avesac, contra as quaes a principio protestára energeticamente.

Com o plano de Martius, Varnhagen atirou-se francamente ao estudo. Elle era um desses homens fortes, que as difficuldades não detêm. Um problema era uma incitação. Um manuscrito, desses que mal se pódem ler, e em que cada um dos caracteres é um enigma a decifrar, fixava-lhe, absorvia-lhe a attenção, e elle acabava desvendando o mysterio.

Ajunte-se que os archivos portuguezes ainda não haviam sido explorados. Cada dia appareciam-lhe novidades e amontoavam-se descobertas. Mesmo em outra pessoa que não tivesse grande pendor por investigações historicas, essa série de felizes achados bastaria para determina-lo.

Os achados de Varnhagen foram consideraveis, sobretudo quanto ao primeiro seculo da nossa historia. Não diremos que renovou a physionomia da época, mas descobriu bastantes elementos para quem possa e queira fazer obra definitiva.

A descoberta do *Roteiro* de Pero Lopes e a do *Livro da Náo Bretôa* esclareceram muitos pontos obscuros.

A edição de Gabriel Soares é um trabalho de summa importancia, pois Gabriel Soares é o geographo, o historiador, o ethnologista, a encyclopedia viva do nosso seculo XVI.

A publicação da *Narrativa Epistolar*, de Fernão Cardim, deu-nos a conhecer, não só uma physionomia sympathica, distincta e amavel, que tão delicadamente foi desenhada por José de Alencar nas *Minas de Prata*, como indicações e noticias que tornam mais adequadas á concepção da sociedade coéva.

A *Enformação do Brasil em 1584*, obra anonyma que Candido Mendes demonstrou pertencer a Anchieta, é uma das melhores chronicas do tempo.

As cartas avulsas de Duarte Coelho, Duarte de Lemos, Guillem, Jeronymo de Albuquerque e outros, espancaram muita treva e augmentaram o circulo de nossos conhecimentos.

Em summa, só com injustiça se poderá negar que Varnhagen é quem, de todos os que têm escripto sobre a historia do Brasil, mais fez para tornar conhecido o seculo XVI. Apenas um brasileiro lhe póde ser comparado com vantagem, mas de longe: o lamentado Candido Mendes.

Candido Mendes tambem estudou o seculo XVI, mas por fragmentos. Tomava um dos pontos que lhe parecia obscuro e cavava-o, circumvalava-o e descobria um thesouro. Dessa investigação enfusiavam fagu-

lhas que illuminavam as adjacencias; mas, repetimos, não se póde comparar, senão de longe, uma historia seguida e completa com monographias limitadas.

No seculo XVII, Varnhagen fez tambem algumas descobertas: mas não tiveram grande importancia, e a justiça manda declarar que a historia não lhe deve tanto.

O que tem de mais completo, é a historia da guerra hollandeza. Até Accioli e Fernandes Gama, todos os que trataram daquelles grandes feitos, inspiraram-se unicamente nos livros portuguezes. Southey foi o primeiro que consultou livros hollandezes. Netscher continuou na mesma senda, ou antes abriu-a novamente, pois que Southey apenas dera alguns passos. Pelo mesmo tempo um brasileiro, cujo nome deve ser sempre lembrado com respeito, pois é o do homem mais erudito que o Brasil tem dado, Joaquim Caetano da Silva, fazia nos archivos hollandezes uma colheita abundantissima.

Vindo depois de todos, Varnhagen aproveitou-se dos materiaes desinteressadamente recolhidos pelo dr. Silva, do livro de Netscher, de documentos portuguezes publicados e ineditos, — e deu-nos a historia mais completa que possuimos daquelles factos.

Ainda no seculo XVII, ha uma parte que Varnhagen estudou com cuidado e em que se lhe não deve pouco: é a historia do Estado do Maranhão. Ahi elle fez algumas descobertas importantes — *A descripção* de Heriarte, por exemplo — e teve além disso um espinho que nunca deixou de pungi-lo, — o grande João Francisco Lisboa.

No seculo XVIII, Varnhagen trabalhou muito; mas aqui a tarefa é muito mais difficil.

No seculo XVI, o Brasil está apenas no litoral, e numa distancia para o interior de dez leguas, segundo o autor dos *Dialogos das grandezas*.

No seculo XVII começa a internação; mas só em muito poucos pontos, — nas margens do Amazonas, do São Francisco, do Parahiba e do Tietê.

No seculo XVIII, subitamente, como que o Brasil é povoado de um golpe. Rio Grande do Sul, Santa Catharina, Minas Geraes, Goiaz, Cuiabá, Mato Grosso, Piauhí, por toda parte vê-se a vida, o movimento.

E não é só este esparramamento a difficuldade: é o seculo das minas, das guerras espanholas, das demarcações, da expulsão dos Jesuitas, das tentativas da independencia, de tantos factos importantes, quasi de todo desconhecidos.

E o terreno só parcialmente está explorado. Ignora-se totalmente a historia de Sergipe, de Porto Seguro e Ilhéos. Conhece-se apenas a historia dos Jesuitas do Maranhão. A guerra dos Mascates não deixa que se estude outra coisa em Pernambuco. A historia das minas jaz na escuridão. Como fazer de uma vez um trabalho que fique?

E ainda mais: Southey já escrevera parte da historia, mas sómente parte; o mais difficil, o mais importante estava intacto. Varnhagen foi a primeira pessoa que escreveu a historia do seculo XVIII. E' o mesmo que dizer que o seu trabalho deixa muito a de-sejar.

Uma justiça, porém, lhe é devida: não temos obra que lhe possa ser comparada.

A historia do seculo XIX não deve poucos serviços a Varnhagen, e muito mais lhe deveria, si tivesse publicado a *Historia da Independencia*, que na sua ultima viagem ao Brasil já havia terminado.

Onde estará este livro? virá algum dia á luz? E' um livro cheio de revelações, segundo elle affirma⁽²⁾

Em Vienna, encontrou a correspondencia diplomatica entre o principe de Metternich e o barão de Mareschal⁽³⁾, em que este dá conta de conversações particulares com Pedro I e muitas outras coisas. E' nessa correspondencia e em conversa que teve com contemporaneos do Sete de Setembro, que Varnhagen foi beber suas informações.

Ha alguns annos, quando não havia rebentado a luta entre os dois, Lisboa escrevia que a historia do Brasil, depois do livro de Varnhagen, não seria novamente escripta tão cedo.

As palavras de Timon se vão verificando: o trabalho é muito grande, as facilidades não são pequenas, e, além disso, os homens que poderiam toma-lo a si, vão desaparecendo.

Si estudarmos a corporação que entre nós representa, ou que pelo menos deve representar, os estudos historicos; si lançarmos os olhos para o Instituto Historico, veremos ahi homens distinctos, e que têm adian-

(2) Publicada na *Revista do Inst. Historico*, 79, parte 1.^a (1916).

(3) Publicada pelo dr. Jeronymo de Avellar Figueira de Mello, na *Revista citada*, 77, parte 1.^a (1914), e 80 (1916).

tado nossos conhecimentos em differentes questões; nenhum, porém, será capaz de escrever uma historia do Brasil.

O motivo é este: cada seculo exige certas qualidades especiaes em quem o estuda. O seculo XVI exige aptidões, que no seculo XVII são dispensaveis. O seculo XVIII, por seu lado, põe em jogo faculdades novas.

Ora, no Instituto Historico, todos os que se entregam ás investigações, têm aptidões para estudar principalmente a historia contemporanea, e são insensiveis á nossa historia primitiva. Até agora, apenas Candido Mendes destoou.

Varnhagen não dispunha inteiramente das qualidades necessarias para o estudo dos tres seculos, mas possuia-as até certo grau.

Só dois brasileiros poderiam escrever a historia de nossa patria melhor do que elle o fez — Joaquim Caetano da Silva, com sua perspicacia maravilhosa, com sua lucidez de espirito, com seu gosto de minucias, com seu estilo-algebra, com seu saber inverosimil; e João Francisco Lisboa, com seu modo abundante, com sua ironia acida, com sua pungencia doentia, com seu pessimismo previdente, com a intuição que fervilhava de suas paginas.

Seriam dois bellos livros, si fossem escriptos.

Não o foram: voltemos ao do visconde de Porto Seguro.



II

Um homem intelligente disse um dia que a historia não era a chronica. O conego Felippe approvou a idéa, aparou-a, dividiu-a em pedaços e distribuiu-a pör vinte e quatro de seus collegas. Desde esse tempo, a cada obra historica que apparece ouvem-se estas palavras pronunciadas em um tom entre malicioso e banal: a historia não é a chronica.

E' facil dize-lo, pelo menos é mais facil do que determinar com precisão onde começa uma e onde acaba outra, ou mostrar um livro que possua exclusivamente um destes caracteres.

A obra de Varnhagen, por exemplo, tem incontestavelmente muito de chronica, mas abunda em paginas que revelam muita perspicacia, contém observações e vistas que escapariam a qualquer intelligencia ordinaria, possui, sem contestação, tambem o caracter de historia.

Ha ali muito pensamento e muita idéa que esclarece de modo feliz factos antes percebidos de modo imperfeito. As primeiras relações entre colonos e brasis; a apreciação dos effeitos da guerra hollandeza; a determinação das causas que levaram o povo a procurar os sertões; a influencia da contiguidade das bacias do Tocantins, Parnahiba e São Francisco; outros assumptos que longo seria enumerar, apresentam nova

face depois que lhe passaram pelas mãos. Si não reconhecem isto geralmente, em parte deve attribuir-se a não ter sido a *Historia Geral* estudada com a attenção que merece, em parte á falta de aptidões artisticas em nosso historiador.

A *Historia Geral* é um dos livros mais ariscos e mais fugidios que conhecemos. Póde-se lê-lo quantas vezes se quizer, confronta-lo, medita-lo: ha sempre no livro um que, que escapa, que resiste, que não se acha quando se procura, mas que é preciso procurar para achar. Ha ali detalhes sobejos que ao mesmo tempo são deficientes, porque lhes faltam os concomitantes, que, unicos, poderiam mostra-los á verdadeira luz.

A culpa não é só de Varnhagen: é do desamor que ha pelas coisas patrias, da devastação geral dos archivos, das monographias alinhavadas precipitadamente. Houvesse o pé dos sertanistas trilhado o terreno maninho, que outra seria a circumstancia. Mas Varnhagen achou-se exactamente na situação descripta por Alexandre Herculano — teve de fazer quasi tudo, e para tanto não são as forças do individuo.

E' por isso que pensamos, como Lisboa, que a historia do Brasil não será de novo escripta tão cedo; e pensamos até mais, que ella não deve ser escripta senão daqui a muitos annos. Agora o que se precisa é de monographias conscienciosas.

Dentre a mocidade que estuda, será possivel que ninguem ambicione tornar conhecido algum ponto obscuro do passado? Ha-os em abundancia, e cada qual mais importante.

Ha a historia das sesmarias, em que ninguem se atreveu ainda a tocar Ha a historia das municipalidades, que Lisboa foi o primeiro a entrever. Ha a historia dos bandeirantes, que jaz esparsa pelos livros e pelos archivos. Ha a historia dos Jesuitas, em que apenas pouco mais se conhece do que o periodo narrado por Simão de Vasconcellos, isto é, quasi nada. Ha a historia das minas.

E si taes monographias parecerem muito complexas, não faltam mais faceis e igualmente importantes. Por que ainda não foi escripta a historia da Casa da Torre, que começa com Thomé de Sousa e atravessa por todo o tempo colonial? Por que não se escreveu ainda a historia das estradas? Por que.

Mesmo sem taes monographias, Varnhagen poderia, entretanto, apresentar obra melhor, si como fica dito acima, não lhe faltassem aptidões artisticas: isto é, si elle fosse capaz de ter uma intuição do conjunto, imprimir-lhe o sello da intenção e mostrar a convergencia das partes.

Na distribuição das materias, quasi nunca tomou como chefe de classe um acontecimento importante, mas factos muitas vezes inferiores, demissões de governadores, tratados feitos na Europa, mortes de reis, etc. Fôra injusto negar que occasionalmente elle teve razão: é sabido que, principalmente no seculo passado [XVIII] da attitude que assumiu Portugal com os seus mais poderosos vizinhos dependiam no Brasil consequencias de não somenos valor. Mas não se dava isto em todo o paiz, e o Rio Grande do Sul e a Colonia do Sacramento não constituíam o Brasil.

Sob as mãos de Varnhagen, a historia do Brasil uniformiza-se e esplandece; os relevos arrazam-se, os caracteristicos misturam-se e as côres desbotam. Vê-se uma extensão, mas plana, sempre igual, que lembra as paginas de um livro que o brochador descuidoso repete. E, todavia, mesmo as pessoas que conhecem a historia patria infinitamente menos que Varnhagen, percebem que as épocas se succedem, mas não se parecem, e muitas vezes não se continuam.

A historia do Brasil, de 1500 a 1614, offerece uma feição que lhe é propria. Ahi se tratou principalmente de occupar o litoral, não só porque os indigenas prohibiam a internação, como porque os francezes, com os seus ataques continuados, exigiam a presença dos colonos junto ao mar.

No periodo que vai de 1614 a 1700, o litoral está todo povoado, excepto uma nesga ao Sul e os terrenos ao Norte do Amazonas, então, como ainda hoje, disputados pelos francezes. Começa agora a internação, mas pelos rios. A cidade de Belém, pela sua situação, devia ser um forte centro de movimento, e, com effeito, de lá partiram estas tentativas que agora mal conhecemos e que cumularam na expedição maravilhosa de Pedro Teixeira. Estas expedições deram-se principalmente no rio das Amazonas, mas seus affluentes foram frequentados igualmente no trecho desimpedido de ca-xoeiras.

São Paulo, tendo na frente o Tietê, nas costas o Parahiba, e a um lado o Mogi-guaçú, atira-se pelas ca-xoeiras do primeiro e vai ao Paraná e ao Uruguai expulsar os Jesuitas; estende-se pelas margens do Para-

hiba, galga a serra da Mantiqueira e perlustra as Minas Geraes; e seguindo o Mogi-Guaçú, transpõe Rio Grande e vai ter a Goiaz.

No Rio de São Francisco encontram-se paulistas que descem, bahianos e sergipanos que sobem. As sua margens são rapidamente povoadas, e a criação de gado assume proporções enormes. Um dos criadores, em perseguição dos índios que lhe devastavam a propriedade, descobre casualmente o Piauí. Quasi ao mesmo tempo, Gomes Freire de Andrada manda explorar um caminho entre Maranhão e Bahia.

No periodo de 1700 a 1750 dominam as minas.

Minas Geraes, Goiaz, Cuiabá, Mato Grosso, que já haviam sido percorridos por caçadores de homens, são devassados por caçadores de ouro. Todo o interior é explorado e povoado. A agricultura é abandonada. Os escravos são importados em grandes quantidades. A anarchia toma proporções ineditas. Rompem, para não mais se extinguir, as rivalidades de raça.

Ao mesmo tempo se povôa Santa Catharina e Rio Grande do Sul. Descobre-se o caminho de Mato Grosso pelo Madeira. Desce-se o Tocantins e o Parnahiba e sobe-se o Itapicurú.

O periodo que vai de 1750 a 1808 é o da consolidação do systema colonial. As municipalidades são annulladas. A industria que tendia a desenvolver-se por si, é arrancada violentamente. Todas as capitancias são resgatadas dos donatarios. As minas declinam. Os Jesuitas são expulsos theatralmente. A capital é transferida para o Rio de Janeiro, e as lutas contra os espanhóes tornam-se endemicas. O Rio Negro é ele-

vado a capitania, como uma guarda avançada. O Madeira é empregado de preferencia ao Rio da Prata para a comunicação com Mato Grosso. As rivalidades entre colonos e reinões se accusam e dão em resultado a idéa da independencia.

O periodo seguinte que começa em 1808, é o da decomposição do systema colonial. Deu-lhe o golpe inicial D. João VI, quando declarou abertos os portos do Brasil a todas as nações do mundo. Continuou a obra D. Pedro I, proclamando a independencia. Concluíram-na a regencia com seus codigos e outras medidas radicaes e o actual Imperador com a debellação final das tentativas separatistas.

Desde 1850 começou um periodo novo, a que se poderá chamar centralizador, imperialista ou industrial.

E' o periodo que atravessamos, em que o vapor nos põe em communição prompta com a Europa e com as provincias; em que o trafego terminou e a escravidão agoniza; em que a imprensa, já representada pelo jornal, procura debalde implantar o livro; em que o jornalismo e o parlamentarismo são um derivado ás concepções meditadas e ás resoluções virís; em que ao lado de instituições que nada fazem, ha individuos que trabalham; em que de par com o fornecimento da materia prima se tenta implantar a industria que elabora; em que. em que ha muita coisa que ainda durará longo tempo e que só o historiador do futuro poderá dizer.

Esses seis periodos, parece-nos, apresentam entre si, ao lado de feições congeneres, caracteres que os separam pronunciadamente.

Estes caracteres, e outros, talvez mais importantes, porém ainda pouco conhecidos, Varnhagen não os soube distinguir. E' o defeito fundamental do seu livro.

Vejamos agora outros.



III

A arte, diz Zola, é um canto da natureza visto através de um temperamento. De um temperamento artistico, deveria accrescentar, pois Varnhagen viu tambem tudo através de um temperamento arrebatado, e entretanto não nos deu coisa que, ao menos de longe, lembre a arte.

E' preciso definir o temperamento de Varnhagen, para bem comprehender a sua *Historia Geral*.

Em uma das comedias do nosso Penna ha uma autoridade, que cansada das observações que lhe são feitas, declara abolida a constituição.

Varnhagen tambem por mais de uma vez aboliu a historia.

Vamos dar um exemplo.

A questão de Americo Vespucci havia resistido ás investigações dos mais atilados historiadores, quando Humboldt, estudando-a, chegou a um resultado que satisfez geralmente. Occupando-se por sua vez do assumpto, Varnhagen commetteu aquillo a que d'Avezac chamou espirituosamente uns solecismos historicos. Sendo advertido pelo eminente geographo francez, julga-se que elle reconheceu o seu erro? Longe disto: persistiu nelle, juntou-lhe novos, baralhou e complicou a questão de modo tal, que é preciso um grande geographo para de novo elucidar-la. Era um espirito que difficilmente admittia contradicção. Lisboa, em uma nota

que consideramos como uma de suas melhores paginas, faz-lhe observações justas e severas sobre o modo por que considerava certas questões e apreciava certos individuos. Foi o azeite na chamma; na segunda edição elle accentuou as notas, e quasi que riscou de sua *Historia Geral* o nome de Lisboa. Chegou a ponto de não fazer menção da burlesca expedição do Achuí, só porque fôra o illustre Timon quem lhe dera noticia della.

Com os seus contemporaneos, principalmente com aquelles que adquiriram alguma notoriedade nos estudos historicos, raramente foi, não diremos benevolo, mas justo. Em seu livro encontram-se certas coisas que fazem pena. Para citar o *Brasil Historico* de Mello Moraes, emprega esta abreviatura sibilina *Br. H.* Outra vez deixa adivinhar que um P. da S. que cita, é Pereira da Silva. Com Joaquim Norberto, elle ainda fez peor.

Ha um livro publicado entre nós sobre o Districto Diamantino, que reúne ao rigor da historia o encanto do romance, e que entre outro qualquer povo já contaria muitas edições. Neste livro reclama-se para Ferreira da Camara, e nega-se documentalmente a Frederico de Varnhagen, pai do historiador, a prioridade na fundição em grande do ferro. Pois Varnhagen finge que não conhece esse livro, e faz do assumpto dos diamantes, que é um dos mais curiosos da nossa historia, uma coisa pifia e que é inferior ao que qualquer calouro poderia tentar. Emfim, é possivel que Varnhagen não conhecesse o livro; mas é tão difficil.

Quando um assumpto já havia sido bem tratado por alguém do nosso seculo, Varnhagen ás vezes omit-

tia-o, ás vezes apenas esflorava-o, e isto sem ao menos mandar para o autor que o estudára mais largamente. Assim, Robert Southey trata detidamente, e com a superioridade habitual, da viagem de Manuel Felix de Lima, do Mato Grosso ao Pará; Varnhagen nem ao menos dá o nome do feliz e animoso explorador.

Com os que o precederam, Varnhagen não raro é injusto. As *Memorias do Rio de Janeiro* de monsenhor Pizarro, considera “uma obra confusa, diffusa e até ás vezes obtusa”, não se lembrando de que muitos factos, de que se aproveitou, bebeu-os ahi.

No livro de Southey elle nota “falta de nexo e cançada repetição de insonsas descripções”, e acha-o “mais do que uma historia com a competente concisão e unidade, memorias chronologicas colligidas de muitos autores e varios manuscriptos”

Estas apreciações sobre Southey são de uma injustiça flagrante. Sem duvida Varnhagen tem muitos mais factos do que Southey, que escreveu antes de Baena, Accioli, Pizarro, Lisboa, São Leopoldo, Fernandes Gama, e outros analysts, que tanto esclareceram e alargaram as noções que antes existiam. Southey, além disto, escreveu sua obra na Inglaterra, onde não podia encontrar os materiaes innumerados que Varnhagen encontrou na Torre do Tombo, na bibliotheca Eborense, e em outros logares. Mas comparar os dois livros, é impossivel.

Daqui a seculos, escrevia Southey, num assomo de justo orgulho, ao seu amigo Townshend: — meu livro se encontrará entre aquelles que não estão destinados a

morrer, e será para os brasileiros o que a obra de Herodoto é para a Europa —.

Daqui a seculos tambem a obra de Varnhagen será lida, porém por profissionaes, que a consultarão como a um dictionario de archaismos, um como *Glossario* de Santa Rosa de Viterbo: o povo só o conhecerá de tradição.

Elle não pensava assim, escusamos de acrescentar.

Por isso, a cada instante, tomava umas certas attitudes estudadas com vista aos posteros. Aqui lembra uma estatua, além uma capelinha que deve ser gothica, mais adiante outras, que quem o lêr descobrirá facilmente. Uma vez, até, faz concorrência ao Formicida Capanema, lembrando a criação de tamanduás para dar cabo das formigas.

Estas e muitas outras feições do seu temperamento o tornam geralmente antipathico. E' preciso te-lo lido não uma, porém repetidas vezes, — lê-lo só uma é o mesmo que lê-lo nenhuma —, é preciso descobrir suas qualidades por baixo de seus defeitos, familiarizar-se com suas idéas, para comprehender-lhes o alcance, ter feito parcialmente o trabalho, de que elle apresenta a summa, comparado com os que os precederam e com os que se lhe seguiram, pesar a somma de factos que incorporou definitivamente á nossa historia, para te-lo na devida consideração, não chocar-se com seus modos rudes e afogar os desgostos passageiros numa admiração calma, franca e de raizes bem profundas.

Em resumo, a *Historia Geral* de Varnhagen é inferior á *Historia do Brasil* de Southey, como fórma,

como concepção, como intuição; mas é inferior sómente a esta.

Nenhum brasileiro lhe pôde actualmente ser comparado.

Pereira da Silva escreveu apenas um periodo, mas o que ha ali de bom, deve-se especialmente a João Francisco Lisboa. Além disso é um *cicerone* tão descuidado ou tão infiel, que não merece grande fé. Silva Paranhos, que conhece as questões do Sul como ninguém, accusa-o de ter inventado uma batalha que nunca teve lugar, dando até o numero de mortos e feridos.

Abreu e Lima é um compilador, intelligente, é verdade, mas já antiquado quando appareceu sua obra, muito mais agora que sobre ella passaram mais de quarenta annos de estudos historicos.

Mello Moraes é um colleccionador. Nos cinco volumes da *Corographia*, nos quatro do *Brasil Historico*, na *Historia do Brasil Reino e Imperio*, na *Historia da Independencia*, elle publicou muita coisa importante, porém alheia. O que lhe pertence é tão pouco, que não é facil encontrar. E' possivel que na *Chronica*, agora annunciada, elle tenha mudado de systema; entretanto, mesmo si tiver mudado radicalmente, ainda dista á muito e muito de Varnhagen.

Varnhagen destaca-se do meio dos contemporaneos, com a estatura elevada, com a physionomia dura, com os olhos em que scintilla o sentimento de superioridade, empunhando a ferula do decurião.

— Mãos a bolos! Mãos a bolos! — E' preciso dar, e reconhecer nelle o mestre.

Os estudos historicos vão se adiantando. O Catalogo da Exposição de Historia é uma contribuição enorme; os trabalhos de Baptista Caetano assentam os estudos linguisticos num terreno scientifico; Barbosa Rodrigues, José Verissimo e Serra, tentam penetrar a alma do indigena e arrancar o segredo de sua organização; Hartt lança, antes de morrer, as bases da Archeologia brasileira; Rodrigues Peixoto, ajudado por Lacerda, funda a Anthropologia; Macedo Soares e Sylvio Romero desfibraram na raça actual a origem dos factores ainda desconhecidos; Araripe Junior investiga as origens de nossa literatura; Silva Paranhos procura esclarecer aquelle labyrintho intrincadissimo do Rio da Prata; Augusto da Costa e Pereira da Costa aprofundam a historia de Pernambuco; Franklin Tavora tenta renovar a historia da Revolução de 1817; Assis Brasil e Ramiro Barcellos celebram a Revolução rio-grandense; Alcides Lima revela a Historia do Rio Grande do Sul; Henrique Leal archiva ciosamente as glorias do Maranhão; Teixeira de Mello atira-se ás questões internacionaes; Valle Cabral funda a Bibliographia patria e desvenda os annaes da imprensa; Alencar Araripe prepara a Historia do Ceará e das revoluções regenciaes; Severiano da Fonseca embrenha-se pelo Mato-Grosso; Moreira de Azevedo esgrima-se com a Sabinada; Paulino Fonseca apura a Chronica das Alagoas; Ladislau Netto prepara o Catalogo da exposição

anthropologica; Felix Ferreira, João Brigido, Porto-Alegre e outros muitos, trazem sua pedra para o monumento.

Quando todos estes trabalhos estiverem terminados; quando outros muitos se lhes tiverem reunidos; quando um espirito superior insuflar a vida e o movimento na massa informe, Varnhagen descerá do seu pedestal.

Mas até então elle será o mestre, o guia, o senhor.



“ NOTAS SOBRE A PARAHIBA ”
POR
IRINEU JOFFILY



Prologo ás "*Notas sobre a Parahíba*" de *I. Joffily*, datado de
8 de Agosto de 1892.

PROLOGO

O Dr. Irineu Joffily nasceu a 15 de Dezembro de 1843, em territorio da antiga freguezia de Campina-Grande. E' descendente pela linha paterna dos primeiros povoadores dos sertões da Paraiba, os Oliveiras Ledos. Na povoação de Pocinhos, da mesma freguezia, onde passou sua infancia, aprendeu as primeiras letras. Em principio de 1856 foi cursar as aulas do collegio de Cajazeiras, que já era então o primeiro estabelecimento de ensino da provincia. Ali pouco tempo se demorou: a approximação do *cholera-morbus*, que do litoral, em marcha devastadora seguia para o centro, obrigou-o a refugiar-se no sertão dos Inhamuns (Ceará), onde se conservou até o mez de Dezembro de 1856, quando voltou para a Paraiba, não encontrando mais seu pai, o tenente-coronel José Luis Pereira da Costa, uma das primeiras victimas do flagello.

Em 1857 seguiu para o Recife, onde estudou todos os preparatorios exigidos para matricula na Faculdade de Direito, vindo a conseguir o titulo de bacharel em 1866. Voltando para a sua provincia, serviu no anno seguinte o cargo de promotor publico nas comarcas de São João do Cariri e de Campina-Grande. Neste anno levou a effeito segunda viagem pelo interior, atravessando a Parahiba e o Rio-Grande do Norte até Fortaleza, capital do Ceará. Em 1868 foi nomeado juiz municipal de Campina-Grande e concluido o seu quadriennio, abriu escriptorio de advogado, tomando ao

mesmo tempo parte activa na politica. Em diversas legislaturas dahi por diante foi eleito membro da Assembléa Provincial, e deputado geral em 1889, no ultimo ministerio da monarchia. Em 1888 havia fundado a *Gazeta do Sertão*, periodico que exerceu grande influencia no interior da Parahiba, e do qual foi constantemente director até Maio do anno passado, quando foram violentadas as suas officinas pela força publica. A *Gazeta do Sertão*, sendo então o unico jornal que fazia opposição ao governador do Estado, foi a este que a opinião publica deu maior responsabilidade por tão brutal ataque, assim como por outros vexames e perseguições que soffreu o Dr. Joffily; pelo que, julgando-se sem garantias veiu refugiar-se na Capital Federal.

Pessoas que sabiam quanto elle era conhecedor da geographia de seu Estado natal, lembraram-lhe aqui que, aproveitando o ocio forçado que a politica local lhe fizera, escrevesse, embora succintamente, o que aprendera nas viagens, ouvira de pessôas competentes, ou apanhara em livros, que esclarecesse e augmentasse o pouco que até então era conhecido sobre a Parahiba.

Embora não tivesse aqui apontamentos, prestou-se a faze-lo sem falsa modestia como sem pretensões, e em Setembro do anno passado saiu o primeiro artigo da serie no *Jornal do Commercio*. Outros lhe succederam rapidamente, e foram tão favoravelmente recebidos pelo publico fluminense que, á instancia de amigos e apreciadores, se resolveu o autor a reuni-los em volume que agora sai á luz.

Deve dizer-se que na Parahiba a impressão foi differente. O *Jornal do Commercio*, annunciando a publicação do trabalho, disse sem a menor malícia que aquelle Estado ainda não tinha historia escripta, que Varnhagen, o mais instructivo e completo dos nossos historiadores, poucas paginas, si não poucas linhas, lhe consagrara, que quanto á geographia nos achavamos hoje tão adiantados como em 1817, quando Ayres do Casal publicou a sua basilar *Chorographia Brasilica*. Estas palavras não foram bem aceitas nas terras parahibanas. Um cidadão de Campina Grande protestou que o Estado não precisava do Dr. Irineu para torna-lo conhecido. O Dr. Maximiliano Lopes Machado escreveu a proposito uma serie de artigos em que não aceita uma proposição emittida, não reconhece um só ponto esclarecido, não perdoa uma só observação aventureira, por mais innocente. Um trecho destes artigos, de que vimos quatorze no *Estado da Parahiba*, bastará para que se veja o tom em que são escriptos. Disse o Dr. Joffily que as cartas de Candido Mendes e de Homem de Mello representam muito diversa do que é a configuração da Parahiba. “O Dr. Irineu fala por sua conta,— escreve o Dr. Machado—conta o que viu por impressões recebidas em logares que visitou como *touriste*; não cita uma autoridade, o nome de um profissional que descobrisse as grandes curvas das extensas linhas de divisão de Sul ao Norte. As impressões não dão autoridade a factos e por mais que nos mereça o Dr. Irineu, não levará a mal si lhe dissermos que aquelles dois respei-

taveis nomes estão muito alto, no dominio das sciencias para serem sacrificados á vaidade de quem ainda não começa a penetrar nelle.”

Compreende-se bem que quem escreve estas linhas não tem que intervir nesta discussão, mesmo porque o Dr. Maximiliano Machado sem o querer fez o maior elogio das paginas que vão seguir. Effectivamente encontram-se aqui impressões de *touriste*, coisas vistas, notações directas. Havia antes alguma coisa que satisfizesse a taes exigencias? Não havia, com certeza, e nisto consiste o valor principal das *Notas sobre a Parahiba*, que occuparam um logar ainda vasio, isto não só quanto á parte geographica, tambem quanto á parte historica.

Geographia, disse um dos seus maiores mestres, o genial Oscar Preschel, digno rival de Humboldt e Ritter, quer dizer medição; medição não existe nestas *Notas*. Geographia moderna e scientifica, a que ensinam e escrevem um Albrecht Penckt ou um Alex. Supan, não existe aqui, nem se póde ainda escrever no Brasil, si não para algum ponto de São Paulo, Rio ou Minas, mas ha informações abundantes e fidedignas para a descripção dos centros populosos, para o aspecto geral, os costumes, as occupações, a distribuição dos habitantes. E tambem quanto á historia, não é menos valiosa a contribuição agora offerecida, e será este o nosso manancial, emquanto o illustrado critico não nos der a sua *Historia da Parahiba*, trabalho consideravel em que trabalha ha alguns annos.

Não visam estas linhas a fazer um estudo a respeito das *Notas sobre a Parahiba*; entretanto, seja permitido referir-me a certos pontos.

O autor insiste, e com razão, sobre uma parte do interior ter sido povoada desde a primeira metade do seculo XVII, só mais tarde pondo-se em contacto com o litoral. Commum a Pernambuco, Rio-Grande do Norte, Ceará e Piauí, este facto ainda não foi tomado na devida consideração em nossa historia, e entretanto é um dos mais interessantes de toda ella. Foi effeito da ausencia de rios navegaveis entre o São Francisco e Parnahiba, da contravertencia dos afluentes do São Francisco com os do Parnahiba, Jaguaribe e Piranhas, da disposição particular do chapadão do Parnahiba, da natureza do terreno quasi exclusivamente proprio para a criação do gado, esta mercadoria que se transporta. E a colonização de tão vasta zona foi obra principalmente de gente da Bahia, especialmente da opulenta casa da Torre, cuja historia, escripta á luz dos documentos, tão instructiva poderia ser. Este movimento colonizador do sertão chegou ao maior auge em fins do seculo XVII, quando finalmente foi aberto o caminho por terra entre a Bahia e o Maranhão, que até então, reduzidos a communições por mar, ficavam segregados durante quasi metade do anno, em consequencia do systema particular dos ventos, que domina na costa NE. do Brasil.

As notas sobre os boqueirões são igualmente instructivas. Já Ayres do Casal e Monsenhor Pizarro se haviam referido a elles, mas sem entrar em minudencias que agora temos. E' este um estudo que ha de con-

tribuir muito para esclarecer a nossa ethnographia, nos pontos que se relacionam com as migrações das antigas tribus. Os tres boqueirões do Norte de Goiaz — Duro, Taguatinga e São Domingos, — explicam-nos ainda hoje a direcção de suas estradas, o grupamento de seus povoados, e com certeza, quando melhor conhecermos as tribus que ali existiram ou existem, ver-se-á que um delles foi ponto de passagens obrigadas. Do mesmo modo o povoamento de parte de São Paulo e de Minas só se tornará intelligivel a quem tiver presente ao espirito que na Mantiqueira ha logares inacessiveis, e tambem outros em que a passagem como que se impõe. Um facto pertencente á historia da Parahiba agora fica melhor comprehendido com o que conhecemos de boqueirões.

Sabe-se que os Indios que falavam a lingua geral pertenciam a duas levas principaes: a dos Tupiniquins e a dos Tupinambás. Tinham ambas diversos nomes locais, que para a Parahiba são Tabajaras, pertencente á tribu dos Tupiniquins, tambem chamados Tupinaés (Tabajara quer dizer inimigo, era o nome que os Tupinambás davam a seus adversarios consanguineos) e Potiguares (pertencentes á tribu dos Tnpinambás, chamados Tamoios, Tamuias, isto é, inimigos, pelos Tupiniquins de São Vicente). Piragibe, chefe tupiniquim, morava nas margens do São Francisco, informa-nos Frei Vicente do Salvador; mas desavindo-se com os Portuguezes por causas que o venerando frade relata, ausentou-se do São Francisco e foi para a Parahiba, onde foi tão infenso ao principio e tão util depois aos

colonizadores portuguezes. Como teria elle passado do sertão de Pernambuco para o da Parahiba? Quasi pôde affirmar-se com certeza que seguindo o Moxotó, transpondo o boqueirão de Carnoió, descendo então para as aguas do Parahiba, até chegar ao theatro da guerra.

Outro ponto ainda que merece reparo é o que diz respeito aos Cariris. Julgo que o escriptor mais antigo que trata dos Indios Cariris pelo seu nome é o delicioso Fernão Cardim no *Tratado dos Indios do Brasil*, escripto em 1584, publicado pela primeira vez em inglez no anno de 1625, exactamente o mesmo em que fallecia este illustre jesuita, — que foi o mestre do padre Antonio Vieira, — e depois em portuguez, nesta cidade, em 1881. Muitas noticias sobre os Cariris contêm no seculo XVII os escriptos de Elias Herckman e Roulox Baro, e deviam conter os de Jacob Rabbi, que com elles conviveu, e que só conhecemos por um extracto de Marcgrav. Por cerca de 1650, o jesuita João de Barros aldeiou alguns que ficavam mais proximos da Bahia; carmelitas francezes aldeiaram outros no São Francisco e na Parahiba, e depois outros foram sendo aldeiados alhures.

Temos um catecismo e uma grammatica *kiriris*, do padre Mamiani; a relação da missão de frei Martin de Nantes, uma das paginas mais interessantes escriptas por missionarios, obra que se tornou rarissima (Dufossé annunciou-a ha poucos annos por 600 francos), mas felizmente reimpressa modernamente; temos ainda um catecismo cariri devido a frei Bernardo de Nantes.

Quando, em 1867, Martius lançou em suas *Beitraege* os primeiros alicerces da ethnographia brasilica,

não podia esquecer os Cariris e de facto não os esqueceu. Determina com bastante exactidão sua zona, desde o rio São Francisco até o Curú ou Acaracú, no Ceará, descreve seu aspecto geral, as differentes aldeias que foram reduzidas, aponta sua procedencia do Norte. O que elle fez está bem feito, e os documentos que posteriormente foram divulgados, muito poucas modificações lhe trazem; elle enganou-se quando dá os Cariris embrenhados em serras e só indo ao litoral como que forçados, asserção que não é exacta, como veremos adiante; nega que elles usassem de massa nas guerras, quando a verdade é que elles a usavam, como depõe Elias Herckman, que os conversou compridamente.

Na classificação a que sujeitou as tribus do Brasil, Martius collocou os Cariris no grupo Guck ou Coco, denominação que escolheu porque a esta fórma se reduz a designação de tio em um certo numero de linguas, e tio era um dos mais importantes membros da familia precolombiana. Contra esta classificação protestou o saudoso Baptista Caetano, no prologo á reimpressão da grammatica kiriri de Mamiani feita pela Bibliotheca Nacional, e mais tarde, em 1886, derrocou-a definitivamente o illustre Dr. Carlos von den Steinen, que por uma série de descobertas capitaes na bacia do Xingú gravou bem fundo o seu nome na ethnologia do Brasil.

Descobrimdo o bacaeri, lingua do grupo Caraiba, que se conserva pura entre o alto Tapajós e o Xingú, provou peremptoriamente que os Carahibas nada tinham de commum com os Tupis, como pensaram D'Or-

bigny, Martius e Baptista Caetano, e ao mesmo tempo formulou novas bases para classificação mais rigorosa. Por outro lado o estudo de dialectos do Amazonas, tendo ficado mais simples, graças a esta descoberta, reconheceu outro grupo, a que deu o nome de Nu-Aruack, denominação tirada do pronome pessoal da primeira pessoa — Nu, tão característica daquellas linguas, e sobre o qual já na era de 50 o inglez Latham chamou attenção, e do nome da nação Aruak (aruakis ou aruã), a primeira das tribus deste tronco com que os Europeus entraram em contacto.

A constituição do grupo Nu-Aruak dissolveu o grupo Guck ou Coco de Martius, e ergueu-se, portanto, a questão dos Cariris. O illustre explorador confessa que não a resolveu. "Nem uma tribu me deu mais trabalho que a dos Kiriris-Sabujas. Apresentam um enigma altamente singular, que entretanto não consegui resolver. Os Kiriris tinham se espalhado da Bahia para o Norte por grande parte do sertão; com os Sabujas, seus proximos parentes, foram convertidos no meiado do seculo XVII. Que os Kiriris emigraram do territorio de N. O. parece resultar dos caracteristicos ethnologicos que Martius reuniu; distinguam-se dos povos vizinhos pela agricultura desenvolvida, tinham os tecidos, a ceramica dos indios do Amazonas. E a lingua? Relação cognata com os outros Guck não se dá; o velho Hervas chama a attenção para certas semelhanças com a lingua dos Moxos, Baptista Caetano julga ter demonstrado um parentesco com os Tupis; algumas coincidencias com os Massacaras e Camecans são

incontestaveis; não sei a qual destas possibilidades me acoste e não conheço melhor. Algumas palavras de cultura precisamente coincidem com os Tupis da costa oriental, — o grupo das palavras decisivas parece-me em geral indicar o tupi, mas em todo caso inclina antes aos dialectos do Ucaiale e do alto Amazonas.” (*Durch Central-Brasilien*, Leipzig, 1886, p. 301-302).

Depois que escrevei estas linhas, nada publicou o illustre professor da universidade de Marburg que adiantasse o estado da questão. Em um nutrido estudo publicado o anno passado nas *Petermann's Mittheilungen* pelo Dr. Paulo Ehrenreich, diz este illustrado ethnographo, membro da segunda expedição exploradora do Xingú, que os Cariris ainda continuam sem classificação. Documentos já conhecidos de Martius, combinados com outros que elle não conheceu, si não esclarecem o grupo a que pertencem os Cariris, ministram ao menos algumas informações que poderão ser de algum proveito.

Vinham da parte do Norte os Cariris: temos o testemunho seguro do catecismo de Bernardo de Nantes, que diz claramente: “não acrediteis que viestes de uma lagoa do Norte”, — tradição que o Dr. Carlos von den Steinen parece descobriu tambem entre os Parecis de Mato-Grosso.

Dividiam-se em dois grupos principais: Dzabucua e Kippea, aquelles habitantes do rio São Francisco e dahi por diante até o Ceará, talvez até o litoral de Piauí, si, como parece provavel, pertenciam a elles os Tremembés, de que tanto nos falam as chronicas do

Maranhão; estes habitantes da Bahia: os primeiros vulgarmente chamados Cariris, os segundos Kiriris.

Occupavam o litoral da Bahia antes que a elle chegassem os Tupiniquins. Já o saudoso Baptista Caetano parece ter vislumbrado isto, porque, explicando a palavra *Quirimure*, — nome da bahia de Todos os Santos antes do descobrimento, — dá como interpretação possível pousio dos Kirey. E que esta explicação é a verdadeira comprova-se com o testemunho de Gabriel Soares de Sousa. Diz este que a Bahia era primeiramente povoada por Tapuias, quando chegaram os Tupiniquins que os repelliram para o interior. Vieram depois os Tupinambás, que por sua vez repelliram os Tupiniquins ou Tupinaés. Um dos galhos dos Tupinambás, apertado entre os Tupiniquins e os Tapuias, transpôz o rio São Francisco e ficou se chamando Amoipiras. Ora, sabendo-se que os Amoipiras habitavam no São Francisco entre as fronteiras da Bahia e Pernambuco, extendendo-se até o Piauí, e procurando-se saber quaes eram os Tapuias que habitavam nesta secção, vemos que eram os Cariris — ou antes Kiriris, — como lhes chamavam na Bahia. Nada o prova melhor do que as aldeias fundadas depois de 1650 pelo padre João de Barros, que foram as de Canabrava, Saco dos Morcegos, Natuba e Jurú, como diz Hervas (*Catalogo de las lenguas*, Madrid, 1800, I, p. 153).

Succederia o mesmo na costa adiante da Bahia E' o que parece certo: no litoral da Parahiba vê-se pela descripção de Elias Herckman como estão envolvidos a cada instante no litoral; em outro ponto nos diz

que era costume delles descerem todo anno ao litoral na estação do cajú, de Novembro a Janeiro, por ser pouca esta fruta no sertão. E no litoral do Ceará com certeza ainda existiam ao descobrir-se o Brasil, porque Gabriel Soares em 1587 dá como limites entre os Tapuias e os Potiguares o rio Jaguaribe, isto sem levar em conta que os Tremembés são provavelmente Cariris.

Não tinham, pois, a repugnancia pelo litoral que lhes attribue Martius; nelle ficaram emquanto se puderam sustentar. Diz Martius que elles não tinham a massa de guerra, mas Herkman descreve-nos “uma arma feita de páo brasil, plana e aguda de ambos os lados, no meio um pouco grossa e levantada, na frente tem a largura de uma mão grande e é muito penetrante, com a qual arma tomando elles alguem não se levantará mais do chão.”

Além do arco e da flecha, tinham uma arma de arremço, que nos é descripta quasi nas mesmas palavras pelos *Dialogos das Grandezas do Brasil*, escriptos em 1618, e por Herckman, que escrevia em 1639. Diz aquelle, que não lhes chama Cariris, mas simplesmente Tapuias: “a sua flecha é o seu verdadeiro arado e enchada, a qual tambem não usam juntamente com o arco como faz o demais gentio, porque com ella tomada sobre mão, com a encaixarem em uns canudos que no dedo trazem, fazem tiros tão certos e com tanta força que causa espanto, de modo que quasi nunca se lhe vai a caça a que lançam a flecha por esta via.” E o viajante hollandez diz: “Usam tambem do arco e setas

e geralmente de azagaias, com que podem fazer muito damno entre os seus inimigos, porquanto lançam-nas com muito acerto. Para isto servem-se de umas madeiras leves, que em comprimento fazem iguaes á metade das azagaias; abrem nas ditas madeiras um rego onde collocam as azagaias e as atiram com tal velocidade que não encontrando nem um osso atravessam o corpo de um homem nú. Usam ainda de pequenos machados de mão com uns cabos compridos, como arma contra seus inimigos”

Attribue-lhes Martius agricultura adiantada, mas nisso parece haver exagero. Diz o autor dos *Dialogos das Grandezas do Brasil*: “Estes Tapuias vivem no sertão e não têm aldeias nem casas ordenadas para viverem nellas e nem mesmo plantam mantimentos para sua sustentação, porque todos vivem pelos campos e de mel que colhem das arvores e as abelhas lavram na terra, e assim da caça que tomam em grande abundancia pela flecha se sustentam e para isto guardam esta ordem: vão todos juntamente em cabilda assentar seus ranchos na parte que melhor lhes parece, alevantando para isso algumas choupanas de pouca importancia e dahi vão buscar o mel e caça por roda, por distancia de duas ou tres leguas. E emquanto acham esta comedía, não desamparam o sitio, mas tanto que ella lhes vai faltando, logo se mudam para outra parte, aonde fazem o mesmo; e desta maneira vão continuando com sua vivenda sempre no campo, com mudar sitios, sem se cansarem em lavrar e cultivar a terra”.

Elias Herckman não é menos affirmativo: “levam uma vida inteiramente bestial e descuidosa”, escreve. “Não semeiam, não plantam, nem se esforçam por fazer alguma provisão de viveres”.

Estes testemunhos são muito peremptorios; entretanto não parece que sejam absolutamente exactos. Os Cariris deviam ter alguma agricultura, inferior aliás á dos Tupis; e deviam te-la, porque suas redes eram de algodão, e o fumo occupava logar importante em suas observações cultuaes — tão importantes que Badzé era ao mesmo tempo o nome da herva e de um dos seus deuses. Provavelmente quem se aproxima da verdade é Gabriel Soares que diz a proposito dos Maracás, que parecem pertencer ao grupo cariri: “são estes Tapuias muito folgazões e não trabalham nas roças como os Tupinambás, nem plantam mandioca, nem comem sinão legumes, que as mulheres lhes plantam, e grangeam em terras sem mato grande a que põem o fogo para fazerem suas sementeiras; os homens occupam-se em caçar, a que são muito affeioados” E ainda a proposito de outros Tapuias vizinhos destes: “Não costuma este gentio plantar mandioca, nem fazer lavoura sinão de milho e outros legumes: porque não têm ferramentas com que roçar o mato e cavar a terra, e por falta della quebram o mato ás mãos, e ás arvores grandes poem fogo ao pé donde está lavrando até que as derruba, e cavam a terra com páos agudos para plantarem suas sementeiras, e o mais do tempo se mantêm com fructas silvestres e com caça, a que são mui affeioados”

Pintavam-se de urucú e genipapo, furavam o labio inferior e os lobulos das orelhas, pondo naquelle, uma pedra de côr e nestes, ossos. Tinham redes e sabiam nadar — o que os destaca absolutamente do grupo Gê. No parto, as mulheres eram sujeitas a um jejum violento, o que os destaca dos Tupis. Andavam nús, mas os homens serviam-se de um atilho e as mulheres de folhas de arvores.

Outros assumptos poderiam ainda ser tratados a proposito do interessante livro do Dr. Irineu Joffily; mas não são estes o logar e a occasião. Sendo dos que mais se empenharam para que escrevesse os artigos aqui reunidos, julgou o seu autor que eu deveria fazer este prologo. Era uma distincção que não podia recusar, e tal o unico motivo por que aqui apparece o meu nome.



RAUL POMPEIA



Publicado na *Gazetinha*, ns. 47 e 70 de 27 de Fevereiro e 28 de Março de 1882, e na *Revista da Academia Brasileira de Letras*, n.º 14, de julho de 1920.

RAUL POMPEIA

Muito moço; quasi menino; menos de vinte annos, apesar das barbas. Temperamento de artista. Desenha com gosto; esculpe sem difficuldade; em São Paulo já deitou lithographia e até caricatura.

Não faz versos, felizmente. Uma vez *commetteu* uns alexandrinos sem rima. O Dr. Fialho presentiu-os e reclamou-os como seus. Para evitar novos litigios, Pompeia teve o bom senso de quebrar a lyra.

Gosta de musicas, e diz que gosta de musica. E' falso. Gosta de ver desfilarem grandes ajuntamentos.

Dá a vida por uma *Marche aux flambeaux*. Caminharia dez leguas a pé para assistir a uma batalha. Considera o melhor dia de sua vida o da regata camoneana em Botafogo. Voltou de São Paulo este anno, não sei sob que pretexto, mas com o fim exclusivo de assistir ao centenario de Pombal.

E' um espirito ousado; procura sendas não batidas, e ás vezes encontra-as; não tem medo da solidão; vai só e tem certeza de chegar.

Sua phrase ainda é um pouco amorpha, mas já tem um colorido peculiar.

Seu vocabulario compõe-se de termos correctos, e é extenso. A imagem é sobria e original. No periodo já se sente o adejo do pinto que vai deixar o ninho, e affrontar o espaço.

E' uma vontade persistente. Aprendeu lithographia sem mestre, empregando no primeiro trabalho me-

nos horas que Comte em meditar a lei dos tres estados.

Aos 18 annos escreveu um romance, imprimiu-o sem que ninguem o soubesse, e sem que ninguem o auxiliasse, com as economias feitas em passagens de bondes e no *argent de poche*. Seus companheiros de casa em São Paulo falavam com espanto do modo por que estudou quando se aproximaram os exames.

Perguntem a Raymundo Corrêa.

Sua persistencia é em parte herdada e em parte adquirida. Seu pai é homem de uma energia extraordinaria: não provoca, mas não verga, nem cede, nem recua.

Demais, desde o principio Raul teve de lutar contra professores e examinadores. Um destes teimou em não lhe dar distincção não sei mais em que preparatorio. Pompeia teimou em obte-la e obteve-a. E' verdade que fez o exame quatro vezes.

Sua *Tragedia do Amazonas* (é o romance de que falei) é um esforço audacioso. O autor não é nordesta; nunca foi ao Norte; é provavel mesmo que nunca tenha lido viagem ao Norte. Entretanto, com a *Geographia* de Abreu e com o *Atlas* de Candido Mendes, metteu mãos á obra e levou-a a termo.

Notem bem este titulo: *Tragedia*. O talento de Pompeia é ultra-tragico.

Não ha uma só pessoa que não morra na *Tragedia*.

Por que? Disse-me um seu companheiro que para demonstrar que não ha Providencia. Disse-me elle que por ser a morte a unica coisa séria da vida. Escolham o que quizerem. O certo é que, até pouco tempo, não havia um conto seu, mesmo microscopico, em

que não morresse alguém. Agora elle contenta-se em mutilar ou desfigurar os personagens. Já é um progresso. Além de correccionalmente tragico, Pompeia é refractario ao comico. Já lhe viram alguma pagina espirituosa? Sabem algum dito engraçado seu? Lembra-se de alguma gargalhada sua, franca e gostosa? Por minha parte, respondo: *Não*, a todos os quesitos. Na sua concepção do romance, ainda ha resquicio de *romançalhão*. Ainda ha roubos, assassinatos e *coups de main*. O deus ex-machina põe de vez em quando a calva á mostra. Os propulsores usurpam o logar das molas intimas. Entretanto, é forçoso reconhecer que tem melhorado.

Os contos que tem escripto deram ensejo a estudos proveitosos. Venha agora um pouco de theoria, a leitura dos analyistas, o conhecimento de psychologia, e estará transposto o passo perigoso.

Transpoz esse passo, o nosso Pompeia?

Diz elle no prologo da *Tragedia*: “Encetar uma publicação, é de alguma sorte comprometter-se a termina-la”. Pois elle encetou a tarefa de dar-nos um bom romancista. E’ indispensavel que a remate. Em minha opinião, Aluizio Azevedo e Raul Pompeia serão os dois maiores romancistas da nova geração. Ambos têm muitos pontos de contacto, e as suas obras nos detalhes hão por vezes, talvez frequentemente, de coincidir. Mas Pompeia é e ficará sempre um pouco menino. Aluizio foi e será sempre um homem. Portanto, ao passo que este se atirá ao romance social e propagandista, aquelle abicará ao romance esthetico e parnasiano.



MEMORIAS DE UM FRADE



Estudo publicado no *Jornal do Commercio* em 1 e 16 de junho, e 1 de julho de 1899, e reproduzido na *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano* em 1906 (vol. XII, pags. 47-83).

MEMORIAS DE UM FRADE

I

Frei Manoel Calado, ou Frei Manoel do Salvador, escreveu *O Valeroso Lucideno e triumpho da liberdade*, obra de grande valor para a historia da invasão dos Hollandezes em Pernambuco. Com o primeiro nome figura de autor no titulo, com o segundo no correr do livro. Talvez Calado seja seu nome de familia, pois diz Diogo Barbosa que seus pais foram Diogo Calado e Ignez Martins. Tambem D. Manoel de Menezes, na historia da tomada da Bahia, chama Frei Vicente Pahlha, que era o nome de familia, a Frei Vicente do Salvador, que assim quiz chamar-se ao entrar para a ordem dos Franciscanos e assim assignou a primeira historia da nossa terra, publicada ha poucos annos apenas.

“Minha patria, escreve o autor, é Villa Viçosa, aonde nasci e me criei á sombra da casa de Bragança e aonde aprendi os primores que daquella Real Côrte se derivaram para todo Portugal e mais Provincias e Reinos da Europa, e ali aprendi os primeiros rudimentos da lingua latina, em duas aulas que os Duques de Bragança ali têm de grammatica e rhetorica, cujos mestres, pagos por sua conta, são os religiosos de Santo Agostinho no convento de Nossa Senhora da Graça; e fazendo-se ali em certo dia de festa ostentação do que cada um sabia, houve sortes de entretenimento e alguns enigmas com premios, a um dos quaes me oppuz e o expliquei ao certo, e com algum desenfado e energia na explicação.

“Acharam-se ali para autorizar este acto o Exmo. Sr. D. Theodosio, Duque de Bragança, e o Sr. D. Duarte, e o Sr. D. Alexandre, e o Sr. D. Felipe, seus irmãos, com toda a fidalguia que servia naquella casa real; e vendo-me o Santo Duque (que ainda era solteiro) explicar o enigma, tanta graça achei em seus olhos, que logo me mandou para a Universidade de Evora, aonde estudei a logica e philosophia por sua conta e me formei em bacharel, licenciado e mestre em artes, pagando-me S. Ex. os gastos de meus graus; e no anno em que me graduei em mestre em artes, casou o Exmo. Sr. Duque com a Sra. D. Anna de Velasco, filha do Condestable de Castella, em cujas bodas se fizeram as mais grandiosas e magestaticas festas que em nossos tempos se viram em nossa Europa, aonde houve casas de aposentadoria e mesas francas...” (*Valeroso Lucideno*, 94).

Taes as informações que de seus primeiros annos nos dá Frei Manoel. O casamento de D. Theodosio foi em 1603: pouco mais de dezeseis annos devia então contar seu protegido, si, como affirmam Barbosa e Innocencio, Calado falleceu em 1654, com 70 annos de idade, a 12 de Julho.

Por motivos que ignoramos, em 8 de Abril de 1607 entrou para a congregação da serra do Ossa, da ordem de S. Paulo, primeiro ermitão. Dos seus superiores obteve licença para vir ao Brasil, no intuito de obter esmolos para sustentar o pai e a uma irmã, já em estado de casar, *pro acquirendis eleemosinis ad patrem tuum senio confectum sustentandum, vitaeque statum sorori tuae puerperea jam nubili administrandum*, como se lê em um breve de Urbano VIII, de Junho de 1641. (*Valeroso Lucideno*, 50).

Sua chegada foi pouco antes da invasão hollandeza de Pernambuco, isto é, antes de Fevereiro de 1630. Em 1635 encontramo-lo fixado no campo do Porto do Calvo, onde possuia 25 escravos. (*Val. Lucideno*, 27). Fez o possivel para que as tropas de Bagnolo mantivessem o posto; mas debalde: Porto Calvo foi tomado, ou antes, abandonado sem resistencia a 15 de Março, e logo entregue ao saque.

Passados dois dias acudiram os mais principaes dos moradores “e foram todos juntos a buscar o padremestre frei Manoel á sua casa, onde morava, no campo, e se estava preparando para metter por os matos, até que chegasse o General Mathias de Albuquerque, para se ir em sua companhia, e lhe rogaram e ainda persuadiram que os acompanhasse, por mais autoridade e para falar por todos e requerer o que mais importasse para sua quietação”.

“Foi-se o Padre com elles, e ao entrar na povoação o General do mar João Cornelicem Lictart os mandou receber com tres cargas de mosquetaria, em modo de festa, e os convidou a jantar sobre umas mesas sem toalhas, nem guardanapos, mas com muitos manjares de Hollanda e alguns da terra. e com muitos brindes e tocar de trombetas e caixas ao beber do vinho, que tão pouco dinheiro lhes havia custado; e a todos fez muitos promettimentos de boa amizade e de muitas mais liberdades do que haviam capitulado com os da Parahiba.

“E mandou vir de dentro da casa onde morava um calix, que os seus soldados haviam tomado em uma Igreja na Varzea, e mandou nelle deitar vinho; fez ao padre frei Manoel um brinde, e levantando-se o padre,

como que se queria sahir por a porta fóra, estranhando-lhe esta facção, e dizendo-lhe que não condizia aquillo com a liberdade e favores que estava promettendo, porquanto aquillo era notavel agravo, e a maior injuria e affronta que podia fazer aos Catholicos romanos, o profanar-lhe e consentir que lhe profanassem os vasos sagrados, nos quaes se consagra o sangue de Christo no sacrificio da missa, e que esta só injuria bastava para os Portuguezes não terem por firme e estavel sua amizade; elle mandou deitar o vinho fóra, e tomando o calix por o pé, o beijou e o deu ao padre frei Manoel com grande cortezia.

“Acabou-se o jantar, e estando todos os moradores do districto do Porto do Calvo para se partirem para suas casas, o General tomou de parte ao padre frei Manoel, e lhe disse em como elle era catholico romano, e que se servia ao Hollandez na guerra era por seu interesse, e que o não declarar a religião que seguia era porque lhe não tirassem o cargo de Almirante do mar, e lhe não empatassem e ainda negassem o muito que lhe deviam do seu soldo; porém, que em breve se determinava embarcar para Hollanda, e que, pagando-lhe a Companhia muito dinheiro que lhe estava devendo de seu soldo, logo havia de ir a Roma, ou mandar, a buscar perdão do Papa, da culpa em que havia cahido.” (*Valeroso Lucideno*, 18).

Desta feita Porto Calvo poucos dias ficou em poder do inimigo. Logo depois da fuga de Bagnolo, foi retirando para o sul o heroico Mathias de Albuquerque, afinal convencido de que a luta desesperada, travada dia e noite, hora e minuto, contra o invasor de sua patria, não tinha mais razão de ser em Pernambuco, depois que, tomada a Parahiba, o inimigo marchara por terra até o Recife, e tomado Nazareth não

havia mais possibilidade de entreter communicações com o exterior. Cahira o arraial de Bom Jesus, que durante mais de seis annos desafiara todas as forças flamengas. O theatro da lutaurgia transportar-se a outra parte.

Sebastião Souto offereceu-se a Picard e a Calabar, que se achavam guarneendo Porto Calvo, para ir averiguar as forças com que Mathias de Albuquerque avançava; e entrou em combinações com o chefe pernambucano, que resultaram na derrota do estrangeiro invasor, e sua rendição. Entre os que se entregaram estava Domingos Fernandes Calabar, o grande trahidor

Os Hollandezes não fizeram muita força por lhe libertar a vida nos concertos que trataram antes de se render, e Calabar oppoz-se a que o Sargento-Mór Picard entabolasse negociações, — assegura-nos frei Manoel (*Val. Luc.*, 21); o contrario, ou antes, quasi o contrario, nos assegura Duarte de Albuquerque Coelho, donatario de Pernambuco e irmão de Mathias. “Viendo el enemigo su apriesto e aquella resolucion, no quiso perderse por Calabar, ni el deseava que se perdesse por el; por que sabiendo que la causa de no efectuarse el acuerdo de los partidos era por querer librarle de nuestro General, dixo a su Gobernador Picard, con grande animo, estas palabras: *No repares, señor, en acordarte por lo que a mi me toca, porque yo no quiero perder la hora que Dios quiso traerme para salvarme, que asi lo espero yo de su imensa bondad, i de su infinita misericordia.*” (*Memorias diarias de la guerra*, 200 recto.)

Mathias de Albuquerque assegurara sybilinamente

a Picard que Calabar ficaria á mercê de El-Rei. “E sobre o Calabar se fez junta no que se havia de fazer delle, — escreve frei Manuel; e como se havia de entender aquella promessa dos concertos que ficava á mercê del Rei, e se resolveu em que Mathias de Albuquerque representava ali a pessoa del Rei, pois era seu General naquella guerra e exercito. E assim o General com o auditor, o condemnaram a morrer enforcado e esquartejado, por trahidor e aleivoso á sua patria e a seu Rei e Senhor, e por os muitos males, agravos, furtos e extorsões que havia feito e foi causa de se fazerem aos moradores de Pernambuco. Mandou logo Mathias de Albuquerque chamar ao padre frei Manoel de Salvador ao mato, onde elle morava, que não era muita a distancia da povoação, e lhe pediu que fosse a confessar ao Calabar e o encaminhasse a que não perdesse a alma, pois com tanta infamia tinha perdido a vida. Foi o Padre aonde elle estava preso e lhe disse o que lhe importava para sua salvação e que se preparasse para se confessar, como quem naquelle dia havia de ir dar conta a Deus; e depois de lhe fazer algumas exortações necessarias em tal tempo, o deixou só e se sahiu para a rua por espaço de uma hora para que naquelle meio tempo se aparelhasse como convinha.” (*Valeroso Lucideno*, 21, 22).

Podemos interromper por um pouco a narrativa, para vêr o que em outras partes diz nosso autor sobre o primeiro Alagoano que conquistou nomeada.

“A mãe de Calabar chamava-se Angela Alvares e ainda vivia quando o filho foi executado. Era ma-

maluco, isto é, filho de Portuguez e India; mas o nome da mãe leva antes a suppor que a mamaluca seria antes ella, e elle já teria tres quartos de sangue europeu. De uma mamaluca chamada Barbara, que levou consigo quando desertou, teve um filho, de que foi padrinho Sigismundo von Schkoppen, que lhe tomou grande amizade. E a causa de se metter com os inimigos este Domingos Fernandes Calabar foi o grande temor que teve de ser preso e castigado asperamente por o provedor André de Almeida, por alguns furtos graves que havia feito na fazenda de El-Rei.” (*Valeroso Lucideno*, 14, 22).

De que ordem seriam os taes furtos não achámos especificado em nenhum autor. Desfalque não foi, porque não consta em tempo algum tivesse dinheiro publico sob sua responsabilidade. Furto de dinheiros existentes no arraial do Bom Jesus, onde se bateu valentemente dois annos e foi ferido no combate de 14 de Março de 1630, é pouco provavel, pois Duarte de Albuquerque, repetidas vezes lamenta sua falta naquelles apertos. O crime de Calabar parece ter sido o contrabando, muito commum naquelle tempo em Pernambuco, como se vê do proprio frei Manoel. E como contrabandista devia ser notavel o Calabar, “siendo de mucho valor i astucia i el mas platico en toda aquella costa i tierra que el enemigo podia desear”, como diz Duarte de Albuquerque Coelho á folha 78 recto de suas *Memorias Diarias*. E frei Manoel o confirma: “Tambem lhe cobrou muita affeição o General do mar dos Hollandezes, que o trazia em sua companhia, para que lhe ensinasse as bocas dos rios navegaveis e as pa-

ragens aonde podia deitar gente em terra, e por meio deste Calabar dava muitos assaltos e fazia muitos furtos e vexações nos moradores que tinham suas casas e fazendas junto ao mar, por toda a costa de Pernambuco: chamava-se este General do mar João Cornellicem Lictart.” (*Valeroso Lucideno*, 14).

Ser contrabandista naquella época de certo não constituia recommendação, como também não constituia singularidade. Os outros crimes imputados e pelos quaes Calabar perdeu a vida são de natureza politica e só considerados crimes porque não sahiu vencedor o partido a que elle se filiara: ha hoje quem por elles o exalte e glorifique. Accrescentaremos que a victoria dos Hollandezes traria como resultado unico fazer de Pernambuco um vasto Surinam, e todas as hypotheses que se baseiam sobre ella desfazem-se com as seguintes palavras de frei Manoel, em que commenta umas festas realizadas por Mauricio de Nassau ao saber-se da acclamação de D. João IV

“Os Portuguezes, — lê-se no *Valeroso Lucideno*, 110, — como todos iam á gineta, corriam tão fechados nas sellas e tão compostos e airosos, que levavam após si os olhos de todos, e principalmente os olhos das damas; porém nenhuma se poderiam gabar que *Portuguez algum* de Pernambuco se afeiçoasse a mulher das partes do Norte, não digo eu para casar com ella, mas nem ainda para tratar amores ou para alguma desenvoltura; como por o contrario o fizeram quasi *vinte mulheres portuguezas*, que se casaram com os Hollandezes, ou, para melhor dizer, se amancebaram, pois se casaram com hereges e por os predicantes hereges, por quanto os Hollandezes as enganaram, dizendo-lhes que

eram catholicos romanos; e tambem por que como elles eram senhores da terra, faziam as cousas como lhes parecia e era mais honroso e proveitoso; e se os pais das mulheres se queixavam, não eram ouvidos, ou antes os ameaçavam com falsos testemunhos e com castigos.”

Voltemos agora a Calabar:

“Dentro de uma hora, — diz-nos o autor do *Valeroso Lucideno*, 22, — tornou o Padre a ter com elle, e se confessou com muitas lagrimas e compunção de espirito, segundo demonstrava e entendeu o Padre que com muito e verdadeiro arrependimento de seus peccados, segundo o que o juizo humano pôde alcançar e tornando a vê-lo pelas tres horas, se tornou a reconciliar com as mesmas lagrimas e mostras de arrependimento. Chegou neste tempo aonde elle estava com o Padre o Ouvidor João Soares de Almeida, com o Escrivão Vicente Gomes da Rocha, e lhe perguntou que se sabia que alguns Portuguezes haviam sido trahidores e tratavam com o inimigo secretamente, levando-lhe ou mandando-lhe avisos do que entre nós se fazia, que o declarasse? Ao que elle respondeu que muito sabia e tinha visto nesta materia, e que não eram os mais abatidos do povo os culpados, e que tomaria conselho com o Padre se o podia fazer, que elle o declararia na hora de sua morte, porém, que de presente se não atrevia a furtar o tempo que lhe restava de vida, e deixar de chorar seus peccados e pedir a Deus perdão, e occupar-se a fazer autos de denunciações por mão de Escrivão. Tanto que apontou a noite, se poz a soldadesca em ordem, e o Sargento-Mór dos Italianos, com o Preboste e mais Ministros da Justiça tiraram ao Calabar da prisão, e a um esteio que ali estava junto á casa lhe deram garrote, e o fizeram em quartos, os quaes puze-

ram em cima dos páos da estacada, que havia servido de trincheira, e com tanta pressa, que nem lugar lhe deram a se despedir e pedir perdão aos circumstantes, como queria, receiosos de que dissesse ou declarasse algumas cousas pesadas, o que elle não tinha intenção de fazer, segundo o havia promettido ao Padre.”

A execução de Domingos Fernandes Calabar deu-se a 22 de Julho de 1635, tres annos, tres mezes, e dois dias depois que passou para o inimigo. ⁽¹⁾

Mathias de Albuquerque proseguiu em sua marcha; Porto Calvo ficou abandonado; negros, mulatos e mais gente que morava nas vizinhanças de lá levaram para suas casas muitos mosquetes e arcabuzes, muito assucar, farinha e feijões; nem um teve a caridade de enterrar os quartos de Calabar. Tres dias depois Sigismundo van Schkoppen voltou com o peso do seu exercito, subiu o rio em patachos, entrou na povoação e vendo pendurados dos páos das trincheiras os quartos e espetada a cabeça de seu antigo amigo e compadre, se encheu de tanta ira, que mandou botar bando que todos os moradores que se achassem naquelle districto morressem a ferro e fogo. “Tratou logo de dar sepultura a Calabar e, mettendo em um caixão seus quartos e cabeça, mandou pôr seus soldados em ala, acompanhado de toda a gente de guerra, com as cere-

(1) O General Hollandez D. van Weerdenburgh chama negro a Calabar; Duarte de Albuquerque chama-lhe mulato; frei Manoel chama-lhe mamaluco; todos tres o conheceram. Calabar é nome de origem africana.

A mais antiga noticia que encontrámos do celebre porto-calvense refere-se a uma entrada á serra de Itabaiana, em Sergipe. Nessa expedição tomaram parte D. Luis de Sousa, Governador Geral do Brasil;

monias de tristeza e sentimento que na milicia se costumam, o fez enterrar na igreja, disparando toda a gente de guerra tres grandes surriadas de mosquetaria.” (*Val. Luc.*, 23).

Aterrados com as ameaças, os visinhos foram ter com frei Manoel, pedindo que interviesse junto ao inimigo para que os feros designios se não realizassem. Preparava-se elle para ir-se unir á caravana de Mathias de Albuquerque; mas, taes foram as instancias, que não poude resistir ao pedido de seus correligionarios.

“Tantas foram as lagrimas que diante do Padre seus olhos derramaram, que se delibrou a ir á povoação, onde estavam o Governador Sigismundo van Schkoppen e o General do mar João Cornelicen Lictart, o qual falava a lingua portugueza e o Mestre de Campo Christovão Artixof, o qual era muito bom latino, e falava o latim mui discreta e eloquentemente.

“Tanto que chegou junto da povoação, á ponte do rio Mangoaba, que a cêrca por um lado, logo as sentinellas dos Hollandezes o prenderam e o levaram aonde estavam os tres cabeças da milicia os quaes o receberam com irados semblantes e lhe fizeram muitas perguntas,

Martim de Sá, Governador do Rio de Janeiro, e seu filho Salvador Corrêa de Sá e Benevides; Willem Joost ten Glimmer, mais tarde commandante da ilha de Fernão de Noronha. Iam examinar as famosas minas de prata de Melchior Dias, que tambem os acompanhou (o qual Rocha Pitta, escrevendo de oitiva, chrisinou de Roberio Dias). A data, segundo Salvador Corrêa, foi 1620. Barlaeus trata em poucas palavras da empresa, que não deu então nem depois resultados apreciaveis; a noticia mais completa é a de Glimmer, autor de um roteiro ás minas de Sabarabuçu, que o Dr. Orville A. Derby acaba de elucidar magistralmente em uma admiravel monographia, publicada no *Commercio de S. Paulo* e lida perante o Instituto Historico daquelle Estado.

só a titulo de o mandarem matar, e no fim lhe perguntaram o que queria e que intento tinha em entrar naquella povoação estando elles ali? Ao que respondeu que, obrigado da caridade e zelo do serviço de Deus, vinha a lhes pedir misericordia e perdão para os moradores daquelle districto, e a que suspendessem o rigor com que tinham apregoado a sentença de morte contra todos; e respondendo-lhe elles que a sentença era justa e bem merecida dos moradores, por haverem ajudado a Mathias de Albuquerque a lhes ganhar e escalar suas fortalezas e matar-lhes seus soldados, e por o grande agravo que lhes tinham feito em enforcar e esquartejar ao Calabar, e sobretudo o haverem deixado seus quartos e cabeça dependurados de páos, só para que elles o vissem e ficassem mais affrontados, e como todos haviam sido trahidores e mancomunados na maldade, que todos haviam de morrer, e o Padre com elles.” (*Val. Luc.*, 23).

Frei Manoel, a principio confuso e sobresaltado com tão dura resposta, recobrou o sangue-frio e discutiu energicamente o caso, mostrando que se alguém tinha culpa era Mathias de Albuquerque; delle tomassem vingança, pois que dispunha de armas e soldados; dos moradores não podiam ter queixa, e os moradores eram indispensaveis aos conquistadores, se quizessem firmar o dominio em paiz que não conheciam, para cujas condições especiaes até então não se mostraram aptos.

“Estas e outras muitas razões lhe disse o Padre, — lê-se no *Valeroso Lucideno*, 24 —, por ver se podia escusar tantas mortes, e por não ver pobres e em miseravel estado aos moradores sem remedio algum, e

aos Hollandezes ricos e abundantes, porque os moradores que se haviam retirado haviam partido entre afflicção e miseria, deixando em poder do inimigo seus engenhos, cannaviaes, casas de purgar cheias de assucar, suas roças, seus gados, todo o meneio de suas casas e seus escravos, os quaes nesta agua envolta lhes fugiram quasi todos, por se livrarem do trabalho, e assim ficaram os Portuguezes pobres e desterrados, e os Hollandezes ricos e prosperos, porque logo mandaram tomar posse de todas as fazendas dos que se haviam retirado; os quaes, a meu parecer, como não eram soldados, nem acostumados á guerra, nem se haviam retirado para pelejar a seu tempo, senão para fugir da ira dos Hollandezes, muito melhor o fizeram em se retirar para os matos até aplacar o rigor, e ao depois por meio de terceiros tornaram-se para suas casas a beneficiar seus cannaviaes, moer com seus engenhos, fazer assucar, plantar roças, conservar suas vaccas e bois, e estarem com cabedal e mantimentos para ajudar a nossa gente tanto que chegasse o soccorro do Reino, que por momentos se esperava. Isto e outras cousas lhes disse o Padre, e sobretudo que de sua pessoa fizessem o que lhes parecesse, porquanto elle já estava deliberado a morrer por seus irmãos, os catholicos romanos.

“Tudo lhe ouviram com carracudos semblantes, e logo o mandaram meter em uma camara, com um soldado de guarda á porta (ponto em que o Padre se julgou por morto e tratou de fazer seus actos de contricção, e pediu a Deus perdão de seus peccados de todo seu coração, e lhe offereceu aquella morte se os Hollandezes lh’a dessem em satisfação de erros).

“Assentaram-se os Hollandezes em uma mesa em conselho, e com dous frascos, um de vinho e outro de agua ardente, começaram a falar e a beber; e porque era já mais de meio-dia, mandaram preparar a mesa e pôr nella as viandas, e logo o General do mar e o Mes-

tre de Campo entraram dentro na camara aonde o Padre estava, e lhe deram ambos a mão dizendo: *Esgut vurind*, que na sua lingua quer dizer: bom amigo. E o trouxeram para fóra e o fizeram assentar á mesa, e lhe deram de jantar, e acabado o comer o mandaram que fosse aonde os moradores estavam escondidos, e os fizesse vir a tomar passaportes ou salvo-conductos dentro de tres dias naturaes, sob pena de que todos os que dentro nesse termo não viessem seriam tidos e havidos por trahidores e como taes castigados.”

Compareceram os moradores e foram bem tratados pelos Governadores, que após uma demora de doze dias se foram por mar e por terra, deixando duzentos soldados de guarnição. Em Paripueira fizeram uma fortaleza, em que ficou por cabeça Artizewski com seiscientos soldados e boa artilharia e um reducto no passo de Camaragibe, de que tomou o commando Jacob Stachower, membro do Supremo Conselho, grande protector de João Fernandes Vieira, de que falaremos em outra occasião.

II

A 6 de Setembro de 1635 zarpou de Lisboa uma esquadra de 30 navios, trazendo os soccorros mais consideráveis enviados desde que Olinda fôra investida pelos Hollandezes. Vinham a bordo Pedro da Silva, nomeado governador geral do Brasil, em lugar de Diogo Luis de Oliveira, a quem se confiara a reconquista de Curaçáo, e D. Luis de Roxas y Borja, que devia render ao heroico Mathias de Albuquerque.

A 26 de Novembro amanheceram em Olinda guarnecida apenas de 200 praças, e no Recife avistaram 9 navios mercantes, de companhia diminuta, carregadas de pau brasil, assucar, algodão e gengibre, prestes a partir. Houve a idéa de tentar um assalto, e seria bem succedido, porque o estrangeiro, conscio de que o perigo estava onde estivesse Mathias de Albuquerque, enviara o grosso de suas forças para o Sul. No ultimo momento recuaram. Pois si a esquadra, composta de vasos espanhóes e portuguezes, tinha de ir tambem a Bahia e a Curaçáo !

Não esperavam, nem tiveram noticias da terra. A 28 á noite fundearam na barra de Alagôas; a 30 começou o desembarque na ponta de Jaraguá. A 7 de Dezembro partiu a esquadra para a Bahia, de onde, d'igamo-lo logo, não levou Diogo Luis de Oliveira para Curaçáo.

Mathias de Albuquerque, chamado ao Reino, poz seu successor a par da situação. Bem contra a vontade ia para um descanso não solicitado, e mais doloroso que os seis annos de luta incessante. O que elle foi e fez, define-o um dito dos Hollandezes narrado por Duarte de Albuquerque, seu irmão: "*mientras el les hizo la guerra, con lo poco que tuvo, havia sido causa de que perdiesen mas de diez y seis mil hombres.*"

Artizewki, Commandante do forte de Paripueira, logo que soube da chegada dos soccorros, mandou que todos os habitantes das cercanias se retirassem com suas familias e gado para o cabo de Santo Agostinho, Pojuca, Muribeca e Varzea, sob pena de ser logo mettido a ferro e fogo em se acabando o termo de dez dias que lhes concedia. Por Duarte de Albuquerque, sabemos que o prazo terminava a 12 de Janeiro.

Apparece agora outra vez em scena o autor do *Valeroso Lucideno*:

"Acudiram os moradores á casa do padre frei Manoel, no mato, onde elle lhes dizia missa, e prégava e sahia a lhes administrar os Sacramentos por suas casas, por não haver igrejas, e lhe perguntaram o que lhe parecia acerca daquelle edital e que lhes aconselhasse o que deviam fazer?"

"Aos quaes elle respondeu que se emboscassem pelos matos com boa provisão de mantimentos, e que ali esperassem a chegada de D. Luis de Roxas e da nossa infantaria, porquanto elle tinha recado certo de que não podiam tardar muitos dias; e que, entretanto, os mancebos que se achassem mais desembaraçados de obrigações e se prezassem de amigos e zelosos do serviço de Deus e liberdade de sua patria se viessem ajuntar

com elle com suas armas, para que cuidassemos, fazendo emboscada ao inimigo, e lhe impedissemos o sahir da povoação a correr a campanha e matas, e que elle lhes daria a todos de comer e beber abundantemente, porquanto tinha cabedal para isso, e que si os Hollandezes se haviam de gosar da fazenda, mais valia que a gastassemos nós em defensão da fé catholica.

“E que não sómente se offerecia a dar-lhes de comer e mandar-lhes guisar de noite por seus escravos, que então tinha vinte e cinco, senão que tambem queria ser seu companheiro nos trabalhos que se offerecessem; e que quando este conselho não lhes parecesse bem, que se fossem embora, porquanto elle estava deliberado a enterrar seus livros e papeis manuscriptos e partir-se por entre os matos na seguinte noite para a Alagôa para vir com a nossa gente quando viesse; e que sobretudo cada um tomasse conselho comsigo, e fizesse o que fosse conveniente e estivesse mais acouto.

“Vendo os moradores esta resolução do padre disseram todos a uma voz que seu conselho era o acertado, e que não era justo deixassem elles suas fazendas perdidas ao desamparo e entregues ao inimigo, e ir a povoar novas terras e metter-se mais dentro dos quartéis dos Hollandezes.

“E logo ali se lhe ofereceram setenta e cinco mancebos atrevidos, entre os quaes entravam dez mulatos, e seis negros crioulos, os quaes todos tinham armas de fogo. Partiram os moradores a tratar de fazer barracas por entre os matos; e no dia seguinte tornaram a ter com o padre os setenta e cinco mancebos todos mui bem armados de espingardas, espadas e rodelas.

“Escondeu o padre no mato as cousas principaes de sua casa com os seus escravos, para que ali fizessem de noite de comer para os soldados por não ser descoberto por o fumo o logar aonde elle os tinha, e deixou na casa com boas sentinellas ao longe o que lhe era ne-

cessario para o meneio e serviço quotidiano, e repartiui os soldados em cinco esquadras, com as quaes tomou todos os caminhos que iam e vinham para a povoação, aonde faziamos emboscadas; e de dia estavam os soldados em casa do padre comendo e bebendo e limpando suas armas, tendo postas vigias sobre os outeiros que estavam dali para a povoação, e a boca da noite todos iam tomar nossos postos juntos ao inimigo e algumas vezes em distancia de arcabuz, e desta sorte lhe matamos vinte soldados e lhe tomamos seis vivos, os quaes o padre mandou a D. Luis de Roxas por o Alferes Sebastião do Souto. e lhe agradeceu o bom exercicio em que andava, e que tivesse mão porque se partiria em breves dias, e então de presente lhe daria os parabens do seu trabalho.” (*Valeroso Lucideno*, 27-28).

“Pouco mais de dez dias devia ter durado a vida do Frei Manoel do Salvador como chefe de guerrilha. Nos diversos rencontros seus soldados reduziram-se a vinte. Com elles, com seus escravos muito carregados de mantimentos, foi esconder-se nos matos de Camaragibe, cinco leguas distantes da povoação de Porto Calvo, no caminho por onde havia de passar D. Luis de Roxas com a nossa gente, por lhe sahir ao encontro.

“No seguinte dia, depois que o Padre se ausentou, sahiu o Comodor da povoação, com toda a gente que nella tinha, a busca-lo a sua casa, e não o achando nella nem nos matos circumvizinhos, queimou a casa com tudo o que nella deixou; e as casas dos negros, e até os gatos e cachorros que se haviam ficado mandou matar a arcabuzada.”

D. Luis, querendo atacar Porto Calvo antes de Paripueira, mandou fazer um caminho afastado do litoral, e por elle seguiu de Alagôas com 1.400 homens, a 6 de Janeiro de 1636. Rebellinho, menos prudente

que bravo, que elle mandava na dianteira, deu um rebate que espavoriu o inimigo. Assim á chegada do Mestre de Campo estava a povoação desoccupada.

“Nesta occasião apresentou-se Frei Manoel do Salvador a D. Luis de Roxas, que o abraçou de alegre semblante, e em pratica mais demorada disse-lhe: “Padre, mui bem o tem feito e com muita prudencia, e por vida d’El-Rei que os que deixaram suas casas e fazendas e se retiraram para a Alagôa, esses são os trahidores, e os que se ficaram em suas casas, esses são os leaes vassallos de Sua Magestade; porque se elles se não houveram ficado, não tivera eu agora quem me acudisse com a sustentação para os soldados e com seus escravos e carros para comboiar as munições; que si eu me parti tão depressa para esta povoação, não foi tanto para fazer a guerra ao inimigo como a buscar mantimentos para sustentar a gente que trago.

“E os que se retiraram deixando todas suas fazendas e bens fizeram muitos males: o primeiro, ficaram elles pobres e sem remedio; o segundo, irem comer aos soldados sua sustentação; o terceiro, fazerem ao inimigo rico e prospero; o quarto, impossibilitarem-se para poder acudir ao serviço del Rei nesta occasião, nem terem com que, o que tudo se remediara, si elles se deixaram ficar em suas casas, com o salvo conducto do inimigo, que emfim elles eram portuguezes, e offercida a occasião sempre haviam de seguir e servir a Sua Magestade como o seu natural Rei e senhor. (*V Lucideno*, 31-32).

Estas palavras deviam ter sido proferidas a 15 de Janeiro de 1636; a 18 D. Luis de Roxas não existia mais. Dirigira-se para Paripueira a atacar Artizew-

ski, ao mesmo tempo que este se encaminhava a Porto Calvo a socorrer Sigismundo van Schkoppen. Encontram-se os dois exercitos na noite de 17 com vantagem para os nossos. A 18 renovou-se a acção, e logo no principio foi ferido mortalmente por gente que servia ás suas ordens, — insinúa Frei Manoel.

“E querendo pôr o pé no estribo para cavalgar, disse estas palavras: *Es posible que esto se me haze estando entre hidalgos portuguezes?* E logo cahiu extendido em terra morto. Henrique Telles de Mello e o padre Frei Manoel o retiraram para um mato e o meteram em uma quebrada, e o cobriram com folhas seccas para não ser achado, e tornando para o esquadrão que andava mui aceso na briga, correu palavra que o Mestre de Campo General era morto, e logo os de barrigas grandes, que nos haviam acompanhado a cavallo, não para pelejar senão para ver touros de palanque, de cima de um outeiro, logo começaram a virar os cavallos e a fugir.

“E os soldados vendo isto, imaginando que o inimigo podia ter deitado alguma manga para os acolher no meio, começaram a virar e em breve se começaram a meter por entre os matos e uns após outros desemparraram o campo, e se vieram retirando para a povoação, cada um por o caminho ou vereda que se lhe offerecia; e só o Capitão Camarão e o Rebellinho sahiram dentro (donde brigaram) subindo ao alto do monte, e dali com vagaroso passo e ordem se vieram retirando, fazendo alto algumas vezes, e virando a cara ao inimigo...

“No segundo dia depois da batalha foram por ordem de Manoel Dias de Andrade, Henrique Telles de Mello e o padre Frei Manoel com negros e uma rêde ao sitio aonde haviam deixado escondido o corpo de Dom Luis de Roxas, e depois de haverem visto o destroço

e contado os mortos que estavam pelo campo, e achado algumas armas de fogo, as quaes esconderam no mato, para as mandarem buscar dahi a alguns dias, como mandaram, metteram na rêde o corpo do defunto Dom Luis de Roxas, o qual já fedia muito, e o vieram a pôr junto á casa do padre, uma legua da povoação, aonde elle com seus escravos lhe fez uma cova junto ao mato, e mettido em um caixão com terra e cal o enterrou. E junto á cova se levantou uma cruz para signal e benzeu a agua e lhe rezou o officio da sepultura com as cerimoniaes que a Santa Igreja Romana ordena, no melhor modo que lhe foi possível.

“E antes que o enterrasse lhe tirou de uma abertura que tinha na roupeta no sobaco do braço esquerdo uma bolsa de reliquias de Santos mettida em outra bolsa maior, aonde tambem tinha o seu habito de Santiago e duas chavesinhas douradas que eram de um contador onde trazia as provisões e ordens de Sua Magestade, a qual bolsa entregou ao Tenente-General Manoel Dias de Andrade, certificando-o em como o corpo do defunto ficava enterrado em lugar occulto e que ninguem o havia visto trazer nem enterrar.” (*Val. Luc.*, 33-34).

As provisões régias nomeavam successor o Conde de Bagnolo. Não causaram boa impressão, — insinúa circumspectamente Duarte de Albuquerque; proclama-o e repete-o alto Frei Manoel do Salvador. Ainda hoje o juizo commum embebe-se naquellas prevenções, chegando, si não a chamar-lhe trahidor, a contestar-lhe coragem, — a mais banal das qualidades em soldados que combatem. E' uma injustiça.

Bagnolo prestou um grande serviço, organizando os campanhistas, partidas de homens desesperados que

penetravam no territorio inimigo, matavam quantos encontravam, incendiavam os cannaviaes, destruiam os assucares, garroteavam o gado, nunca deixavam que a cicatriz protegesse a chaga sempre sangrenta da patria invadida. Si Pernambuco, ou a maior parte do Norte, sahiu do dominio hollandez, deve-o primeiramente aos colonos que deixaram tudo para emigrar para o Sul, — patenteando assim que não era possivel accôrdo entre os donos da terra por um seculo de trabalho, cuja intensidade mal podemos medir, e os parasitas sanguinarios que vinham apossar-se da obra feita, — deve-o aos campanhistas, incendiarios e bandidos, que nunca reconheceram o facto consumado, porque nunca o deixaram consumir-se.

“Necesario és advertir que esto se hazia con excesivo trabajo, y riesgo; por que para hazerse como convenia, se marchava por lo interior, abriendo-se de nuevo camiños por donde siempre fueran bosques, algunas leguas más arriba de donde huviese moradores; por que como el enemigo avia hechado vando de perda de la vida contra los que subiesen de nuestras entradas i no las revelasen, ó nos diesen qualquier suerte de ayuda, tratavamos de hazer estas entradas más secretas, llevando cada uno a las espaldas el bastimento, segun los días que se suponian de detencion; i de más á más llevavan los Indios la polvora i municiones. (*Memorias diarias*, 223 v.).

Mesmo assim em uma entrada que se extendeu de 9 de Junho a 23 de Setembro de 1636, Camarão trouxe de Goiana para Porto Calvo 2.500 pessoas que

tudo preferiram ao dominio invasor. Menos feliz foi Rebellinho, que nos caminhos que fez tardou dezoito dias em oitenta leguas. Acompanhou-o gente da Goiana que não pudera acompanhar Camarão e que fugia não tanto ás tyrantias como “el ver a los hereges caxarse con sus hijas i parientas, no sin violencias” Des-tes morreram 400 de fome, singularmente mulheres e meninos.

Foi o anno de 1636 o do florescimento dos campanhistas que trouxeram um pouco de resfolego aos patriotas. Mas o Brasil, — pondera melancolicamente Duarte de Albuquerque Coelho, o donatario de Pernambuco — estava como um enfermo sem esperança de vida, a quem a morte concede tregua por breve tempo, e quando parece que volve a si acaba de expirar.

Em Janeiro de 1637 chegou ao Recife o Conde João Mauricio de Nassau nomeado Governador, Capitão e Almirante General das possessões hollandezas, e logo tratou de reduzir Porto Calvo, fonte de males e damnos, em que se tinham embatido inutilmente todos os esforços dos invasores.

Bagnolo não conseguiu inspirar confiança a seus soldados; abandonou a povoação antes de apparecer o inimigo; deixou, apenas soube da sua tomada, Alagoa do Sul, onde se acolhera, pela villa de S. Francisco, hoje Penedo; ainda ahi não se julgou seguro e atirou-se para Sergipe, e chegaria á cidade do Salvador, si o Governador Geral por bons modos não lho sustasse. Assim facil foi a Nassau extender os limites até o rio S. Francisco; devastar Sergipe; si então accomette Bahia, a capital seria tomada sem resistencia.

Tentou-o mais tarde e foi repellido com perda. O principal merito da victoria cabe a Bagnolo.

Frei Manoel acompanhou o exodo lutuoso para o Sul, e descreveu-o em côres tetricas.

“Considerar agora, — escreve no *Valeroso Lucideno*, p. 39-40, — considerar agora a multidão de gente de todas as idades, que se ia retirando, assim por a praia, como por entre os matos, e o como iam deixando por os caminhos as alfaias de suas casas, por não as poderem carregar; aqui os tristes ais dos meninos, os suspiros das mães, o desespero das donzellas descalças e mettidas por as lamas e a passarem o rio com pouca compostura de seus corpos, alheios da honestidade e recolhimento em que haviam sido criadas (o que sentiam mais que perder a vida), aqui umas desmaiadas, outras com os pés abertos, porque o descostume de andar não as deixava dar um passo adiante; as pragas que rogavam ao Conde Bagnolo (o qual depois que entrou em Pernambuco tudo foi de mal em peor), o ver os amancebados levar a cavallo as mancebas brancas, mulatas e negras, e deixarem ir suas mulheres a pé e sem saberem parte dellas; a fome que todos iam padecendo, o dormirem por os pés das arvores, sem amparo nem abrigo, não é cousa que se póde escrever, porque muitos dos que o viram com os olhos como eu, tendo os corações ferreos, não se podiam reffrear sem derramar grande cópia de lagrimas.”

Mezes mais tarde, estava Frei Manoel retirado sobre o rio S. Francisco, vento arriba do forte de Penedo ao sertão, onde nunca chegaram os Hollandezes,

á espera da armada do reino por se embarcar, quando soube que a gente de Pernambuco pedira a Nassau licença para elle vir morar no meio delles.

“Cresceu-lhe ao Principe a cobiça de vir ao Padre e falar com elle, que não sómente lhes deu licença para o mandarem chamar, mas tambem elle mesmo lhe escreveu que viesse com toda segurança, pois era pedido dos moradores. Mandaram os moradores aviso ao Padre Frei Manoel do Salvador por um proprio, porém elle em lendo as cartas, trouxe á memoria como havia trazido soldados contra os Hollandezes, e lhes tinha feito muitos males, e que o odio que lhes tinham se poderia renovar com qualquer occasiõesinha, por leve que fosse, e tomarem vingança delle, e começou a temer e a recear, e determinou de mudar sitio e rancho para onde não fosse achado.

“E despediu o mensageiro, respondendo que elle iria, com uma carta mais cortez e agradecida ao Principe; porém, antes que o mensageiro lhe chegasse com a resposta, já elle tinha despedido outro com outra carta que ao Padre foi dada por ordem dos moradores, na qual lhe pedia que viesse sem mais dilação e sem temor algum das cousas atrasadas, porque elle lhe dava sua palavra de que não seria molestado, antes que elle o tomava debaixo da sua protecção e amparo, para o defender nas oppressões e favorece-lo nos trabalhos.”

Devia passar isto em fins de 1638 ou começo de 39; infelizmente o autor não precisa a data.

“Tanto que o Padre Frei Manoel do Salvador recebeu esta segunda carta, logo, sem mais tardar se poz ao caminho, e veio apear-se á porta do Principe, e como elle o não conhecia nem o tinha ainda visto, o seu Capi-

tão da guarda, Carlos de Torlon, com quem o Padre já tinha falado algumas vezes, o foi apresentar ao príncipe, e lhe disse quem o Padre era, o qual o recebeu com muita cortezia, não por quem o Padre era, se não por o que os moradores lhe haviam dito de suas virtudes e lettras.

“E aquelle dia lhe deu de jantar á sua mesa, á sua mão direita, e praticando com elle em differentes materias em lingua latina (na qual era doutrinado), lhe offereceu sua casa para morar, e apertou muito com o Padre que acceitasse a offerta. Ao qual depois de lhe agradecer e ainda beijar a mão com as mais cortezes palavras que lhe occorreram por a mercê e favor offerecido, respondeu o Padre, que pois sua excellencia lhe tinha feito mercê de lhe dar licença para morar em Pernambuco, em qualquer parte que elle assistisse lhe chegariam os favores e mercês de sua mão.

“E que o morar de suas portas a dentro nem a sua excellencia lhe estava muito accento, nem a elle dito Padre convinha por algumas razões, porque como elle era sacerdote e pregador o haviam de acudir a elle assim nas festas principaes como nas necessidades da administração do Sacramento os Portuguezes, e não era justo o andarem-lhe todos atravessando sua casa e rompendo a sua guarda, ainda que sua excellencia dêsse ponto a seus ministros e licença para que todos que com elle dito Padre quizessem falar entrassem e sahissessem livremente.

“E secundariamente que como elle era homem enfermo, algumas vezes lhe seria necessario estar despido, e outras gemer e chorar, e que não queria que lhe entrassem por a porta sem bater seus criados e familiares e o vissem descomposto no trajo, que isto lhe seria muito penoso. E que outrosi, estando elle dito padre das

portas a dentro delle dito Principe, não se lhe havia de consentir o dizer missa, nem administrar as confissões.” (*Val. Luc.*, 46-48).

Estas e outras razões que omittimos satisfizeram o Principe que lhe deu escusa, com a condição de não morar muito longe do Recife. Estabeleceu-se primeiro junto ao rio Jequiá, por traz da capella de Bom Jesus, onde Francisco Beringué de Andrade, pessoa muito nobre, de generoso peito lhe ajudou a construir casa. Mais tarde, por conselho de Nassau, que assim quiz cortar as intrigas dos que tramavam a expulsão do Padre Frei Manoel, mudou-se para dentro das fortificações, onde foi auxiliado na construcção de outra casa pelo cabedal de Nassau.

“Andava o Principe Mauricio de Nassau tão occupado em fabricar sua nova cidade, que para afervorar os moradores a fazerem casas, elle mesmo, com muita curiosidade lhe andava deitando as medidas e endireitando as ruas, para ficar a povoação mais vistosa, e lhe trouxe a entrar por o meio della por um dique ou levada, a agua do rio Capibaribe a entrar na barra, por o qual dique entravam canoas, bateis e barcos para o servido dos moradores por debaixo das pontes de madeira, com que atravessou em algumas partes este dique a modo da Hollanda, de sorte que aquella ilha ficava toda rodeada de agua.”

“Tambem ali fez uma casa de prazer, que lhe custou muitos cruzados, e no meio daquelle areal estéril e infructuoso plantou um jardim e todas as castas de arvores de frutos que se dão no Brasil, e ainda muitas que lhe vinham de differentes partes, e á força de

muita outra terra frutifera, trazida de fóra em barcas rasteiras e muita somma de esterco, fez o sitio tão bem acondicionado como a melhor terra frutifera.

“Pôz neste jardim dois mil coqueiros, trazendo-os ali de outros lugares, porque os pedia aos moradores e elles lh'os mandavam trazer em carros, e delles fez umas carreiras compridas e vistosas, a modo da alameda de Aranjués, e por outras partes muitos parreirões e taboleiros de hortaliças e de flores, com algumas casas de jogo e de entretenimento, aonde iam as damas e seus afeiçoados a passar as festas no verão e a ter seus regalos e fazer suas merendas e beberetes, como se usa em Hollanda, com seus acordes intrumentaes. E o gosto do Principe era que todos fossem vêr suas curiosidades, e elle mesmo por regalo as andava mostrando, e para viver com mais alegria deixou as casas aonde morava e se mudou para o seu jardim com a maior parte dos seus criados.

“Tambem ali trazia todas as castas de aves e animaes que pôde achar e como os moradores da terra lhe conheceram a condição e o appetite cada um lhe trazia a ave ou animal exquisito que podia achar no sertão. Ali traziam os papagaios, as araras, os jacuis, os canindés, os jaburis, os motuns, as gallinhas de Guiné, os patos, os cisnes, os pavões; de perús e gallinhas grande numero; tantos pombos que se não podiam contar: ali tinha os tigres, a onça, a cissuarana, o tamanduá, o bugio, o quatí, o sagoim, o apereá, as cabras do Cabo Verde, os carneiros de Angola, o porco javali, grande multidão de coelhos e, finalmente, não havia cousa curiosa no Brasil que ali não tivesse, porque os moradores lhe mandavam de boa vontade, por boa inclinação que viam de os favorecer, e assim tambem lhe ajudaram a fazer suas duas casas, assi esta do jardim aonde morava, como a da Boa Vista, sobre o Capivaribe, aonde ia muitos dias passeiando a se recrear, por-

que uns lhe mandavam a madeira, outros a telha e o tijollo, outros o cal e finalmente todos o ajudaram no que puderam. E elle se mostrava tão agradecido e favorecia de sorte os Portuguezes que lhes parecia que tinham nelle pai, e lhes aliviava muito a tristeza e dôr de se verem cativos.

“Estava neste tempo Pernambuco muito florente de fazendas que vinham da Hollanda e tanto era o dinheiro de prata e ouro que até os negros e negras traziam dobrões na mão.” (*Val. Luc.*, 52-53).

Mauricio, em meio destes esplendores, entregava-se á afeição de viver; com a avidez dos trinta annos, com o epicurismo do filho do Norte, transplantado aos ares do calido sul. Trouxera pintores, architectos, sabios: fez collecções artisticas, que ainda existem espalhadas em diversos museus da Europa; ao voltar para além-mar exerceu uma verdadeira missão cultur-historica, — diz-nos o Dr. Georg Galland, junto ao Grande Eleitor de Brandenburg, — isto é, o verdadeiro fundador do Estado Prussiano, e portanto da Allemanha moderna, Grande Eleitor a quem consagrou seus serviços na ultima phase da existencia.

Não desdenhava prazeres menos nobres. No Recife teve duas amantes: “Margarida Soler e a filha do Sargento-Mór Baia. Margarida Soler era filha do predicante francez Vicente Soler, Valenciano de nação, o qual havendo sido frade Augustinho, tinha fugido da religião, e passado á França se fez calvinista, e se casou e se fez predicante da seita de Calvino e com este titulo assistia em Pernambuco.” (*Val. Luc.*, 128). Margarida vendo seu amor desprezado pelo Conde,

morreu de paixão e tristeza. Soler, a julgar por uma historia salgada que Frei Manoel até poz em grifo, parece um typo rabelaisiano.

A Companhia das Indias Occidentaes pagava principescamente a seu Governador e Almirante General, mas parece que mesmo assim elle despendia mais do que ganhava. Foram-lhe feitas accusações de transacções illicitas; Frei Manoel refere-se discretamente a algumas, e com toda a precisão a uma que deu aso á historia pouco edificante de Soler, de que falámos acima. Esta accusação está provada, pela confissão do proprio Nassau que, em uma carta ao cumplice, reclama sua parte de proventos.

Este cumplice era Gaspar Dias Ferreira, o homem a quem Frei Manoel do Salvador mais odeia e a quem ultraja a cada passo do seu livro. Seria o grande canalha que Frei Manoel apregoa? E' bem provavel, mas depois dos documentos que o Dr. José Hygino descobriu na Hollanda é sobretudo curiosidade e até sympathia que inspira este colono arguto, socio de negociatas com um Principe, interlocutor e informador de Barlaeus, naturalizado cidadão hollandez, lá condemnado á morte, evadido da prisão, refugiado finalmente em Portugal. De Portugal escrevia ainda a João Fernandes Vieira, a quem na Hollanda chamava mulato, offerecendo-se para Procurador junto á Côrte dos Pernambucanos revoltosos, e cuja victoria predissera desde os primeiros dias.

Emfim, *post octenium*, retirou-se o Principe para a Europa em Maio de 1644.

“Chegou o tempo de se partir o Principe, o qual antes de sua partida acabou a ponte que havia principiado da cidade Mauricea para o Arrecife. E para que tratemos em fórma desta ponte é de saber que o Principe e os do Conselho para ganharem muito dinheiro, mandaram fazer uma ponte de pilares de pedra de cantaria, sobre os dous rios Capivaribe e Beberibe que juntos em um entram no mar, dividindo o arrecife da cidade Mauricea, chamada assim por o Principe João Mauricio a edificar, sendo que de antes se chamava a ilha de Santo Antonio, a respeito de um convento de capuchinhos que ali estava. Tomou a metade desta ponte por contrato, em preço de noventa mil cruzados Balthazar de Affonseca, homem de nação.

“Tanto que este judeu Balthazar de Affonseca teve feita a metade da ponte com muita perfeição, pediu o pagamento aos do Conselho e elles lhe armaram tantas tramoias que foi o pleito á Hollanda, e não está ainda resolvido.

“A metade da ponte que faltava por fazer a mandou acabar o Principe de bons esteios de madeira, fincados no fundo do rio ao bogio e com muita e boa pregaria e taboado, por a qual passavam carros com muita segurança, e tambem fez outra ponte de madeira na Boavista, aonde tinha edificado umas bizarras casas, por baixo da qual passava tambem o mesmo rio Capivaribe. E para o primeiro dia que a gente havia de passar por a ponte grande para o Arrecife, ordenou o Principe uma festa, e convidou aos do Supremo Conselho a comer

“E a festa foi que mandou esfolar um boi inteiro e encher-lhe a pelle de erva secca, e o poz encoberto ao alto de uma galeria que tinha edificado no seu jardim. E logo pediu a Melchior Alvares emprestado um boi muito manso que tinha, o qual como se fôra um cachorro andava entrando por as casas, e o fez

subir ao alto da galeria, e depois de visto do grande concurso de gente que ali se ajuntou o mandou meter dentro em um aposento, e dali tiraram o outro couro de boi cheio de palha, o fizeram vir voando por umas cordas com um engenho e a gente ficou admirada e muito mais a prudente, vendo que com aquella troça ajuntara ali o Conde de Nassau tanta gente para a fazer passar por a ponte, e tirar aquella tarde grande ganancia, e tanta gente passou de uma para outra parte que naquella tarde rendeu mil e oitocentos florins, não pagando mais que duas placas á ida e duas á vinda.

“No seguinte dia fez o Conde de Nassau outro banquete ás damas e a quantas taverneiras havia no Arrecife, e ás mais dellas emborrachou.

“E com isto se deu por despedido de Pernambuco.”
(*Valeroso Lucideno*, 131-132).

III

Mauricio de Nassau não sabia falar bem portuguez e embaraçava-se muito quando o falava (*Valeroso Lucideno*, 2, 25) Suas conversas com Frei Manoel de Salvador faziam-se em latim, a lingua universal naquelle tempo, de que até o heroico indio Camarão possuia algum principio (ib. 165).

Em uma de suas conversas queixou-se o Principe amargamente de que o intrigaram para a Hollanda, e despediu de seu serviço Carlos Torlon, “que era o seu Capitão de guarda, o qual se havia casado com D. Anna Pais, a mais desenvolta mulher de quantas houve no tempo deste captiveiro na capitania de Pernambuco, porque sendo filha de nobres pais e rica, e havendo sido casada com Pedro Correia da Silva, homem fidalgo, por sua morte vendo-se viuva e moça, se foi casar, ou para melhor dizer, amancebar com um calvinista, e quiz ser recebida por um predicante desta falsa seita com grande escandalo do povo catholico: *Inimici hominis, disso o Principe ao Padre, domestici ejus. Verba Christi sunt quae non possunt falsitatem pati.*

“Outro de quem o Principe se mostra queixoso foi o Dr. Pinson (o autor de interessantes livros sobre a nossa historia natural posteriormente impressos), me-

dico seu e de sua casa, com quem elle comia e bebia e communicava de dia e de noite com muita familiaridade.

“Tambem a este deitou logo fóra de sua casa e nunca mais se fiou nelle; e quando alguem lhe falava nelle ou no Torlon respondia: *Pessime nebulones erga me.*” (*V Luc.*, 63).

Deu motivo a estas medidas summarias uma carta do irmão do Principe, de que elle mostrou muito sentido e enfadado um capitulo a Frei Manoel do Salvador

“E seu irmão, o Conde João de Nassau, lhe dizia em um capitulo que se admirava em lhe dizerem ou escreverem que fazia algumas cousas muito fóra do caminho, levado de interesse e por conselho de um Portuguez que era muito de seu seio, e que sendo elle em Hollanda um cordeiro manso, se tinha convertido no Brasil em leão assanhado, perseguindo ou consentindo que fossem perseguidos os moradores para por este caminho ajuntar riquezas, as quaes adquiridas por maus titulos nunca se logravam. E para que estivesse certo se sabia tudo o que no Brasil passava, lhe fazia saber em como em Hollanda se affirmava em como elle João Mauricio tinha tres grandes amigos portuguezes com os quaes de continuo tratava, a saber: um frade chamado frei Manoel do Salvador, e o segundo João Fernandes Vieira, e o terceiro Gaspar Dias Ferreira.

“E que o primeiro lhe servia de alivio e entretenimento, porque gostava muito da sua bôa e honesta conversação, porquanto este monacho não se mettia em cousas de guerra, nem em materias de governo, mas antes, como era letrado e prudente, o advertia em muitas cousas concernentes ao seu bom credito e reputação

e em beneficio dos moradores, com as quaes elle se fazia amado e querido de todos; e o segundo grangeava a sua amizade, presenteando-o com mimos e regalos, e alguns de muito porte, porém, tudo á custa de sua fazenda; e o terceiro fazendo-o empreender cousas injustas e executar alguns desaforos e injustiças com os moradores, que tinham mais cara de tyrania do que de obras de pessoas de sangue real e imperial.

“E que o caminho por onde este homem o levava era o interesse de juntar dinheiro á custa do sangue dos pobres e innocentes, com o que este homem o fazia rico a elle e se fazia rico a si, pois sendo pouco antes tão pobre que não tinha um prato de farinha para comer, todavia com sua sombra e com o favor que lhe dava se tinha feito este homem tão altivo que se fazia estimar e venerar mais do que elle dito Principe; e que tambem (sem elle o saber) em seu nome fazia muitas cousas mal feitas; e que tambem se dizia que a primeira causa de tanta privança havia tomado fundamento por via de certa mulher

“Portanto que puzesse os olhos em quem era e o tronco donde procedia, e que arrenegasse de riquezas e delicias que desdouravam a fama e nobreza.” (*Val. Luc.*, 61/62).

Podemos datar com muita aproximação estes factos, porque segundo Frei Manoel se deram pouco antes do Principe e os do Supremo Conselho “fazerem uma junta dos Portuguezes, a modo de concilio ou côrtes, para se assentarem e decretarem estatutos e leis para se governarem em paz e quietação”. As capitulações assentadas, de que só frei Manoel nos dá noticia, foram descobertas na Hollanda pelo Dr. José Hygino, que as traduziu e publicou na *Revista do Instituto Ar-*

cheologico e Geographico Pernambucano, no Vol. V, em 1886. Por ellas se vê que a primeira reunião occorreu a 27 de Agosto de 1640.

Com a retirada de Nassau para a Europa não se modificou essencialmente a situação pessoal do padre mestre frei Manoel do Salvador, que sem falsa modestia resume a sua actividade apostolica entre os Hollandezes nos seguintes termos:

“Os Hollandezes tinham-lhe grande respeito e veneração por sua gravidade e letras, e por sua louvavel, exemplar e honesta vida, o qual por muitas vezes havia com suas bôas razões mitigado a furia dos Hollandezes, em outras occasiões trabalhosas e outras vezes fazia que estes crueis inimigos suspendessem as rigorosas sentenças que contra os Portuguezes fulminavam.

“E tão respeitado era este padre de todos os Hollandezes, grandes e pequenos, que quando elle passava pela cidade Mauricea e Arrecife as mulheres lhe faziam mesura, e os homens se desbarretavam, e os meninos e meninas de pequena idade lhe vinham beijar a mão; e se acaso este dito padre ia apressado a negociar alguma cousa de importancia, os meninos flamengos iam correndo de traz d'elle, chamando-o a vozes até que elle esperava e lhes dava a mão a beijar e então se tornavam mui contentes, sendo que se por as ruas passavam alguns religiosos ou clérigos nossos, os mesmos meninos lhes diziam palavras injuriosas: *Rut Papa esquelmen hurquent deduvel*, que monta tanto como dizer: vai fóra, papista, velhaco. e diabo.

“E já pode ser que este respeito e affeição que os meninos mostravam ao Padre Frei Manoel nasceria da continua vista e vizinhança que teriam com elle, ou

porque muitos delles eram seus afilhados, que os havia baptisado, porque quando o pai era catholico furtava a criança que lhe nascia, e sem a mulher lutharana ou calvinista o saber a trazia ao Padre Frei Manoel para que lh'a baptisasse, e o mesmo fazia a mulher que era catholica ás escondidas do marido hereje; e muitos catholicos, principalmente os Francezes, acudiam secretamente a ouvir missa nos dias festivaes, na casa do dito padre, aonde dizia missa em um oratorio, ás portas fechadas.

“E trazendo-lhe um dia um menino de dez annos, endemoninhado, o dito padre lhe fez os exorcismos da Santa Igreja Romana, e sendo assim que quando entrou no Oratorio não havia dez homens que pudessem ter mão nelle, e vindo todos admirados das horridas visagens que fazia, e temerosos dos segredos que descobria, na terceira vez que o dito padre lhe fez os exorcismos, foi Deus servido pela sua misericordia que o Demonio se sahiu fóra daquelle corpo, e o menino ficou livre e são, e os que com elle se haviam vindo se tornaram para as suas casas já renunciadas as falsas seitas de Calvino e Luthero, e protestando de viver na fé catholica romana. (*Valeroso Luc.*, 191).

Um trabalho em que igualmente se empenhou foi a conversão dos judeus, de que baptisou sete (*Val. Luc.*, 189). Depois de rebentar a revolução pernambucana converteu mais dois em condições tragicas.

“As cousas neste estado, succedeu vir uma lancha do inimigo da ilha de Itamaracá para o Arrecife com alguma fazenda, onde vinham alguns Flamengos e tres Judeus mercadores, a saber um que havia nascido no judaismo, e os dous naturaes de Lisbôa, os quaes, havendo sido baptisados e nascidos no gremio da Santa

Madre Igreja Romana, haviam fugido para a Hollanda e nella se haviam circumcido e deixando a lei de Christo, haviam abraçado a de Moysés e nella viviam desaforadamente e ainda dizendo muitas blasphemias contra Christo Nosso Senhor e pretendendo affeição a seus erros e cegueiras alguns christãos ignorantes com que tratavam.

“Era o piloto da lancha Portuguez e entrou pela bocca da barra do Páo Amarello e varou com a lancha em terra. Acudiram os nossos soldados que estavam de vigia naquella paragem e tomaram a lancha e trouxeram presos aos Flamengos e Judeus ante os governadores João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros, os quaes mandaram os Flamengos para a Bahia e ao Judeu que havia nascido no judaismo lhe outorgaram a vida, porque disse que se o industriassem na lei de Christo se queria fazer christão e os padres da companhia João de Mendonça e Francisco de Avelar se offereceram para o doutrinar na lei de Christo e lh'o entregaram; porém elle tanto que se viu solto, fugiu para o Arrecife.

“Aos outros dous condemnou o Auditor-General a morrerem enforcados, e porque haviam de padecer os mandaram metter dentro na igreja de S. João até á hora de os enforcarem, pondo-lhes guarda de soldados na porta. Acudiu logo o padre frei Manoel do Salvador, e sentado entre ambos no degráo que sóbe para o altar, diante dos padres da companhia João de Mendonça e Francisco de Avelar e diante do padre João Baptista Lôbo, natural de Lisbôa, e outros sacerdotes e de muito povo que concorreu a se achar presente neste acto, lhes falou nesta maneira: Irmãos, vós estaes condemnados á morte por haverdes tomado armas contra os Portuguezes, sendo Portuguezes de nação, e por serdes traidores a Jesus Christo, pois havendo nascido no gremio da Santa Madre Igreja Romana e tendo

recebido a agua do Santo Baptismo, apostatastes da fé catholica e vos passastes á lei de Moysés. Argumentai commigo e proponde-me todas as duvidas que os judeus põem contra os christãos, e todos os passos da Sagrada Escriptura que allegam para sustentar sua pertinacia, que eu vos resolverei todas vossas duvidas brevemente e vos declararei todos os passos da Escripura com tanta verdade e clareza que fiqueis por uma parte satisfeitos e por outra confusos dos erros em que andaes mettidos.

“Responderam os dous Judeus que estavam contentes com o partido, e começaram a propôr todas as duvidas, passos da Santa Escriptura e fundamentos em que se estribavam para negar que Christo era o verdadeiro Messias e para esperar por outro que havia de vir a leva-los a todos para Jerusalém, cheios de muitas prosperidades e riquezas.

“Ouviu o Padre Frei Manoel todas as duvidas e propostas, e logo com grande alegria dos christãos que estavam presentes começou com o principio do livro do Genesis, e resolveu em espaço de pouco mais de hora e meia toda a Sagrada Escriptura do Testamento Velho, e aqui lhes resolvia uma duvida, ali outra, e assim lhes ficou declarando todos os passos da Escripura que se lhe propuzeram com tanta erudição, e provando uns passos com outros, confirmações dos Prophetas, texto do original hebreu, e dos Talmudes, assim chaldeu como jerosolimitano, livros que estes têm em muita veneração, e explicações dos seus mesmos rabinos, prophecias que deixaram em seus testamentos os doze patriarchas filhos de Jacob da vinda do Messias (os quaes testamentos se acharam no terceiro tomo traduzidos do grego por Roberto, Bispo Linconense, no anno do Senhor de mil cento e quarenta).

“Emfim tantas cousas disse o dito padre e com tanto espirito e tanta verdade e facilidade declarou aos

dous Judeus todas as duvidas que lhe propuzeram, que os Judeus ficaram confusos e corridos, vendo tanto ao claro a cegueira e os enormes erros em que andavam sepultados.

“E os padres da Companhia, com os demais sacerdotes e povo circumstantes ficaram admirados do desenfado com que o dito Padre confundiu os Judeus, e a grande lição e verdadeira explicação da Sagrada Escripura, em que andava versado; porém isto não era muito para admirar, porque como o dito Padre andava de ordinario disputando com os Judeus do Arrecife e tinha já trazido á fé de Christo sete destes e os havia baptisado e andava catechizando a outros, sempre andava estudando para confundir seus erros.” (*Val. Lucideno*, 244-245).

Passemos depressa por esta controversia theologica travada nas immediações de uma forca, terminada pela conversão, que aliás não salvou da forca os dois desgraçados.

“Os Padres da Companhia ficaram fazendo seu officio até que se chegou a hora de padecerem os dous Judeus e todos os sacerdotes os acompanharam até que morreram. E depois de mortos lhe deram sepultura em sagrado no adro da igreja de S. João, e acompanhou seus corpos toda a soldadesca fazendo as cerimoniaes na forma militar, e os sacerdotes quando se lhes deu sepultura lhes rezaram as orações e fizeram os suffragios que a Santa Igreja ordena. Bemdito e louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo, o qual por sua grande misericordia livrou a estas duas almas da bocca do inferno quando menos o esperavam.” (*Val. Luc.*, 245/246).

Tornemos agora atraz, aos começos da revolução pernambucana, que depois de quasi dez annos de luta incessante conseguiu repellir o invasor do sólo da Patria.

Até o anno de 1857 todos os historiadores foram contestes em attribuir o primeiro logar naquella obra de patriotismo a João Fernandes Vieira. Desde o dito anno, no segundo volume de sua *Historia Geral*, Francisco Adolpho de Varnhagen, rompeu contra a unanimidade da tradição, passou Vieira para o segundo plano, entregou as honras do movimento a André Vidal de Negreiros.

Com o correr do tempo suas affirmações e convicções foram-se tornando mais acrimoniosas, vindo afinal a chamar Vieira simples testa de ferro. João Francisco Lisbôa protestou desde a primeira hora; mas, implicita ou explicitamente é o juizo de Varnhagen que vigora.

Neste debate é testemunha de alta valia Frei Manoel do Salvador, um dos fautores da revolução, testemunha presencial dos seus primordios, cujo livro, escrito no meio da luta, estava terminado desde Outubro de 1647, quando não se podia prevêr o desenlace, e espirito tão previdente e atilado como o do grande Vieira previa que a revolução seria fatalmente esmagada. Pelo testemunho de Frei Manoel vê-se que Varnhagen não compreendeu verdadeiramente como as coisas passaram, e sua narrativa, se não é um solecismo, para empregar o termo de d'Avezac, contem em todo caso mais de caricatura que de historia.

Frei Manoel conheceu João Fernandes Vieira logo que foi para Pernambuco, a chamado de Nassau.

“Outro homem que em Pernambuco achei encontrado com este (Gaspar Dias Ferreira) nos costumes se chamava João Fernandes Vieira, mancebo solteiro, natural da Ilha da Madeira, homem bem inclinado e amigo de todos, e que acabava com os Holandezes muitas cousas por arduas e difficultosas que fossem, o qual morava na varzea do Capivaribe. Com o qual tomou tanta amizade um dos Holandezes que governava a terra, chamado Jacob Estacour, a quem havia cabido grande parte das fazendas na repartição que os primeiros governadores holandezes fizeram entre si dos bens dos moradores retirados logo depois da tomada da terra, entre os quaes bens lhe coube um bom engenho, o qual elle comprou aos da Companhia em satisfação do salario dos seus serviços.

“E indo-se este Jacob Estacour para a Hollanda, acabado o tempo do seu governo, por a grande confiança que tinha em João Fernandes Vieira, e por a grande fidelidade e verdade que nelle tinha achado, lhe deixou todos os bens em sua mão e este engenho com plenario poder de dispor, dar e doar, comprar e vender, segundo lhe parecesse, com só condição de que lhe iria mandando as rendas nas frotas que de Pernambuco se partissem para a Hollanda e tambem lhe deixou credito para tudo o que elle comprasse, por se lhe dar sobre sua palavra, e que todos os creditos e letras que elle passasse as receberia e daria plenaria satisfação em Hollanda, obrigando para isso sua pessoa e honra.

“E tanta confiança fez este Jacob Estacour de João Fernandes Vieira, que sendo um Flamengo de estranha nação, lhe deixou um escripto feito por mão

publica, que morrendo elle nenhum seu herdeiro o poderia tomar conta ao dito João Fernandes Vieira, e que tudo o que dissesse em materia de suas fazendas fosse crido, e somente se estivesse por o que elle affirmasse, assi de dividas como de melhoramentos, porquanto esta era a sua ultima vontade.

“Com este credito e boa opinião e com sua honrada correspondencia com todos, veio a ter tanta entrada com os Flamengos que lhe eram mui affeiçãoados, e o estimavam sobremodo. Começou a comprar muitas fazendas de toda a sorte, assi seccas como molhadas e poz suas logeas de mercancia assi dentro no Arrecife como fora delle, nas quaes poz homens portuguezes de confiança, para que lhe corressem com ellas. E como era mui facil de fiar de todos, e vendia por preço mais acomodado que os outros mercadores, e emfim como era portuguez, todos acudiam ás suas logeas, e deu-lhe Deus tão bôa mão direita e tanta ganancia que em breve se fez senhor de muitos mil cruzados e comprou o engenho a Jacob Estacour e outros quatro mais e ficou senhor de cinco engenhos, os quaes preparou e poz moentes e correntes, providos de bons lavradores, e fornecidos com muitos escravos e com todas as cousas necessarias para os engenhos moêrem.

“E com esta prosperidade não se ensoberbeceu, antes se fez mais humilde e tratavel do que dantes era, e começou a dispender sua fazenda com os pobres, casando orphãs, vestindo as viuvãs e donzellas, dando-lhes saias e mantos e o necessario por cuja falta deixavam de ir á igreja ouvir missa nos domingos e festas, acudindo por os que estão presos por dividas, pagando por uns e ficando por fiador de outros, e não havia necessitado que chegando a elle não viesse remediado e era tido e havido por pai dos pobres.

“Reformou as igrejas que estavam desbaratadas por os Hollandezes e levantou as confrarias dos Santos

e principalmente as do Santissimo Sacramento e da Virgem Maria Nossa Senhora, servindo nellas com grande devoção e dispendio de sua fazenda.

“Vendo o Padre Frei Manoel estas cousas, logo assentou comsigo que era cousa impossivel não dar Deus satisfação ainda nesta vida a este homem, e mostrar o quanto lhe agradavam os esmoleres e amigos de favorecer os necessitados. Logo este bem inclinado mancebo tratou de tomar estado, por escusar as occasiões de offender a Deus, as quaes andam de ordinario annexas ao estado dos mancebos, e se casou com uma nobre e virtuosa donzella chamada D. Maria Cesar, filha de Francisco Berenguer de Andrada.” (*V Luc.*, 57/60)

Si, como diz Frei Raphael de Jesus, João Fernandes Vieira nasceu em 1613, seu casamento deve ter sido em 1643, pois Frei Manoel do Salvador, que ora se exprime em prosa, ora em verso, assegura que João Fernandes Vieira tinha casado na idade de 30 annos.

*“Por se livrar dos rigidos enganos,
Com que o mundo costuma atormentar
Os corações dos miseros humanos
E dar com elles no profundo mar,
Em chegando á idade de trinta annos
(Tempo opportuno para se casar)
Sua filha lhe deu para mulher
O illustre Francisco Berénguér*

*Era esse varão nobre natural
Da forte e fresca ilha da Madeira
Nascido na cidade de Funchal
De estirpe illustre, clara e verdadeira;*

*Este porque conhece o quanto val
O sangue honrado e nobre de Vieira,
Sua filha lhe dá Dona Maria
Que Berénguér e Cesar se dizia.”*

Idéas de insurreição contra o dominio hollandez não appareceram durante o octennio de Nassau, generoso, sympathico e sobretudo da primeira nobreza europêa, a quem se dava em Pernambuco o tratamento de excellencia, de que na Espanha só gozava o Duque de Bragança, descendente dos Reis de Portugal. Substituido Nassau por simples negociantes, o orgulho pernambucano sentiu-se ferido e André Vidal de Negreiros, que passou por ali em viagem para a Parahiba, a visitar seu pai enfermo, convocada a principal gente da terra, convenceu-se da conveniencia de dar um golpe decisivo.

Sob certos aspectos a empresa mostrava-se facil, porque Nassau levára grande parte das tropas para a Europa, os invasores se achavam descuidados, as fortalezas arruinadas ou desguarnecidas. Mas a realidade era bem diversa.

Toda gente habituada ás armas se recolhêra para além do rio São Francisco, ou com Mathias de Albuquerque, em 1635, ou com Luis Barbalho, em 1640, ou com Bagnolo, em 1637. Ainda peor: desde 1636 os Hollandezes prohibiram aos Pernambucanos terem armas e a prohibição dia a dia se foi tornando mais rigorosa, porque a denuncia de armamento era fonte de renda para o denunciante.

Por não se ter lembrado desta situação foi Varnhagen tão injusto para com Vieira. Por não a ter perdido de vista um só instante, por não querer sacrificar a causa a impaciencias irreparaveis, merece Vieira ter para sempre o nome inscripto na historia do Brasil unido.

Com effeito, nada quiz arriscar sem antes estar devidamente preparado.

“Considerando o miseravel estado dos moradores da terra, escreve Frei Manoel, e que para atalhar tantas e tão atroces crueldades e tyrannias não havia outro remedio senão a tomar as armas e vender as vidas (que só restavam por tyrannizar) por preço do sangue derramado e por a força de braço, começou a deitar suas traças e maquinar com o pensamento caminhos para poder sahir a seguro porto, com o effeito de sua determinação e honrado proposito, digno de um generoso peito, e para isso foi adquirindo a si todas as armas que pôde, com tanta sagacidade, dissimulação e segredo, e outrosi foi comprando muita polvora e pastas de chumbo, dizendo que a polvora era para as festas de fogo que fazia na celebração dos Santos, em cujas confrarias servia de Juiz, e alguma mandou vir da Bahia secretamente por caminhos desusados dos mattos desertos, e foi pondo tudo isto no interior da matta do Brasil, em barracas que para isto mandou fazer de muito segredo.

“Comprou outrosi grande numero de alqueires de farinha e outros legumes, como arroz, favas, feijões, milho zaburro, peixe salgado e secco e carne de sal e de fumo, e mandou disto fazer celeiros no matto. E juntamente metteu nestes ditos celeiros vinho, azeite e vinagre e muito sal, e mandou fazer todo o remate de seus engenhos em agua ardente e foi mandando

para a matta do Brasil, onde trazia muitos escravos a fazer pau do Brasil, com alguns feitores brancos seus creados, homens de confiança e segredo.

“E nos carros em que mandava buscar pau do Brasil ia mandando todo o provimento que pôde, sem que o Hollandez tivesse disto noticia; e juntamente forneceu de muitas vaccas os seus curraes, que no matto tinha, e mandou para lá suas cabras e ovelhas, debaixo do achaque de dizer que lhe morriam na varzea de uma erva que comiam chamada fava, e que não lhe multiplicavam, antes os negros Ardas e Minas lh’as comiam, e somente deixou nos seus pastos dos engenhos algumas ovelhas para agasalhar os hospedes que lhe vinham a sua casa.” (*Val. Luc.*, 160/161).

Depois de se pôr em communição com o Governador da Bahia, Vieira mandou chamar aos sertões de São Francisco Henrique Dias e Camarão; logo que foi denunciado, taes precauções tomou que os Hollandezes nunca lograram prendê-lo. Apenas rebentou o movimento, instituiu no mato uma Santa Casa de Misericordia; mandou buscar á força um cirurgião que tratasse dos feridos; taes disposições tomou que nunca faltou o soldo aos soldados. Antes de chegarem os socorros da Bahia, bateu o inimigo no monte das Taboças. E’ a este homem, tão cauteloso, tão previdente e tão bravo, a quem um nosso historiador chama simples testa de ferro !

Continuou na cidade Mauricea, ajudando seus correligionarios, tendo mais de uma vez a felicidade de lhes evitar os vexames. Foi por assim dizer quem deu o signal de revolução, no dia 13 de Junho, na matriz da Varzea.

“Pregou neste dia o Padre Frei Manoel do Salvador, da Ordem de S. Paulo, da Congregação dos Eremitas da Serra d’Ossa e pregou já ao claro, porque até ahi não ousava de se declarar em fórmula, na facção da liberdade, porquanto os Hollandezes, debaixo do titulo de catholicos romanos, todas as vezes que elle pregava, que era em todas as festas, lhe mandavam olheiros por ouvintes, para notarem se pregava alguma cousa contra elles que tocasse a trahição para o prenderem e degolarem; porém nesse dia pregou tão claramente, trazendo ante os olhos de todos os ouvintes todas as tyrannias, crueldades, roubos e traições que os Hollandezes lhes tinham feito e faziam e sob o thema: *Sint lumini vestri praecint*, Lucas, cap. XII.

“Exhortou a todos a que se preparassem para tratar da defensão da fé catholica e de se livrarem do tyranno captivo em que estavam, e que tomassem as armas, lembrando-se que eram portuguezes, filhos e netos daquelles grandes heróes que nas mais remotas partes do mundo tantas proezas e façanhas haviam obrado; e que pois, o glorioso Santo Antonio depois que se tratou da liberdade lhes abriu por duas vezes as portas de sua igreja, havendo-as deixado fechadas e com chave, e naquella mesma noite havia despregado o céu do seu docel do altar e o havia dobrado⁽²⁾, era como se dissesse aos moradores de Pernambuco que não temessem de accommetter a empreza, pois elle abria as portas de sua igreja para os amparar e ajudar e que cada qual dobrasse o seu fato e tratasse de estar desembaraçado e preparado para a guerra.

“Emfim taes cousas disse o Padre Frei Manoel que quando se acabou a missa sahiram todos da igreja,

(2) “No engenho de João Fernandes Vieira, estando armada a igreja e enramado o altar, com ramos verdes, palmas e cannas do assucar, e havendo preparado o altar do Santo com a decencia e ornato possivel, tanto que na primeira noite tangeram o sino para avisar os circum-

uns com as lagrimas nos olhos causadas de alegria e os mais no firme proposito de se declararem contra o inimigo e venderem suas vidas pelo rigor das armas, e com este intento se recolheram para suas casas.” (*Val. Luc.*, 180).

Ainda depois deste sermão Frei Manoel se animou a voltar a Mauritzstadt, e até representar contra a ordem dada pelas autoridades hollandezas ás mulheres e filhos dos conjurados para irem juntar-se aos seus parentes.

Desta vez sua intervenção não deu resultado.

“E como tinha avisado aos nossos de alguns intentos dos Hollandezes e andava já muito sobresaltado de que se viesse a saber e o prendessem e o matassem, tanto que chegou a sua casa na cidade Mauricea, mandou pôr em caminho a dous negros que possuia e mandou para fóra das fortificações do inimigo em uma canôa por mar todos os seus papeis manuscriptos e fechou as portas de sua casa, deixando nella todos os moveis que nella tinha por não ser sentido que se ausentava; e sahindo-se passando com um bordão na mão, tanto que esteve fóra das fortificações se veio para os

vizinhos que havia ali festa e prégação, subitamente se despregou o sobre-céo a modo de docél que estava sobre o altar, e se poz dobrado sobre o mesmo altar diante da imagem do Santo, cousa que causou grande admiração em todos os que se achavam presentes; e não sabendo o que aquillo significaria, ou se queria dizer o Santo que cada um se vigiasse e puzesse seu fato em dobro, se resolveram que a festa se fizesse na igreja matriz da Varzea e assim se fez; porém, na igreja não se achou pessoa alguma presente dos juramentados da empreza da liberdade, porque tanto que os Hollandezes cercaram a primeira casa dos homens principaes da Varzea, logo os negros que fugiram, foram dando rebate por todas as casas dos moradores, e todos se esconderam por entre os cannaviaes o melhor que poderam (*Val. Luc.*, 179).

Apipucos em companhia de Gaspar de Mendonça, Manoel João e Lourenço Guterres; e ahi se embarcou e escondeu no matto de uma ilhota que está rodeada d'agua no açude de João Pessôa e os Hollandezes e caboclos brasilianos lhe saquearam suas casas sem deixar cousa alguma.

“Porém o padre resguardou seu corpo e a sua vida e os Hollandezes principaes diziam que o Padre Manoel era o maior trahidor que elles tinham em Pernambuco, porém que elles o apanhariam ás mãos.” (*Val. Luc.*, 193).

Não o apanharam felizmente. Os insurrectos pernambucanos, aos quaes se agregou, entenderam que Frei Manoel já sexagenario, melhores serviços prestaria indo contar em Portugal os successos que ahi se desenrolavam, do que tentando repetir as guerrilhas de Porto Calvo, a cuja frente se puzera dez annos antes. A esta resolução devemos a primeira parte do *Valeroso Lucideno*, publicado em Lisboa em 1648.

Affirmou-se que deixára prompta para a impressão a segunda parte do livro, mas ninguem diz onde a viu, ou onde parava. Talvez um manuscripto da Bibliotheca do Porto, de que nossa Bibliotheca Nacional possui copia, nos dê a chave do problema. Lê-se com effeito nella: *Segunda parte do Valeroso Lucideno*. Examinado, porém, o contexto, vê-se que ao que se chama *Segunda parte do Valeroso Lucideno* não passa de capitulos de historia da guerra hollandeza, escripta por Diogo Lopes de Santiago, e já publicada na *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*.

O *Valeroso Lucideno*, publicado em 1648, quando a guerra hollandeza andava mais renhida, foi prohibido a pedido do Vigario de Itamaracá, si não nos enganamos, que se julgou diffamado pelo autor. Vinte annos depois novamente se o publicou, trazendo outra folha de rosto e o nome de outro editor.

Nossa Bibliotheca Nacional possui exemplares de ambas as tiragens. No da folha de 1668, que pertenceu ao celebre bibliophilo Diogo Barbosa Machado, um antigo possuidor deste livro, depois de declarar que o comprou em Lisboa, a 2 de Abril de 1705, por 1\$800, jura pelos Santos Evangelhos nunca emprestá-lo a ninguem.



DIALOGOS DAS GRANDEZAS DO BRASIL



Estudo publicado sob titulo *Revistas Historicas* no *Jornal do Comercio* de 24 de novembro de 1900 e de 24 de setembro de 1901.

DIALOGOS DAS GRANDEZAS DO BRASIL

I

No volume I, pag. 512 da *Bibliotheca Lusitana*, publicada por Diogo Barbosa Machado, lê-se o seguinte:

“Bento Teixeira Pinto, natural de Pernambuco, igualmente perito na Poetica que na Historia, de que são argumentos as seguintes obras:

“*Prosopopeya dirigida a Jorge de Albuquerque Coelho, Capitão e Governador de Pernambuco, nova Lusitania*. Lisboa, por Antonio Alvares, 1601: 4.º. São oitavas juntamente com a *Relação do Naufragio que fez o mesmo Jorge Coelho vindo de Pernambuco a Náo Santo Antonio em o anno de 1565*. Sahiu duas vezes impressa na *Hist. Tragico-Marit.*, Tomo 2, desde a pag. 1 até 59.

“*Dialogo das grandezas do Brazil em que são interlocutores Brandonio e Alviano*. M(anu) S(criptum). Consta de 106 folhas. Trata de muitas curiosidades pertencentes á Corographia e Historia natural daquellas Capitánias. Conserva-se na Livraria do Conde de Vimieiro. Desta obra e do autor faz memoria o moderno addicionador da *Bibl. Geog.* de Antonio de Leão. (Tomo 3, Tit. unico, col. 1.714).”

Em 1839, nas *Reflexões criticas* a Gabriel Soares, pag. 99, publicadas pela Academia das Sciencias de Lisboa, Francisco Adolpho de Varnhagen diz, referindo-se a um exemplar manuscripto dos *Dialogos das grandezas* existente na Bibliotheca Publica de Lisboa: “na primeira pagina lê-se com letra differente: “Foi

composto por Bento Teixeira”. O Abbade Barbosa que, segundo colhemos da sua informação, viu esta mesma copia, acreditou ser este o autor. Nós, porém, não estamos dispostos a dar-lhe inteiro credito, fundados em um ponto da vida de Bento Teixeira Pinto, que não julgamos conformar-se, e nas informações do addicionador da Bibliotheca de Pinelo, T. 3.º, col. 1714, que são do teor seguinte:

“Brandaon, Portugues, Vecino de Pernambuco, *Dialogo de las Grandezas del Brasil*, que contiene muchas cosas de la *Corographia e Historia natural de aquel Pais*, Ms. en la Libreria del Conde de Vimieiro en portugues.

Nesta mesma columna vem um pouco acima: Benito Teixeira, Tratado de la Gandeça i Fertilidad de la *Provincia del Brasil*, o *Nueva Lusitania*, i discricion de *Pernambuco* segundo Franco, en la Bibliotheca Lusitana, M. S.

Si são realmente dois autores os que se apontam e propõem para a mesma unica obra, não duvidamos que o tal Fuão Brandão seja o verdadeiro e legitimo, até pela transformação do seu nome em Brandonio com que o A. explica as grandezas do Brasil.”

Commentando estas palavras, escreveu Joaquim Norberto de Sousa e Silva na pagina 277 da *Revista do Instituto Historico* de 1850:

“E’ para sentir que o Sr. Varnhagen *não estivesse disposto a dar-lhe inteiro credito*, pois não me parece que a sua conclusão destrua a asserção do incansavel abbade Barbosa Machado; mas a falta de mais perfeito conhecimento desse manuscrito me inibe de entrar

na elucidação de um ponto tão importante que o nosso consocio deixa em duvida, pois trata-se daquelle que, como dizem os Srs. Ferdinand Denis e Magalhães, serve de ponto de partida na historia literaria do Brasil”.

O mesmo volume, pagina 403, traz a resposta de Varnhagen, de que daremos os pontos essenciaes :

“Passemos agora ao dito meu de não “estar disposto a dar-lhe inteiro credito”

“Si o digno autor do artigo bibliographico não houvesse insistido nesta proposição, repetindo-a segunda vez e sublinhando-a para que apparecesse em grifo, ter-me-ia poupado esta explicação, pois de certo não houvera eu tido occasião de ligar tanta importancia ao usar-se antes do nome de Barbosa do epitheto de incansavel, que álguem poderá parecer como empregado para o effeito de antithese. Como succedeu diversamente, vejo-me obrigado a replicar que não me parece prudente o querer-se peremptoriamente decidir si a pouca disposição que eu tinha para dar credito a Barbosa era ou não bem fundamentada, quando ella em parte se estriba quasi que só em uma affirmativa conjectural; visto que não desenvolvi nem desenvolverei aqui todos os argumentos que tenho para essa menor disposição de meu espirito em crêr o que diz Barbosa. Repetirei, porém, e com possivel clareza, os argumentos que já enunciei e que no artigo a que me refiro se crêem insufficientes para destruir a asserção do incansavel Barbosa.

“E’ o primeiro o dizer Barcia que houve um tal Brandão autor de um *Dialogo das grandezas do Brasil*, e chamar-se no manuscripto de que se trata, *Brandonio* ao interlocutor que expõe; quanto a Bento Teixeira o

mesmo Barcia apenas attribue um *Tratado da grandeza e fertilidade da provincia do Brasil ou Nova Luzitania*, etc.

“E’ o segundo o não se conformar o manuscripto dialogado que estudamos, com o que sabemos da vida de Bento Teixeira, incluindo o seu naufragio.

“Barbosa guiou-se naturalmente para o seu artigo bibliographico por uma declaração de differente letra e época, que se encontra no manuscripto que era de seu irmão e é o mesmo que está na Bibliotheca de Lisboa; dessa declaração consta ser aquella a obra de Bento Teixeira. Mas quem a escreveu? Merece ella algum credito á vista de outros factos contradictorios? E’ o que o *incansavel* abbade de pouca critica deixou por decidir; é o que nos indispoz o espirito a ter fé neste ponto; é o que a critica deve elucidar, não começando por aggreddir os que mostram caminho.”

Em 1857, no segundo volume da *Historia geral*, exprimiu-se assim:

“ .a outra, *Dialogo das grandezas do Brasil*, e por conseguinte escripta em dialogos, não falta quem assevere haver sido obra de um Pernambucano, Bento Teixeira, o qual effectivamente si não é o autor do manuscripto que chegou até nós, o foi de outro com titulo identico, que acaso servisse ao de que se trata.

“Cumpre declarar que, segundo bons informes, que não fora nem um Bento Teixeira quem, a rogo de Jorge de Albuquerque e do piloto Affonso Luis, escreveu a *Prosopopéa* ou relação do naufragio, que corre com o seu nome; mas sim um Antonio de Castro que foi mestre do Duque D. Theodosio II.”

Em 1872 volta ainda ao assumpto (*Diario Official* de 6 de Novembro):

“As duvidas já por mim desde tempo antes nutridas ácerca da genuidade dos escriptos attribuidos ao mesmo Bento Teixeira foram tambem a causa por que não fiz delles menção no ensaio da historia literaria do Brasil que serve de introducção ao *Florelegio da Poesia Brasileira*.

“As duvidas ficam ainda subsistindo ácerca do livro manuscripto *Dialogos das grandezas do Brasil*, e subsistirão emquanto o manuscripto não puder ser de novo consultado, por haver sido levado da bibliotheca publica de Lisboa a que pertencera para essa capital ha mais de vinte annos, sem que o depositario (José Feliciano de Castilho) proseguisse na publicação começada no *Iris*. Adiante elle rectifica que Antonio de Castro foi mestre de D. Duarte (não D. Theodosio), filho dos Duques de Bragança D. João e D. Catharina.”

Na segunda edição da *Historia geral*, pag. 686, diz o então Visconde de Porto Seguro:

“A *Prosopopéa* é um poema épico de pouco desenvolvimento, mas de grande valor por ser a poesia propriamente brasileira mais antiga que possuímos. Da edição de 1601, publicada na relação dos trabalhos passados pela náó Santo Antonio, em que seguia para a Europa Jorge de Albuquerque em 1565 (relação que hoje sabemos haver sido escripta não por Bento Teixeira, mas sim pelo piloto Affonso Luis, sendo corrigida pelo mestre Antonio de Castro), só existem os exemplares das bibliothecas publicas de Lisboa e do Rio de Janeiro, havendo-se em vista do desta ultima, feito ali em 1873 uma nova edição.

“Os noticiosos *Dialogos das grandezas do Brasil* por emquanto ainda manuscriptos (e que eram julgados já perdidos, por se haver desencaminhado a copia da Bibliotheca publica lisbonense, quando acertámos a encontrar delles na Hollanda um codice mais autentico que pensamos publicar) são inquestionavelmente obra de um homem de saber e de bom juizo; pois quasi tudo quanto propoz em respeito ao Brasil chegou a ser reconhecido necessario. O manuscripto cahiu sem duvida em poder dos Hollandezes em 1630, pois que na Hollanda, se encontra ainda hoje manifestamente em letra antiga. ”

Passando por Pernambuco, o Visconde de Porto Seguro entregou uma copia dos *Dialogos* para ser publicada, a José de Vasconcellos, grande amator de historia patria. Em *postfacio*, datado do Recife a 30 de Setembro de 1877, não hesita em crêr os *Dialogos* — “obra de um Pernambucano, e então não póde o autor ter sido senão o proprio tradicional Bento Teixeira, autor da *Prosopopéa*, pois não era possivel encontrar-se em qualquer colono obscuro, e que de si não deixasse a menor noticia, tantas qualidades recommendaveis de instrucção”

Depois de dar os motivos de sua opinião, que adiante serão apreciados, prosegue:

“Somos os primeiros a reconhecer que todos estes argumentos não são infalliveis, e que em parte se prestam tambem á defesa das opiniões oppostas, sendo que cada qual adoptará aquellas com que mais sympathise, segundo a sua propria nacionalidade e prevenções. Pela nossa parte contentamo-nos de emitir aqui o nosso ve-

redicto, com toda a consciencia, depois de pesar maduramente as razões de um e de outro lado; e a circumstancia de nos acharmos quasi no mesmo caso em que supponmos o autor, de ter ido na meninice estudar á metropole e de voltar de lá na juventude, já quasi alheio aos usos da patria, mas sempre no intimo favoravel a ella, sahindo em sua defesa, apesar de todas as prevenções da educação, nos faz julgar como jurado bastante apto para decidir na questão com conhecimento pleno de causa.”

Quem teria razão, o estreante de 1839, pouco disposto a receber informações suspeitas, ou o velho historiador de 1877, pronunciando o *veredictum* final, depois de quasi meio seculo de estudos nunca interrompidos? O noviço Varnhagen ou o provector Visconde de Porto Seguro?

Vale a pena inquiri-lo por menor.

No meio de todas as duvidas e affirmações contradictorias liquida-se um factó incontestavel. No anno de 1601, Antonio Alvares publicou um livro que traz na recto da primeira folha o nome de Jorge de Albuquerque Coelho e seu brazão (armas de Duarte Coelho quartejadas com a dos Albuquerque, de que Jorge descendia por via materna); na segunda recto e verso, um prologo endereçado por Bento Teixeira ao mesmo; na terceira recto, *Prosopopéa dirigida a Jorge de Albuquerque Coelho*, etc. E' a chamada *Prosopopéa*. Da edição de 1601, unica até hoje conhecida, existem dois exemplares: um, em nossa Bibliotheca Nacional; outro, na de Lisboa.

Pelo exemplar da nossa fez-se aqui uma reimpressão no anno de 1873.

No prologo, depois de citar Horacio, diz Bento Teixeira :

“ .assim eu querendo dibuxar com o bastardo pincel de meu engenho a viva Imagem da vida, e feitos memoraveis de vossa mercê, quis primeiro fazer este riscunho, para depois, sendo-me concedido por vossa mercê, ir mui particularmente pintando os membros desta Imagem, se não me faltar a tinta do favor de vossa mercê, a quem peço humildemente, receba as minhas Rimas por serem as primeiras primicias com que tento servi-lo: e porque entendo, que as aceitará com aquella benevolencia, e brandura natural, que costuma, respeitando mais a pureza do animo, que a vileza do presente, não me fica mais que desejar, senão ver a vida de vossa mercê augmentada, e o estado prosperado, como todos os seus subditos desejamos. Beija as mãos de vossa mercê. Seu vassallo. Bento Teixeira.”

Vê-se sem difficuldade: Bento Teixeira aspirava a compor um poema épico celebrando o heroe Jorge de Albuquerque; mas a empresa pedia tempo, as premissas significavam empresa maior, cuja execução reserva para o futuro.

As seis oitavas com que abre o livro representam a classica invocação. Dellas causam reparo apenas estes versos :

”As delphicas irmãs, chamar não quero,
“Que tal invocação, é vão estudo.
“Aquelle chamo só, de quem espero,
“A vida que se espera em fim de tudo.

porque podem explicar o titulo do poema. Adiante apparecerão figuras da fabula, todo o poema não passa de um enredo mythologico; mas isso em nada importa á crença do poeta; o poeta usa de uma figura rhetorica personificando os elementos para

“Que a grandeza de vossos feitos cante
“Com som, que Ar, Fogo, Mar e Terra espante.

Dez oitavas subordinadas ao titulo *Narração* apresentam o sol posto, a lua com

“A sua terga, e circular figura,”

Morpheu avançando subtil para atar os membros lassos dos mortaes, Zephiro brincando com as flores, as estrellas fixas no céu resplandecendo no mar. Subito, vem Tritão cortando as aguas, chega á praia, assenta-se na propria cauda, e sopra com tanta força em uma trompa e, com tanta violencia, que do Oceano surge Neptuno com toda a côrte de deuses maritimos.

Cinco estrophes intituladas *Descrição do Recife de Pernambuco* fixam o logar da acção. Tudo isto se passará na lage que fecha o porto, e o autor diz-nos nas ultimas linhas da *Prosopopéa*:

“Eu que a tal espectaculo presente
“Estive, quis em Verso numeroso,
“Escreve-lo, por ver que assim convinha,
“Para mais perfeição da Musa minha.

Depois de socegados os deuses na lage, Neptuno dá ordem a Protheu que preveja o futuro e

“Protheu no Céu, c’os olhos enlevados,
 “Como que investigava alto secreto,
 “Com voz bem entoada, e bom meneio,
 “Ao profundo silencio, larga o freio.

O *canto do Protheu*, como se intitula a outra parte, occupa 71 oitavas, isto é, quasi todo o resto do poema, que se reduz a 94 oitavas.

Protheu, depois de dizer que não tratará de heróes antigos, annuncia a vinda de Duarte Coelho, suas lutas contra os Francezes, seu casamento com D. Beatriz, o nascimento de dois filhos, Duarte e Jorge. A infancia de ambos se passará em lutas contra os Indios, nas quaes os auxiliará seu tio Jeronymo de Albuquerque, a quem são consagradas não menos de seis oitavas deplorando o pouco favor com que foi tratado, lembrando sua numerosa descendencia (não menos de vinte e seis filhos, como sabemos) e o artificio de que se valeu contra os barbaros. Depois de derrotar os barbaços e fechar as portas de Jano, Jorge de Albuquerque embarca para a Europa.

Os Indios, contra os quaes Jorge tanto batalhara, eram descendentes de Vulcano, e este, em quasi sete oitavas, se queixa amargamente de seus inimigos, jura vingar-se delles, e vai pedir o soccorro de Neptuno realizando

“ .o novo jogo,
 “Entrar no Reino d’água o Rei do fogo.”

Neptuno cede aos pedidos do collega e uma tempestade se desencadeia horrivel; mas Jorge de Albu-

querque exhorta os companheiros em doze oitavas a não descoroçoarem e consegue chegar a Lisboa, onde elle e os companheiros descalços e em procissão vão visitar os templos.

D. Sebastião preparava sua famosa expedição á Africa e nella entraram os dois irmãos Duarte e Jorge. Na batalha de Alcacerquibir Jorge dá seu cavallo a D. Sebastião e, depois de ferido, é feito prisioneiro. O mesmo succede a Duarte. Ambos são resgatados, pouco sobrevivendo Duarte. Com a morte deste, a Jorge de Albuquerque Coelho passára a Capitania de Pernambuco, na qual veiu a ser terceiro donatario.

Tudo isto canta e prophetiza Protheu. Neptuno em satisfação da tempestade mandada a Albuquerque venerando, promette que a posteridade o vingará em hymnos. Todas as deidades aquosas retiram para seu reino, e o poeta para aperfeiçoar sua musa, como acima fica dito, descreve o espectáculo.

Conhecida a fabulação da *Prosopopéa* convém procurar a época de sua composição. A historia do resgate dos irmãos Albuquerque fixa como termo *a quo* de 1578 a 1580; a successão de Jorge de Albuquerque como donatario, leva-o ao penultimo decennio do seculo XVI. Nada se opporia a fixar a composição da *Prosopopéa* em 1600 e até 1601 si não fossem os versos relativos a

“Aquelle branco Cisne venerando,
“Que nova fama quer o Céu que merque
“É me está com seus feitos provocando,

“Que delle cante, e sobre elle alterque,
 “Aquelle que na Idéa estou pintando
 “Jeronymo sublime d’Albuquerque,” —

os quaes adiante parecem implicar não haver ainda morrido o cunhado e collaborador de Duarte Coelho. Segundo Jaboatão, Jeronymo de Albuquerque falleceu em 1594. Admittamos pois, para a composição da *Prosopopéa* o anno de 1593.

O cantor da *Prosopopéa* era moço, elle o diz falando das primeiras primicias, do aperfeiçoamento da propria musa, dos planos afagados para o futuro. E o seu livro proclama-lhe a inexperiencia em cada linha. Já o titulo prenuncia o estudante verde e arhetorico. Mostra o estudo fresco da mythologia a oitava tão característica na sua falta de character :

“Thetis, que em ser formosa se recrêa,
 “Tras das Nymphas (o) côro brando, e doce,
 “Climene, Ephyre, Opis, Panopéa,
 “Com Beroe, Thalía, Cymodoce,
 “Drymo, Xantho, Lycorias, Deyoêa,
 “Arethusa, Cydippe, Philodoce,
 “Com Erystea, Espio, Semideas
 “Após as quaes cantando, vem Serêas.

Indicam o aprendiz, que desenha por traslado em falta de animo para arrostar a natureza, as citações de Horacio, de Ovidio (Celebre o Sulmonez com falsa pompa), as numerosas allusões tiradas de Virgilio e,

sobretudo, o pesadelo de Camões. Acompanha-o cada passo em surdina o éco amortecido dos *Lusiadas* que rompe ás vezes clangorosamente:

“Vinha Tritão em colla duplicada,
“Não lhe vi na cabeça casca posta,
“(Como Camões dissera) de Lagosta,

“Mas uma concha lisa, e bem lavrada,
“De rica Madre Perola trazia.

Teria vinte annos em 1593, quando isto lavrara o dono desta prenda? Teria nascido em 1573? Neste caso, não podia acompanhar a Jorge de Albuquerque em 1565 na temerosa travessia da nau Santo Antonio. E que não o acompanhou facilmente se demonstra. Naquella tragedia maritima sobrelevam dois momentos: a luta contra os elementos, que Bento Teixeira, levado ainda por Camões e substituindo Vulcano por Baccho, imagina levantada pelo conluio de dois deuses, e a luta contra corsarios Francezes e herejes. A esta luta, em que a figura de Jorge de Albuquerque assumiu proporções homericas, nem de longe se acena. Prova de que a não conhecia o poeta; prova de que do naufragio da nau Santo Antonio só possuia noções vagas; prova sobretudo da verdura do autor ao escrever a *Prosopopéa*.

* * *

Recapitulemos:

Varnhagen deixou apurado que Bento Teixeira Pinto, companheiro de Jorge de Albuquerque na tra-

vessia de 1565, não foi o autor da historia do naufragio da nau. Escreveu-a o piloto Affonso Luis, polliu-a Antonio de Castro.

Do exame da *Prosopopéa*, apura-se não poder o autor ter sido companheiro de Jorge de Albuquerque, pois ao tempo da travessia deveria estar ainda por nascer.

Por conseguinte, o Bento Teixeira autor da *Prosopopéa* e Bento Teixeira Pinto passageiro da nau *Santo Antonio*, differem absolutamente e são irreductíveis. Qual dos dois comporia os *Dialogos das grandezas do Brasil* ?

O *Dialogo das grandezas* contém dois interlocutores: *Alviano*, chegado de pouco á terra, ignorante de suas coisas e mal disposto por ellas, personagem abstracto por assim dizer, excepto em um caso adiante mencionado, e *Brandonio*, conhecedor entusiasta do paiz, personagem real, o preceptor e implicitamente o autor do livro.

Os *Dialogos* foram compostos em 1618 (pag. 14), em uma das tres capitancias do Norte, — Parahiba, Tamaracá ou Pernambuco, pois Brandonio não passara do Cabo de S. Agostinho (pags. 78 e 81). Em qual dellas precisamente ninguem se gabe descobrir. Si o autor de proposito quizesse velar a localidade, difficilmente mostrar-se-ia mais reservado e reticente. A favor da preferencia pela Parahiba pleiteiam-se considerações bem plausiveis: a extensão com que descreve esta capitania, historias dadas por frescas e recentes succedidas no vizinho Rio Grande do Norte (pags. 72 e 116) etc. Pouco importante é, aliás, este ponto.

De si Brandonio fornece as seguintes noticias :

Em 1583 assistia em Pernambuco, encarregado dos dizimos de assucar : era então novo na terra, e tres annos mais tarde ainda ali se achava (pag. 71). Em 1586 viu ainda coberto de mato o sitio da mais tarde cidade da Parahiba (pag. 15); mas sua demora ali foi curta, porque no mesmo anno em Pernambuco um Piruleiro lhe deu noticias do curso do Amazonas (pag. 10) Em 1591 voltava a esta capitania, de perseguir uns indios Potiguares (pag. 21); no anno seguinte conversou ali com um mercador de Algarves (pag. 21). Em 1597 provava no reino aos governadores quanto mais importante e real que o das Indias era o commercio do Brasil (pag. 55). Em 1599 aprendeu em Portugal com um fidalgo, velho asturiano, o melhor meio de plantar o trigo, de modo a amadurecer todo de uma vez (pag. 87). Parece, estava de volta o anno seguinte, pois Alviano fala em ter visto em Olinda uma menina branca e loura, apesar dos pais serem indios (pag. 31). Como em todo o livro Alviano figura de chegado recentemente em 1618, houve nisto uma confusão: quem viu a menina foi Brandonio.

Muitas vezes significou certas opiniões a D. Afonso Castello Branco (pag. 23), Bispo de Coimbra e Governador de Portugal de 22 de Agosto de 1603 até 26 de Dezembro de 1604; não nos diz, porém, si isto fez por boca ou por carta, aquém ou além-mar

Em 1607 D. Duarte de Castello Branco, Conde de Sabugal, Veador da fazenda real, e Meirinho-mór entretinha-se com elle no velho mundo sobre a convenien-

cia de se levantarem embarcações de importancia neste lado do Atlantico, e perguntava-lhe si não haveria paus proprios para piques.

Estava de volta para a terra de Cabral, e prometeu-lhe mandar paus d'astea, proprios para este ultimo mister, logo que chegasse, o que de facto cumpriu, sem mais ter sobre a materia resposta.

Em 1618 encontramos-lo senhor de engenho, discreteando sobre o paiz em que tantos annos dispendera de sua vida proveitosa.

Outros factos da vida de Brandonio ainda se encontram mencionados, na maioria localizados na Parahiba; por não trazerem data, omittiram-se.

Estes, porém, bastam a provar que Bento Teixeira não foi quem escreveu os *Dialogos das grandezas*, pois em 1583, quando o autor deste já desempenhava uma commissão espinhosa como a arrecadação dos dizimos de assucar, o poeta da *Prosopopéa* devia estar apalpando a puericia.

Nada se oppõe a que Bento Teixeira Pinto, o do naufragio de 1565, cincoenta e tres annos mais tarde condensasse em livro sua experiencia semi-secular. O impossivel é transformar um viajante de 1565 em um novato de 1583.

E este exame demorado reduz-se assim todo a conclusões negativas.

Bento Teixeira Pinto não descreveu o naufragio da nau *Santo Antonio*.

Bento Teixeira, o poeta da *Prosopopéa*, o vassallo de Jorge de Albuquerque Coelho, não o acompanhou a bordo da nau *Santo Antonio*.

Nem Bento Teixeira Pinto, nem Bento Teixeira,
têm parte nos *Dialogos das grandezas do Brasil*.

Nota — As citações dos *Dialogos das Grandezas do Brasil*, feitas neste e no seguinte artigo, referem-se á nova edição do livro prestes a sahir e a que estas paginas servem de *Introdução*.

C. de A.

24 de novembro de 1900.



II

Os esforços até agora tentados para levantar o anonymato dos *Dialogos das grandezas do Brasil* têm sido perdidos. Para que aventar novas hypotheses? Antes tomar do livro e penetrar sua intimidade, si pudermos.

Os dialogos são em numero de seis. O autor nunca passou do cabo de Santo Agostinho para o sul; devem, pois, ter sido escriptos em uma das capitánias ao norte do cabo. Destas, apenas duas, diz elle, explicitamente ter visitado, e pelas abundantes informações mostra conhecer directamente: Pernambuco e Parahiba, — Tamaracá ficava a meio caminho e devia ser-lhe familiar.

Ha probabilidades a favor da Parahiba ser o logar em que os *Dialogos* foram compostos.

Entre estas podem ennumerar-se primeiramente as numerosas referencias a ella feitas, o modo desenvolvido por que é tratada nessa edição: pouco mais de tres paginas (19 a 22) tratam de Pernambuco, menos de quatro (22 a 26) tratam da Bahia, ao passo que quasi cinco (14 a 19) cabem á Parahiba. A' Parahiba attribue-se o terceiro logar entre suas irmãs (15), e aproveita-se qualquer pretexto para salienta-la: o administrador ecclesiastico, prelado quasi igual aos bispos nos poderes, é da Parahiba, esta, por conseguinte, a

cabeça espiritual das capitâneas do norte, a começar de Pernambuco (19); na organização judiciaria proposta para substituir a Relação da Bahia, um corregedor com amplos poderes deve residir na Parahiba, *por ser cidade real*, e a elle serem subordinadas todas as justicas desde Pernambuco até Maranhão e Pará (24). Esta preferencia pela Parahiba não indica que á Parahiba o autor estava preso por laços muito particulares? Uma phrase escripta incidentalmente legitima a resposta pela affirmativa: “vos hei de contar, diz um dos interlocutores, uma graça ou historia que succedeu ha poucos dias neste Estado sobre o achar do ambar Certo homem ia a pescar pera a parte da Capitania do Rio Grande em uma enseada que ali faz a costa. ” A menos que não se provasse que o autor escrevia no Ceará, o que está fóra da questão, *para a parte da Capitania do Rio Grande*, só se podia escrever na outra Capitania contigua, isto é, na Parahiba.

Si a capitania em que os *Dialogos* foram escriptos tão vagamente se designa que apenas probabilidades se podem apurar a favor de uma, não é mais precisa a indicação do logar em que a scena passa. O primeiro dialogo põe certa tarde, *ex-abrupto*, dois individuos já conhecidos entre si em nossa presença: *Alviano* e *Brandonio*. Em frente á casa do ultimo trava-se a conversa. Estiveram sentados? discorriam peripateticamente? Nada se póde concluir. A conversa prolonga-se: sendo tarde, marcou-se ao outro dia o logar em que a pratica terminou para a noitinha. O mesmo se fez das outras vezes. Entre o terceiro e o quarto dia falhou Brand-

nio: a conversação reproduzida nos *Dialogos das grandezas do Brasil* durou, portanto, sete dias, com um de descanso.

Quem eram *Alviano* e *Brandonio*? Por que foram escolhidos estes nomes? Conterão algum anagramma? Nem uma resposta se póde formular. Parecem antes personagens symbolicos: um, representa o reinol vindo de pouco (45), impressionado apenas pela falta de commodidades da terra: o segundo, é o povoador, que desde 1583, veio para o Brasil, e com as interrupções de varias viagens além-mar, ainda aqui estava em 1618, data da composição do livro. Tão abstractos são os personagens, que ás vezes saem dos labios de um palavras que melhor condiriam nos do outro.

A conversação irrompe sem preparo á vista de uma lanugem de monguba, passa aos motivos por que a terra é descurada, e após varios incidentes termina com a descripção summaria das diversas capitánias, desde o rio Amazonas até S. Vicente: tal o objecto do primeiro dialogo. O segundo começa por uma discussão, mais erudita que interessante, sobre a zona torrida e sua inhabitabilidade — affirmada pelos antigos philosophos, desmentida pela experiencia; explica por que apesar de negros e americanos morarem nas mesmas latitudes aquelles têm a pelle negra e o cabello encarapinhado, ao contrario destes, cuja epiderme é baça e cuja cabelleira é lisa; explora a origem dos americanos, exalta as excellencias do clima, ennumera as poucas molestias vigentes do Brasil. O terceiro, estuda as quatro fontes de riqueza do Brasil: lavoura de assucar, mercancia em geral, o trato do pau-brasil em

particular, os algodões e madeiras. O quarto, expõe a riqueza que se pôde angariar com o commercio de mantimentos, fala do mel, do vinho, do azeite, da tinta contida nas arvores indigenas e descreve ligeiros quadros da vida vegetal. O quinto, ennumera os animaes, subordinados aos tres elementos em que vivem: ar, agua e terra; do elemento mais alevantado, do fogo não trata, diz Brandonio, “porque de todo o tenho por esteril, que a salamandra que se diz criar nelle entendo ser fabulosa, porque quando as houvera, nas fornalhas dos engenhos de fazer assucares do Brasil que sempre ardem em fogo vivo, se deverão de achar”. O ultimo dialogo refere no principio os costumes dos Portuguezes, porém, a maior parte é consagrada á descripção dos Indios, com que termina a obra.

Antes de ir para o Velho Mundo, de onde só voltou passados quasi tres seculos, teria o livro do senhor de engenho parahibano sido aproveitado deste lado do Atlantico? Em outros termos: teria servido de fonte a algum dos escriptores que trataram dos mesmos assumptos? Frei Vicente do Salvador, em sua *Historia*, terminada a 20 de Dezembro de 1627, umas vezes parece refuta-lo, outras reproduzi-lo com mais ou menos liberdade; como, porém, ao livro do escriptor franciscano faltam muitos capitulos, exactamente os que tratam de entradas ao sertão de Parahiba e Pernambuco, de que nosso autor fez parte, a questão por ora não pode ser decidida.

No entender de Varnhagen, o autor dos *Dialogos* era Brasileiro, e funda sua convicção em achar neste

escripto mais de uma vez *nosso Brasil*. De facto assim é; e tambem se encontra *nossa Espanha, nosso Portugal*, o que deixa bem patente a pouca força deste argumento subtil. O autor era Portuguez; a leitura cuidadosa o attesta a cada passo e o proprio Brandonio o confirma explicitamente. Interrogado por que não secundou as experiencias de plantação de trigo, responde: “*Porque se me communica tambem o mal da negligencia dos naturaes da terra*” (87). Si fosse natural da terra, a resposta seria dada nestes termos?

Era portuguez e do sul de Portugal, ou pelo menos lá passára muito tempo. Só assim se explica a importancia que attribue a “alguma restinga de terra que então (no tempo das navegações carthaginezas) continuava com uma ilha situada na costa do Algarve, a que chamamos do Pecegueiro, na qual paragem por costumarem a continuar os atuns que por ali passam a desovar dentro do estreito, se tomam muitos hoje em dia” Teria reparado em coisa tão somenos um simples viajante?

Era homem de instrucção: conhecia o latim, a lingua literaria e scientifica da época, e lêra os livros representativos da sciencia coéva: Aristoteles, Dioscorides, Vatablo, Juntino; sabia a historia, a geographia, a produção de Portugal e de suas colonias; e dispunha de intelligencia extremamente clara, cuja força se manifesta na precisão com que trata dos objectos, como por exemplo, a polvora, o assucar, a farinha de mandioca, o papel; no modo por que subordina os factos mais diversos a categorias simples, como quando reduz os moradores do Brasil a cinco condições de gente (6),

dos modos de adquirir fortuna a seis (54); distribúe a vida animal pelos elementos (105); desfia a inutilidade do commercio da India (55) e dispõe as arvores silvestres em hortas e jardins (fim do Dialogo IV).

Não era um espirito simplesmente contemplativo; occupava-o o lado pratico, a applicação possível. A larga navegabilidade do Amazonas suscita a idéa de aproveitá-la para as communicações com o Perú; a existencia de aves rapineiras lembra a caça de alternaria; mesmo a secreção mephitica da jaguatataca antolha-se aproveitavel na ordem militar; fazia ou mandava fazer experiencias por conta propria, preparou anil para mostrar que a terra podia dar do melhor, fez examinar em Portugal uma especie de madeira, que lhe pareceu propria ao preparo da tinta de escrever.

Como seus contemporaneos, tinha uma veia de credulidade, fala em palavras fortes de encantamento; avisa que os pagés dos Indios não são legitimos feiticeiros; sobre certos animaes e mariscos, adianta affirmações bem singulares; mas era um espirito aberto aos factos novos: nas ultimas paginas ainda apresenta um facto a favor da origem vegetal do ambar, geralmente contestada naquelle tempo: a credulidade para elle era o principio da critica e da sabedoria.

Era finalmente um escriptor colorido, energico, veemente, capaz de attingir a eloquencia; a phrase sae ás vezes retorcida para acompanhar o vibrante da sensação; a força vegetativa do novo mundo, sobretudo agitava-o vivamente. Um breve trecho do terceiro Dialogo (pags. 73-74) mostrará como elle sabia externar suas emoções:

“Certamente, diz Brandonio, que estimara muito não me metter em semelhante trabalho (tratar das madeiras) pelo muito que ha que dizer a cerca desta materia. Porque por cada parte que ponho os olhos, vejo frondosas arvores, entrabastecidas matas, e intrincadas selvas, amenos campos, composto tudo de uma doce e suave primavera; porquanto em todo o decurso do anno gosam as arvores de uma fresca verdura, e tão verdes se mostram no verão como no inverno, sem nunca se despirem de todo de suas folhas, como costumam de fazer na nossa Espanha; antes, tanto que lhe cahe uma, lhe nasce immediatamente outra, campeando a vista com formosas paizagens, de modo que as alamedas de alamos e outras semelhantes plantas que em Madrid, Valhadolid e em outras villas e lugares de Castella se plantam e grangeiam com tanta industria e curiosidade para formosura e recreação dos povos, lhes ficam muito atraz — quasi sem comparação uma cousa da outra; porque aqui as matas e bosques são naturaes e não industriosos, acompanhados de tão crescidos arvoredos, que além de suas tapadas, frescas folhas defendem aos raios do sol poder visitar o terreno de que gosam, não é bastante uma flecha despedida de um teso arco por galhardo braço a poder sobrepujar a sua alteza; e destas semelhantes plantas e arvores ha tantas e diversas castas que se embaraçam os olhos na contemplação dellas, e somente se satisfazem com dar graças a Deus de as haver criado daquela sorte. Donde certamente cuido que, si neste Brasil houvera bons arbolarios, se poderiam fazer da qualidade e natureza das plantas e arvores muitos volumes de livros maiores que os de Dioscorides, porque gosam e encerram em si

grandissimas virtudes e excellencias occultas e enxerga-se o seu merito em algumas poucas dellas, de que nos aproveitamos.”

Procuremos agora enfeixar os dados dispersos através dos *Dialogos das Grandezas*.

Em 1618 os estabelecimentos fundados por Portuguezes começavam no Pará sob o Equador, terminavam adiante de S. Vicente, além do tropico.

Entre uma e outra capitania havia grandes espaços devolutos de dezenas de leguas. Para as bandas do sertão na facha da floresta, apontava quasi o mar a natureza intemerata. A população total cabia folgadoamente em cinco algarismos.

Assegura Brandonio que as tres capitancias do Norte poderiam pôr em campo mais de 10.000 homens armados, isto é, deviam contar pelo menos 40.000 almas. Palpavel exagero: em todas as capitancias juntas mal passaria desta somma a gente de procedencia portugueza.

A camada infima da população era formada por escravos, filhos da terra e africanos. Aquelles apparecem em menor numero, em consequencia da população indigena ser um pouco densa; os Jesuitas e depois as outras ordens, mais ou menos a exemplo destes, pré-garam pela liberdade dos indios, tornando precaria sua posse; finalmente, a experiencia tem demonstrado a superioridade dos africanos para o trabalho.

“Neste Brasil, diz Brandonio, se ha criado um novo Guiné com a grande multidão de escravos vindos de lá que nelle se acham, em tanto que em algumas ca-

pitancias ha mais delles que dos naturaes da terra, e todos os homens que nelle vivem têm mettida quasi toda a sua fortuna em semelhante mercadoria. Todos fazem sua grangearia com escravos de Guiné, que para esse effeito compram por subido preço. o de que vivem é somente do que grangeiam com taes escravos..." (Pags. 8, 33).

Acima deste rebanho, sem terra e sem liberdade, seguiam-se os Portuguezes de nascimento ou de origem, sem terras, porém livres, vaqueiros, feitores, mestres de assucar, officiaes mecanicos, vivendo de seus salarios ou do feitio de obras encommendadas.

Vinham depois, já donos de terrenos, os criadores de gado vaccum. Seu numero era exiguo, exigia a importancia de sua classe. O territorio colonizado limitava-se quasi á zona da mata, onde o gado não prospera facilmente e cumpria defender os cannaviaes e outras plantações de seus ataques. Medidas defensivas tomaram-se mais tarde, ou já começavam a ser tomadas; mas o desenvolvimento deste ramo, destinado a assumir tão vastas proporções ainda no decurso daquelle seculo, deve-se sobretudo ao afastamento do gado para longe da ourela litoranea, evitando a mata, procurando os campos e, mais tarde, certas catingas menos invias, separando a lavoura do que com alguma lisonja se poderia chamar industria criadora.

Os lavradores de menor cabedal ou terras menos ferazes, cultivavam mantimentos: milho, arroz, mandioca. Dos dois primeiros não faziam grande consumo as capitancias, — S. Paulo era excepção quanto ao milho. No preparo da mandioca, usavam de grande

roda movida a mão para reduzi-la á massa, de prensa para enxuga-la e extrahir a tapioca: a farinha cozia-se em alguidares ou tachos, — talvez no Rio de Janeiro, onde muito tempo preponderou esta producção e este commercio, empregassem logo grandes fornos. Com tachos só se podia cozer pouca farinha de cada vez; por isso é natural que a safra não se colhesse toda numa estação como agora, porém durasse o anno inteiro. No tempo de Pero de Magalhães de Gandavo, parece que se fazia farinha diariamente, a maneira de pão hoje em dia nas cidades mais povoadas. O alqueire, duas vezes e meia maior que o de Portugal, custava trezentos, duzentos e cincoenta reis, ás vezes menos no principio do seculo XVII.

E' provavel que fossem lavradores destes os que plantavam algodão, vendido a 2\$ a arroba, depois de descarçado no machinismo rudimentar da machina, encontrado ainda agora no interior e descripto pelos viajantes europeus vindos depois da transmigração da familia real; os que mandavam pau-brasil e depois de debastado vendiam-no aos contratadores ao preço de 700 e 800 réis o quintal; os que do sertão traziam madeira e depois de transformada em caixões vendiam-nos aos fabricantes de assucar a razão de 450 a 500 réis cada um, ou serrada em pranchões exportavam-na para o Reino. Um lavrador de mantimentos que reunisse todos esses achêgos poderia lucrar tanto como um senhor de engenho de primeira ordem.

Engenhos havia movidos por agua e por bois; servidos por carros ou barcos; situados a beira mar ou mais afastados, não muito, porque as difficuldades de

communicações só permittiriam arcos de limitados raios; havia-os sufficientes para produzir mais de dez mil arrobas de assucar e incapazes de dar um terço desta somma. Imaginemos um engenho eschematico para termo de comparação: do eschema os engenhos existentes divergiam mais ou menos, como é natural.

Devia possuir grandes cannaviaes, lenha abundante e proxima, escravaria numerosa, boiada capaz, apparatus diversos, moendas, cobres, fôrmas, casas de purgar, alambiques; devia ter pessoal adestrado, pois a materia prima passava por diversos processos antes de ser entregue ao consumo; dahi certa divisão muito imperfeita de trabalho, sobretudo certa divisão de producção. O producto era directamente remetido para além-mar; de além-mar vinha o pagamento em dinheiro ou em objectos dados em tróca e não eram muitos: fazendas finas, bebidas, farinha de trigo, em summa, antes objectos de luxo. Por luxo podiam comprar os mantimentos aos lavradores menos abastados, e isto era usual em Pernambuco, tanto que entre os aggravos dos Pernambucanos contra os Hollandezes, se capitulava o de por estes terem sido obrigados a plantar certo numero de covas de mandioca.

Tirando isto, o engenho representava uma economia autonoma; para os escravos tecia-se o panno ali mesmo; a roupa da familia era feita no meio della; a alimentação constava de peixe pescado em jangadas ou, por outro modo, de ostras e mariscos apanhados nas praias e nos mangaes, de caça pegada no mato, de aves, cabras, ~~percos~~ para as bandas do sul; para as bandas do norte ovelhas principalmente criadas em casa: dahi

a facilidade de agasalhar convivas inesperados, e dahi a hospitalidade colonial, tão característica ainda hoje de logares pouco frequentados. De vacas leiteiras havia curraes, poucos, porque não fabricavam queijos nem manteiga: pouco se consumia carne de vaca, pela difficuldade de criar rezes em logares impróprios á sua propagação, pelos inconvenientes para a lavoura resultantes de sua propagação, que reduziu este gado ao estrictamente necessario ao serviço agricola. Um trecho de Frei Vicente do Salvador esclarecia melhor a situação geral:

“Não notei eu isto tanto, — escreve o historiador bahiano, — quanto o vi notar a um Bispo de Tucuman, da ordem de S. Domingos, que por algumas destas terras passou pera a Côrte. Era grande Canonista, homem de bom entendimento e prudencia, e assi ia muito rico; notava as cousas e via que mandava comprar um frangão, quatro ovos e um peixe pera comer e nada lhe traziam, porque não se achava na praça nem no açougue, e si mandava pedir as ditas cousas e outras mais ás casas particulares lh’as mandavam. Então disse o Bispo: “Veramente que nesta terra andam as cousas trocadas, porque toda ella não é Republica, sendo-a cada casa.” E assi é que estando as casas dos ricos (ainda que seja á custa alheia, pois muitos devem quanto têm) providas de todo o necessario, porque têm escravos pescadores e caçadores que lhes trazem a carne e o peixe, pipas de vinho e azeite que compram por junto, nas villas muitas vezes se não acha isto de venda”. (*Historia do Brasil*, ps. 16-17, ed. 1918).

Alguns dos senhores de engenho tinham lojas, ou alguns dos mercadores tinham engenhos, — para o

caso presente é a mesma coisa; o característico na mercancia eram o commercio de consignação, que continuou ainda depois da Independencia, o trafico de mascates que iam pelos logares afastados, como ainda hoje, levar miudezas; e mais que tudo, as vendas a credito, ou permutação de generos. A vida economica tinha duas faces: nas transacções internacionaes, ou antes interoceanicas, era a moeda o typo a que tudo se referia; nas transacções internas dominavam o naturalismo economico, a permuta de genero contra genero, ou empréstimos de generos, e encontravam-se aqui todos os característicos ou quasi todos os que Hildebrand apurou para esta phase da humanidade.

“Quando os diversos haveres são permutados immediatamente á medida da superabundancia e da necessidade, existe a circulação natural, e todo povo começa sua carreira economica pela economia naturalista. Della são particularidades caracteristicas:

1.º Circulação de haveres, lenta, geralmente localizada, extremamente irregular, por isso muito pouca divisão de trabalho;

2.º Falta de capitaes, porque fallecem meios para poupar e assim falta o impulso para a formação de capitaes;

3.º Completa dependencia da natureza, apathia quanto ao futuro, oscillação constante entre a superabundancia e a penuria;

4.º Falta a classe de capitalistas; mesmo depois de definidas as differenças de classe, só ficam em frente uns dos outros, como factores unicos da producção, os possuidores do solo e os trabalhadores;

5.º Só a propriedade de terras dá poder e consideração; o trabalhador, que nada possui della, depen-

de inteiramente do trabalho e fica adscripto á gleba, pela qual tem de prestar serviços forçados e pagar impostos naturalisticos; o Estado remunera o serviço pela concessão de terrenos; forma-se o Estado feudal;

6.º A coacção do trabalhador, — a improbabilidade de melhorar de condição, — difficulta todo progresso consideravel; por isso vigora a maior estabilidade.”⁽¹⁾

A falta de capitaes restringia muito as manifestações da vida collectiva: não havia fontes, nem pontes, nem estradas. As igrejas, as casas do Conselho, as cadeias, eram feitas pelo Governo, ou com dinheiro vindo de além-mar, ou com impostos cobrados desapiedadamente. Para as casas e concertos de diversas obras não se podiam dispensar os subsidios do erario. Só as Casas de Misericordia deviam-se exclusivamente ou quasi á iniciativa particular, incitada talvez por motivos egoistas mais ainda que por altruismo. As sédes de capitánias, mesmo as mais prosperas, eram logarejos insignificantes; a gente abastada possuia ahí predios, mas só os occupava no tempo das festas; lojistas, officiaes, tinham de accumular officios para viver com certa folga.

Ajunte-se a isto a desaffeição pela terra, facil de comprehender si nos transportarmos ás condições dos primeiros colonos, abafados pela mata virgem, picados por insectos, envenenados por ophidios, expostos ás feras, ameaçados pelos Indios, indefesos contra os piratas, que começaram a acudir apenas souberam de algu-

(1) J. Conrad, *National Economie*, Jena, 1898.

ma roupa a roubar. Mesmo si sobejassem meios, não havia disposição para metter mãos a obras destinadas aos vindouros; esfolava-se cruamente a terra; tratava-se de ganhar fortuna o mais depressa possível para ir desfructa-la além-mar, onde se encontravam commo-didades, abundavam attractivos, a crosta de civilização não gritava a cada instante, e a onda de barbaria não se empinava incontrastavel e perenne. Assegura Pero de Magalhães que os velhos acostumados ao paiz, daqui não queriam sahir mais, é possível; dos moços, a quem não intimidavam a demora e os perigos das largas travessias, de organismos rijos para os caprichos e car-rancas da zona temperada, testemunhas contestes af-firmam o contrario. Como hoje o portuguez que vi-veu nesta ao voltar para a sua terra ganha o nome de brasileiro, talvez então o mazombo ido para a metro-pole torna com os foros de lidimo portuguez, ou reinol, como então se lhe chamava, e isto era mais um incita-mento á viagem.

Desaffeição igual á sentida pela terra nutriam en-tre si os diversos componentes da população.

Examinando superficialmente o povo, discrimina-vam-se logo tres raças irreductiveis, oriunda cada qual de continente diverso, entre as quaes nada favorecia a medra de sentimentos de benevolencia. Tão pouco apro-priados a esta floração delicada, antolhavam-se seus descendentes mestiços, mesclados em proporção insta-vel quanto á receita da pelle e á dosagem do sangue, medidas naquelle tempo, quando o phenomeno estranho e novo, em toda a energia do estado nascente, tendia a observação ao requinte e atiçava os sentidos até exa-

cerba-los, medidas e pesadas com uma precisão de que nem podemos formar idéa remota, botos como ficamos ante o facto consummado desde o berço, indifferentes ás pelles de qualquer aviação e ás dynamizações do seu sangue, em qualquer ordinal.

Ao lado destes factores dispersivos de natureza ethnographica formavam outros mais de ordem psychologica. Tem sido notado que nas colonias geralmente se distinguem muito as pessoas de raça dominante nascidas na metropole e as nascidas na dependencia. Entre os nossos vizinhos da America latina aos filhos de espanhoes chamavam *criôlos*, nome dado entre nós aos negros aqui nascidos; em Gôa aos filhos de portuguezes chamavam *castiços*; de nossa terra os nomes dos Portuguezes em differentes pontos dariam materia a um glossario; naquelle tempo eram chamados *reinôes*, como os filhos de Portuguezes aqui nascidos, *mazombos*. A simples existencia do nome dá a entender uma especie de *capitis diminutio* (pelo menos a principio; mais tarde, o Padre Antonio Vieira, nascido aliás, no além-mar, em uma carta diz-se mazombo). De ter isto realmente succedido pôde-se apresentar como prova o facto do Inglez Knivet, que passou do seculo 16.º ao 17.º amargando no captiveiro de Salvador Corrêa de Sá, por chamar ao filho deste, Martim de Sá, mulato: foi o termo de sua lingua que mais proprio lhe pareceu para exprimir a força de *mazombo*.

Parece que no Brasil a differença entre o indigena e o alienigena da mesma raça ainda passou adiante: *moleque* foi talvez o nome dado pelos Africanos a seus

parceiros nascidos no aquem-mar; *caboclos* eram primitivamente chamados os indios catechisados em aldeias pelos Jesuitas e seus rivaes de catechese.

Este estado centrifugo começou a ceder desde a terceira e quarta decadas do seculo XVII. Reinóes, mazombos, moleques, caboclos, mulatos, mamalucos, curibocas, todas as denominações se sentiam com todas as differenças que os apartavam irreductivelmente, mais proximos uns dos outros que dos Hollandezes, e dahi a guerra que de 1624 a 1654 não se interrompeu emquanto o invasor calcou o solo da patria. O mesmo sentimento de solidariedade foi-se avigorando a ponto de que, no primeiro e segundo decennios do seculo XVIII, o Portuguez passou á categoria de inimigo, e rebentaram as guerras dos Mascates entre Pernambucanos, e dos Emboabas entre os Paulistas.

Antes disto já se effectuara a fundição de Brandonio quando a respeito da terra assim dizia a Alviano:

“Condenseo minha pouca memoria em vos dizer que isto se remediará quando a gente que houver no Brasil fôr por mais daquella que de presente se ha mister para o grangeamento dos engenhos de fazer assucares, lavoura e mercearia, porque então os que ficarem sem occupação de força hão de buscar alguma de novo de que lançar mão, e por esta maneira se farão, uns pescadores, outros pastores, outros hortelões, e exercitarão os demais officios, dos que hoje não ha nesta terra na quantidade que era necessario houvesse. E com isto assim succeder, logo não haveria falta de nada, e a terra abundaria de tudo o que lhe era necessario, enxergando-se ao vivo a sua grande fertilidade e abun-

dancia, com não ter necessidade de cousa nem uma das que se trazem de Portugal; e quando o houvesse fôra de poucas”.

Os esforços até hoje tentados para levantar o anonymato dos *Dialogos das Grandezas do Brasil*, têm sido perdidos. Para que aventar novas hypotheses? A quem quizer tentar a aventura podem ser indicados dois rastos novos:

A). Diz Brandonio que em 1583 estava a seu cargo o recebimento dos dizimos de assucar da capitania de Pernambuco e accrescenta (pag. 71) que era então novo na terra. Entre os contratadores de dizimos da terra conhecemos Bento Dias de Santiago, que entrou nas guerras de Duarte de Albuquerque Coelho, segundo donatario, feitas depois do embarque de Jorge de Albuquerque em 1565. (Frei Vicente do Salvador, *Historia do Brasil*, III, 15). Um alvará de 12 de Fevereiro de 1572 manda levar-lhe em conta certa quantia de dinheiro; outro de 23 de Dezembro de 1575 designa-o como contratador dos dizimos de Pernambuco e Itamaracá. Documentos existentes por cópia na bibliotheca do Instituto Historico mostram que Bento Dias de Santiago arrematou os dizimos de Pernambuco em 1576, 1577, 1578, 1582, 1583, 1584 e 1585. Nos ultimos annos arrematou igualmente os da Bahia. No de 1583 obteve uma moratoria de dez dias em seus pa-

gamentos, equivalente aos dez dias supprimidos em Outubro do anno anterior, quando se poz em vigor o calendario gregoriano.

Bento Dias de Santiago, morador em Pernambuco desde 1565, não podia dizer-se novo na terra em 1583, e está fora de combate; mas um documento de 1582 permite-lhe nomear escrivães para assistir á sahida dos assucares, outro de 1583 fala em seus feitores. O autor dos *Dialogos das Grandezas do Brasil*, póde ter sido seu feitor ou escrivão: póde ter sido seu parente. Um dos historiadores da guerra pernambucana, Diogo Lopes de Santiago, embora caprichosamente Barbosa Machado o considere natural da cidade do Porto, o nome está indicado como pertencente á familia. Por que della seria a primeira pessoa amante de escrever?

B). Passemos ao outro rastro.

Barcia affirma que o autor dos *Dialogos* se chamava Brandão, e era vizinho de Pernambuco. Provavelmente concluiu isto da leitura do livro. A conclusão nada tem de repugnante: podia apresentar-se com o nome ligeiramente alatinado, como sem alatinamento apparece Garcia da Orta em seus *Colloquios*, que o nosso autor conhecia.

Os documentos contemporaneos falam em diversos Brandões: o que tem mais probabilidades, ou antes o unico a ter probabilidades a seu favor, chamava-se Ambrosio Fernandes *Brandão*, e a respeito delle encontra-se o seguinte na *Historia* de Frei Vicente do Salvador, e em uma sesmaria descoberta pelo meritorio Irineu Joffily:

Morava em Pernambuco em 1585, e acompanhou Martim Leitão em uma de suas expedições contra os Francezes e Indios do Parahiba, no posto de capitão de mercadores.

Antes de 1613 estabeleceu-se na Parahiba, foi por muitas vezes como capitão de infantaria á guerra contra o gentio Petiguar e os Francezes.

Antes de 1613 possuia dois engenhos proximos á sede da Capitania, chamados *Inobi* (por outro nome de S.S. Cosme e Damião), e o do Meio ou S. Gabriel.

Em 1613 pediu para fazer outro engenho na ribeira de Gurgau, uma sesmaria, que de facto lhe foi concedida a 27 de Novembro de 1613.

Ignora-se quando falleceu; já não era dos vivos quando os Holandezes tomaram a Parahiba. Os herdeiros de Brandão emigraram; a Companhia das Indias Occidentaes confiscou os tres engenhos, vendeu-os a um negociante de Amsterdam chamado Isaac de Rasière, que ao Inobi chrisinou Amstel, ao de S. Gabriel chrisinou Middelburg, ao de baixo chrisinou La Rasière.

Depois da restauração contra os Hollandezes os engenhos dos Brandões cahiram nas mãos de João Fernandes Vieira.

E' pelo menos o que assegura um parente de André Vidal de Negreiros, em cujas palavras Varnhagen se louva.

EDUARDO PRADO



EDUARDO PRADO

Os jornaes chegados trazem a noticia do fallecimento de Eduardo Prado. Acodem-me ao espirito as mais vivas recordações deste illustre compatriota e amigo. Vou tentar transcreve-las, sem ordem, sem precisão; mesmo si o quizesse, não poderia verifica-las neste ponto remoto, onde não ha bibliothecas.

Vi-o, vae para vinte annos, a primeira vez em São Paulo; logo depois mais detidamente no Rio. Estava formado em direito; si ganhara reputação de bom estudante na Academia, ignoro; provavelmente o talento brilhante de Caio, seu irmão mais velho, deixara-o na penumbra. Deliciava-se de lêr, possuia já bastante illustração, illustração principalmente litteraria, quasi exclusiva de obras francezas.

Houve uma exposição em Montevidéo, a que foi. Lá travou relações com Saldanha da Gama, “o mais brilhante brasileiro que conheceu”, dizia. Ao partir do Rio comprometteu-se a escrever umas cartas para a *Gazeta*, e mandou-as. Não me agradaram muito, além do mais, por certos *tics* e certas affectações de estilo da moda.

Do Prata atravessou os Andes para as republicas do Pacifico. Suas correspondencias assumem logo outro tom e revelam outro homem. Efeito das neves e das altitudes? — perguntei-lhe uma vez. — “E’ possivel, mas talvez de coisa mais simples; no Prata andei

num turbilhão de distracções e divertimentos; não queria faltar á promessa de escrever; o resultado não podia ser outro”.

Do Pacifico, dirigiu-se para os Estados Unidos. Não gostou do que viu e esta primeira impressão nunca se esvaneceu. Quando Domicio da Gama foi servir de secretario da missão Rio Branco junto ao governo de Washington: “Domicio, — affirmava, — ha de ficar mal impressionado; ha de achar-se deslocado e coacto; uma alma de artista não póde sentir-se bem naquella terra.”

Dos Estados Unidos passou a Europa, onde se ligou intimamente ao barão do Rio Branco. Talvez desta circumstancia se originasse o amor pela historia do Brasil; certo é que este amor se tornou em verdadeira paixão, e nelle acabou cedo com o vago dilettantismo de que nós todos padecemos; possuía conhecimentos extensos e profundos, e tinha o orgulho, muito justo e legitimo, de ser um dos primeiros especialistas no assumpto.

Esta primeira viagem abarcou tambem o Mediterraneo Oriental ou o Oceano Indico? Parte de suas impressões foi publicada em volume editado pela *Gazeta*. Outra está em Paris composta ha mais de dez annos; de tempos em tempos pagava o aluguel dos typos; nunca se decidia a mandar distribuir a composição, nunca se decidiu a fazer a tiragem, e nunca disse claramente por que não fazia uma coisa nem outra.

Depois desta primeira grande ausencia, tornou a S. Paulo; mas em 1889, quando se proclamou a Republica, residia em Paris. Não sei bem si estava no *Jour-*

nal des Débats ao chegar a noticia, ou si para lá se dirigiu a procura de porrenores; o certo é que o abalo sentido foi tão forte que mesmo na sala de redacção desatou em pranto.

Por que tão forte emoção é difficil de compreender. De seus irmãos, um fôra chefe da propaganda republicana em S. Paulo, outro referiu-se com menosprezo aos europeis da monarchia; Caio, quasi de sua idade, fôra deputado provincial e presidira o Ceará, mas em tudo cumprira antes deveres e encargos impostos pela posição e pelas tradições de sua familia do que ceder a uma vocação bem definida; o proprio Eduardo pela politica até ali só manifestava repulsão.

Em seu monarchismo entravam elementos muito diversos. Humilhava-o a inauguração de levantes e pronunciamentos militares vigentes na America espanhola, do que o Brasil se tinha mantido immune; chocava seus instinctos de artista ver abolida uma instituição antiga, a unica antiguidade americana, élo que prendia uma cadeia ininterrupta de nove seculos; indignava-o a indiferença, a bestialização dentro do paiz; offendia-o a ironia do estrangeiro; e em todos estes sentimentos confirmou-o o rumo que assumiam as coisas.

Na *Revista de Portugal* redigida por Eça de Queiroz, de quem se tornara estreito amigo, iniciou uma serie de artigos e nelles vasou todos estes sentimentos. Apareceram com o pseudonymo *Frederico de S.*, não escolhido por ellè, posto por alguém na officina typographica. Sahiram depois em volume, e hão de ser sempre consultados por quem quizer pôr-se a par dos

successos da epoca. Nelles ha incontestaveis injustiças e bastantes erros; nada, porém, melhor prova o conceito de que o estrangeiro é a posteridade contemporanea do que a sagacidade e a providencia com que delectreia os acontecimentos.

Da primeira vez que veiu ao Brasil, depois de proclamada a Republica, interpellado na intimidade si acreditava na volta da monarchia: “Sem duvida, — respondeu, — e por dois motivos: nos tempos modernos nunca uma monarchia foi definitivamente abolida logo da primeira vez; além disso, a dictadura promulgou por atacado todas as reformas que a monarchia iria lentamente realizando no decorrer dos annos; que resta hoje ao irriquieto povo brasileiro para fazer? a separação ou a monarchia. Estou certo não hesitará!”

A’ esperanza de apressar o advento monarchico não foi estranha sua aquisição do *Commercio de São Paulo*; mas assumindo a direcção da folha e dirigindo-a effectivamente durante algum tempo, animava-o sobretudo a convicção de que a monarchia podia servir de espantallo contra certas exorbitancias, chamar os governantes ao menos ao decoro. No que, aliás, se enganou profundamente: os peiores desmandos praticados de 89 para cá cobrem-se sempre do pretexto de que a forma do governo corre perigo. Nem se allegou outro para arreentar o *Commercio de S. Paulo*.

Antes disto, em 1893, publicou em S. Paulo um livro intitulado *Illusão americana*. A policia de sua terra houve por bem confisca-lo; a primeira edição ficou assim extremamente rara. Immediatamente houve ordem de prisão contra o autor que, para evita-la,

sahiu occultamente da fazenda, atravessou os sertões de Minas Geraes e Bahia, onde tomou o paquete. Talvez devido a seu estado de espirito, esta jornada gravou-lhe profundamente a imagem da pobreza e da esterilidade dos sertões por onde andou; as bellezas naturaes, porém, enfeitiçaram-no: o local da villa velha do rio das Contas considerava o mais lindo panorama que jamais viu.

A entrevista que deu a um jornalista ao chegar emigrado a Portugal é uma pagina historica, digna das melhores dos *Fastos da dictadura*. Dirigiu-se depois a Londres, onde, com os recursos inexgotaveis accumulados no Museu Britannico, preparou a segunda edição da *Illusão americana*, a que se encontra no mercado. Lendo-a desprevenidamente não se domina o sentimento de espanto por tal livro ser considerado digno de confisco. Mesmo na força da revolta, em estado de sitio, ou antes de guerra, que havia nelle capaz siquer de longe de melindrar os poderosos do dia? Não fala assim o politico, fala o patriota; exhorta-nos a abrimos os olhos para os perigos da doutrina de Monroe, com a qual nada temos a ganhar e podemos tudo perder. Os factos irão demonstrando si elle tinha ou não razão. O livro é escripto em bello estilo, cheio de erudição copiosa e precisa, rara em escriptores brasileiros.

Entre a publicação da *Illusão americana* e a phase militante no *Commercio de S. Paulo*, deu-se, ou pelo menos, accentuou-se, séria modificação em sua vida: tornou-se profundamente catholico, catholico praticante, de ouvir missa, confessar-se e resar rosario; deu

a seu proceder um tom christão, soccorrendo compassivo os pobres, attenuando a ironia, de que aliás nunca foi prodigo, vendo as coisas com mais caridade. Sentiu certa attracção para a propagaganda religiosa; nella se inspirou ao organizar e iniciar brilhantemente as conferencias para o centenario do veneravel José de Anchieta.

Trazia-o então preocupado uma obra em que dedicou muitos annos de trabalho: a historia do celebre Antonio Vieira. Nem uma das biographias até ali escriptas o satisfazia, a de André de Barros tão pouco como a de Alexandre Lobo ou João Lisboa; para elevar-se á altura do assumpto julgava preciso conhecer minuciosa e exactamente a historia do Brasil e de Portugal, e pelo menos nas linhas fundamentaes balisar as correntes que simultaneamente corrugavam as aguas européas. Isto nenhum dos biographos do padre fizera, isto queria fazer.

Até que ponto levou a obra? A isto respondia: “está prompta ou quasi; falta-me apenas demorar uns quinze dias na Bahia, para passar para o livro um pouco de paizagem bahiana” Então seria preciso ir tambem ao Maranhão e ao Pará, — disse-lhe. — “Para o que eu quero não é preciso”.

Entretanto, pouco a pouco, desprendeuse da convivencia do grande jesuita. Entre outros motivos, allegou a decepção de ter encontrado em Cornelio A. Lapide muita coisa que julgara original do seu heroe. O motivo real foi talvez outro: aquelle vulto complexo e complicado, altamente intellectual, mestre e senhor inexcedivel da lingua, hoje audaz de espantar, amanhã

docil até a contradição, até o ponto de deixar duvidas sobre a sua sinceridade, não podia ser bem esculpido por um ortodoxo, porque a cada instante cae dos moldes, violenta-os ou quebra-os: pede um espirito sceptico, ductil, desabusado e psychologo, não um moralista ou um crente.

Outro assumpto de preferencia prendeu-lhe e por ultimo fixou-lhe a attenção: o Padre Manoel de Moraes, tambem jesuita, natural de S. Paulo, missionario entre os indios da capitania de Pernambuco, chefe de guerrilhas na invasão hollandeza, passado ao inimigo quando este tomou a Parahiba, converso ao calvinismo, emigrado para a Hollanda onde casou e serviu de theologo á Companhia das Indias Occidentaes, naturalista, tornado ao Brasil ao tempo da revolução pernambucana, preso, mandado á Inquisição e por ella processado.

Para este livro fez extensas investigações: desencavou em Simancas a correspondencia de Mathias de Albuquerque, obteve em Roma o *curriculum vitae* de seu heróe emquanto pertenceu á Companhia de Jesus, copiou em Lisboa o processo perante o Santo Officio, conseguiu diversos escriptos inéditos, como uma resposta de Moraes ao *Papel forte* de Vieira, e uma classificação de plantas brasilicas, a primeira certamente feita por brasileiro, existente em Leipzig. Não encontrou sua *Historia do Brasil*, mas deixou claro que se tratava de uma historia natural e não civil; podemos, pois, descansar que não devia ser muito diversa da de Gabriel Soares, dos *Dialogos das grandezas*, ou do livro de Piso e Marcgrav. Tambem lhe escapou o *Parado-*

xo politico em defesa de D. João IV, de que, apesar de impresso, não se conhece hoje um só exemplar, porque Manoel de Moraes recolheu a edição, segundo parece; mas pela resposta de Caramuel pôde fazer idéa exacta do conteúdo a apresenta-lo.

Segundo expoz ultimamente em larga conversação, o livro começa por uma descripção de S. Paulo nos fins do seculo XVI, onde e quando nasceu o padre; transporta-o para o Rio, logar de seus primeiros estudos; estuda, a proposito da Bahia, onde continuou, o systema de educação e a organização jesuitica da colonia, tal qual se adaptaram ás contingencias do meio, e a tomada da cidade pelos Hollandezes; passa ás missões do Norte e ás guerrilhas pernambucanas; termina, enfim, no tribunal da Inquisição. — “Veja V., — dizia com legitima satisfação, — uma personagem de nossa historia sobre a qual todas as noticias se apuravam em meia duzia de linhas; agora fica uma das mais conhecidas”. O processo contem sobre as Capitancias do Norte as noticias mais novas e mais interessantes: depõe João Fernandes Vieira, depõe Martim Soares Moreno a quem o padre attribue todas as desgraças e perseguições, por ser seu inimigo; depõe o Camarão, declarando depois do combate das Tabocas que tem menos de cincoenta annos, o que bem mostra como andam ás tontas essas historias todas que o dão baptizado no tempo das pretensões do Prior do Crato.

A historia do padre Manoel de Moraes, — historia, porque não trata de simples minucias biographicas, mas colloca-o sempre no meio em que agiu—, a historia, assegurava, está concluida, dá um volume de 700

paginas no formato da biographia de Nabuco. Um dos fins de sua recente viagem ao Rio, era procurar editor qui quizesse publica-la.

Para conhecer bem o querido morto, era preciso ve-lo em sua fazenda do Brejão, acompanha-lo em visita aos cafezaes e aos colonos, embebido no contacto com os caipiras, encantado de seus termos e de suas phrases silvestres; subir ao mirante que do meio da propriedade descortina leguas e leguas de cercanias, passar por entre os jequitibás incomparaveis do caminho, afundar-se em sua bibliotheca, tão rica, tão variada e tão escolhida, em que estavam representados todos os ramos dos conhecimentos humanos e fraternizavam todas as opiniões, desde os padres da igreja até as novidades do ultimo paquete.

“Quando estou só aqui, leio um volume por dia, si não tenho coisa urgente a fazer.” Si, porém, chegava um amigo, fechavam-se os livros e começava a conversa, porque não era dos que arrebatam a palavra e não deixam mais ninguem falar; e a conversa saltitava sobre os mais varios assumptos, homens conhecidos, terras viajadas, livros lidos, idéas geraes, todo o dia, desde o amanhecer até entrar muito pela noite. Não perguntava si as idéas alheias combinavam com as suas; queria, sim, que se tivesse idéas.

Considerava o Brejão sua verdadeira e unica morada; o mais eram pousos passageiros; quadros, livros, armas, curiosidades, tudo ali concentrava. Longe das

animosidades irritantes e dos olhares malevolos, expandia-se todo, simples, franco, candido e até ingenuo, elle, que tanto accusavam de desabusado e sceptico.

Ha dois annos, uma manhã, em S. Paulo, appareceu de carro e disse-me: “Vamos dar um passeio”. Subimos pela rua de Santa Cecilia, que hoje tem o nome venerando de D. Veridiana; percorremos a avenida, elle dizendo as historias, as tradições, dando carne e vida a tudo que passava. Depois disse: “quero agora mostrar a casa em que nasci” E, obtida a licença da directoria do estabelecimento religioso que hoje lá funciona, foi quarto por quarto, arvore por arvore, evocando as recordações da infancia.

— “Um dos meus maiores desejos”, terminou, como scismando, “é ainda ser dono desta casa”.

SOCIEDADE CAPISTRANO DE ABREU

Fundada em 11 de Setembro de 1927
Rua Capistrano de Abreu, 45
RIO DE JANEIRO

ESTATUTOS DA SOCIEDADE CAPISTRANO DE ABREU

Art. 1.º — Sob a denominação de SOCIEDADE CAPISTRANO DE ABREU, fica constituída, nesta Cidade, uma sociedade formada pelos abaixo assignados, amigos e discipulos de João Capistrano de Abreu, no proposito de prestarem homenagem á sua memoria.

Art. 2.º — A Sociedade receberá, devidamente relacionados, dos herdeiros de João Capistrano de Abreu, a Bibliotheca e Archivo deste, que ella se obriga a guardar e conservar, sem nenhuma remuneração por esse serviço, bem como a entregal-os e restituil-os aos mesmos herdeiros, ou a quem os represente legalmente, no caso de dissolução da sociedade.

Art. 3.º — A Sociedade promoverá:

- a) a edição de trabalhos ineditos e cartas-missivas, e a reedição de obras já publicadas de João Capistrano de Abreu;
- b) a traducção e publicação das obras dos viajantes e sabios estrangeiros, que percorreram o Brasil.

Art. 4.º — A Sociedade publicará quaesquer trabalhos e documentos de valor, relativos a assumptos brasileiros, annotados e commentados.

Art. 5.º — A Sociedade criará premios para as investigações, contribuições e obras consideradas de merito, referentes á Historia, Ethnographia, Ethnologia e Linguistica Brasileira, com o fim de incentivar os respectivos estudos.

Art. 6.º — Cada um dos socios effectivos e fundadores contribuirá para as despesas sociaes com a mensalidade de 10\$000, paga adiantadamente por trimestre, semestre ou anno,

á vontade do contribuinte, constituindo-se o fundo da sociedade com o saldo das contribuições, rendas e donativos eventuaes.

Paragrapho unico. — O atraso de um anno no pagamento das contribuições, importará em renuncia ao logar de socio, abrindo-se vaga.

Art. 7.º — O numero de socios será limitado — não podendo exceder de 110 effectivos e 10 honorarios ou correspondentes — e as vagas serão preenchidas por eleição da assembléa da Sociedade e proposta da Commissão Executiva, havendo preferencia para os premiados pela propria Sociedade.

Art. 8.º — Os membros da Sociedade não respondem subsidiariamente pelas obrigações contrahidas, expressa ou tacitamente, em nome della.

Art. 9.º — A Sociedade será administrada por uma Commissão Executiva, composta de 12 socios, que será designada em assembléa geral e exercerá suas funções durante tres annos.

Art. 10.º — Os membros da Commissão Executiva serão escolhidos entre os socios versados em estudos historicos, geographicos, ethnographicos ou linguisticos, além de um representante masculino da familia de Capistrano de Abreu, que deverá ser um dos membros da Sociedade.

Art. 11.º — A Commissão Executiva distribuirá entre seus membros, de accordo com os conhecimentos especiaes de cada um, os respectivos trabalhos, como tambem os encargos de administração, e escolherá um de seus membros para a direcção geral dos serviços.

Art. 12.º — O membro da Commissão Executiva encarregado geral dos serviços representará a Sociedade em juizo ou fóra d'elle, em suas relações com terceiros e poderá escolher entre os socios, um para exercer as funções de thesoureiro, e outro, para os serviços de Secretario.

Art. 13.º — Uma Assembléa Geral terá lugar no dia 23 de Outubro de cada anno, anniversario do nascimento de Capistrano de Abreu, e as demais assembléas sociaes se realizarão por livre convocação da Commissão Executiva.

Art. 14.º — No caso de dissolução da Sociedade, o patrimonio desta, com excepção da bibliotheca e archivo a que se refere o artigo 2.º destes Estatutos, passará a instituição congenere, que se destine aos mesmos fins.

Art. 15.º — Para o caso previsto no artigo anterior, bem como para reforma destes Estatutos, será preciso o voto expresso da maioria absoluta dos membros da Sociedade.

COMISSÃO EXECUTIVA DA SOCIEDADE CAPISTRANO DE ABREU
(1930-1933)

(SOCIOS FUNDADORES)

PAULO PRADO
31, avenida Hygienopolis (S. Paulo)

JOÃO PANDIÁ CALOGERAS
422, rua Voluntarios da Patria (Rio de Janeiro)

JAYME COELHO
42, rua Custodio Serrão (Rio de Janeiro)

MIGUEL ARROJADO LISBÔA
Petropolis (Estado do Rio)

ADRIANO DE ABREU
50, rua do Corcovado (Rio de Janeiro)

M. SAID ALI
215, estrada dã Saudade (Petropolis — Estado do Rio)

RODOLPHO GARCIA
123, rua Sorocaba (Rio de Janeiro)

AFRANIO PEIXOTO
97, rua Paysandú (Rio de Janeiro)

THEODORO SAMPAIO
Ilha de Paquetá (Estado do Rio)

AFFONSO DE E. TAUNAY
Museu Paulista (S. Paulo)

E. ROQUETTE PINTO
Museu Nacional (Rio de Janeiro)

EUGENIO DE CASTRO
98, rua Pereira da Silva (Rio de Janeiro)

LUIZ SOMBRA
THESOUREIRO
16, rua das Magnolias
RIO DE JANEIRO

RELAÇÃO NOMINAL
DOS
MEMBROS
DA
SOCIEDADE CAPISTRANO DE ABREU

ADRIANO DE ABREU — (socio fundador)
50, rua do Corcovado — Rio de Janeiro

AFFONSO DE E. TAUNAY — (socio fundador)
Museu Paulista — S. Paulo

AFRANIO PEIXOTO — (socio fundador)
97, rua Paysandú — Rio de Janeiro

ALARICO SILVEIRA
45, rua Prudente de Moraes — Rio de Janeiro

ALBA CANIZARES NASCIMENTO
219, rua Barão de Jaguaribe — Rio de Janeiro

ALBERTO RANGEL
16 bis, rua M. Foch, Sceaux — França

ALCEU AMOROSO LIMA
149, rua D. Marianna — Rio de Janeiro

ALCIDES BEZERRA
Archivo Nacional — Rio de Janeiro

ALEXANDRE JOSÉ BARBOSA LIMA SOBRINHO
Redacção do "Jornal do Brasil" — Rio de Janeiro

ALFREDO ELLIS JUNIOR
São Paulo

AMERICO JACOBINA LACOMBE
30, rua Smith de Vasconcellos — Rio de Janeiro

AMERICO LUDOLF
47, rua de S. Salvador — Rio de Janeiro

ANTONIO BAPTISTA PEREIRA
Hotel Itajubá — Rio de Janeiro

354 MEMBROS DA SOCIEDADE CAPISTRANO DE ABREU

ANTÓNIO DE ALCÂNTARA MACHADO
13, rua Benjamin Constant — S. Paulo

ANTONIO DE ALCANTARA MACHADO
Faculdade de Direito — São Paulo

ANTONIO FELIX DE BULHÕES
139, rua 24 de Maio — Rio de Janeiro

APRIGIO NOGUEIRA
Machado (E. de F. Sul Mineira) — Minas Geraes

ASSIS BRASIL
Pedras Altas — Pelotas — Rio Grande do Sul

ASSIS CHATEAUBRIAND
Redacção d'“O Jornal” — Rio de Janeiro

AUGUSTO DE LIMA
452, rua Marquez de S. Vicente — Rio de Janeiro

BARÃO DE RAMIZ GALVÃO
20, rua Araujo Gondim — Rio de Janeiro

BARÃO DE STUART — (socio honorario)
Consulado Inglez — Fortaleza — Ceará

BRAZ DO AMARAL
Campo da Polvora — S. Salvador — Bahia

BRUNO BARBOSA
2, rua José Getulio — S. Paulo

CANDIDO MARIANNO DA SILVA RONDON
508, rua Marquez de S. Vicente — Rio de Janeiro

CARLOS MALHEIRO DIAS — (socio correspondente)
Redacção d'“O Cruzeiro” — Rio de Janeiro

CARLOS LEONI WERNECK
165, rua S. Christina — Rio de Janeiro

CARLOS STUART FILHO
Collegio Militar — Fortaleza — Ceará

CASSIUS BERLINK
Bibliotheca Nacional — Rio de Janeiro

CESAR LOPES
Estação de Corrêas — Estado do Rio

CEZAR RABELLO
185, rua do Cosme Velho — Rio de Janeiro

MEMBROS DA SOCIEDADE CAPISTRANO DE ABREU 355

CLAUDIO GANNS
Av. Atlantica, 466 — Rio de Janeiro

CLEMENTE BRANDENBURGER
Vassouras — Estado do Rio

CLOVIS BEVILAQUA
572, rua Barão de Mesquita — Rio de Janeiro

COLOMBO DE A. PORTELLA
103, rua Sá Ferreira — Rio de Janeiro

CONDE DE AFFONSO CELSO
35, rua Machado de Assis — Rio de Janeiro

CONSTANCIO ALVES
124 (casa 2), rua Cosme Velho — Rio de Janeiro

DIONISIO CERQUEIRA
228, rua Paysandú — Rio de Janeiro

DJALMA FORJAZ
2, rua Rodrigo Claudio (Acclimação) — S. Paulo

DJALMA GUIMARÃES
Serviço Geologico e Mineralogico do M. da Agricultura — Rio de Janeiro

EDGARD RAJA GABAGLIA
332, praia do Flamengo — Rio de Janeiro

E. ROQUETTE PINTO — (socio fundador)
Museu Nacional — Rio de Janeiro

EDGARDO DE CASTRO REBELLO
22, rua Alvares Borgerth — Rio de Janeiro

ELOY DE SOUZA
Natal — Rio Grande do Norte

ESTEVÃO DE MENDONÇA
Cuyabá — Matto-Grosso

EUGENIO DE CASTRO — (socio fundador)
98, rua Pereira da Silva — Rio de Janeiro

EVARISTO BIANCHINI
127, rua Joaquim Murtinho — Rio de Janeiro

FELIX PACHECO
972, rua Copacabana — Rio de Janeiro

FERDINAND BRIGUIET
3, Villa George Sand, Paris (XVIeme.) — França

356 MEMBROS DA SOCIEDADE CAPISTRANO DE ABREU

FERNANDO RAJA GABAGLIA
425, rua das Laranjeiras — Rio de Janeiro

FRANCISCO DE ASSIS CARVALHO FRANCO
97, alameda Jahú — S. Paulo

FRANCISCO MENDES DA ROCHA
Ilha de Paquetá — Rio de Janeiro

FRANCISCO DA ROCHA LAGÔA FILHO
13, rua Visconde de Carandahy — Rio de Janeiro

FRANCISCO SÁ
67, rua Almirante Tamandaré — Rio de Janeiro

FRANCISCO SÁ FILHO
32, rua Esteves Junior — Rio de Janeiro

F. X. GUIMARÃES NATAL
25, rua Almirante Tamandaré — Rio de Janeiro

GALENO REVOREDO
106, rua Libero Badaró — S. Paulo

GASTÃO CRULS
34, rua Pereira da Silva — Rio de Janeiro

GUSTAVO BARROSO
83, rua Sá Ferreira — Rio de Janeiro

GUSTAVO LESSA
935, rua N. S. de Copacabana — Rio de Janeiro

HAHNEMANN GUIMARÃES
Collegio Pedro II — Rio de Janeiro

HELIO LOBO
Legação do Brasil em Haya — Hollanda

HELOISA TORRES
Museu Nacional — Rio de Janeiro

HENRIQUE BOITEUX
17, rua B. de Uruguayana — Rio de Janeiro

HENRIQUE CASTRICIANO DE SOUZA
Natal — Rio Grande do Norte

ILDEFONSO ALBANO
48, av. Henrique Dumont — Rio de Janeiro

ISEU DE ALMEIDA E SILVA
350, rua de S. Clemente — Rio de Janeiro

MEMBROS DA SOCIEDADE CAPISTRANO DE ABREU 357

JAYME COELHO — (socio fundador)
42, rua Custodio Serrão — Rio de Janeiro

JERONYMO FIGUEIRA DE MELLO
Embaixada do Brasil em Lisboa — Portugal

JOÃO DE ALMEIDA PRADO
São Paulo

JOÃO BARBOSA RODRIGUES
Jardim Botânico — Rio de Janeiro

JOÃO LUCIO D'AZEVEDO — (socio honorario)
21, avenida de Berne — Lisboa — Portugal

JOÃO PANDIÁ CALOGERAS — (socio fundador)
422, rua Voluntarios da Patria — Rio de Janeiro

JOAQUIM DE CASTRO FONCECA
31, rua Visconde de Pirajá — Rio de Janeiro

JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES
1, rua Major Quedinho — S. Paulo

JOSÉ CARLOS DE MATTOS PEIXOTO
62, rua B. de Itamby — Rio de Janeiro

JOSÉ DE MENDONÇA
80, rua do Curvello — Rio de Janeiro

JOSÉ PIRES BRANDÃO
24, rua General Camara, 1.º andar — Rio de Janeiro

JULIANO MOREIRA
164, praia do Russell — Rio de Janeiro

JULIO CONCEIÇÃO
844, rua Conselheiro Nebias — Santos — S. Paulo

JULIO MESQUITA FILHO
Redacção do "Estado de S. Paulo" — S. Paulo

LEHMANN NITSCHKE — (socio correspondente)
Museu de La Plata — Rep. Argentina

LUIZ SOMBRA — (socio fundador)
16, rua das Magnolias — Rio de Janeiro

MALAN D'ANGROGNE
156, rua Visconde de Silva — Rio de Janeiro

MANOEL BERNARDEZ — (socio correspondente)
Rio de Janeiro

358 MEMBROS DA SOCIEDADE CAPISTRANO DE ABREU

MANOEL BOMFIM

12, rua Therezina — Santa Theresa — Rio de Janeiro

MANOEL CICEBO PEREGRINO DA SILVA

54, rua das Palmeiras — Rio de Janeiro

M. PAULO FILHO — (socio correspondente)

Redacção do “Correio da Manhã” — Rio de Janeiro

MARIA LUIZA DA MOTTA CUNHA FREIRE

44, rua D. Marianna — Rio de Janeiro

MARIO BEHRING — (socio honorario)

Bibliotheca Nacional — Rio de Janeiro

MARIO DE VASCONCELLOS

Ministerio das R. Exteriores — Rio de Janeiro

MARIO GUEDES NAYLOR

11, rua Umary — Rio de Janeiro

MARIO MOURA BRASIL DO AMARAL

Edificio Guinle, av. Rio Branco — Rio de Janeiro

MIGUEL ARROJADO LISBÔA — (socio fundador)

Petropolis — Estado do Rio

MIGUEL CALMON DU PIN E ALMEIDA

284, rua de S. Clemente — Rio de Janeiro

MIGUEL CALOGERAS

16, avenue La Bourdonnais — Paris, VII arr. — França

MIGUEL COUTO

280, praia de Botafogo — Rio de Janeiro

PAUL RIVET — (socio correspondente)

61, rue Buffon — Paris — França

PAULO PRADO — (socio fundador)

31, avenida Hygienopolis — S. Paulo

PEDRO LENO VELLOSO

Legação do Brasil — Pekim — China

PERILLO GOMES

Ministerio das R. Exteriores — Rio de Janeiro

PHILIP VON LUETZELBURG

12, rua Constante Jardim — Rio de Janeiro

PRIMITIVO MOACYR

Petropolis — Estado do Rio

MEMBROS DA SOCIEDADE CAPISTRANO DE ABREU 359

RAMIRO BERBERT DE CASTRO
19, rua da Alfandega — Rio de Janeiro

RENÉ DE CASTRO THIOLLIER
40, rua 15 de Novembro — S. Paulo

ROBERTO MOREIRA
88, rua Piahy — S. Paulo

ROBERTO MOTTA DA CUNHA FREIBE
44, rua D. Marianna — Rio de Janeiro

RODOLPHO GARCIA — (socio fundador)
123, rua Sorocaba — Rio de Janeiro

RODRIGO OCTAVIO
Supremo Tribunal Federal — Rio de Janeiro

RONALD DE CARVALHO
Ministerio das R. Exteriores — Rio de Janeiro

SAID ALI — (socio fundador)
215, estrada da Saudade — Petropolis — Estado do Rio

SYLVIO FRÓES DE ABREU
129, rua Dr. Sattamini — Rio de Janeiro

TASSO FRAGOSO
57, rua David Campista — Rio de Janeiro

THEODORO SÂMPAIO — (socio fundador)
Ilha de Paquetá — Rio de Janeiro

TOBIAS MONTEIRO
204, rua Bella Vista — Petropolis — Estado do Rio

URBINO VIANNA — (socio correspondente)
36, rua Luiz Carlos — Est. Carlos de Campos — S. Paulo

VIRGILIO BARBOSA
Associação Bancaria — Rio de Janeiro

WASHINGTON LUIS PEREIRA DE SOUSA
Rua Ypiranga — S. Paulo

WELLS (H. G.) — (socio correspondente)
Inglaterra

PREMIO "CAPISTRANO DE ABREU" DE 1928

"Anchieta na Capitania de S. Vicente", de António de Alcantara
Machado

e

"Os companheiros de d. Francisco de Sousa", de Francisco de
Assis Carvalho Franco.

HOMENAGEM
DA
SOCIEDADE CAPISTRANO DE ABREU
AOS
SOCIOS FALLECIDOS
EM 1931

ALBERTO DE FARIA

GRAÇA ARANHA

HERACLITO DOMINGUES

JACY MONTEIRO

JOÃO BARBOSA RODRIGUES

JOAQUIM LACERDA DE ABREU

VICENTE LICINIO CARDOSO

**EDIÇÃO DA
SOCIEDADE CAPISTRANO DE ABREU
MANDADA IMPRIMIR POR
F. BRIGUIET & Cia.
NA TYP. A. P. BARTHEL
EM DEZEMBRO DE 1931**

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliana@usp.br).